



3 1761 07828035 1

PARCERIA

A. M. Pereira L^{da}

AVELINO DE ALMEIDA E M. SANTOS LOURENÇO

O Livro de Ouro

do

Padre Antonio Vieira

(Recopilação, com biographia e notas)

«... resumida em uma concha
a vastidão de um profundo oceano
de erudição e doutrina.»

P. ANDRÉ DE BARROS,
Vozes Saudosas.

1697:1897



PORTO

ANTONIO DOURADO, *Editor Catholico*

Rua dos Martyres da Liberdade, 165

1897

BX
890
V45



1055763

APPROVAÇÃO

Vistas as informações e licenças com que foram publicados os Sermões do Padre Antonio Vieira, d'onde foi extrahido o "Livro de Oiro", cuja approvação se Nos pede agora, — *imprimatur*.

† J., CARD. PATRIARCHA.



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

À JUVENTUDE CATHOLICA

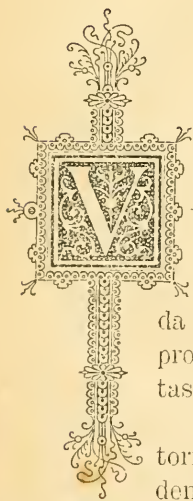
E

EM PARTICULAR

AOS SEMINARISTAS DE PORTUGAL E BRAZIL



O PADRE ANTONIO VIEIRA



MULTO de extraordinaria esphera moral e intellectual, o Padre Antonio Vieira foi, no entanto, filho da sua época, ainda que de agrado proprio com ella não transigisse muitas vezes.

Assim como está por fazer a historia imparcial, minuciosa e concludente do seculo xvii, que elle enche com a sua extranha figura inconfundivel, assim ainda se não trouxeram a toda a luz da critica perspicaz e honesta as multiplices feições que em Vieira requerem estudo, de modo particular a sua acção religiosa, litteraria e social, onde, intercadentes, fulgem as deslumbradoras scintilla-

ções da honra e do genio e apparecem as manchas inalienaveis á natureza humana.

Da carencia, pois, de um trabalho definitivo, ou pelo menos, superior, resente-se o presente escorço biographico, que é só um imperfeito apon-tuado chronologico da longa e actiosa existencia de Vieira. Poucas palavras acrescentaremos que traduzam nossos desabonados juizos.

*

O Padre Antonio Vieira nasceu em Lisboa aos 6 de fevereiro de 1608. Foram seus paes Christovam Vieira Ravasco, natural de Moura, de estirpe distincta, fidalgo da casa real, e D. Maria de Azevedo, senhora de esmerada educação, natural da côrte de Lisboa. ¹

Não ha muitos annos chegou a pôr-se em duvida a naturalidade europeia de Vieira, mas o proprio Brazil, que pretendia para si a gloria de lhe ter sido berço, veio a verificar cabalmente que não havia margem para supposições. Além de outros, a certidão de idade tornou-se o mais eloquente e irrespondivel documento.

¹ O jornal *A Nação*, de Lisboa, publicou na primeira quinzena de junho d'este anno, extractos de um codice manuscripto que pertence ao sr. Pedro Dantas, e no qual se pretende organisar a nobre genealogia do Padre Vieira.

Aos 15 de abril do mesmo anno foi baptisado na egreja da Sé, sendo padrinho o piedoso D. Fernão Telles de Menezes, conde de Unhão, em cujas exequias, mais tarde, prégou, ¹ prestando assim um nobre tributo de homenagem filial a quem por elle, infante, respondêra na confissão da fé catholica.

Mal contava oito annos, partiu com sua familia para a Bahia de todos os Santos. Seu pae fôra nomeado, sete annos antes, escrivão dos aggravos da Relação do Brazil. Bem menino começou de correr os perigos das travessias maritimas que, devendo ser muitas no decurso de sua vida, sempre o levaram, mercê de Deus, a porto e salvamento. As enfermidades entraram tambem de molesta-lo muito cedo, e assim adoeceu recemchegado ao Brazil.

Quando attingiu a edade conveniente mandaram-no seus paes a cursar as aulas da Companhia. Um dos Jesuitas, o Padre Francisco Cardim, era pessoa das relações da familia Ravasco. Ao parecer rude a principio, não obstante, Vieira merecia as attenções do referido Padre. Já antes em Lisboa o prelado D. Miguel de Castro, o signalára por occasião de ministrar-lhe o Chrisma.

¹ Santarem, 1651, na egreja do collegio da Companhia, onde está hoje a do seminario. O jazigo do 1.º conde de Unhão está na egreja do convento das Donas, da mesma cidade.

Após fervorosas supplicas á Virgem e um insolito incommodo de cabeça, do qual foi acometido quando orava, sentiu-se outro. Reconheceu no facto um character miraculoso: ja mente como que se lhe illuminava! Mestre e condiscipulos extranharam a pericia e o talento com que depois illustrou o curso...

A 11 de março de 1623, tendo escutado uma prégação do Padre Manoel do Couto, como elle mesmo confessou, reconheceu ter-lhe dado Deus "a primeira inspiração efficaz de entrar religioso.," A 11 de maio d'esse anno fugiu de casa e recolheu á da Companhia, não sem pesar de seus paes cujas opposições o encontraram inflexo. Dois annos depois (6-5-1625) passou de noviço a escolastico, tendo feito os primeiros votos.

Os seus progressos nas aulas fôram de tal sorte eminentes que, contando pouco mais de dezesete annos, era elle quem redigia as cartas latinas chamadas annuas que se enviavam a Roma.¹ Aos dezoito foi nomeado professor de rhetorica para Olinda, onde compôz commentarios ás tragedias de Seneca e ás Metamorphoses de Ovidio e, sem ter frequentado os estudos superiores, ousou commentar alguns livros da Biblia. Infelizmente,

¹ Vide: *Annua da Missão dos Mares-verdes* (1624 1625), mandada a Roma, e *Annua da Missão da Capitania do Espirito Santo* (dos mesmos annos) na *Revista do Instituto Hist. Geog. Brasileiro*. Tomo v.

d'estes trabalhos não nos restam sequer vestígios.

Aos vinte e um annos ordenaram-lhe que se matriculasse no curso de philosophia para, com a theologia, pôr em seguida cupula aos imprescindiveis estudos sacerdotaes.

Vieira declarou então o voto que fizera e até ali conservara secreto, de se consagrar todo á evangelisação dos indigenas da America e da Africa. Foi-lhe irritado: obedeceu.

Desde os bancos da philosophia, em cujo estudo engendrou um compendio para seu uso, até ás ultimas cadeiras da theologia, foi sempre crescendo o seu famoso renome e enriquecendo-se a sua robusta intelligencia. Ao mesmo passo, corria parellas o exemplo da virtude mais solida.

A 14 de dezembro de 1635 foi ordenado de presbytero. Já antes se ensaiára no pulpito dando mostras do brillantismo futuro, e até 1640 exercitou-se no ministerio augusto que devia immortalisal-o. Os sermões d'esse periodo oratorio são peças modelares de linguagem, de doutrina e reflexão assentadas e firmes. De entre elles sobresaem um notavelmente ao gosto do tempo, pelo que respeita á fôrma litteraria, e que, recordando uma lendaria esperança, parece que prophetisava com profunda intuição politica, o resurgimento da nacionalidade portugueza. Referimo-nos ao panegyrico de S. Sebastião, sob o denominativo de *encoberto*, prégado em 1634 na egreja do Accupe, termo da Bahia.

De feito, transcorridos seis annos emancipava-se Portugal, banindo o jugo oppressor de Castella. A restauração veio abrir novo ensejo a que Vieira expandisse no duplice serviço de Deus e da patria, a sua fecunda actividade caracteristica.

D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, vice-rei do Brazil foi dos que para logo reconheceram o novo monarcha. A dar-lhe a fausta noticia da vassallagem da colonia, mandou seu filho D. Fernando acompanhado de Vieira, tão digno como raro mentor.

A 27 de fevereiro de 1641 partiram em direcção á metropole. Duas vezes o oceano embravecido se entreabriu para os tragar. A 28 de abril aproaram a Peniche, Vieira e os seus companheiros, depois do segundo temporal que os salteou a 14 e que, fazendo-os vagar á mercê das ondas, lhes deparou como porto de desembarque aquella praia.

Constando ao povo a arribação e informado sobre quem era D. Fernando, a lembrança de que os irmãos de Mascarenhas se haviam bandeado nos castelhanos, sublevou-o, porque bem poderia o recémvindo commungar as mesmas opiniões dynasticas. Vieira e o fidalgo iam, pois, sendo victimas, se lhes não valêra o conde de Athouguia, governador da praça. O eminente Jesuita chegou a ser preso. No dia 30, porém, partiu para Lisboa e, logo que se encontrou na sua terra natal, foi recebido pelo rei.

A primeira vez que o verbo luminoso e candente de Vieira se fez ouvir de um pulpito lisboense foi, segundo consta, a 1 de janeiro de 1642 na Capella Real. O periodo que decorreu desde a sua chegada até este dia, consagrou-o naturalmente ao estudo e é também de suppôr que travasse então conhecimento com os primeiros personagens da côrte cuja sympathia e respeito breve grangeou. Dois annos mais tarde nomeava-o D. João IV, com todas as honras, seu capellão régio. A esse tempo o nome oratorio de Vieira crescia desmesuradamente e com elle os odios, as invejas e as intrigas dos proprios collegas na propagação da divina palavra. Além de prégador insigne, Antonio Vieira manifestava-se não menos habil politico. E' certo, porém, que tanto um como o outro, o orador e o diplomata, mereceram alguns reparos, no longo itinerario da sua existencia de abrolhos e de laureis.

Em 1644, cedendo aos rogos do secretario de estado, dava o Padre Vieira uma notavel opinião ácerca da guerra a fazer a Castella. ¹

Esta communicação com os negocios publicos e a privança com o monarcha deram azo a que se suspeitasse de que a Companhia se achava descontente pelo procedimento do illustre socio. No supradito anno o proprio D. João IV, tendo-

¹ *Cartas* — Tom. II — Carta I.

lhe constando o que quer que fosse, mandou-lhe offerecer gostosamente uma mitra. A sublime resposta, que tem fôros de authenticidade verbal, foi a seguinte:

Que não tinha Sua Majestade tantas mitras em toda a sua monarchia, pelas quaes elle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus; e que se chegasse a ser tão grande a sua desgraça que a Companhia o despedisse, da parte de fóra de suas amadas portas se não apartaria jámais, perseverando em pedir ser outra vez admittido n'ella senão para religioso, ao menos para servo dos que o eram. E accrescentou: Que se nem para servo o quizessem admittir, ali estaria sem mais alimento que o seu pranto, até acabar a vida junto d'aquellas amadas portas, dentro das quaes lhe tinha ficado a alma toda.

Este precedimento de um espirito genuinamente religioso e affeiçãoado ao seu instituto, mais arraigou a enthusiastica veneração que por Vieira sentia o rei, o qual, não havendo outros merecimentos, teria a honral-o o de conhecer, em certo modo, o valor do conspicuo Jesuita.

Acendrou-se o affecto real e logo depois da grave doença que prostrou Vieira (1-3-1645) affligindo-o por longos mezes, lhe offereceu occasião de pôr em evidencia os seus incontestaveis recursos estadisticos.

As circumstancias em que Portugal jazia depois do longo captiveiro eram graves e as luctas

a sustentar com Castella e Hollanda ampliavam-n'as assustadoramente. Foi então que Vieira formulou a sua notavel proposta, no intento de melhorar as apertadas exigencias financeiras do paiz.

Elle proprio nol-a refere em uma carta dirigida ao conde da Ericeira, quando este escriptor trouxe a lume a sua obra sobre *Portugal Restaurado* onde parcial e deficientemente se apreciam os serviços de Vieira:

.....
“O primeiro negocio que propuz a Sua Magestade, pouco depois de sua feliz restituição, foi que em Portugal, á imitação de Hollanda, se levantassem duas companhias mercantis, uma oriental e outra occidental, para que sem empenho algum da real Fazenda, por meio da primeira se conservasse o commercio da India, e por meio da segunda o do Brazil, trazendo ambas em suas armadas defendido dos Hollandezes, o que elles nos tomaram e bastaria a sustentar a guerra contra Castella. A isto se ajuntava que, como as nossas companhias ficavam mais perto d'uma e outra Conquista, seriam menores os seus gastos, e maiores os lucros; os quaes naturalmente chamariam e trariam a Portugal o dinheiro mercantil de todas as nações, e muito particularmente dos Portuguezes, que em Hollanda estavam muito interessados nas companhias, e em Castella tinham

todos os assentos; e porque na dita proposta se dizia, que o dinheiro applicado ás Companhias de Portugal estivesse isento do fisco (porquanto de outra maneira, nem os mercadores estrangeiros nem os do mesmo Reino, que o trazem divertido por outras partes, o quereriam metter nas nossas companhias sem a dita segurança.)

“Esta condição foi causa de que o Santo Officio prohibisse o papel da proposta, posto que sem nome, e que ella por então não fosse acceitada. Porém, depois que os apertos da guerra mostraram que não havia outro meio igualmente effectivo, não só foi abraçado com a mesma condição, senão com outras muito mais largas, consultadas e approvadas pelos lettrados mais doutos do Reino.

“Assim que este negocio se não desvaneceu, e sómente tardou em se acceitar, até que a experiencia desenganou aos ministros, que a principio por ventura o não capacitaram. Quanta fosse a utilidade e efficacia d'elle, bem o mostrou a Companhia Occidental, a qual foi trazendo sempre do Brazil o que bastou para sustentar a guerra de Castella, conservar o Reino, e ainda hoje acudir com promptos e grandes cabedaes ás occorrencias de maior importancia.

E se juntamente se acceitára e fizera a Companhia Oriental, não chegára a India ao estado em que hoje a temos, tão desenganada, porém, da utilidade e necessidade d'este mesmo meio,

que agora em Portugal e na mesma India se trata d'elle; e para que se veja quão solida e fundamental é, e foi, não deixarei de referir aqui o que me escreveu o Padre João de Matos, assistente das Provincias de Portugal em Roma. Chegou lá o dito papel, e diz elle que, lendo-o os politicos romanos disseram: “Nós até agora cuidavamos que Portugal se não podia conservar, mas, pois elle tem homens que sabem excogitar semelhantes arbitrios, já não duvidamos da sua conservação:,” e este é o primeiro negocio meu ou proposto por mim, que Vossa Excellencia julgará se merece o nome de desvanecido.”

Além d'este, Vieira allegou tambem na mesma carta est'outros negocios de sua iniciativa:

“O segundo que pratiquei a Sua Majestade foi que mandasse passar as drogas da India ao Brazil, referindo como n'elle nasciam e se davam egualmente, e El-Rei D. Manoel as mandára arrancar sob pena de morte, para conservar a India, como com effeito se arrancaram todas, ficando sómente o gengibre, do qual se disse discretamente que escapára por se metter pela terra dentro, como raiz que é. Consistia a utilidade d'este meio em que, tendo nós no Brazil as ditas drogas, e sendo a conducção d'ellas tanto mais breve e mais facil, as podiamos dar muito mais baratas que os Hollandezes, com que os ficaríamos

destruindo na India. Respondeu El-Rei que lhe parecia muito bem o arbitrio, e que o tivessemos em segredo até seu tempo, pelos embarços com que de presente se achava. Estando eu em Roma me escreveu Duarte Ribeiro, de Paris, tivera carta de D. Francisco Mello, na qual lhe referia dizer El-Rei de Inglaterra que só seu cunhado sem fazer guerra aos Hollandezes os podia destruir, mas que não descobriria o modo, nem D. Francisco nem elle o sabiam conjecturar, que se a mim me occurresse o avisasse.

“Avisei-lhe o sobredito meio, e elle o representou a Sua Majestade em um papel particular, no qual juntou a minha carta, e esta está também inserta no Regimento do Provedor Mór da Fazenda d'esta Bahia, a quem Sua Majestade encarecidamente encarregou a planta das ditas drogas, e ellas encommendadas com o mesmo aperto aos vice-reis e governadores da India, se veem trazendo em todas as naus plantadas e regadas, com que já hoje ha no Brazil grande numero de arvores de canella, como também algumas de pimenta. Este é o negocio ou arbitrio que também tardou, mas não se desvaneceu, sendo tão pouco subtil que o intendem aqui os cafres e o exercitam só com a enxada na mão.

“Quando os francezes tomaram Dunquerque cantou-se o *Te-Deum laudamus* em a nossa Capella Real, e eu, entrando no Paço, vi que iam seguindo pela Galé todos os presidentes e minis-

tros, depois de beijarem a mão a El-Rei; então cheguei eu e disse a Sua Majestade: Agora soube, Senhor, que todos beijaram a mão a Vossa Majestade pela tomada de Dunquerque, de que eu pelo contrario dou a Vossa Majestade o pezame.

“Perguntou-me El-Rei, porque? E respondi: porque os Hollandezes atégora sustentavam uma armada defronte de Dunquerque para assegurar a passagem do canal aos seus navios, e como sendo confederados de França cessa esse temor, desocupada d’ali a armada, a mandarão sem duvida contra nós, como antes de partir de Amsterdam me constou desejavam muito; e Sigismundo, que segunda vez governa Pernambuco, fará agora o que já no tempo de Diogo Luiz de Oliveira promettia, e é que se havia fazer senhor de tudo sem lhe custar um copo de sangue, impedindo os mantimentos com seus navios.

“E que vos parece que façamos? (disse El-Rei). Que, Senhor? que em Amstardan se offerecia, por meio de Jeronymo Nunes, um Hollandez muito poderoso, a dar quinze fragatas de trinta peças, fornecidas de todo o necessario, e postas em Lisboa até março, por 20:000 cruzados cada uma, que fôra o preço da fragata “Fortuna,, que veio a Portugal; e tudo vinha a importar 300:000 cruzados, e que esta quantia se podia tirar facilmente, lançando Sua Majestade um leve tributo sobre a frota que poucos dias antes tinha chegado opulentissima de mais de quarenta mil cai-

xas de assucar, o qual no Brazil se tinha comprado muito barato, e em Lisboa se vendia por subidissimo preço; e pagando cada arroba um tostão ou seis vintens, bastaria para fazer os 300:0000 cruzados. Disse-me El-Rei que lhe puzesse tudo isto em um papel, *sem labia* (que foi o termo de que usou Sua Majestade), e fazendo-o eu assim, me disse d'ahi a poucos dias, que mandando consultar o dito papel, responderam os ministros, que aquelle negocio estava muito crú. O meu intento era: que vindo as fragatas de Hollanda, tivesse Sua Majestade duas armadas, uma que ficasse em Portugal, e outra que fosse soccorrer a Bahia; e não se passaram seis mezes, quando El-Rei, muito de madrugada, me mandou chamar de Carcavellos, onde estava convalescente, a Alcantara. Fui, e as palavras com que Sua Majestade me recebeu foram: "Sois propheta. Hontem á noute chegou caravella da Bahia com um Padre da Companhia chamado Philipe Franco, e traz por novas ficar Sigismundo fortificado em Taparica. ¿Que vos parece que façamos?," Respon-di: "O remedio, Senhor, é muito facil. ¿Não disseram a Vossa Majestade os ministros que aquelle negocio era muito crú? Pois os que então o acharam crú, cozam-n'o agora.,"

Era mandado chamar o Conselho d'Estado, e porque não havia de acabar senão de noite, disse Sua Majestade que me recolhesse á quinta, e tornasse ao outro dia. Tornei, e soube que todo o

Conselho tinha representado a importancia de ser socorrida a Bahia, e que por isso eram necessarios perto de 300:000 cruzados, mas que os não havia, nem occorria meio algum de os poder haver. Isto me disse Sua Majestade, e eu respondi como indignado: “¡Basta, Senhor, que a um Rei de Portugal hão de dizer seus ministros que não ha meio de haver 300:000 com que acudir ao Brazil, que é tudo o que hoje temos! Ora eu com esta roupeta remendada espero em Deus que hoje mesmo hei de dar a Vossa Majestade toda esta quantia.” Parti logo para Lisboa, escrevi um escripto a Duarte da Silva, a quem tinha conhecido mercador na Bahia, representei-lhe a perda do Reino e do commercio, o aperto e necessidade da Fazenda real e quanto Sua Majestade estimaria que seus vassallos o soccorressem n’esta occasião com 300:000 cruzados que eram necessarios, dos quaes se embolsariam em um tributo de tostão, ou seis vintens, em cada arroba de assucar do mesmo Brazil.

“Respondeu Duarte da Silva que o negocio era tão grande que o não podia tomar só sobre si, mas que buscaria e falaria a algum amigo, e que, pelas duas horas, me trazia a resposta a Santo Antão. Assim o fez trazendo comsigo a um fulano Rodrigues Marques, e ambos prometteram tomar o assento dos 300:000 cruzados. Levei-os a El-Rei, que lhes agradeceu muito aquelle serviço, dizendo, que tivessem segredo até lhes

mandar falar por seus ministros. Tornou n'aquella tarde o Conselho de Estado com as mesmas impossibilidades do dia antecedente; e, n'esta suspensão, disse Sua Majestade ao conde de Odemira, e ao secretario Pedro Vieira, que fossem a Lisboa tentar alguns mercadores, e que da sua parte falassem a Duarte da Silva e ao sobredito fulano Rodrigues Marques, os quaes responderam o que não esperavam os dois ministros, e ás carreiras vieram trazer a nova a Sua Majestade, dizendo todo o Conselho de Estado, que eram dignos de que Sua Majestade lhes mandasse muito agradecer um tão singular serviço.

“Recolheu-se El-Rei com a Rainha, que se achou no conselho, e me fez depois mercê de contar lhe dissera: “Elles querem que agradeça eu o negocio ao Conde, e a Pedro Vieira, e Antonio Vieira é que o fez.”

“Agora estimára ouvir a Vossa Excellencia quem teve o juizo igual a este negocio? Se quem previu o perigo, e apontou e executou o remedio, ou os primeiros que o não quizeram reconhecer, ou os ultimos que o não souberam remediar? Mas isto succede muitas vezes, quando uns são os que aconselham os negocios, e outros os que os executam, e por isto este se não desvaneceu.

“Na vespera de S. João, estando El-Rei em Alcantara, disse eu a Sua Majestade, que lhe havia de inculcar uma festa, com que magnificamente

celebrasse a noite do seu Santo, e perguntando-me qual? respondi, que com trinta e nove fogueiras, que tantas eram as caravellas que tinha contado, embarcando-me no caes da Pedra até Alcantara. As caravellas, Senhor, são escolas de fugir, e de fazer cobardes homens do mar, e de entregar aos inimigos, do primeiro tiro, a substancia do Brazil. Prohiba Vossa Majestade as caravellas, e que em seu lugar naveguem os Portuguezes em naus grandes, e bem artilhadas, as quaes pelo contrario serão as escolas em que as armas de Vossa Majestade terão tão valentes soldados no mar, como na terra.

“Este foi o conselho, ou negocio, o qual se se desvaneceu ou não, se está bem vendo n’este porto da Bahia, onde o comboi consta d’uma só fragata pequena, e as naus mercantes, quasi todas maiores que ella, são trinta, as que deram escolta á mesma fragata e ás duas naus da India.

“Muitos outros exemplos podéra juntar aqui de propostas minhas não desvanecidas . . . ,”¹

*

As primeiras missões diplomaticas commettidas a Vieira effectuaram-se em 1646, anno em

¹ Foi escripta em 1688. — Vide *Cartas*, tomo II, carta cxviii.

que passou a França e Hollanda, a assistir á composição da paz e a syndicar recatadamente os actos dos embaixadores. ¹ Correndo riscos nas suas viagens e adquirindo admirações nas diferentes côrtes, desempenhou-se honrosamente dos seus encargos, e em fins de agosto regressava a Lisboa.

Em meado de 1647 partiu pela segunda vez em direcção áquelles paizes, por via de Inglaterra. Em a nova jornada lidou “com inimigos, com tempestades, com outros infinitos generos de trabalhos e perigos.” ² Quaes fôssem os diferentes objectos d'estas missões, ainda se não averiguou com total exactidão e sinceridade historicas. Pretende-se que, a par da fiscalisação dos procedimentos dos embaixadores, Vieira estivesse encarregado de tratar o casamento do principe D. Theodosio, em França. O illustre diplomata, que se defrontou com Mazarini, se nem sempre procedeu com rematada prudencia, o que resta averiguar, pelo menos houve-se sempre com honradez e lisura que nunca sacrificou ao pretendido arrojo. Da Haya enviou a Lisboa tres fragatas construidas em Hamburgo e importantes petrechos de guerra que fôrão mais tarde de grande utilidade. Nomeado para nos representar no congresso de

¹ Barros. *Vida do Padre Antonio Vieira*.

² *Cartas*, tomo II, carta II.

Westphalia, não chegou a executar esse mandado, por se ter gorado o projecto. O rei quiz depois investil-o no cargo de nosso ministro na Haya. Recusou, por ser contrario ao espirito do seu instituto. Emquanto permaneceu lá fóra, Vieira não se preocupava apenas nos negocios politicos. Prendiam-lhe as attensões as necessidades religiosas, os prejuizos das heresias e todos os erros que infestavam a doutrina catholica. Estudou ainda mais; teve discussões publicas com homens de elevados talentos, a quem sempre convenceu, e em uma academia de sabios hollandezes, como memoria de tão prodigioso talento, ficou dependurado o seu retrato. Em fins de agosto de 1649 voltou ao reino, patenteando durante a viagem todo o brilho das suas acrisoladas virtudes, particularmente a da caridade mais heroica, servindo de enfermeiro durante vinte dias, de catechista e confessor a um joven mareante empestado, que vinha a bordo de um navio velho na conserva da frota.

D. João iv recebeu Vieira com satisfação, e a 10 de janeiro de 1650 demonstrava-a plenamente, mandando-o a novas empresas em Roma, as quaes hoje, todavia, nos são menos secretas que as primeiras.¹ A 16 de fevereiro chegava á capital do

¹ "... os negocios, a que El-Rei muitas vezes me mandava, eram muito differentes do que se podia cuidar,

mundo catholico, depois de borrascosa viagem maritima.

A guerra com a Hespanha, que se ia tornando em extremo onerosa para Portugal, suscitou, como meio de terminal-a, a ideia do consorcio do principe D. Theodosio com a infanta D. Maria Thereza, unica herdeira de Philippe IV, ficando a séde do governo em Lisboa. Não nos alongamos em commentarios sobre estes projectos iberistas. Desculpam-n'os as circumstancias criticas da época.

Foi este o motivo da ida de Vieira a Roma, e tambem o de examinar as propostas secretas dos napolitanos, que anciavam por se eximir do jugo castelhano, recorrendo á protecção e suzerania portuguezas.

Representava Castella na côrte pontificia o duque do Infantado. Com este tratou o Padre o negocio do casamento e os bons fructos que promettia, chegando a convencer o ministro. As opiniões, afinal, apenas differiam na escolha da séde do governo. Entrementes, uma ordem emanada de Madrid obrigava a saír de Roma o Padre Viei-

ainda entre os ministros muito interiores, correndo a communicação dos ditos negocios por cifra particular, de que só era sabedor o secretario Pedro Fernandes Monteiro, e por isso ficavam sujeitas minhas jornadas a juízos e conjecturas muito erradas . . . , — *Cartas*, tomo II, carta CXVIII.

ra, que chegou a ser ameaçado de morte se não se retirasse. Parece que foi sobretudo o caso de Napoles a origem d'esta intempestiva e arbitraria resolução; mas não sobrava motivo, porque Vieira achou inutil qualquer intervenção na politica napolitana.

Como já anteriormente succedêra, o grande Padre nunca descurou os interesses espirituaes de compatriotas e estrangeiros, proporcionando-se-lhe momento de pugnar por elles. Quando, por fins do outono de 1650, regressou ao reino, sem nada se ter concluido, compunha Vieira um memorial para apresentar a Innocencio x, sobre a conversão dos herejes do norte, cujo assumpto ponderadamente estudára.

Parece que devêra Antonio Vieira, em razão da confiança e do apreço que merecia, desejar permanecer na côrte, escogitando meio de coroar de melhor exito os seus labores diplomaticos. Mas não succedeu assim. Occupavam-lhe o pensamento negocios de maior monta. No anno de 1651 foi em missão a Torres Vedras com o Padre João de Sotto-maior. N'este mesmo anno pronunciou o elogio funebre do conde de Unhão, em Santarem. Tendo recolhido a Santo Antão, entrou de meditar no modo de passar ás missões maranhenses. Quando constou o firme proposito, que alguns sem fundamento conhecido pretendem não fôsse mais que imposição da Companhia, o rei empre-

gou todos os esforços para sustêr Vieira, o que conseguiu, durante seis mezes prenhes de multiplos episodios.

Finalmente, ao parecer com menor vontade, segundo alguns (e elle proprio o disse), do que o tivera feito dois annos antes, e munido de uma honrosa provisão real, partiu do Tejo a 22 de novembro de 1652. Trinta dias depois chegava a Cabo Verde, tendo soffrido ventos contrarios, tempestades, calmarias e o susto de piratas. Não foi com desejo que tomou aquelle porto, por ser doentio e pela dilação forçosa. São quasi formaes palavras. Desembarcado, porém, deu graças a Deus por lhe ter feito vêr o miseravel estado moral d'aquella colonia. Parochos muito poucos e pouco zelosos; *sendo o natural da gente o mais disposto... entre todas as nações das novas conquistas para se imprimir tudo o que lhes ensinarem*. Notava que tinham os indigenas *grande juizo e habilidade, e toda a politica que cabe em gente sem fé e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza*.¹

De tudo isto informou com apostolico e patriotico interesse o confessor do principe D. Theodosio, e de que os clerigos e conegos negros *tão compostos, tão auctorisados, tão doutos, tão discretos*

¹ *Cartas*, tomo III, pag. 3.

e bem morigerados podiam fazer inveja aos da metropole. O gentio da costa e interior apenas conservava rastos de christandade. Eram algumas cruzes, os nomes dos santos e o appellido de Barreira, o qual era tido *por grande honra entre os principaes* (das povoações) *por reverencia e memoria do Padre Balthasar Barreira* (que foi) *aquelle grande missionario da Serra Leôa*, que, digno de imitar-se, não teve imitadores nem continuadores. Com generoso espirito, Vieira lamentava esta incuria, havendo no reino tantos ecclesiasticos que deviam antes pastorear aquellas conquistas do que occuparem-se *nos bandos e ambições... tão esquecidos... de suas almas e das alheias*. E á provisão, dizia, eram obrigados os principes.

Vieira, com os olhos no Maranhão, confessava os desejos de ali se demorar em Cabo Verde, e tambem as vantagens d'esta missão *mais perto de Portugal, muito mais junta, muito mais disposta e de gente sem nenhuma comparação muito mais capaz e ainda muito mais numerosa*, falando toda a *seu modo* a lingua portugueza. ¹

Descrevendo assim as condições d'aquellas colonias tão povoadas, sem frades de nenhuma Ordem e com insufficiente clero, n'um desprezo total de religião e progresso, Vieira usava de tamanho encarecimento, para, no fim, rogar que em-

¹ *Cartas*, tomo III, pag. 3.

quanto antes ali se fôsse estabelecer uma missão catholica e portugueza, inculcando como capacissimos os Padres Jesuitas do Alemtejo, cujo affecto e resolução conhecia de sobra e louvava com enthusiasmo. A carta em que mettia taes empenhos era datada de Cabo Verde, em dia de Natal.

Vieira, que alliou com tino pouco commum o espirito do seu Instituto ao ardente character de homem de estudo, visando sempre o bem social e particularmente o da patria, occulta n'esta carta, com a modestia ordinaria nos individuos de religião, os obsequios espirituaes que, durante a tormentosa viagem, elle prestou e os tres Padres Jesuitas que comsigo levava. Rezou-se o terço, houve confissões, doutrina, e em todos os domingos do advento, bem como nas festas grandes, a eloquencia de Vieira, que prégava a melhor moral e falava o portuguez mais puro, dominou aquella "nadante povoação".

E para quem possue noticia das baixezas e dos vicios a que, nas longas viagens d'outr'ora, se entregavam muitos dos maritimos, não merecem por ventura applausos e não incitam respeitos estes exemplos de fé, caridade, patriotismo e trabalho de Vieira e dos seus companheiros? ¿E para com os doentes? — *Esmerou-se com todos os enfermos o incansavel Padre Matheus Delgado; elle assistia a todos e acudia a todas as partes, já sobre o fogão a guizar o comer, já á cabeceira dos*

enfermos a ministrar-lh'o com pontualidade, ¹ — O proprio Vieira relatou e elogiou esta abnegação do companheiro sempre digno de imitar-se e que, de facto, mercê de Deus, encontra ainda imitadores sublimes no sacerdocio catholico, como attestam a cada passo os insuspeitos, referindo casos nunca excedidos pela cacarejada *philantropia* e *altruismo* dos nossos tempos.

A tensão espiritual que Vieira provocou nas almas d'aquelles afflictos embarcados, durante um mez perdidos nos horrores do oceano, sob o castigo das intemperies, o receio dos corsarios e da morte ameaçadora, não lhe comprehendem a necessidade e o alcance os que se blazonam de espiritos fortes, de livres-pensadores e *tutti quanti* pretendem apparentar uma independencia que é o mais affrontoso dos jugos e o de consequencias mais perigosas.

A oração a bordo, mantida, regradada e disciplinada, significava a ordem, o affecto, a união, a communhão das mesmas crenças e das mesmas esperanças, o arrebatamento da alma perante a infinita majestade de Deus, da Sua justiça e da Sua misericordia, e, n'aquella indecisa e espantosa lucta, fazia presente ao espirito a profunda maxima, cuja lettra é: *trabalha, que Eu te ajudarei.*

¹ Barros. *Vida do Padre Antonio Vieira.*

O Padre Vieira exercia, enthiasmado, o seu ministerio onde houvesse uma alma a converter, a reconciliar, a despertar do somno da ignorancia ou do peccado... A eloquencia da Capella Real não sobrepunha a da nau, como esta não desmerecia da que illuminou e convenceu até á paixão a gente de Cabo Verde, quando a caravella approou áquella parte da Africa.

Recebido pelas primeiras auctoridades civis e ecclesiasticas, e rogado pelo governador a hospedar-se em sua casa, a nenhumas instancias se vergou. Apenas prometteu que prégava, e o pulpito da cathedral de Cabo Verde ficou desde o dia seguinte celebre na historia, porque n'elle se fez ouvir o verbo de Vieira. Era a quarta dominica do Advento. O thema eleito foi S. João Baptista, e prégou o baptismo da penitencia "para que o sermão podésse ser de algum fructo,„

Depois de o terem escutado, redobrou o enthusiasmo, que subiu a ponto de não deixarem que Vieira e os Padres recolhessem á caravella. Hospedaram-se em casa do thesoureiro-mór. Mas Vieira não se deixou ficar, recebendo cumprimentos e applausos e dominando, com a altivez de um sorriso de conquistador, aquella gente que tanto se commovêra ao ouvir-o: não.

"Saíu de tarde a fazer doutrina, e a este acto saíram tambem a acompanhá-lo os antigos discipulos dos Padres que ali tinham habitado, e com os discipulos vieram tambem seus paes, re-

novando-se em todos as saudades dos seus antigos mestres, de quem nunca perderam a memoria, e agora avivaram officiosos e gratos.,¹

Durante quatro dias, que tantos fôram os da permanencia na cidade, Vieira e os seus compa-
nheiros prégarão e confessaram nos templos, visitaram os enfermos e os encarcerados, obtiveram, com o seu exemplo, doutrina e actividade, que se reconcilhassem muitos inimigos, que se fizessem restituções e se dessem muitas provas de pureza e sanctificação da consciencia, obtidas por meio da palavra evangelica e dos sacramentos.

Em presença de similhante fructo, rogaram os da cidade, e até o proprio senado com uma extensa petição escripta, que ficassem Vieira e os outros tres sacerdotes, por quanto se tornavam de grande beneficio para aquella região, allegando a sympathia pelos religiosos Jesuitas e outros motivos justificantes de tão honrosa supplica.

Antonio Vieira, porém, que já tinha prégado o sermão de despedida, exhortando e afervorando mais as ovelhas e os pastores, não accedeu, como era de prevêr em quem tinha superiores e caminho e destino traçados. Os justos motivos que allegou fôram, ainda que com magua, admittidos como racionaes.

¹ Barros. *Vida do Padre Antonio Vieira.*

No entanto, ainda houve quem pretendesse reter os Padres em Cabo Verde, tentando, para isso, subornar o capitão da caravella, Simão Ferreira, que, segundo o projecto formulado, abalaria, deixando-os ficar em terra, o que lhe seria facil, porque todos os outros passageiros pernottavam a bordo!

Este facto referiu-o o honrado Ferreira, quando já iam no mar alto.

Vieira, pois, interpondo o seu nome e o seu empenho para que do reino fossem enviados missionarios áquella colonia, partiu de Cabo Verde aos 26 de dezembro de 1652, em demanda do Maranhão. A 11 de janeiro avistaram os baixos de S. Roque; a 14, em virtude da corrente das aguas, “com pouco panno se pozeram sobre ferro á vista da ilha de S. Luiz,, e na tarde de 16 “deram fundo n’aquelle tão suspirado e desejado porto.,

Foi enorme o jubilo com que se recebeu o missionario. N’uma canôa fôram buscal-o alguns Padres, anciosos pelo vêrem, receiosos de não o acolherem ainda n’aquella viagem. “Mas, quando se viram com o grande Vieira no Maranhão, e elle com os seus amados companheiros entre os braços, dos quaes com tantas lagrimas se apartára na barra de Lisboa, foi tal a mutua alegria e excesso de gosto, que o mesmo Padre Vieira, querendo exprimil-o, escreveu estas palavras formaes: *se a alegria de entrar no Céu tem na terra comparação, foi esta.,*

Nas régias ordens da provisão que Vieira trouxe do reino, estava implicito o programma da obra que se propunha. D'esse documento res-pigamos as linhas mais flagrantes:

.....

“... vos encomendo muito a continuação da propagação do Evangelho que vos leva áquellas partes; e que para isso levanteis as egrejas que vos parecer nos logares que para isso escolherdes, e façaes as missões pelo sertão e para-gens que tiverdes por mais conveniente, ou por mar ou por terra: ou levando os indios comvos-co, descendo-os do sertão, ou deixando-os em suas aldeias, como então julgardes por mais necessario á sua conversão...”

.....

“... e para melhor o conseguirdes, ordeno aos governadores, capitães-móres, ministros de justiça e guerra, capitães das fortalezas, camaras e povos, vos dêem toda a ajuda e favor que lhes pedirdes, assim de indios, canôas, pessoas praticas na terra e lingua, como do demais que vos fôr necessario; para o que lhe mostrareis esta, ou cópia d'ella, que guardarão inviolavelmente e como n'ella se contém: e fazendo o contrario, me dareis logo conta, para mandar proceder contra os que assim o não fizerem, como fôr de justiça.”

Passemos, pois, a lançar uma rápida vista de olhos sobre a acção missionaria de Vieira no Brazil.

*

Ignacio de Loyola, ao fundar a Companhia de Jesus, tinha na mente a ideia archetypa de uma sociedade de religiosos, não destinados á contemplação claustral, mas aos illimitados campos onde se peleja por Deus, pela verdade, pelo bem, pelo progresso e pela humanidade, presa da ignorancia, do despotismo e da crapula. A Ordem saíu conforme ao exemplar.

As missões dos Jesuitas são, por sem duvida, as mais illustres que a Historia assignala.

As da America, como as da Asia, teem sido objecto da admiração e dos encomios de vultos insuspeitissimos.

Ferozes e desconfiados, os indigenas brazilicos fôram ganhos pela doçura, pela caridade, pelo bom exemplo, pelo exercicio da virtude, constantemente praticada, dos Jesuitas. ¹

Os conquistadores e os colonos do Novo Mundo despojavam, escravisavam e exterminavam os seus habitantes naturaes; os Jesuitas exercitavam ahi o seu talento com o maior brilho e da

¹ Buffon. *Historia Natural*. — Robinet. *Dicc. Univ.*; e outros.

maneira mais util á felicidade dos pobres gentios. ¹

E o segredo d'estes triumphos firmava-se nos seus costumes e procedimentos inatacaveis, fructo de uma disciplina tão severa como sábia. ²

Cabe aos Jesuitas portuguezes o mais brilhante papel na civilisação do Brazil rudimentar, e, depois de Nobrega e Anchieta, os gloriosos missionarios, avulta o nome imperecivel de Vieira, á frente de todos mais.

Foi um digno confrade de João de Brito, que tem as honras dos altares, e de Couto e Bento Amadeu, os Jesuitas a quem reconhecidamente se deve a revolta do Maranhão contra os Hollandezes (20-2-1644).

Quando Vieira regressou ao Maranhão, esta parte da America portugueza achava-se vergonhosamente decaída no que respeitava á religião e moralidade.

A cobiça era a febre que devorava as energias dos colonos, e o desenvolvimento das outras paixões faziam-lhe luctuoso cortejo. Diz Barros que "mais tinham os missionarios que trabalhar entre os christãos que nas brenhas entre os gen-

¹ Robertson, protestante. *Historia de Carlos I.*

² O impio D'Alembert. *Da destruição dos Jesuitas em França* (opusculo).

tios., A absoluta indiferença religiosa que desprezava a missa e os sacramentos, e deixava derruir as egrejas; a polygamia ou mancebia, a oppressão que esmagava os pobres servos indios, formavam um desolador conjunto.

A incuria espirital d'aquella colonia fructificava um amor dos bens terrenos, uma ambição insaciavel d'onde emanavam as emulações, as intrigas, as calumnias, os pleitos que não tardaram a envolver na sua emmaranhada rêde a grandiosa personalidade de Vieira.

Tres dias volvidos após a sua chegada, por motivo da vacatura da cathedral da Bahia, á qual se julgavam com inalienaveis direitos dois vigarios geraes quasi simultaneamente nomeados, rebentaram graves dissensões, que não tardaram a ser alimentadas por revoltas populares e correndo risco de maior perturbação a ordem publica. Onde as pessoas de elevada posição social e aquellas que, pelo seu bom nome, auctoridade e sciencia nada fizeram, fêl-o a perspicacia e a preponderancia do eminente Jesuita. Conseguiu, n'um mar encapellado de opiniões diversas e de propositos ruins, trazer a porto de bonança aquella perdida gente, e até chegou a congraçar os dois reverendos, propondo, por fim, meio subtil de satisfazer a todos. Não foi tão facil, porém, como parece, a obtenção das pazes entre os belligerantes. Só um homem com o talento superior e com o pres-

tigio moral do Padre Vieira, poderia, n'um breve espaço de tempo, apaziguar tamanha lucta. ¹

Depois d'esta primeira mostra do seu valor e preponderancia, entrou Vieira de ordenar os serviços missionarios.

Em a nova organização não procurou senão os lucros espirituaes, e voluntariamente esqueceu as apropriações illicitas que se haviam feito dos bens da Companhia, anteriormente. Isto foi do agrado geral. Mas não perdurou elle. Declarados, em nome da lei, livres todos os escravos do Maranhão, reaccenderam-se os motins e protestou-se desabridamente contra o regio decreto.

Attribuiram os discolos aos Jesuitas a causa da lei, que, segundo diziam, lhes vinha a estes beneficiar as aldeias e fazendas. Os disturbios fôram enormes. Quasi que assaltaram o collegio da Companhia, onde o numero de religiosos era diminuto. Os insultos, os votos explicitos de morte aos Jesuitas, seguiram-se com aquella insania furiosa que caracteriza a plebe incitada á revolta pelos grandes e poderosos, que se servem dos ignorantes, dos simples e dos perversos, como docil instrumento de suas paixões desenfreadas. Até por via do governador, protestaram contra a real ordem, nobreza, religiões e povo! Os Jesuitas recusaram assignar o protesto. Vieira allegou

¹ Barros. *Vida do Padre Antonio Vieira.*

por escripto os motivos. Subiu de ponto a furia inconsciente.

Em a noite seguinte á do dia da promulgação solemne da lei, dirigiu-se a turba multa armada, ao pobre collegio da Companhia. Foi o governador com a guarnição do presidio, que o defendeu, e a eloquencia de Vieira, que obrigou depois a dar uma satisfação, em virtude d'aquella affronta. Apaziguaram-se as iras, mas ficaram latentes, alimentadas pelo fogo da intriga.

Entretanto Vieira tratava de distribuir os poucos Padres pelas regiões mais necessitadas, contrastado sempre por ininigos de varios generos. Ora procuravam impedir a saída dos missionarios, ora lhes objectavam contra a liberdade dos indios. A sua argumentação cerrada, a eloquencia proverbial e o amoroso espirito christão com que falava, desobstruiam-lhe os caminhos e captavam-lhe sympathias. Tendo particularmente convencido o capitão-mór, lhe rogou este que expozesse no pulpito a mesma doutrina. Accedeu, e no primeiro domingo de quaresma (2-3-1653), préguou com copioso fructo o sermão cujo texto é *haec omnia tibi dabo*, etc. E-cutaram-no e commoveram-se.

Pediram-lhe que, na tarde d'aquelle dia, de novo desenvolvesse o repetido assumpto. De boa mente o fez perante "o capitão-mór, a camara, o syndicante, os prelados das religiões e todas as pessoas maiores, assim da guerra como da

republica,, e um extraordinario concurso de povo.

Foi unanimemente approvada por todos a doutrina; a pratica, porém, tornava-se mais difficil. Surgiram duvidas e desalentos, que só tiveram termo quando se elegeram dois advogados: um pela causa do captiveiro e outro pela da libertação. E proseguindo, não sem obstaculo, o negocio da liberdade, logo romperam os elogios do povo aos Jesuitas. O inquerito começou por casa d'estes, passando d'ahi ás demais.

A quaresma foi prégada com fervorosa eloquencia. Sob a direcção de Vieira, fez-se doutrina e reanimou-se o culto. Ao fim, catechizou-se, em particular, a colonia portugueza. Foi n'esta altura que Vieira introduziu a devoção do rosario. O Maranhão transmutava-se sob aquella admiravel influencia apostolica. Enquanto visitava os pobres, os enfermos e os encarcerados, o grande missionario pensava na incuria portugueza, que nem um hospital instituía ali, e lançou-lhe então o primeiro cimento.

A colheita final da quaresma foi abundante em conversões, pazes, restituções... Vieira não tinha um momento livre: orava e evangelisava. Para melhor e mais prompto conhecimento da doutrina christã, compôz dois catecismos, que fôram de grande utilidade.

Na sua mente, porém, ampliava-se, vastissima, a área das conquistas evangelicas, que eram

apenas as da civilisação. Distribuiu os poucos sacerdotes pelos differentes sitios onde paravam os Topinambazes, os Gayayares e outros, enquanto elle passava á cidade de S. Luiz a dirigir os negocios das missões e a restaurar o espirito religioso, quasi extincto.

Mas ainda não se dessedentara. O sertão atrahia-o. No decurso de 1653 deliberou remontar o rio Tapicuru em busca dos indios *barbados*. Firmando-se na régia provisão, impetrou o auxilio do capitão-mór, e com elle concertou os meios e tempo da expedição. Todavia, como aquella auctoridade quizesse dilatar a época da partida, para não ceder os necessarios indios (que trazia em suas lavoiras de tabaco), fôram assim sacrificadas á *auri sacra fames* d'esse homem as necessidades espirituaes e temporaes de muitos outros.

Voltou-se Vieira a outra generosa empreza. Constou-lhe que a duzentas leguas do Pará demorava a nação dos Poquiz cujas boas disposições resolveu aproveitar. Mas surgiam sempre insuperaveis barreiras. Não as dos accidentes do terreno, das difficuldades do transporte, das bravezas dos indigenas: não! Essas, por mais difficeis, vencias elle. ; Eram os proprios representantes da lei que a violavam, eram os mesmos christãos que se oppunham á conquista das almas!

O capitão-mór do Pará, homem bifronte, cedendo a Vieira uma escolta para seprehender a entrada ao sertão, ordenou publicamente ao

commandante d'ella, que cumprisse as ordens de el-rei, e, em particular, deu-lhe outras mui differentes. ¡A cubiçosa auctoridade encarregava o subalterno do commercio da carne humana, ao passo que o fim da missão era apenas o sublime commercio das almas!

Fôram e o commandante da escolta não tardou em se rebelar contra Vieira. Este, enojado com semelhante procedimento, deixou os Padres, seus companheiros, para o serviço religioso, e logo regressou ao Pará, a reclamar do capitão-mór as providencias exigidas pelo delicto. Era evidente que se fazia mister uma perfeita independencia entre os negocios das missões e auctoridades civis, d'aquelle jaez. O estado cahotico das nossas colonias do novo mundo reclamava, pelo que dizia ao religioso e moral, reflectindo-se no social e politico, uma profunda reforma e um melhoramento superior.

Para isso conveio-se, em conselho dos Padres da Companhia, que Antonio Vieira viesse ao reino.

A 4 de abril de 1654, escrevia elle, do Maranhão, a D. João IV:

“Senhor. No fim da carta de que Vossa Magestade me fez mercê, me manda Vossa Magestade diga meu parecer sobre a conveniencia de haver n'este estado ou dois capitães-móres ou um só governador. Eu, Senhor, razões politicas nunca as soube e hoje as sei muito menos, mas, por

obedecer, direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão que dois e que mais difficultosos serão de achar dois homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam, um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dois capitães-môres em que se repartiu este governo. N. de N. não tem nada, N. do N. não lhe basta nada, e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando as terras, não vale dez mil crusados, como é notorio, e d'esta terra ha de tirar N. do N. mais de cem mil crusados em tres annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto sáe do sangue e do suor dos tristes indios, aos quaes trata como tão escravos seus que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos indios, é occasião de padecerem muitas necessidades os Portuguezes, e de perecerem os pobres.

.....
“Tornando aos indios do Pará, dos quaes, como dizia, se serve quem ali governa, como se fôram seus escravos, e os traz quasi todos occupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciencia a manifestar a

Vossa Majestade os grandes peccados que, por occasião d'este serviço, se commettem. Primeiramente nenhum d'estes indios vae senão violentado e por força e o trabalho é excessivo e em que todos os annos morrem muitos (por ser venenosissimo o vapor do tabaco); o rigor com que são tratados é mais que de escravos, os nomes que lhe chamam, e que elles muito sentem, feissimos; o comer é quasi nenhum; a paga tão limitada que não satisfaz a menor parte do tempo, nem do trabalho e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas e muito distantes das aldeias, estão os indios ausentes de suas mulheres e ordinariamente elles e ellas em mau estado e os filhos sem quem os sustente, porque não teem os paes tempo para fazer suas roças, com que as aldeias estão sempre em grandissima fome e miseria.

.
“Os que governam são os primeiros que se perdem e os segundos serão os que os consentem; e isto é o que cá se faz hoje é o que se fez até agora. Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento que se ha de buscar nos que vierem governar este Estado... Se houvesse dois homens de consciencia e outros que lhe succedessem, não haveria inconvenientes em estar o governo dividido. Mas se não houver mais que um que governe tudo e

trate do serviço de Deus e de V. Majestade e se não houver nenhum, como atégora parece que não houvê, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem elle que com elle; se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a camara e para a guerra um sargento-maior e um dos da terra e não de Elvas ou de Flandres... ¹

.....
Oliveira Martins, cujos dizeres não podem ser taxados de parcialidade, escreve em um dos seus livros mais injustos para com os Jesuitas:

“Na roça o fazendeiro, na cidade o mercador instinctivamente punham em pratica um regimen de terror, um systema de feroz disciplina, unico meio de conjurar um perigo que todos sentiam imminente (perante as columnas dos negros viam-se n’um perigo maior constante). Chibatado, açoi-tado, morto ás vezes no torneio do castigo, soffria com duros tractos a consequencia de uma força,, etc. ²

E n’outros passos da obra refere-se ainda ás atrocidades dos colonos ambiciosos, cheios de fingidos medos.

¹ Carta x, tomo i.

² *O Brazil e as Colonias Portuguezas* (1881), pag 56.

A acção missionaria dos Jesuitas perturbava-lhes o andamento da roda da fortuna perdida. Reagiam. Mas os Padres intrepidos, arrostando perigos, aparavam com desassombro os golpes traçoeiros.

Tres dias antes de partir para Lisboa, (15 ou 16 — 6 — 1654), pronunciou Vieira o famoso sermão de Santo Antonio aos peixes. ¹ Apesar de toda a sua caridade, era homem e convinha que falasse aos homens, exploradores crueis e insaciaveis, embora sob a allegoria dos peixes. Com dois mezes de viagem, pelas alturas da ilha do Côrvo, a embarcação foi joguete de uma temerosa tempestade. O Padre Vieira manteve, como sempre, a bordo, a intensidade da fé e, n'este ponto, animou, reconciliou e rogou a Deus. Por sua iniciativa, formularam-se votos de gratidão á Infinita Bondade. Um navio hollandez, contra toda a expectativa, tomou a seu bordo os naufragos quasi submersos. Mas era de corsarios e por isso o fito repugnante e deshumano. Os pobres viajantes foram lançados despidos na ilha Graciosa, uma semana depois. A todos valeu o bom nome e credito de Vieira, liberalissimo. ² Tanto na Graciosa como na ilha Terceira e em S. Miguel, a que depois passou, foi o indefesso apostolo pré-

¹ *Sermões*, tomo II — Sermão XI (ed. antiga).

² Barros. *Vida de Vieira*, pag. 95.

gando ardentemente a devoção á Virgem, sob a fórma do rosario. Em S. Miguel, a rogos de um illustre devoto, proferiu o sermão de Santa The-reza, perante um numeroso concurso e na tarde do mesmo dia tornou a orar com a proficiencia do costume, perante concurso ainda maior talvez.

A 24 de outubro de 1654 saíu para Lisboa. No mez seguinte chegou ao seu destino, depois de viagem procellosa. D João iv achava-se doente em Salvaterra e logo que lhe constou ser no reino o Padre Vieira ordenou que fôsse á sua presença. A enfermidade era gravissima, mas o rei salvou-se e, restabelecido, pré-gou Vieira na festa em acção de graças. Após a doença, foi elle o primeiro a ser recebido. A sua honestidade in-concussa, o desprendimento, a energia, os meritos pouco vulgares que concorriam n'elle, auctorisa-vam a primazia e roburavam a fluencia torrencial do verbo convicto que logo desenrolou ante os olhos do monarcha a tela hedionda das misérias dos indios, sob o jugo dos colonos. A cobiça in-frene com o seu cortejo de torpes consequencias, a irreligiosidade, a escravidão, a rebeldia ás leis, tudo Vieira, no espelho do seu humanitario dis-curso, fez vêr a D. João IV. Este commoveu-se e prometeu providenciar. No entanto, chegavam emissarios dos colonos paraenses e maranhenses, a defender os seus interesses.

Luctar, porém, com a justiça e quando esta tem por sua banda o character integerrimo e a

bôca de oiro de um Vieira é escabrosa temeridade. Depois de ter representado ao rei, particularmente, a causa da sua vinda, reservava-se o pulpito para publicamente a defender. Na dominga da Sexagesima (19-2-1655) préguou na real capella o monumental sermão cujo texto é *semen est verbum Dei*,¹ perfeito compendio de eloquencia sagrada e cauterio valente applicado por mão de mestre ás chagas oratorias do tempo, as quaes se amostravam impudentemente nos pulpitos. Os palavrosos ineptos que dispunham da cadeira da verdade só para ostentar a gymnastica obscena dos gongorismos, exasperaram-se e morderam-lhe com furia. Não soltou um queixume. Elle não era um innocente das manchas estylisticas coevas, mas falava portuguez e préguava sã doutrina.

Na 1.^a dominga da quaresma foi o segundo sermão. O auditorio não cabia no templo. A defeza dos indios houve n'aquelle dia patrono sublime, como se póde suppôr. Rasgos de sentimentos de caridade christã traduzidos pela palavra do orador, que conhecia experimentalmente o assumpto, abalaram os espiritos. Préguou ainda na quarta e quinta domingas. N'esta ultima despediu-se da côrte, mas no domingo seguinte ainda voltava á mesma tribuna, a orar com aquella

¹ Sermões I do tomo I.

austeridade que não tinha respeitos humanos. Com o occupar-se enthusiasmado no negocio das missões, não deixava de illustrar repetidas vezes a oratoria ecclesiastica.

Foi convocada uma reunião de homens sabios, sob a presidencia do duque de Aveiro, para decidir a pretensão de Vieira, cujos contradictores se achavam presentes. Ouvidas ambas as partes por tres vezes, a junta approvou a liberdade dos indios. Depois, não satisfeito ainda, Antonio Vieira conseguiu uma reunião dos superiores das communi-
dades religiosas, para que, tomando conhecimento das regias ordens, intimassem aos seus subditos a intelligencia e cumprimento d'ellas. Finalmente suggeriu a idéa de uma junta das missões que para logo se organisou.

Tendo realisado o seu desiderato, obtidas do rei as mais amplas concessões favoraveis aos indios, resolveu elle mesmo partir com os loiros da victoria, não por ostensiva vaidade, mas para o exame directo do modo como iam ser effectuadas as determinações reaes. D. João iv procurava retel-o junto de si e levantou attritos á partida. O grande orador, perante a congregação triennial da Companhia, defendeu com brilhante exito o grande missionario e justificou a necessidade da ausencia immediata.

Venceu e, de novo saú para o Maranhão (16 — 4 — 1655) o intrepido adail de Jesus Christo,

apenas com dois companheiros e nas mais firmes disposições de batalhar e triumphar. ¹

Ao cabo de um mez de prospera viagem, aportou a S. Luiz do Maranhão, sendo affectuosamente recebido pelos consocios e pelos indigenas.

Deus chamára Vieira ao Maranhão e lá esperava elle com mais confiança que se havia de salvar, livre das inquietações e perturbações da côrte “das quaes não póde escapar senão quem foge d’ella.” ²

Voltava á pobreza insigne de duas roupetas velhas, de uns sapatos quatro vezes sobre-solados, do bacalhau e da farinha secca, por iguaria, nas convalescenças dos seus ininterruptos e dolorosos padecimentos. E para elle a melhor vida era aquella, dormindo pouco, trabalhando de pela manhã até á noite, gastando parte d’ella em se encomendar a Deus, andando só para remedio das almas. ³

D’esta vez, como dedicado collaborador na grande obra missionaria, ia ter ao governador André Vidal de Negreiros, cujos sentimentos patrioticos são objecto de admiração unanime. ⁴

Primeiramente repartiu os Padres, dando uns aos indios neo-christãos, como parochos e mestres,

¹ Carta III do tomo III.

² Carta de 16-4-55. — Barros. *Vida de Vieira*. pag. 113.

³ Carta II do tomo III (transcripta no fim d’este livro).

⁴ Carta IV do tomo III.

e encarregando outros, e elle n'esse numero, de encetar a epopeia incomparavel cujas immorredoiras estrophes são as missões dos Topinambazes, dos Cátingas, dos Poquiguarás, dos Corojás, dos Guarojus, dos Pacajás, dos Pirapés, dos Guanacés, dos Jaguaruanas, dos Ibiapábas, dos Nheengaibas... Oito annos de labores que enchiam a dilatada existencia de muitos homens operosos... ¹

O tino, a argucia, a perseverança, a caridade com que Vieira dirigiu esses apostolicos labores, não podem narrar-se em duas phrases toscas, como é quasi o conteudo d'esta imperfeita e breve noticia. A acção jesuitica, se accidentalmente gerou contraproducentes effeitos, como que-rem alguns historiographos, é certo e indubitavel que fez conhecidos muitos povos, que desbastou em certo modo a braveza e ferocidade indigenas, que reduziu e quasi extirpou o vicio repugnante da antropophagia, que aniquilou em parte um genero de vida nomada, que rasgou avenidas ao progresso e abriu caminhos ao commercio como o do Maranhão ao Ceará e a Pernambuco; que apasiguou inimidades, fez sumir odios e trouxe ao convivio humano aquelles que eminentes criti-

¹ Vide: — *Vozes Saudosas*, (1.^a Voz); *Vida de Vieira* por Barros (pag. 113 e seguintes); *Memoria historica* pelo Bispo de Vizeu D. F. A. Lobo (pag. 70 da ed. de 1897, da *Rev. Cath.*)

cos do nosso tempo ¹ julgaram inferiores á especie humana! E tudo isto se obteve “sem armas nem despesas.” Digam muito embora, que os Jesuitas *encantavam* os indios para, no fim, lhes arraigar uma passividade cretina e estupidificante... Sim, *encantavam*, não só com o *brilhantismo do culto catholico* —; pobre brilhantismo n'aquellas paragens e n'aquellas condições! — mas com os estímulos e exemplos d'esse amor que os levava a estudar-lhes as linguas, e que os submettia ao martyrio, no cumprimento do mais augusto dever sacerdotal.

No curto periodo de oito annos executava Antonio Vieira, cercado de um restricto numero de homens de primeira plana, uma obra que merece estudo e que se impõe a todos os corações e a todas as intelligencias. Elle não dirigia apenas, tomava tambem parte activa nas entradas ao certão, percorria distancias enormissimas exposto ás intemperies terrestres e maritimas, descalço, ferido, exausto, mas sempre o *Padre Grande* que fazia o assombro do indigena, que o submettia com a oração, com a cruz, com os amplexos dos seus apostolicos braços... ; A conquista pacifica dos Nheengaibas é um d'aquelles factos que mereciam ser escriptos com letras de

¹ Por exemplo: Oliveira Martins no seu livro *O Brazil e as colonias portuguezas*.

diamante em lapides de porphyro! ¹ Só a intima união com Jesus Christo explica este zelo incansavel de salvação das almas, só ella justifica a perseverança que resistiu sempre aos embates formidaveis dos odios dos colonos e da bestialidade dos indigenas.

Em 1656 falleceu D. João iv. A dôr de Vieira, ao perder o seu real amigo, traduz-se na seguinte phrase: "não falo na morte de sua majestade porque ella me tem emmudecido.," Vieira orou com a eloquencia habitual nas exequias do primeiro rei Bragança. Com a morte d'este, recrudêsceram as opposições infames dos colonos. D. Luiza de Gusmão promettia continuar a favorecer as missões e louvava o zelo de Vieira, mas era mulher, e luctava com difficuldades intestinas de familia e com as extranhas de guerra.

A tenacidade de Vieira não arrefeceu no proseguimento da libertação dos indios. Os colonos porém espadanaram iras e atearam as calumnias e perseguições contra os Padres. D. Pedro de Mello tolerou, com mal encoberta satisfação, o novo assalto cannibalesco (maio de 1661) no col-

¹ Com a chegada ao Maranhão do governador D. Pedro de Mello (1658) coincidiu a noticia de guerra contra os Hollandezes. O triumpho obtido exclusivamente por Vieira na missão dos Nheengaibas, evitou a alliança destes com o inimigo.

legio da Companhia. Os Jesuitas fôram presos, maltratados de palavras, e postos sob custodia, durante dois mezes em uma embarcação. ¹

Ao tempo, Vieira não estava presente, mas sabida que foi por elle a deshumana affronta, dirigiu-se ao Pará. Nada conseguiu. ; Repetiram ali mesmo as scenas brutaes do Maranhão, sendo elle preso, com immenso escandalo, e presos os outros Padres, quasi todos enfermos! ; Vieira chegou a passar fome, além de outras necessidades grandes! Os protestos, os esclarecimentos escriptos e falados do grande religioso não fôram ouvidos... Expulsos do Brazil, após uma via dolorosa de mortificações infligidas com permissão da auctoridade, dirigiram-se os Jesuitas a Lisboa, onde chegaram, depois de accidentada viagem, em fins do anno de 1661.

*

Mortos D. João iv e o principe D. Theodosio, um o amigo, outro o amigo e o discipulo de Vieira, não achou este o acolhimento com que o receberiam se não estivesse regendo attribuladamente o governo da nação uma senhora, embora affeiçãoada ao grande Jesuita. Em dia de Reis do

¹ Barros. *Vida de Vieira*, pag. 193 e seguintes.

novo anno (6-1-96), orou elle na capella real, perante a regente e a côrte. Foi escutado com a anciedade do costume, mas d'esta vez subiu de ponto a eloquencia, animada pela indignação que os factos do Brazil haviam provocado. Sensibilizou os ouvintes e em especial a Rainha. Esta nomeou logo novo governador, recommendando-lhe os indigenas.

Ao mesmo tempo as circumstancias politicas que a nação atravessava eram das mais graves. Sobretudo o herdeiro da corôa poucas esperanças fornecia; a sua vida escandalosa de moço perverso fazia desviar todas as vistas para seu irmão D. Pedro. No entanto, empregaram-se muitos esforços para trazer á ordem o Principe. Mostrou-se elle refractario.

O Padre Vieira, como antigo conselheiro, não deixou de ser consultado sobre a attitude a tomar sobre as exigencias de governo que D. Affonso fazia sem que se mostrasse digno d'elle. Quando foram presos os irmãos Contis, reles favoritos de D. Affonso, leu-se-lhe a este um papel cuja redacção pertence a Antonio Vieira. Afinal, o governo foi entregue ao herdeiro de D. João iv. Os desfavoraveis ao novo governo foram desde logo desterrados. O duque de Cadaval para Almeida, o conde de Soure, o de Pombeiro, o monteiro-mór e Pedro Vieira da Silva para logares distanciados 50 leguas da côrte, e o Padre Vieira para o seu collegio do Porto, parecendo que havia desejos de

o fazer ir para mais longe ainda: Africa, India, ou Brazil. ¹

Carteou-se durante a época do exilio, frequentemente, com o marquez de Gouveia e com D. Rodrigo de Menezes. Esta correspondência é de alto valor biographico e litterario. Antonio Vieira tratava com intimidade a D. Rodrigo e parece que entre elles havia affinidade grande de ideias e de gostos. Occupavam-se ambos de coisas politicas, em particular ligadas a prophcias, etc.

!Notavel coisa é que hajam de ser sujeitos os maiores genios a abraçar tenazmente os prejuizos desprezíveis, por mesquinhos, da época em que vivem, para que (muito embora ultrapassem as raias do commum) n'isso se confundam com os demais homens, mostrando que o são. Foi d'est'arte que aquelle espirito tão remontado de Vieira se deixou embaír dos preconceitos dos cometas e desceu a acreditar nas prophcias de Bandarra e outros, então em voga em todas as classes sociaes.

O Padre Vieira andava compondo um trabalho em que o auxiliava com esclarecimentos e opusculos de prophcias, o seu amigo D. Rodrigo de Menezes. Anteriormente compozera o escripto epi-graphado *Esperanças de Portugal, Quinto Imperio do Mundo*. Este foi denunciado ao Santo Officio

¹ Cartas XVIII e XXIV do tomº I.

(1663). Em Lisboa e Roma foi ponderadamente examinado, encontrando-se-lhe proposições dignas de censura, pelo seu arrojo. Citaram-se também erros oralmente expressos. O processo foi demorado e longo pelas doenças graves de Vieira e pelos embargos escriptos que o seu talento arguciosissimo dictava. Entretanto, não se mostrava vencido nem occultava na sua correspondencia as opiniões anteriores ou semelhantes.

Em 1665 (outubro) o Santo Officio deliberou enclausural-o, em virtude da gravidade das erroneas doutrinas que motivaram o processo. Prolongou-se a clausura até 1667 (23 de dezembro). Ao cabo de tanto tempo, Alexandre VII confirmou as deliberações do Santo Officio e lavrou-se a sentença que o privava *para sempre de voz activa e passiva e do poder de prégar*, mandando-o ficar *recluso no Collegio ou Casa de sua Religião* determinada pelo Santo Officio, etc. Vieira submetteu-se, resignado, á confirmação pontifical. Mandou-o o Tribunal residir para Pedroso a desoito leguas de Coimbra, na estrada do Porto. Antes, porém, d'isto se effectuar foi-lhe commutada a residencia na da Cotovia de Lisboa e, seis mezes depois, dispensado do cumprimento do mais da sentença. A severidade d'esta e a perseverança na perseguição tinham seu fundamento não só nas emulações do talento como, e sobretudo, em razão de ordem politica. O braço secular pesava, por sem duvida, sobre as decisões da Inquisição.

Parece demonstral-o a desistencia de D. Affonso que resignou o governo (23-11-1667), facto que, dando-se precisamente um mez antes de sentenciado Vieira, veio talvez a influir muito na modificação da sentença que não pôde evitar. Os proprios inquisidores cumprimentaram affectuosamente Vieira, tanto em Coimbra como em Lisboa, e de muitos outros personagens importantes “foi tratado com attenção muito distincta.” ¹

As opposições dos politicos de D. Affonso contrapunham-se agora as considerações da côrte do regente D. Pedro.

As maguas de Vieira foram grandes pelo vexame de que foi victima. A sua correspondencia com o duque de Cadaval retrata bem o estado da sua alma. ²

Todavia, o egregio orador voltou ao pulpito bastantes vezes com o mesmo alento e a mesma superioridade, no anno de 1669. A 30 de julho “coroou os seus trabalhos conciniatorios d’este anno em Portugal com o sermão de Santo Ignacio, já na egreja de Santo Antão. O concurso de ouvintes n’este ultimo foi estupendo e de todos elles recolheu Vieira credits que renovaram os

¹ *Memoria hist. e crit. acerca do Padre Antonio Vieira, etc.*, pelo Bispo de Vizeu, D. F. Alex. Lobo, ed. da *Revista Catholica* (1897), pag. 92.

² Cartas LI, LII e LV do tomo II.

antigos e que poderiam apagar a nodoa originada da sentença, no conceito de todos que não fôsem por emulação ou por outros respeitos seus obstinados inimigos.,¹

No entanto as maguas permaneciam latentes. Parece que na côrte de D. Pedro, comquanto o venerassem, não lhe prestavam o culto que D. João iv lhe rendera. Todo um conjuncto de desagradaveis circumstancias confrangeu de tal modo o seu sensível coração, que empenhou esforços para sair do reino. Os motivos pretextados allegal-os-emos ao diante, assim como os que supponmos reaes, além dos referidos dissabores.

D. Pedro deu a Antonio Vieira cartas de recommendação para João Roxas de Azevedo, seu ministro em Roma, desejando que o tratassem com tal confiança e obsequio que por elles se aquilatassem a *estimação* que fazia de sua pessoa.

*

Era dia 15 de agosto de 1669 quando levantou ferro de Lisboa o navio em que embarcou Vieira. Como marinheiro pratico do Mediterraneo, partir o mesmo foi que continuar a sua Illiada de tormentas.

¹ *Memoria hist. e crit., etc.*, pelo Bispo de Vizeu, D. F. Alex. Lobo, ed. da *Revista Catholica* (1897), pag. 96.

Após tel-o assaltado um valente temporal que forçou a nau a arribar em Alicante, levantou-se pelo termo da viagem, outro, que a impelliu a procurar abrigo e fundear no porto de Marselha.

Havia travado conhecimento com o Grão Duque da Toscana, em Lisboa, e foi caso que tinha este chegado áquella cidade no mesmo dia. Visitou-o Vieira, e a boa sombra com que foi recebido, mais indica confiança de amigo, que diplomaticos cumprimentos. Entabolada conversa, tocaram na conveniencia da união do porto de Lisboa ao de Leorne (*Livorno*) o que se referia ao casamento do Duque com a Infanta havia pouco nascida, negocio que trataram depois em amavel correspondencia. Ao que parece, Vieira empenhava-se n'este enlace que julgava de grande alcance para Portugal, mas que não surtiu effeito e se desvaneceu por recusa do Duque. ¹ Certo, porém, que era devido ao seu fino trato a incumbencia para taes negocios que não indicam á simples vista no Jesuita um mero agente de causas matrimoniaes, dando assim aso (visto como alguns criticos teem pretendido enxergar n'elles um jogo da Companhia) á contestabilidade do seu amor patrio e á affirmacão de seus planos machiavelicos.

¹ *Papel em resposta ao Principe D. Pedro...* tomo III, pag. 238. Resposta do Grão Duque da Toscana. Idem, pag. 237.

Seja, porém, como quer que fôr, Vieira ainda ia encarregado de procurar casamento para o duque de Cadaval, o que não succederia se este não depositasse no seu character a maxima confiança, para taes fins exigida. É sobre o assumpto que se carteia com o duque, logo entrado em Roma.

Ao chegar lá (21 de novembro) foi recebido pelos seus consocios com inequivocas provas de distincção e affecto, pouco vulgares n'uma religião como a Companhia, em que os grandes e os pequenos talentos, aferidos na bitola da mesma regra, se equiparam perante o seu rigor. Nem menos lisonjeiro e honroso foi o modo por que o recebeu o Geral João Paulo Oliva,¹ ao tempo considerado como o maior prégador italiano, e que mais tarde imprimiu, juntamente com os seus, um sermão d'elle (o de *Santo Estanislau*), para que o seu panegyrico *servisse de sombra á estimada pintura do Padre Antonio Vieira*.²

Passado um mez, escreveu á rainha de Inglaterra, D. Catharina, filha de D. João iv e mulher de Carlos II. Vieira mostrou sempre por esta soberana, talvez por ser da stirpe dos Braganças, de quem possuia tão gratas recordações, uma af-

¹ João Paulo Oliva, n. em Genova em 1600 e m. em Roma em 1681. Publicaram-se d'elle, *Cartas e Sermões*.

² Carta xxxii, tomo III.

feição extrema, e não acha outrem a quem se queixar de tão mal compensados e mal pagos serem seus serviços, a ponto de nem uma carta de recommendação para o embaixador poder obter. Mais tarde, porém, retirou-lhe a rainha toda a privança, por Vieira ter defendido o direito de D. Pedro contra o de D. Affonso vi. ¹

O clima pouco sadio de Roma, ao envez do da sua estremecida Bahia, acarretou sobre o seu corpo já doente alguns achaques, que se tornaram tão renitentes que nem os mesmos ares de Albanio, a Cintra da aristocracia romana, se compadeceram com elles. Mas, tirante os periodos da doença, a sua actividade achava-se sempre prompta, e, sem embargo, a fama que costuma prece-der os grandes homens, foi abrindo caminho para uma sequencia de triumphos.

A colonia portugueza em Roma topou occasião asada de pôr em evidencia o talento pujante do seu compatriota. Convidaram-no a prégar: accedeu. Em 1670 prégoz os sermões do Mandato e o de Santo Antonio, e em 1672 e 1673 respectivamente os dois sermões de quarta-feira de Cinzas, se ha que fiar nas datas que os precedem. De algum colorido poetico, e apesar de gafados do virus seiscentista, são todavia os sermões prégados em Roma, os que menos trescalam

¹ Carta LXXIII, idem.

ao gosto depravado da época, o que mostra a superioridade accomodaticia de Vieira, pois que a Italia salvára-se quasi limpa d'aquella lepra, e que se elle condescendeu com o vicio, não era por não ter coragem de se lhe furtar.

Mas qual fôsse o desempenho e o exito das primeiras tentativas, dil-o o successo, porque os proprios italianos o quizeram ouvir na sua lingua. O arriscado da empresa podêmos medil-o na recusa que fez do convite, até que rogado, instado, e afinal obrigado pelo Geral, teve de ceder. O sermão com que abriu a serie dos discursos italianos, é o das Chagas de S. Francisco. Com tanto ou tão pouco gosto o escutaram e despertou tal enthusiasmo, que logo ali lhe encommendaram outros. ¹

Não é crível nem verosimil que, sendo um talento como era e tão afamado, Vieira se apresentasse em publico com um discurso impuro na dicção ou na linguagem. Havemos nós de ter o seu testemunho mais por prova de modestia que por confissão de insciencia e impericia d'aquelle idioma. Que a pronuncia destoasse um tanto ou quanto da cadencia musical italiana, damos de barato, porque nunca se destroem absolutamente as entoações phoneticas nativas ou as inflexões da pronuncia patria; o resto não. Quando menos,

¹ Carta xxvii, tomo III.

têl-o-ia demovido da temeridade a honra e o brio da firma.

A doença que o prostrára fez com que não prérgasse outro sermão de *Santo Antonio*, continuação do primeiro, e o Padre, attribuindo o juízo aos revisores, diz que estes tinham julgado ser o dito sermão allegoria das ingratidões da patria para comsigo. E assim parece, pois o que acrescenta logo em seguida, mostra que se não fôra esse seu intento, tambem não repellia a supposição como impropria, além de que escrevia d'ahi a tempo: *Se hoje fosse vivo o sr. marquez de Gouveia, pôde ser que não impedíra o sermão das ingratidões, em que tomo por exemplar Santo Antonio.* ¹ Mais que razões tinha para o fazer, e só essas lhe relevaram a imprudencia.

Christina, rainha da Suecia, filha de Gustavo Adolpho, era uma apaixonada das letras, e durante o seu governo fôra um Mecenas femenino. Convertendo-se ao catholicismo, abdicou tambem a corôa e veio residir para Roma, de após uma serie de factos mais ou menos historicos, mais ou menos tragicos e imputaveis. Como mulher de bom gosto e intelligente, quiz ouvir tão abalisado genio, e para logo mostrou summo empenho de nomeal-o seu prérgador. Este, porém, pospondo ephemeros titulos a melindrar o Principe, soube

¹ Carta xxxii, tomo II. — Carta lxi, tomo III.

declinar, sem desagradecer, o offerecimento, mas não pôde esquivar-se ao ministerio sagrado. Foi ahi pela quaresma de 1674 que prégou as *Cinco pedras da funda de David*, e por julho o sermão das *Cadeias de S. Pedro*.

Havia no palacio da rainha uma academia litteraria, cujos membros eram os proprios cardeaes e outras pessoas nobres pelo talento ou pelo sangue. Aqui se deu um dia o celebre certamen entre o italiano Jeronymo Cataneo e o Padre Vieira, seu consocio, sobre o thema proposto: *qual dos dois philosophos tinha mais razão, se Heraclito, que de tudo chorava, se Democrito, que de tudo ria*. Optou Vieira pela primeira parte, e de tal fórma philosophou, argumentou e concluiu, que o seu contendor se viu forçado a metter na bainha a espada ingloria da logica, confessando-se vencido. Se, porém, essas academias houveram de ser, como nos seculos posteriores, os templos immunes das lettras, não o fôram, e o diluvio do *conceitismo* ou *cultismo* não se teve que as não afundasse. E assim este papel, que, avaliado pelo thermometro d'um gosto corrompido, despertou no momento da recitação bastante interesse, hoje, bem espremido, só deita paradoxos e subtilezas, arreitados com sophismas abstrusos.

Entrou o anno de 1675 com novas enfermidades, que, conjunctas á velhice e em cima a quéda por uma escada, muito lhe transtornaram a saude. Não obstante, em fevereiro ainda subiu

ao pulpito com o sermão de Santo Estanislau Kostka. Tal foi em Roma, além do que agora diremos, o decurso da sua permanencia n'aquella cidade. A correspondencia expedida e datada d'ali é fertil em apontamentos autobiographicos, e n'ella transluz em cada passo um desprendimento evangelico, uma desambição contente e um desassombro aberto e franco. Como superior espirito que era e de arguta intuição, a sua penna, quando stigmatizava os vicios dos seus contemporaneos, que não poupava, por mais eminentes, transformava-se n'um acerado estilete de ironia. Tratou por meio da penna diversos negócios, desendividou-se de particulares obrigações, acompanhou a politica interna e externa, e bastas vezes attendeu á honra da patria. A mais assidua correspondencia, que durante este periodo entreteve, foi com Duarte Ribeiro de Macedo, com o marquez de Gouveia e com D. Rodrigo de Menezes.

Tendo nós attingido este ponto, vem a pello uma pergunta: ¿Qual o fim da sua viagem a Roma? De um momento para outro encontramos Vieira largando de Lisboa em direcção á capital do mundo catholico...

Não soffre duvida que um dos motivos era a canonisação dos quarenta martyres jesuitas que se dirigiam ás missões do Brazil sob a direcção do Padre Ignacio de Azevedo. Navegando defronte da ilha de Palma, caíram nas mãos de um ferrenho calvinista, cujo fanatismo não con-

seguindo arrancar-lhes uma imagem da Virgem e fazêl-os apostatar, os trucidou barbaramente e lançou ás ondas, onde se viu boiar o corpo do beato Ignacio com a imagem tão apertada ao peito, que os algozes não tiveram força de despegal-a, mesmo depois d'elle morto. D'ahi a sessenta annos, intentou-se o processo da canonisação que o Padre ia promover. O seu biographo diz-nos tambem que fôra a mudança d'ares, o que parece pouco provavel, em vista da insalubridade do clima romano. Um agrupamento de factos e circumstancias ponderaveis tende todavia a delatar outro fim de não somenos importancia, e que estes encobriam.

E' certo que Vieira, de tempos a tempos, se refere a uns negocios que chama seus, e estes com fundamento podemos conjecturar que eram a revogação da sentença inquisitorial, que só trouxe modificada em parte. Porque, para a Paschoa de 1671, como esperasse terminar a canonisação, *entraria em consulta com a sua vida esperando a resolução do que tinha o logar de Deus.* ¹ Ora dois annos antes pedia uma carta do Príncipe para o embaixador, em que mandasse dizer que, além do negocio da canonisação, tinha outro que lhe communicaria. ² ¿E que outro negocio de-

¹ Carta LXXXV, tomo I. — Cartas LIX e LXVII, tomo II.

² Carta LIX, tomo II.

mandava mais insistencia, havia de ter mais contrariedades e havia de ser mais debatido que o do seu processo inquisitorial? ¿Não tinha elle tão grande importancia e não necessitava de tão altas intervenções, como aquellas que impetrava?

Mas ainda que assim não fôsse, é de presumir que já para lá ia disposto pelo tratar. Realmente, Vieira conseguiu o que muitos nem tentaram pedir; e, se não tanto como desejava, isso só abona o poder de semelhante tribunal. Não obteve a revogação da sentença, mas a isenção da auctoridade do Santo Officio de Portugal, que Clemente x lhe veio a conceder em 1675, com grandes encomios.

O inclito Jesuita, porém, ou pela saude ou por outro motivo, *apesar das ingratidões*, sempre ia mostrando desejos de regressar á patria, desejos que aliás D. Pedro secundou, e em 1675 encontramol-o já gosando da real privança. N'este anno deu parecer sobre o casamento da Princeza D. Isabel com o duque de Saboya, que este desmanchou com frivolos pretextos, o que para o nosso orgulho foi uma humilhação. Em Lisboa foi um dos cinco consultores nomeados pelo Geral.

Os annos subsequentes transcorreram sem successo importante, e aqui começou de ordenar alguns borrões, e, por intermedio do Padre Gaspar Ribeiro, entrou de contractar sobre a sua estam-

pa, que se effeituou a troco de alguns exemplares. ¹

Na fachada da *Historia de S. Domingos* de Fr. Luiz de Sousa depara-se-nos um juizo critico do Padre Vieira, feito por estes tempos. ²

Em 1679 viu a luz o primeiro tomo dos sermões, com uma dedicatoria ao Principe e uma especie de prefacio, em que o orador expõe as razões da sua publicação, os motivos por que vinham a esmo, varre a testada de muitos que andavam impressos em linguas extranhas com o seu nome, e promette afastar-se do *estyllo culto*.

Antes dos seus sermões se publicarem em vernaculo, tinha Vieira desejado que se publicassem em hespanhol; mas nenhuma das traducções o haviam satisfeito, vendo-se afinal obrigado a pedir a Duarte Ribeiro de Macedo ³ que tomasse sobre si o trabalho de revê-las e corrigil-as. ⁴

Em principios d'este anno havia recebido con-

¹ Cartas XLVI e seg., tomo III.

² *H. de S. Domingos*, tomo III, licenças.

³ Duarte Ribeiro de Macedo, cavalleiro de Christo, doutor em direito, desenbargador, conselheiro da Fazenda, secretario da embaixada a França em 1659, ministro enviado á mesma côrte e a Hespanha. Nasceu em Lisboa em 1618 e morreu em Alicante. Escreveu varias obras, d'entre as quaes avulta a *Vida da Imperatriz Theodora*.

⁴ Carta a D. R. de Macedo (23-5-1679).

vite do Geral para voltar a Roma como confessor da rainha de Suecia, o que recusou, allegando incapacidade não só physica, mas intellectual e moral. Precisava de descanso para o corpo e allivio para o espirito. Determinou-se, pois, consigo e os medicos lhe ordenaram, passar á America, cujo clima porventura lhe seria mais propicio e benigno. No mesmo anno de 1679 escrevia ao Geral pedindo licença para se retirar, e em 1681 despediu-se d'elle nos respeitosos termos que lhe inspiravam a gratidão dos favores e as provas de distincção com que sempre o tratára. Mesmo cache-tico, não se demittia de ir ás missões do Brazil, como manifestava. Dado, porém, e não concedido, ¹ que não fôsse esta a sua tenção ou ao menos a sua vontade, partido para a Bahia (27-2-1681), durante a viagem certo que o seu zêlo não ficou quêdo, entregando-se, como deixamos referido, ou á prégação, ou ao catecismo, ou á pratica de outros piedosos misteres de caridade e misericórdia. ² Logo que pôz pé em terra, o receberam como de costume. Em seguida, com seu intimo amigo e inseparavel companheiro, o Padre José Soares, se retirou a uma casa de campo do collegio, chamada a "Quinta do Tanque,, , *tratando-*

¹ Vide F. A. Lobo. *Memoria hist. e critica ácerca do P. A. Vieira.*

² Barros. *Vida de Vieira*, pag. 270.

se em tudo como morto e sepultado. ¹ Assim se desenvencillhou da politica activa, sem ter recebido um ceutil, e, muito pelo contrario, carregado de desgostos e trabalhos. Não admira. Tambem o Jesuita Neidhard, contemporaneo de Vieira, e que, sob a regencia de D. Maria Anna de Austria, prestára relevantes serviços, ao ser expulso de Hespanha, dizia: *que viera contente por ter saído nú do lugar para onde entrára nú.* Eis os manejos da Sociedade de quem eram filhos, e que por tal guisa se punham a descoberto. ;Que jogo tão infeliz! ²

Foi aqui, no remanso e no silencio, que começou a linhar, polir e dar a ultima demão aos sermões, para remettêl-os ao prélo. ³ A oração era a chave que lhe abria as mais intrincadas difficuldades, e o crucifixo era o livro onde lia os mais elevados conceitos, assim que, durante o trabalho e a espaços, costumava orar e consultar aquelle Supremo Oraculo. ⁴ Todavia, a este homem extraordinario, que consumiu uma vida toda inteira ao serviço da patria, que passára cinco annos nas aldeias da Bahia e Gran-Pará, nove nas gentilidades do Maranhão, e que em distancia de mais de trezentas leguas edificára dezeseis egrejas, con-

¹ Carta LVI, tomo III.

² Dr. Theophilo Braga.

³ *Hist. Univ.* de Cesar Cantú, tomo x, pag. 325.

⁴ Barros. *Vida de Vieira*, pag. 272.

vertêra um sem numero de gentios á fé e reduzi-
ra subditos a Portugal, ¹ não se tinham as even-
tualidades contentado de o deitar para ali como
bordão sem prestimo; mas os desgostos e as af-
frontas, transpondo os claustros, lá o fôram ator-
mentar. Ao passo que na Universidade do Mexico
lhe dedicavam umas theses, mandando-as impri-
mir com o seu retrato, em Coimbra, na Univer-
sidade que illustrára com um dos seus mais bellos
discursos (o de Santa Catharina), ultrajava-se a
sua effigie, que foi reduzida a cinzas em auto de
fé. ² A justiça da primeira nem por sombras con-
trapezava a affronta da segunda, além de que o
facto não se póde interpretar a outro geito senão
como uma rematada traição, de sorte que, se
Vieira deixava seccar aquellas palmas, pelo ne-
nhum caso que d'ellas fazia, a injuria é que elle
digeria com magua.

A 23-7-1682 mandou o volume terceiro dos
sermões (o segundo foi publicado tambem n'este
anno) com uma carta para o marquez mordomo-
mór, em que diz que o da 4.^a dom. da Quaresma
é allegoria muito natural da sua ultima ausen-
cia. ³ O texto é: *Fugit iterum in montem ipse
solus.*

¹ Carta LXXII, tomo II.

² Carta LIX, tomo III.

³ Carta LXXXII, tomo II.

Correspondeu-se muitas vezes com o duque de Cadaval, mas ácerca de assumptos de menor interesse; com o Nuncio, com o Arcebispo da Bahia e o conego Francisco Barreto. A este remetteu (23-6-1683) o tomo quarto e uma carta referindo-se aos sermões n'elle encerrados e a alguns do tomo anterior, como por ex. ao da 3.^a quarta-feira da Quaresma, ao do *Convite* e ao do *Bom Ladrão*, que chama o seu *mimoso*. N'aquelle primeiro é notavel o desassombro com que Vieira escorraça os vicios da cõrte sem contemplação nenhuma, profligando até os proprios aulicos. Vieira, quando subia ao pulpito, não se lhe dava despir a chlamyde da doçura e empunhar, fõsse para quem fõsse, o tagante com que açoitava grandes e pequenos. O primeiro sermão do tomo quarto, além de outros a que allude, é digno de lêr-se, como o auctor o pede, pela momentosa doutrina e pela proficiencia com que é tratada. ¹

N'este anno de 1683 outros desgostos o acabrunharam. Perpetrára-se n'uma certa occasião o assassinato de um valído do governador, que era homem de depravada consciencia. Acolheu-se o assassino ao collegio, e, por isso, attribuindo o crime a suggestões jesuiticas, prenderam a Bernardo Vieira Ravasco, accusando-se o Padre Vieira, seu irmão, de connivencia no attentado. Foi o

¹ Carta LIX, tomo III.

Padre ao outro dia á presença do tal governador pedir justiça; mas este, invertendo os papeis, rompeu em descompôr o venerando ancião com dislates de alto calibre. D'esta maneira viu que só na metropole podia liquidar a verdade dos factos, pelo que enviou seu sobrinho Gonçalo Vieira. E' de notar que na mesma frota vinham tambem os inqueritos e as queixas do governador. O Principe, porém, tão impressionado e crente com a leitura ficou que, ao approximar-se de seus pés o supplicante, disse: *Que estava muito mal com seu tio Antonio Vieira, porque descompozera o governador.* E' isto o que se depreheende das cartas escriptas agora e nos annos posteriores ao duque de Cadaval ¹ e ao marquez mordomo-mór, ² nas quaes pormenorisa o facto, e de outras. Mas tendo por mais consentaneo dos grandes corações o perdão que a desforra e a vingança, dizia que a todos perdoava da alma. ³

Em 1684 fundeava na Bahia um navio da frota do reino, onde ia seu sobrinho e para novo governador, porque o outro fôra suspenso antes do triennio, o marquez das Minas D. Antonio Tello de Menezes, amigo do Padre, a quem logo visitou. Apenas a Vieira constou aquella resposta do rei,

¹ Cartas LXXXV e XCH, tomo III.

² Cartas LXXXVIII e XCIV, idem.

³ Carta xc, idem.

foi o sufficiente para a sua susceptibilidade se offender tanto, que caíu de cama com febres tão vehementes, que o iam victimando. Entretanto notificou-se a morte da rainha D. Maria Francisca de Saboya. Como o governador planeasse pomposas exequias, convidou o grande e encendrado orador a recitar o discurso funebre, de que elle, fechando os olhos a tamanhos desgostos, não sem difficuldade, por estar enfermo, sem dentes e sem voz, se incumbiu, chegando a recital-o quasi convalescente.

Da capitania da frota desembarcou d'ahi a dias um syndicante, que deu comêço ao inquerito. Sem embargo de na primeira devassa se provar a sua inculpabilidade e a de seu irmão, na segunda, em que a venalidade tomou o lugar da justiça, saíram convictos de crime e pronunciados. Os bens de Bernardo Vieira fôram sequestrados, e elle recolheu-se a um convento; seu filho, não obstante carta de el-rei em contrario, foi preso, e o Padre Vieira mandado *castigar pelos seus superiores, que, como testemunhas da sua innocencia e da de seus parentes, não lhes permittiu a consciencia serem executores do que não permite a justiça.*¹

Sempre que escrevia aos seus amigos, Vieira havia de lançar á conta dos cometas as calami-

¹ Carta xcviII, tomo III.

dades e desgraças, e chegou o seu arrojo a tanto, que esteve condemnado de réo de inconfidencia, escapando por haver passado ao Brazil. Este periodo resente-se sobremodo de taes preconceitos e interpretações, talvez adivinhações. ¹ Mas acima de tudo e por prova de tudo, está o que, mais tarde, em 1695, succedeu. O Padre Vieira parecia que herdára costella de egypcio, e a sua intelligencia, de seu natural propensa a voar para as espheras do abstracto, como apparecesse um desmesurado cometa caudato, encontrou pabulo para bellas especulações. N'estas circumstancias escreveu a *Voz de Deus ao mundo, a Portugal e á Bahia*, que, se considerada em absoluto, não passa de simplesmente extravagante, nos seus visos é louvavel, ou quando menos desculpavel. ² Entrára já o anno de 1686 quando, por remate de tudo, surgiu a peste da *bicha* na Bahia. Os padres Jesuitas, nunca desmentindo o titulo de apóstolos da caridade, serviam dia e noite e assistiam á cabeceira dos empestados, com uma abnegação e carinho sem par. A terrivel contágio não os poupou, porque de mais de cem, todos fôram atacados, e alguns perigosamente, escapando apenas quatro. Dois d'estes fôram o Padre Vieira e o seu companheiro, afdigados com os sermões do rosario, ao que attri-

¹ Cartas xcii, xciv e xcv, tomo III.

² Barros. *Vida de Vieira*, pag. 301.

buiram passarem indemnes. ¹ Como cessasse a peste por volta de 1687, tornou-se á syndicancia definitiva. Mas agora acabaram todos por reconhecer que a innocencia sobrenadava á tona da verdade, que obstinadamente não tinham querido reconhecer. ²

Não obstante a sua caducidade, em 1688 foi nomeado visitador geral, com a condicção de não sair da Bahia, em deferencia aos seus annos. ³ Em maio, pouco mais ou menos, veio para o collegio, principiando em especial a dirigir e olhar pelas missões. Sublevou-se, porém, o povo e não só correu com os missionarios mas com os outros ministros seculares. Houve-se por mais avisado participar ao rei, o qual ordenou que voltassem os padres ás missões e muitos mais que os que d'antes tinham ido. Não podia isto ir avante porque escasseiavam os meios de conducção e a fazenda pobre e exausta, como estava, não os podia fornecer. N'estes apuros uma ideia occorreu a Vieira. Vae, pega da prata da sacristia e manda empenhal-a, conseguindo assim os meios de transporte. Ao saber do successo o governador, admirando n'elle a coragem do seu zelo e o zelo da sua coragem, fez com que se arranjassem dois mil cruzados que cobriram as despesas; Do

¹ Carta cv, tomo II.

² Barros. *Vida de Vieira*, pag. 283.

³ Carta cxiii, tomo II.

modo como se houve n'este officio é de prevêr pelas optimas partes que n'elle admiramos! A 18-8-88 escreveu ao Conde da Ericeira a proposito da *Historia de Portugal Restaurado* que este publicára e em que o louvara com descredito ou o desacreditava com louvores, ² pondo em relevo os seus dotes oratorios mas tratando por somenos as suas embaixadas e aptidões diplomaticas sob o euphemismo de *subtilezas*. ³ Depois d'esta como se depreheende do seu theor, embora não traga data, escreveu a outra que atraz quasi transcrevemos na integra. É uma apologia vigorosa e eloquente em que se defende com modestia mas lucha com heroismo. Sabe salientar os seus serviços, mas sabe tambem fazel-o sem aquelle tique de autocracia que se narciza em si propria. ⁴

Veio 1680 acompanhado dos chronicos achaques. O nascimento do Principe D. João levou-o ao pulpito, bem como a sua morte prematura. O Padre pozera-se a interpretar, a dobrar e a contorcer a seu talante os textos para applical-os ao recém-nascido como successor infallivel do throno e n'isto se resume "A palavra de Deus empenhada,,. Eis que d'ahi a pouco começavam a esboroar-se aquelles castellos no ar. Morre o

¹ Barros. *Vida de Vieira*, pag. 286.

² Carta cxii, tomo II.

³ *Historia de Portugal Restaurado*, pag. 633.

⁴ Carta cxviii, tomo II.

Príncipe. Vieira viu-se então na necessidade de fazer um discurso apologetico offerecido secretamente á rainha e que epigraphou “Palavra do Prégador empenhada e defendida„. ¹

Ia sempre continuando a tarefa da revisão dos sermões sem dar de mão a outros encargos e no anno seguinte (1690) veio o sexto tomo para saír á luz. No decurso d’este anno nada de notavel. Carteou-se com o Inquisidor Geral, com o Duque de Cadaval e com o seu secretario, com D. Christovam de Almada, com o marquez de Alegrete, com Diogo Marchão Themudo e com o conego Francisco Barreto. ² Já Vieira entrára a traduzir as “*Cinco pedras da funda de David*„ quando, sabendo que este ultimo as estava traduzindo e, ao parecer, vendo a traducção a achou tão correcta que logo *levantou a penna do papel e a lançou da mão*. O auctor da *Bibliotheca Lusitana* dá a versão como do conde da Ericeira, ³ e o Bispo de Vizeu tambem; todavia, julgamos não ser d’elle mas sim do conego, opinião se é que não ha certeza, que adoptou o P. Honorati. ⁴ A linguagem, apezar de não ser de Vieira, é battida pelo seu cunho, e o mesmo é que ter foros de vieirense.

¹ Carta CXIV—CXVII, tomo II.

² Cartas LXI, tomo III — CXXXIX e CXL, tomo II.

³ *Biblot. Lusitana*—artigo Antonio Vieira.

⁴ *Chrysosthomo portuguez*, tomo IV — pag. 582.

Suspirando por 1691, logo que elle assomou, demittiu-se do cargo de visitador e foi para a Quinta do Tanque. O amor da patria que estuava em seu peito, de vez em quando rompia aquellas solidões para vir desabafar cá fóra. Escreveu a Francisco de Brito ¹ e com profunda intuição temia que ao reino faltasse *a melhor joia que tinha fóra das correntes do Tejo*. ² E com effeito a pessima administração deu aso ao que d'ahi a um seculo se observou com bastante pena nossa. A revolta de Palmares e a do Maranhão preludia-vam os acontecimentos que ao depois haviam de reagir com exito. Aos demais correspondentes e amigos escreve dando noticias do mercado, em que o valor da moeda tinha baixado, do fallecimento do bispo e de oito religiosos do collegio e remette o nono volume dos sermões. ³

Penitenciando-se do seu amor á patria e dos cuidados pelo mundo que só lhe carream des-

¹ Francisco de Brito Freire, capitão de cavallaria, governador da Praça de Jorumenha no Alemtejo e por duas vezes almirante da armada portugueza no Brazil: foi nomeado para conduzir D. Affonso vi para a Terceira, mas recusou encarregar-se de tal. Foi natural da villa de Coruche e morreu em Lisboa a 8 de nov. de 1692 com mais de 70 annos de idade.

² Carta cxxv, tomo II.

³ Cart. cxxvi e seg., tomo II. O 5.º tomo designava Vieira como o setimo e o nono e decimo são agora o setimo e oitavo (D. Franc. A. Lobo).

gostos estava sempre o seu magnanimo coração, mas nunca poudo acabar comsigo a emendar-se de todo. O seu espirito vivido e subtil não ex-cogitava meio de parar d'aquella actuosidade ex-cepçional. Claro que o descimento do valor mo-netario occasionava graves transtornos, e, sobre isso, o Brazil com uma terra ainda virgem, não consumia nem exportava nenhum, preferindo os negociantes mandar dinheiro que não passava pela fieira dos direitos. Este assumpto trata Vieira com uma opinião pessoal ao Conde de Castello Melhor e ao Duque de Cadaval. ¹ Não sabemos se por opinião sua, se por motivo alheio, em 1694 se cunhou moeda especial para o Brazil consoante a ideia que elle expendia.

A Francisco Barreto fala ácerca da traducção e toca o mesmo ponto na carta a D. M. The-mudo. ²

Mas vendo que á morte já custava adiar o golpe resolveu despedir-se dos seus amigos, e não podendo fazel-o nomeadamente a, cada um, dirigiu-se-lhes por uma carta circular escripta com as lagrimas da amisade e mais com o coração no Céu. ³ A poucos particulares desde então tor-nou a escrever. Ao duque de Cadaval ainda fala

¹ Cartas cxxxv, tomo II—Lxxxv, tomo III.

² Carta cxxxx, tomo II.

³ Carta cxxxxii, tomo II (Vae transcripta no pre-sente volume).

n'um parecer que déra sobre o modo de administrar os indios. A este proposito diremos que o futuro não condisse com a esperança nem com a opinião porque o descobrimento das minas, que julgava phantastico, por impossivel, veio seduzir a cubiça dos naturaes, coisa que para Vieira tinha sido inverosimil. ¹ Sem embargo da resposta de quasi todos a quem enviára circular só tornou a escrever ao Padre Balthasar Duarte, ao duque de Cadaval e á rainha da Inglaterra então em Lisboa, ² porque caíra com tamanha fatalidade que com uma ferida na cabeça e ambas as duas mãos estropeadas, só milagrosamente escapára.

Mas se nos annos precedentes as enfermidades quasi lhe não afrouxavam a actividade, em julho de 1696 é que já se viu forçado a deixar a Quinta do Tanque e vir para o collegio. Vieira conhecia perfeitamente que se avisinhava o termo da sua existencia. N'este anno ainda compoz dois sermões, um em acção de graças pelo nascimento do infante D. Antonio e o panegyrico de S. Francisco Xavier. Fôram-se-lhe pouco a pouco apagando os sentidos da vista e da audição e as dôres eram acutissimas. ³ No entanto, aquelle sol-

¹ Carta cxxxxi, tomo II.

² Carta cxxxv, tomo II — LXXXVII, tomo III — LXXXII, tomo III.

³ Barros — *Vida de Vieira*, pag. 303 e 304.

dato veterano queria mostrar que até aos ultimos alentos conservava o vigor da sua privilegiada intelligencia. D'esta maneira ainda trabalhava, ainda dictava, joeirava e punha por ordem os seus manuscriptos. Incompleta ficou uma obra, sobre a qual ainda se não fez ponderado juizo: a *Clavis Prophetarum*, cuja fama é europeia e em que trabalhou até os ultimos dias. Isto, porém, não era mais que o clarão repentino, embora brilhante, da luz que se extingue. Finalmente, mezes antes da morte teve de deixar a missa, mas assistia a ella e commungava. Entrou ao depois a passar quasi sem dormir noites consecutivas, sem tomar alimento, ora levantando-se, ora recaíndo. Não quiz a sua almaprehender a viagem da eternidade sem o Viatico que recebeu com o *desengano de sabio e a ternura de religioso*.

A acerbidade das dôres que padecia embotava-se n'aquella invicta paciencia, que altamente mostrou em todos os contratempos, ouvindo-se-lhe exclamar: *Dominus est: quod bonum est in oculis suis faciat*. Assim passou alguns dias e a 18 de julho de 1697, depois de receber o Sacramento da Extrema Uncção, á uma hora da manhã, rendeu a alma ao Creador, tresladando-se ao Céu com 89 annos, 5 mezes e 12 dias de idade, e 74 annos, 1 mez e 13 dias de religião. ¹ A fama da

¹ Barros — *Vida de Vieira*, pag. 304.

sua morte que, como esperada, parecia ser despercebida, espalhou-se rapidamente accorrendo ao collegio a mais illustre nobreza, avaliando-se então o que muitas vezes até ali se não medira. Do collegio foi o feretro levado á Sé cathedral pelo governador D. João de Lencastre e seu filho, pelo bispo de S. Thomé e pelo arcebispo da Bahia, e acompanhado de todo o cabido. A's exequias assistiram os mais conspiciosos prelados e religiosos das ordens regulares, sendo sepultado o cadaver em chão raso e sem distincção alguma, para que o luzimento das pompas funebres emparelhasse com a pobreza da vida.

A 2 de novembro do mesmo chegou ao reino a infausta noticia da morte do Padre Vieira, causando geral sensação sobretudo na aristocracia e entre os letrados.

O quarto conde da Ericeira querendo manifestar os seus sentimentos, que eram os de toda a nação, tratou de promover publicas sessões em que se fizeram panegyricos de tão consumado varão, exalçou suas virtudes e seus serviços prestimosos e deplorou a perda irreparavel d'aquelle homem extraordinario. Mas indo mais além, promoveu deslumbrantissimas exequias que se fizeram na igreja de S. Roque. A fabrica do catafalco foi, ao parecer, riquissima e tudo similhou mais um triumpho que uma cerimonia funebre. Recitou a oração o regular theatino D. Manoel Caetano de Souza, a qual mais tarde se imprimiu

por mandado de D. João v. ¹ Foi esta a homenagem posthuma prestada á memoria de Vieira, cujo nome sempre os portuguezes tiveram como um dos mais distinctos que lhes esmaltam a historia e cuja fama os seculos teem conservado intacta.

*

Se o Padre Antonio Vieira não houvera nascido e vivido em uma época em que Portugal atravessava uma longa crise de abatimento, se elle se não acolhêra desde menino a um austero Instituto religioso, de onde só com muito prudente intelligencia pôde sair a collaborar na obra da restauração, (sem que, contudo deixasse de soffrer desgostos por esses motivos); se a sua febril actividade e o seu raro talento e o seu rigido character de diamante, em vez de toparem o cahos nacional, dessem com menos graves circumstancias politicas, é talvez certo que no glorioso sacerdote existiria um superior nexo de vida, não menos actiosa, porém, mais ordenada, mais completa e merecedora de mais amplos cultos do que os que hoje lhe prestam.

No entanto, ¿quem pôde eximir-se ao preito

¹ Barros — *Vida de Vieira*, pag. 311. Agora ha uma nova edição d'este anno (1897) da empreza da *Revista Catholica*, de Vizeu.

de veneração que este homem exige, como exemplo vivo de energia, de honra e de trabalho? Lançado nos perigos do oceano quando se lhe desabotoava a razão, isento d'elles quando a decrepitude lhe embaraçava os passos, alheando-se, tão juvenil, ás galas e prazeres mundanos para encetar uma vida de mortificação e de estudo; um dia encaminhado pelo amor da patria nas veredas da côrte e da diplomacia; tantas vezes preso, escarnecido e aviltado, tantas vezes correndo em busca das almas e cuidando d'ellas quer na Europa, quer sobretudo na America que foi o seu mais brilhante campo de operações; e, ao cabo, legando á sua patria um thesoiro emmarcescível de linguagem, como nenhum outro litterato soube reunir, mais portuguez e mais perfeito! ¡Que pacifica e gloriosa luta!

Espelho de virtudes religiosas e civicas, poucos são de um crystal tão limpido e tão luzente. Padre, fornece-nos a sua vida um almo e consolador protesto contra as insidias calumniosas da sensualidade e contra as pseudo-exigencias physiologicas tão cacarejadas por certos sabios do nosso tempo. Vieira, por entre as seducções palacianas de tantas côrtes e por entre as liberdades tão primitivas dos sertões — elle o bem apessoado, o gentil, o talentosissimo sacerdote — quiz e pôde manter intacto o lyrio da pureza sacerdotal, como o confessou na hora solemne do trespassse.

Desprendido, em Lisboa postergava mitras, em Roma frequentava pouco o Vaticano porque não tinha “sêde nem vasilha”. Desassombrado, fazia a alta critica da côrte papal, em cartas para os seus illustres amigos. Nunca recusou os soccorros da sua religião a ninguem, antes buscou sempre ensejo de prestal-os. Leiam a sua vida. Dos seus sermões recitados nunca recebeu um ceitil; dos seus sermões impressos outros levaram o producto da estampa.

Diplomata, affastou com respeitosa altivez a mão pouco avára do rei que pretendia galardoar monetariamente serviços que só indelevel gratidão podem merecer, como correspondencia.

Missionario, foi o Xavier do Brazil e isto diz tudo. Não é elle a menos brilhante estrella da constellação a que pertencem Nobrega e Anchieta.

*

Agora, a corôa de gloria de Vieira entretece-a o seu famoso renome de prégador e de classico entre os classicos. ¿Onde foi elle aprender tão bem o seu idioma, onde hauriu elle tão copioso cabedal de vocabulos, onde aquella elegancia de phrase, aquella artistico burilado de periodos que resaltam da aridez das argucias philosophicas e dos defeitos rhetoricos da época? ¡E' n'isto que se patenteia o genio do grande homem que, quasi nonagenario, escrevia ainda tão formosas paginas!

Elle, com o tempo sempre occupado de tantos labores, ainda achava momentos livres para um estudo de importancia como o da propria lingua, e depois depositava o mel sugado em tantas flôres de prados e de jardins, nos saborosos favos dos seus sermões.

Na opinião de ser um dos mais insignes pro-sadores portuguezes, conveem os melhores criticos.

O fundo das orações de Vieira, perdoadas as velleidades que commetteu na adequação de alguns textos, é constituido pela mais bella, eloquente e efficaz doutrina, que elle estudou e bebeu na Biblia, nos Evangelhos, nos Santos Padres e Doutores da Egreja que conhecia tão profundamente como a sua lingua.

De uma e de outra são pallidos reflexos os pequeninos fragmentos que formam a essencia d'este livro.

¡A linguagem de um Portuguez e a doutrina de um Jesuita! ¹

¹ De todas as vezes que nos referimos á *Vida de Vieira* por André de Barros, citando as respectivas paginas queremos alludir á edição de Thomaz Quintino Antunes.

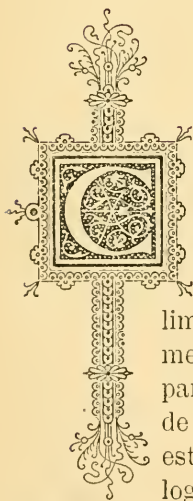
Sobre Vieira podem lêr-se, para mais amplo conhecimento, o trabalho do citado Padre André de Barros, e os de E. Carel, João Francisco Lisboa e D. Francisco Alexandre Lobo.

O LIVRO DE OIRO



O LIVRO DE OIRO

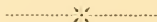
Deus



OMPARAE-ME o mar com o diluvio.

O mar tem praias porque tem limite; o diluvio, porque era sem limite, não tinha praias. Assim a immensidade de Deus, — quanto a comparação o soffre. Está a immensidade de Deus no mundo e fóra do mundo, está em todo o logar e onde não ha logar, está dentro sem se encerrar e está fóra sem sahir, porque sempre está em si mesmo: — o sensível e o imaginario, o existente e o possível, o finito e o infinito, tudo enche, tudo inunda, por tudo se estende. . . E até onde? Até não haver mais onde: sem termo, sem limite, sem horisonte, sem fim, e por isso incapaz de circumferencia. ¹

Para Deus remir sufficientemente o mundo bastava querer; para o remir por modo mais alto bastava incarnar. Mas andou Deus tão fino comnosco na Redempção que não Se contentou de remir só com o querer, que bastava; nem de remir só com o incarnar, que sobejava; senão que passou excessivamente muito avante e quiz remir morrendo e padecendo. ²



Uma vez quer Deus o gosto, outra o desgosto; uma vez quer a riqueza, outra a affronta; uma vez o applauso, outra a perseguição; uma vez a bonança, outra a tempestade; uma vez a fortuna, outra a fome; uma vez a saude, outra a doença; uma vez a vida, outra a morte. E assim como todos estes encontros se conciliam na vontade de Deus, d'onde veem, assim quer se recebam sem repugnancia na nossa, onde todos se acceitam. ³



Os thesoiros da beneficencia divina teem duas chaves, uma de oiro, que os abre; outra de ferro, que os fecha. A de oiro, que os abre, é o agradecimento que os alcança, augmenta e conserva; a de ferro, que os fecha, é a ingratição que, depois de recebidos, os corrompe, destroe e perde. ⁴

Não Se serve Deus de nós, porque tenha necessidade de nós, senão porque nós temos necessidade d'Elle. Ouçamos ao mesmo Deus: ¿Cuidaes que Me fazeis grande serviço em Me offerecer grandes sacrificios? Por ventura hei de Eu comer a carne dos vossos bezerros, ou beber o sangue dos vossos cordeiros? Da mesma maneira, não tenho necessidade do vosso jejum, porque Eu não como o que deixaes de comer, nem muito menos tenho necessidade da vossa reza, porque tenho anjos que com melhores vozes continuamente Me louvam. Finalmente não hei mister que deis esmola aos pobres, porque Eu os sustentarei com a mesma facilidade com que sustento as aves do ar e os bichinhos da terra; mas vós sois os que tendes necessidade de dar esmola, de rezar, de jejuar e de Me fazer sacrificios. Assim que havemos de buscar e servir e amar a Deus com presupposto que quando O buscamos a Elle, nos buscamos e nos achamos a nós; que, quando O servimos, nos servimos; quando O amamos, nos amamos, e quando gastamos com Elle, gastamos e despendemos connosco. ⁵



Se queremos sair bem despachados da mão da liberalidade de Deus, havemos de dizer: *Fiat voluntas Tua*, e não a nossa. Assim como não ha coisa que mais obrigue a Deus que uma von-

tade sujeita, assim não ha outra que mais O pro-voque á ira, que uma vontade presumida. Nenhuma coisa nos deu Deus que fôsse toda nossa, senão a vontade. E porque quiz que fôsse toda nossa, por isso quer que seja toda Sua: deu-nol-a para que tivéssemos que Lhe dar. ⁶



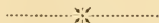
Em Deus cuja natureza e essencia é simplí-
cissima, tudo é a mesma coisa, porque tudo é
Deus. Mas nenhuma coisa ha em Deus mais unida
entre si, nem mais identificada e mais uma e
mais a mesma, que a misericordia e a justiça.
Em Deus o Pae é Deus, o Filho é Deus, o Espi-
rito Santo é Deus, a misericordia é Deus e a
justiça é Deus mas o Padre, o Filho e o Espi-
rito Santo, ainda que sejam Deus, e o mesmo
Deus, distinguem-se realmente; porém, a miseri-
cordia e a justiça não teem distincção alguma. O
Padre é Deus, mas não Filho; o Filho é Deus,
mas não é Padre; o Padre e o Filho são Deus,
mas não são o Espirito Santo; o Espirito Santo
é Deus, mas não é Padre nem Filho. Porém, a
misericordia e a justiça em Deus, de tal maneira
são Deus, que a mesma justiça é misericordia e
a mesma misericordia é justiça. ⁷



Esta é a differença que ha de Deus para com os homens na realidade ou apprehensão da misericordia e justiça divina: para connosco e na apprehensão com que considerâmos a misericordia e justiça divina, são duas coisas; porém, na realidade com que a mesma misericordia e justiça divina está em Deus, é uma só coisa. Para connosco a misericordia e a justiça são duas coisas, porque apprehendemos a misericordia como misericordia distincta da justiça, e a justiça como justiça distincta da misericordia; mas para com Deus e em Deus são a mesma coisa sem distincção alguma, porque em Deus a justiça é misericordia e a misericordia é justiça. ⁸



Quando quizermos temer a Deus, havemos de Lhe tirar um attributo e quando O quizermos amar havemos de Lhe tirar outro: temer a Deus como se não tivera misericordia; amar a Deus como se não tivera justiça. ⁹



Quem se lembra só da justiça de Deus, como se não tivera misericordia, teme de peccar e salva-se; pelo contrario, os que só se lembram da misericordia de Deus, como se não tivera justiça, não reparam em peccar e condemnam-se. E isto

é o que acontece a todos os que peccam em confiança da misericordia divina. ¹⁰



Por amor do vosso nome, Senhor, estou certo, dizia David, que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes. O' motivo digno só do peito de Deus! O' consequencia que só na summa bondade pode ser forçosa! De maneira que para lhe serem perdoados seus peccados, allegou um peccador a Deus, que são muitos e grandes. Sim, e não por amor do peccador nem por amor dos peccados, senão por amor da honra e gloria do mesmo Deus, a qual, quanto mais e maiores são os peccados que perdôa, tanto maior é e mais engrandece e exalta o Seu Santissimo Nome.

O mesmo David distingue na misericordia de Deus, grandeza e multidão. E como a grandeza da misericordia divina é immensa e a multidão de Suas misericordias infinitas e o immenso não se pode medir, nem o infinito contar, para que uma e outra, de algum modo, tenham proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia, que os peccados sejam grandes e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos. ¹¹



Misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a Vossa gloria, que é o fim de todas Vossas acções, não digaes que nos não perdoaes porque são muitos e grandes os nossos peccados, que antes porque são muitos e grandes deveis dar essa grande gloria á grandeza e multidão de Vossas misericordias. Perdoando-nos e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de Vossa Majestade e não castigando-nos, em que mais se abate Vosso poder, do que se acredita.

O em que se manifesta a majestade, a grandeza e a gloria de Vossa infinita omnipotencia, é em perdoar e usar de misericordia. Em castigar venceis-nos a nós que somos creaturas fracas, mas em perdoar, venceis-Vos a Vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta victoria é digna de Vós, porque, só Vossa justiça pode pelear com armas eguaes contra Vossa misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. ¹²



Porque Deus ama a misericordia e verdade, a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deus n'esta vida a graça e na outra a gloria. ¹³



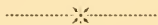
Entre os olhos dos nescios e os olhos dos sabios ha grande differença: os olhos dos sabios, como penetram o interior das coisas, vêem as realidades. E como n'aquelles que morrem por Deus está encoberta a realidade da vida debaixo da apparencia da morte, por isso os nescios que só vêem as apparencias, presumem n'elles a morte e os sabios que penetram as realidades reconhecem n'elles sempre a vida. ¹⁴



Grande miseria é, não digo já da incredulidade mas da estreiteza do coração humano que, confessando os homens a Deus o poder, Lhe duvidem da vontade. Mas ainda é maior miseria e cegueira que não falte quem até o poder Lhe duvide. ¹⁵

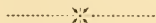


As obras de Deus todas são boas; os instrumentos de que Se serve, podem ser bons e maus. ¹⁶



Conseguir os intentos de Deus pelos caminhos acertados de Deus, isso é providencia vulgar; mas conseguir os intentos de Deus pelos caminhos errados dos homens, essas são as maravilhas da Sua Providencia. ¹⁷

Assim como Deus sabe tanto de nós, assim nós sabemos muito pouco de Deus, e por isso as nossas razões não podem alcançar as Suas. ¹³



Deus não quer que O sirvamos com offensa Sua: servir a Deus com offensa de Deus, é offendel-O, não é servil-O. ¹⁹



Em Deus não ha prover sem provar. ²⁰

¹ S. de Nossa Senhora do O' — Bahia, 1640.

² S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

³ Maria, Rosa Mystica. Sermão II.

⁴ S. em acção de graças pelo nasc. do novo infante, em 15 de março de 1695.

⁵ S. da Ressurreição.

⁶ S. de 2.^a quarta-feira da Q. — Bahia, 1638.

⁷ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

⁸ S. do 4.^o sab. da Q. — Bahia, 1640.

⁹ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

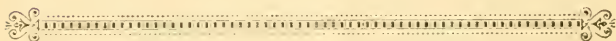
¹⁰ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

¹¹ S. pelo bom successo das armas de Port. contra as de Hollanda. — Bahia, 1640.

¹² S. pelo bom successo das armas de Port. contra as do Hollanda. — Bahia, 1640.

¹³ S. no enterro dos ossos dos enforcados — Bahia, 1637.

- ¹⁴ S. de S. Sebastião. — Accupe (termo da Bahia), 1634.
¹⁵ S. da 3.^a dom. *post-Epiph.* — Sé de Lisboa.
¹⁶ S. de S. Roque. — Cap. Real, 1644.
¹⁷ S. da 1.^a oitava da Paschoa. — Lisboa, 1647.
¹⁸ S. da 1.^a dom. do Adv.
¹⁹ S. da Resurreição.
²⁰ S. da 4.^a dom. da Q. — S. Luiz do Maranhão, 1657.



O homem



ÃO é o homem um mundo pequeno que está dentro do mundo grande, mas é um mundo e são muitos mundos grandes que estão dentro do pequeno. Baste por prova o coração humano que, sendo uma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem pôde ser capaz de governar toda esta machina do mundo, ¿que difficuldade será haver de governar tantos homens cada um maior que o mesmo mundo e mais difficultoso de temperar que todo elle? A demonstração é manifesta. Porque n'esta machina do mundo entrando tambem n'ella o céu, as estrellas teem seu curso ordenado, que não pervertem jamais, o sol tem seus limites e tropicos, fóra dos quaes não passa; o mar, com ser um

monstro indomito, em chegando ás areias pára; as arvores, onde as põem, não se mudam; os peixes contentam-se com o mar, as aves com o ar, os outros animaes com a terra. Pelo contrario, o homem, monstro ou chimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição nem appetite o farta: tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como é maior que o mundo, não cabe n'elle. ¹



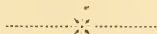
A mais poderosa inclinação e o maior appetite do homem é desejar ser. Bem nos conhecia este natural o demonio, quando esta foi a primeira pedra sobre que fundou a ruina a nossos primeiros paes. A primeira coisa que lhes disse e que lhes prometteu, foi que seriam: *eritis*. E este *eritis*, este *sereis* foi que destruiu o mundo. Não está o erro em desejarem os homens ser, mas está em não desejarem ser o que importa. Uns desejam ser ricos, outros desejam ser nobres, outros desejam ser sabios, outros desejam ser poderosos, outros desejam ser conhecidos e afamados, e quasi todos desejam tudo isto e todos erram. Só uma coisa devem os homens desejar ser, que é ser santos. Assim emendou Deus o *sereis* do demonio com outro *sereis*, dizendo: *Sancti eritis, quia Ego Sanctus sum*. O de-

monio disse: sereis como Deus, sendo sabios; e Deus disse: sereis como Deus, sendo santos. E vae tanto de um *sereis* outro *sereis*, que o *sereis* do demonio não só nos tirou o ser como Deus, mas tirou-nos tambem o ser, porque nos tirou o ser santo. E o *sereis* de Deus exhortando-nos a ser santos, como Elle é, não só nos restitue o ser como Deus, senão tambem o ser. Quando Moisés perguntou a Deus o que era, respondeu Deus, definindo-se: *Ego sum qui sum*: Eu sou O que sou, porque só Deus tem por essencia o ser. Agora diz a todos os homens, por bocca do mesmo Moisés: se sois tão amigos e tão ambiciosos de ser, sêde santos e sereis; porque tudo o que não é ser santo é não ser. Sêde rei, sêde imperador, sêde papa, se não sois santo não sois nada. Pelo contrario, ainda que sejaes a mais vil e mais desprezada creatura do mundo, se sois santo, sois tudo o que póde chegar a ser o maior e mais bem afortunado homem; porque sois como Aquelle que só é e só tem ser, que é Deus. Todo o outro ser, por maior que pareça, não é, porque vem a parar em não ser. Só o ser santo é o verdadeiro ser, porque é o que só é e o que ha de permanecer por toda a eternidade. ²

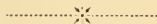


O homem não é uma só substancia, como o anjo, mas composto de duas totalmente oppostas,

corpo e alma, carne e espirito e estes são os que entre si se fazem guerra, como diz S. Paulo: *caro concupiscit adversus spiritum, spiritus autem adversus carnem*: a carne peleja contra o espirito e o espirito contra a carne. Por parte da carne, combatem os vícios com todas as forças da natureza; por parte do espirito, resistem as virtudes com os auxílios da graça; mas como o livre alvedrio subordinado do delectavel, como rebelde e traidor se passa á parte dos vícios, quantos são os peccados que o homem commette, tantas são as feridas mortaes que recebe o espirito e basta cada uma d'ellas para se perder a graça. ³



Ó homem vivo, com todas as portas dos sentidos abertas, é como a praça sem fortificação que pôde ser acommettida e entrada por toda a parte; porém, o morto, com as mesmas portas cerradas e cerrado elle dentro da sepultura, não ha castello tão forte nem fortaleza tão inexpugnavel a todo o inimigo, porque nem pôde ser vencida do peccado, nem ainda acommettida. ⁴

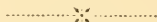


Não ha fortuna que não traga comsigo o desconhecimento: se é prospera desconheceis-vos; se é adversa, desconhecem-vos. E se a fortuna é tão

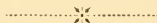
enganosa que os homens se desconheçam a si, e que muito que seja tão injusta que os outros os desconheçam a elles? ⁵



Somos os homens tão protervos que nem por bem nem por mal póde Deus connosco. Os castigos não nos emendam, as misericórdias não nos abrandam. Barro, enfim. Assim como o barro se endurece com os raios do sol assim nós com os favores do Céu não nos abrandamos, antes nos endurecemos mais. ⁶



Se os homens soubessem que eram prescitos, como desesperados haviam-se de precipitar mais nas maldades; se soubessem que eram predestinados, como seguros haviam-se de descuidar na virtude. ⁷



Quando vos perguntarem quem sois, não vades revolver o nobiliario dos vossos avós, ide vêr a matricula de vossas acções. O que fazeis, isso sois e nada mais. ⁸



O leme da natureza humana é o alvedrio, o

piloto é a razão. ¿Mas quão poucas vezes obedecem á razão os impetos precipitados do alvedrio? ⁹



O melhor retrato de cada um é aquillo que escreve. O corpo retrata-se com o pincel, a alma com a penna. ¹⁰

¹ S. de S. Roque. — Cap. Real, 1652.

² S. de Todos os Santos. — Conv. de Odivellas, Lisboa, 1643.

³ S. de quarta-feira de Cinza. — Cap. Real.

⁴ Idem.

⁵ S. de S. Roque. — Cap. Real, 1659.

⁶ S. de domingo de Ramos. — Maranhão, 1656.

⁷ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

⁸ S. da 3.^a dom. do Adv.

⁹ S. de Santo Antonio, 1654.

¹⁰ S. de Santo Ignacio. — Lisboa, 1669.

A alma



QUEREIS vêr o que é uma alma? Olhae (diz Santo Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, ¿onde estão as sciencias? Fôram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos e excedem a admiração; tudo isto era a alma. Se o corpo é de um artifice, ¿quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórmula e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos, e as machinas bellicas, o valor, a bizzarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte

alheia; ¿quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um príncipe, a majestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa, ¿de quem eram governadas e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das coisas divinas, os extases, os raptos, subido o mesmo peso do corpo e suspendido no ar; que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é.

Uma cobiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta, uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre, uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus. Tudo isto que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso, a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arreбата e captiva os sentidos humanos; aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida, ¿que é tudo senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella.

Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma: apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde vêr. A alma levou tudo

o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de virtude, porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. ¹



Miseravel foi Jerusalem, e sobre toda a miseria miseravel, quando Deus a lançou de Si, e a deixou. ¿E acabou-se então aquella miseria? Não. Porque na mesma Jerusalem, que acabou, era significada a alma, que não acaba, (á qual tantas vezes na Sagrada Escriptura se dá o mesmo nome de Jerusalem) e não é menor nem menos lastimosa, mas digna de ser lamentada com maiores ais, a miseria de qualquer alma, quando Deus Se aparta d'ella, e quando verdadeiramente se póde chamar alma deixada de Deus. ¿Que succede ao corpo quando d'elle se aparta a alma? Tem olhos e não vê; tem ouvidos e não ouve; tem lingua e não fala; tem pés e não anda; tem mãos e não obra; tem coração e não vive; e isto mesmo é o que acontece ao homem de quem se aparta Deus, que é a alma da nossa alma. Cego para não vêr o que lhe convem, surdo para não ouvir os dictames da verdade, mudo para não confessar seus peccados, ou só por cerimonia e sem emenda; paralytico e tolhido de mãos e pés para não fazer acção, nem dar passo que não seja para sua perdição. Perdido nos pensamentos, perdido nas palavras, perdido nas obras, e dentro

e fóra de si, todo e em tudo perdido. Conside-rae-me um homem sem uso de razão e um chris-tão sem lume de fé, e tal é o que Deus deixou e lançou de Si. Cavallo no precipicio sem freio, navio na tempestade sem leme, enfermo na doença mortal sem medico. Emquanto a mão de Deus o deteve, não caíu; emquanto as Suas inspirações o guiaram não se afogou; emquanto Seus auxilios o soccorreram, não morreu; mas logo o vereis precipitado, afogado e morto sem remedio, porque Deus abriu mão d'elle e o deixou. ²



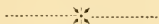
¿Qual será no homem o limpo conhecimento de si mesmo? Digo que é conhecer e persuadir-se cada um que elle é a sua alma. O pó, o lôdo, o corpo, não é eu; eu sou a minha alma. Este é o verdadeiro, o limpo e o heroico conhecimento de si mesmo: o heroico, porque se conhece o homem pela parte mais sublime; o limpo, porque se separa totalmente de tudo o que é terra; o verdadeiro, porque ainda que o homem verdadeiramente é composto de corpo e alma, quem se conhece pela parte do corpo, ignora-se; e só quem se conhece pela parte da alma, se conhece. Não sei se saberei declarar-me. Assim como um espelho se compõe de aço e crystal, assim o homem se compõe de corpo e alma. ¿E que succederia a quem se visse, ou por um, ou por outro lado? Quem

olha para o espelho pela parte do aço, vê o aço, mas não se vê a si, quem olha pela parte do crystal, vê o crystal e no crystal vê-se a si mesmo. Assim n'este espelho da natureza humana, quem o olha pela parte terrea e opaca que é o corpo, vê o corpo, mas não vê o homem; quem o olha pela parte celeste e luminosa que é a alma, vê a alma e na alma vê e conhece ao homem, porque vê e conhece o que elle é e o que o distingue e enobrece sobre todas as creaturas da terra. ³



Separemos o precioso do vil; separemos, como S. Paulo, ao homem, do vestido; ao senhor, do escravo; ao morador, da casa; ao preso, do carcere; ao thesoiro, do barro; emfim ao corpo, da alma. Intendamos todos e diga-se cada um a si mesmo: eu sou a minha alma; este é o nobre, o limpo, o heroico e verdadeiro conhecimento de si mesmo. Se, com verdade, me dizem que sou pó porque o meu corpo foi pó em Adão e ha-de ser pó na sepultura, ainda que de presente o não seja; porque não direi eu, com igual e maior verdade, que sou alma porque o fui, porque o hei-de ser e porque o sou? Separemos logo o precioso do vil e vivamos como almas separadas. As nossas almas todas sabem que teem dois estados, um n'esta vida de alma unida ao corpo, outro depois da morte, que é e se chama de alma se-

parada. Este segundo estado é muito mais perfeito, porque, livre a alma de embaraços e dependencias do corpo, obra com outras especies, com outra luz, com outra liberdade, com outra nobreza, emfim como desatada e descarregada d'aquelle pezo e d'aquella vil companhia, que sempre a faz tirar ao baixo: ¿se a morte ha-de fazer por força esta separação, porque a não fazemos nós por vontade? Porque não fará a razão desde logo, o que a morte ha-de fazer depois? O' que vida! O' que obras seriam as nossas, tão outras do que são! ⁴

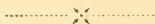


Onde, porém, acharemos nós uma balança tal que se possa pesar n'ella uma alma? Quatro mil annos durou o mundo sem haver em todo elle esta balança e por ventura essa foi a occasião de se perderem n'aquelle tempo tantas almas. Chegou finalmente o dia da Redempção, poz-se o Filho de Deus em uma cruz e ella foi a verdadeira e fiel balança que a divina justiça levantou no monte Calvario, para que o homem conhecesse quão immenso era o pezo e preço da alma que tinha perdido. ⁵

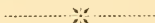


¿Vês, homem, aquella cruz em que está pendente e morto o Filho de Deus? Pois sabe que

Elle é a balança justa em que Deus pezou o preço da tua alma para que tu a não desprezes. O braço direito desceu tanto com o pezo que não só trouxe a Deus do Céu á terra, mas do Céu até o Inferno; e o braço esquerdo subiu tanto que estando a alma no Inferno pelo peccado, não só a levantou do Inferno, mas a poz no Céu. De maneira que quem fielmente quizer pezar uma alma, não ha-de pôr de uma parte da balança a alma e da outra o mundo, senão de uma parte a alma e da outra a Deus. O mundo custou a Deus o sangue, custou a Deus a vida, custou a Deus o mesmo Deus. ⁶

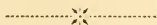


¿E' possível que havemos de fazer tanto pela saude e pela vida temporal e que pela saude da alma e pela vida eterna não queremos fazer coisa alguma? Se adoeceis, se estaes em perigo, tanto acudir áquelles altares, tantos votos, tantas missas, tantas novenas, tantas promessas, tantas offer-tas: gaste-se o que se gastar, perca-se o que perder, empenhe-se o que se empenhar; e pela saude da alma, pela vida eterna, como se tal coisa não houvera, nem se crêra?! ⁷



E' a alma como o sol, que se não póde achar no logar onde se perdeu, senão no opposto. Per-

de-se o sol no occaso e, se o quizerdes achar e buscar, ha-de ser no oriente. Quando assim se acha a alma, então está segura de se tornar a perder onde se perdia. ⁸



Oh! Se Deus nos mostrasse uma alma, que pasmo, que estimação seria a nossa e que desprezo de quanto ha no mundo e na vida?! ⁹

¹ S. da 1.^a dom. da Q. — Cap. Real, 1655.

² S. da 2.^a dom. da Q. — Torres Vedras, 1652.

³ As cinco pedras da funda de David. — Disc. 1.^o

⁴ Idem.

⁵ S. da 1.^a dom. da Q. — Cap. Real, 1655.

⁶ Idem.

⁷ S. de Nossa Senhora da Penha. — Lisboa, 1652.

⁸ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1657.

⁹ S. da 1.^a dom. da Q. — Cap. Real, 1655.

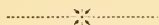
A Virtude

NENHUMA coisa tanto desejam os homens como distinguir-se e extremar-se dos outros: o melhor e mais facil modo para um homem se distinguir é o fazer-se bom. Distinguir-se pela nobreza do sangue, aos que a não tiveram de nascimento, custa-lhes tanto que chegam muitas vezes a negar os paes; os que se querem distinguir pela sabedoria, vêde quanto lhes custa de estudo; os que pela riqueza, quanto de perigos e trabalhos; só o distinguir-se pela bondade é facil, proveitoso e breve; breve, porque se pôde adquirir em um instante; facil, porque basta um acto de contricção; proveitoso, porque só esta distincção serve n'esta vida e mais na outra. As outras distincções, quando muito, distinguir-vos-ão n'esta vida; a da virtude e bondade é a que só com tanta gloria vos ha-de distinguir dos maus no dia de Juizo. ¹

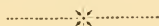


A fortuna n'este mundo fez infinitas separações e distincções entre os homens, de reis, de imperadores, de duques, de marquezes, de condes, de nobres, de plebêos, de escravos; e, sendo tão

miuda, esta distincção não é acertada. Os homens só os distingue a virtude e não ha mais que dois generos de gente n'este mundo: bons e maus. Só o que está dentro de nós, nos póde distinguir intrinseca e verdadeiramente, — e este é o vicio ou a virtude. Tudo o mais são coisas que ficam de fóra; podem mudar as apparencias mas não distinguem as pessoas. ²



São a honra e a virtude entre si como os bons paes em respeito dos filhos e os bons filhos em respeito dos paes que lhes deram o ser. A virtude gera a boa fama e a boa fama defende a virtude. A virtude é a que dá o ser á honra e á fama, mas a honra e a fama são as que defendem a virtude. ³



Na idade de mancebo e de varão, assim como as tentações são mais fortes assim é mais trabalhosa a resistencia dos vicios e mais difficil-tosa a observancia das virtudes. Na primeira idade, que é a dos meninos, ainda os não tenta o mundo; na ultima, que é a dos velhos, já os não tenta. E a virtude sem batalha que nos meninos é innocencia e nos velhos desengano, quanto

mais está em paz e fóra de guerra, tanto menos tem de victoria e de solida e forte virtude. ⁴



Os annos e os dias do mundo fal-os o curso do sol, os annos e os dias dos reinos fazem-n'os as acções dos principes. O sol póde fazer dias longos, — dias grandes só os fazem e podem fazer as acções. ⁵



Assim como o vicio é o castigo, assim a virtude é o premio de si mesma. O maior premio das acções heroicas é fazel-as. ⁶



As boas obras são a alma da fé: fazei-as mas guardae-as dos olhos, que a mesma fé é cega. Faça a virtude por cantella o que faz o vicio por vergonha. ⁷

¹ Hom. sobre o Evang. da segunda-feira da 1.^a sem. da Q.

² Idem.

³ S. de Santa Iria. — Santarem.

⁴ S. de S. Gonçalo. — Brazil.

⁵ S. hist. e pan. nos annos da Rainha. Publ. posth. em 1709.

⁶ S. da 3.^a quarta-feira da Q. — Cap. Real, 1669.

⁷ S. da 5.^a terça-feira da Q. — Roma.

A Fé



MA coisa é a verdade da fé em si, a qual propriamente se chama fé; outra é a verdade da fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A fé em si sempre é verdadeira, a crença em nós póde ser verdadeira e póde ser falsa; se concorda com a vida, é verdadeira, porque obramos conforme crêmos; se não concorda com a vida, é falsa, é mentirosa porque crêmos uma coisa e obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que creia e confesse tudo o que ensina a fé, mente e não está n'elle a verdade. Se o christão e catholico cuida que a sua fé é melhor que a dos infleis, sómente porque crê o que ensina o Credo, engana-se e mente-se a si mesmo; não basta só crêr no Credo, é necessario crêr nos mandamentos. ¹



Não crêr, é ter o intendimento cego e destinado; crêr uma coisa, e obrar outra, é totalmente não ter intendimento: se não temos intendimento, não somos homens; se não temos fé, não somos christãos. Que somos logo? Terrível

consequencia uma e outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes; se não somos christãos e catholicos, quando menos somos herejes. Não me atrevêra a dizer tanto, se não tivera experimentado ambas estas consequencias e visto ambas com os olhos. N'esta ultima viagem, que foi das ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no inverno é uma das mais trabalhosas; o navio era de herejes, e herejes o piloto e marinheiros; os passageiros eramos alguns religiosos de differentes religiões, e grande quantidade d'aquelles musicos insulanos, que com os nossos rouxiões e pintasilgos veem cá a fazer o côro de quatro vozes, canarios e melros. As tempestades foram mais que ordinarias, mas os effeitos que n'ellas notei, verdadeiramente admiraveis.

Os religiosos todos estavamos occupados em orações e ladainhas, em fazer votos ao Céu e exorcismos ás ondas, em lançar reliquias ao mar e sobretudo em actos de contricção, confessando-nos como para morrer uma e muitas vezes! Os marinheiros, como herejes, com as machadinhas ao pé dos mastros, comiam e bebiam alegremente mais que nunca e zombavam das nossas, que elles chamavam, ceremonias. Os passarinhos, no mesmo tempo, com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foram de instrumentos musicos, desfazião-se em cantar. Oh! valha-me Deus! Se o trabalho e o temor não levasse toda a attenção, ¿quem se não admiraria

n'este passo de effeitos tão varios e tão encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo, e uns a cantar, outros a zombar, outros a orar e chorar? Sim! Os passarinhos cantavam, porque não tinham intendimento; o's herejes zombavam, porque não tinham fé; e nós que tínhamos fé e intendimento, bradavamos ao Céu, batíamos nos peitos, choravamos nossos peccados. Isto é o que eu vi e passei, e isto mesmo o que nós não vêmos, estando, no mesmo e em peor e mais perigoso estado. A travessa é da terra para o Céu e da vida mortal para a eternidade, o mar é este mundo, os navegantes somos todos, o navio, o corpo de cada um, tão fraco e de tão pouca resistencia por todos os costados, e a tempestade e as ondas muito maiores...

¿E que no meio de um perigo mais que horri-vel e tremendo, em que o menos que se perde é a vida, uns não temam e cantem, outros zombem e não façam caso, e sejam tão poucos os que se compunjam e tratem de salvação? Sim! outra vez, porque os menos são os que teem intendimento e fé, os demais nem teem fé nem intendimento. Ora já que todos imos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada um a si mesmo, a qual d'estas partes pertence. Sou dos que cantam? Sou dos que zombam, ou sou dos que choram? Sou dos christãos e catholicos, ou sou dos herejes? Sou dos homens com uso de razão ou sou dos irra-

cionaes? Que as avesinhas não reconheçam o perigo da vida, não alcança mais o seu instincto; que os herejes não temam a estreiteza da conta, esta é a cegueira da sua infidelidade; mas que um homem christão no meio d'estes dois perigos com a morte e a conta diante dos olhos, n'este mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos e zombando ao balanço das ondas! Christão, aonde está a tua fé?! Homem, aonde está o teu entendimento?! Se tens uso de razão, dá cá a razão! ²

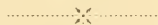


Se consultardes os bons e os justos que caminham pela estrada real da verdade e da virtude, todos hão-de dizer e dizem constantemente que a vida se ha-de concordar com a fé. E se fizerdes a mesma pergunta aos maus e aos pessos que seguem os caminhos do erro e os precipicios da infidelidade, até estes, se não responderem que a vida se ha-de conformar com a fé ao menos hão-de dizer que a fé se ha-de conformar com a vida. Ouvi agora uma notavel ponderação e tão certa como admiravel! Sendo a fé uma só fé, assim como Deus é um só Deus, ¿qual é o fundamento ou motivo porque os homens se dividiram em tantas seitas? Não ha duvida que se lhe cavarmos ao pé e lhe buscarmos as raizes, acharemos que todas se semearam nos vicios e d'elles brotaram e nasceram. Primeiro se depravaram as

vontades, e depois se perverteram os entendimentos. ³



A nossa fé pára no Credo, não passa aos mandamentos. Se Deus nos diz que é um, creio; se nos diz que são tres pessoas, creio; se nos diz que é Creador do Céu e da terra, creio; se nos diz que se fez Homem, que nos remiu e que ha-de vir a julgar vivos e mortos, creio. Mas se diz, que não jureis, que não mateis, que não adulteis, que não furteis, não crêmos! Esta é a nossa fé, esta a vossa christandade. Somos catholicos do Credo e herejes dos mandamentos! ⁴



A fé que não doe é muito facil crêr; a fé que se não póde praticar sem dôr, é muito difficil de admittir. ⁵



Oh! que altos são os segredos da Providencia divina! Os nossos proprios vicios faz que sejam testemunhas da nossa fé. Um dos principaes fundamentos da nossa fé, é a immortalidade das almas e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não foram injustos pudêra-se duvidar se eram mortaes, mas permite Deus que haja injustiças no mundo

para que a innocencia tenha corôa e a immortalidade prova. ⁶



Com a fé ser sobrenatural, a melhor ou mais facil mestra da fé, é a natureza. ⁷



Nem cuide alguém que é descredito de nossa religião parecerem-se os seus mysterios com as fabulas dos gentios, porque antes esse é o maior credito da fé e o maior abono da Omnipotencia. ⁸



Sem fé ninguém se póde salvar, mas em todos os que se salvam se perde a fé, porque se não póde conservar com a vista. ⁹



Nenhuma coisa póde humilhar a fé senão a vista. ¹⁰

¹ S. da 5.^a dom. da Q. — Lisboa, 1655.

² Idem.

³ Idem.

- ⁴ S. da 5.^a dom. da Q. — Lisboa, 1651.
⁵ Idem.
⁶ S. da 1.^a dom. do Adv.
⁷ S. do SS. Sacramento. — Lisboa, 1645.
⁸ Idem.
⁹ S. de S. Roque. — Lisboa, Cap. Real, 1659.
¹⁰ S. da 2.^a dom. da Q. — Lisboa, Cap. Real, 1651.



A Esperança



a esperança um composto de desejo e confiança: com a vontade deseja e com o entendimento confia. Se desejára sem confiança de alcançar seria sómente desejo, mas como deseja e confia juntamente por isso é esperança. ¹

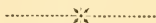


Desceu do Céu o pão do Céu para satisfação da esperança. Ora vêde. Perguntam os theologos se ha esperança no Céu e resolvem todos com Santo Thomaz que nem no Céu nem no Inferno ha esperança. A razão é porque o bem que fôr objecto da esperança ha-de ter estas duas condições: ser possível e ser futuro possível; — possível, porque o impossível não se deseja; — futuro,

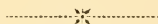
porque o presente não se espera. E como o summo bem, que é o objecto da esperança sobrenatural, no Inferno já não é possível e no Céu já não é futuro, por isso nem no Céu nem no Inferno póde haver esperança. A alma, se vae ao Céu, salva-se; se vae ao Inferno, perde-se; mas a esperança, ou no Céu ou no Inferno, sempre se perde: — no Céu pela vista de Deus, no Inferno pela desesperação da mesma vista. ²



A mais fiel companheira da alma é a esperança; porém, é tal a ventura da alma e tal a sorte da esperança que, quando á alma se lhe abrem as portas do Céu, á esperança fecham-se: — a alma entra e a esperança fica de fóra. ³



Deus no Sacramento satisfaz a nossa esperança; mas não sei se esta satisfação é reciproca. A nossa esperança está satisfeita de Deus, o que importa é que Deus esteja tambem satisfeito da nossa esperança. ¿E como será isto? A unica e verdadeira satisfação que a nossa esperanca póde dar a Deus é pôr-se toda n'Elle. ¿Se não esperamos só em Deus e de Deus, que esperamos e em quem esperamos? ⁴



As esperanças do mundo todas teem muito que purificar e limpar, porque, como todas são terrenas e temporaes, por mais que remontem o vôo, sempre vão misturadas com os vapores da terra e turvas com as mudanças do tempo. ⁵



Todos estes bens creados, ainda que sejam sobrenaturaes e do Céu, são inferiores a Deus; e, se nós os amamos por si mesmos, são superiores a nós, — tanto nos eclipsam e tiram do Summo Bem. A terra, porque se mette entre nós e a lua, eclipsa a lua; a lua, porque se mette entre nós e o sol, eclipsa ao sol: assim passa na esperança. Os bens da terra eclipsam os bens do Céu, como a terra á lua, os bens do Céu eclipsam ao Summo Bem, como a lua ao sol. E assim como o sol não fica eclipsado ou diminuto em si, senão a respeito de nós, assim o Summo Bem não. padece eclipse ou falta alguma em si mesmo, senão a respeito dos olhos da nossa esperança e vontade a qual tanto perde de Deus e do Summo Bem quanto attende a outros bens ainda que sejam do Céu. ⁶



¡Esperae lá e flae-vos dos homens com quem não vale a obrigação, nem a amizade, nem o sangue, nem a mesma fé, para vol-a guardarem! Só

vos não fazem mal em quanto não esperam algum bem da vossa ruina. ⁷



A esperança é um affecto que, suspirando por vêr, vive de não vêr e morre com a vista. ⁸

¹ S. do SS. Sacramento. — Conv. da Esp. Lisboa, 1669.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ As cinco pedras da funda de David. Disc. 5.^o

⁶ Idem.

⁷ S. do SS. Sacramento. — Conv. da Esp. Lisboa, 1669.

⁸ Idem.



A Caridade



FÉ e a caridade são affectos muito fidalgos e muito bons de contentar. A fé, para crêr, basta-lhe uma prophecia e fica satisfeita; a caridade para amar, quando não tenha beneficios, bastam-lhe agravos, que o amor até de offensas se sustenta. ¹

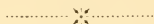


O amor fino não busca causa nem fructo. Se amo porque me amam, tem o amor causa; se amo para que me amem, tem o amor fructo e o amor fino não ha-de ter porquê nem para quê. Se amo porque me amam é obrigação, faço o que devo; se amo para que me amem, é negociação, busco o que desejo. ¿Pois como ha-de amar o amor para ser fino? Amo, porque amo, e amo para amar. Quem ama porque o amam, é agradecido, quem ama para que o amem é interesseiro, quem ama, não porque o amam nem para que o amem, esse só é fino. ²



Ha dois generos de inimigos, uns inimigos que nos querem mal e nos fazem mal com odio, e outros inimigos que nos querem mal e nos fazem mal com amor. Os inimigos que nos querem mal e nos fazem mal com odio, são os que Christo manda amar e estes todos sabemos quaes são. Os inimigos que nos querem e fazem mal com amor, são os que o mesmo Christo nos manda aborrecer, e estes por ventura não sabeis nem imaginaes quaes sejam e agora o sabereis. ¿Sabeis quem são estes inimigos? São todos aquelles que por sangue e parentesco mais ou menos estreito, ou por inclinação natural, ou por trato, ou por beneficios, ou por esperanças e dependencias, ou por graças e prendas pessoaes, ou por qualquer outro motivo de affeição, vos amam desordenadamente.

O amor ordenado é caridade, e o amor desordenado, ainda que a desordem seja ou pareça leve, nem é caridade, nem é amor; é odio. ¿Como pôde ser amar, nem querer bem, o que me priva ou aparta do Summo Bem.? ³



¿E' possível, diz a razão revestida em cada um de nós, ou cada um de nós n'ella, é possível que haja eu de amar a quem me aborrece, desejar bem a quem me faz todo o mal que pôde, honrar a quem me calumnía, interceder por quem me persegue e não me desaffrontar de quem me affronta, e que tudo isto ha-de caber em um coração de barro? Abalam-se e rebentam os montes, sae de si o mar, enfurecem-se os ventos, fulminam as nuvens, escurece-se e descompõe-se o Céu, nem cabe em si o mesmo mundo com quatro vapores insensíveis que se levantam da terra, ¿e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo como o coração humano hajam de caber juntas e estar em paz todas estas contrariedades? Ajunte-se a republica interior e exterior do homem, chame a côrtes ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos e sejam ouvidos n'esta causa todos, pois toca a todos. ¿Que é o que dizem? Todos repugnam, todos reclamam, todos se alteram, todos se unem e conjuram em odio e ruina do inimigo. A memoria, sem jámais se esquecer, representa

o agravo, o intendimento pondéra a offensa, a phantasia afêa a injuria, a vontade implora e impéra a vingança. Salta o coração, bate o peito, mudam-se as côres, chamêam os olhos, desfazem-se os dentes, escuma a bocca, morde-se a lingua, arde a colera, ferve o sangue, fumêam os espiritos; os pés, as mãos, os braços, tudo é ira, tudo fogo, tudo veneno.

Accende e provoca esta batalha a trombeta da fama, dizendo e bradando, que é honra; põe-se da parte do odio o mundo todo, que assim o manda, que assim o julga, que assim o applaude, que assim o tem estabelecido por lei. Sobretudo o tribunal supremo da razão assim o prova, porque, amigo de amigos e inimigo de inimigos, é voz que sôa justiça, merecimento, proporção, egualdade. Finalmente o mesmo Deus condemna a meu inimigo, porque é meu inimigo; — ¿pois se Deus o condemna e aborrece, porque o hei-de amar eu? Deus que isto manda, não é auctor da natureza? E que faz a mesma natureza toda movida e governada pelo mesmo Deus? Vingam-se por instincto natural as feras na terra, vingam-se as aves no ar, vingam-se os peixes no mar, vingam-se a mansidão dos animaes domesticos, vingam-se e cabe ira em uma formiga, e basta que a natureza viva n'aquelles atomos, para que n'elles offendida, se dôa, n'elles aggravada, môrda, n'elles tome satisfacção da sua injuria. ¿E se a natureza, onde é incapaz de razão, não é capaz de soffrer

sem razões, que o homem, creatura racional a mais nobre, a mais viva e a mais sensitiva de todas, com a balança da mesma razão no juízo, não haja de pezar aggravos, antes, contra a fôrça e violencia do mesmo pezo, haja de pagar odios com amor? Não é homem, quem aqui não pasma, ou não diga, olhando para si: não posso! ⁴



Isto de ter inimigos é uma semrazão ou injuria tão honrada, que ninguem se deve doer ou offender d'ella. Quem a não acceita como adulação e lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coração ou pouco juizo. Se o ter inimigos é tentação, antes é tentação de vaidade que de vingança. E' motivo de dar graças a Deus, e não de de Lhe ter odio a elles. ¿Sabeis porque vos querem mal vossos inimigos? Ordinariamente é porque vêem em vós algum bem que elles quizeram ter e lhes falta. A quem não tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo texto o temos. Não só diz Christo, que amemos a nossos inimigos, senão tambem que lhes façamos bem: *Diligite inimicos vestros et benefacite his qui ode-runt vós*. Esta segunda parte parece mais difficil-tosa que a primeira e talvez não só difficil-tosa senão impossivel, porque, para amar basta a vontade, para fazer bem é necessario ter com que o fazer. ¿E se eu acaso fôr tão pobre e miseravel

que não tenha bem algum, como posso fazer bem a meus inimigos? Enganaes-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes não possa fazer bem, porque quem não tem bens, não tem inimigos. Tendes inimigos, pois algum bem tendes vós, porque elles vos querem mal. E porque esta supposição universalmente é certa, por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que não só os amem, senão que lhes façam bem: *Et benefacite his qui oderunt vos*. Quem tem bens, assim como é certo que ha-de ter inimigos, assim é certo que póde fazer bem. ⁵



Infinitas são as razões e motivos que o Senhor pudéra dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo, pudéra dizer, para que elle tambem te ame, porque não ha modo nem meio, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo, porque amando a elle, Me amas a Mim, e se elle te não merece que o ames, mereço-te Eu que Me ames n'elle. Ama a teu inimigo, porque se elle te offende com o seu odio, mais te offendes tu com o teu; o teu te mette no Inferno, e o seu não. Ama a teu inimigo, porque amigos já os não ha e senão amares os inimigos, estará ociosa a tua vontade, que é a mais nobre potencia, e privarás o teu coração do exercicio mais natural, mais

dôce e mais suave, que é o amor. Ama a teu inimigo, porque o não ajudes contra ti e tenhas dois inimigos, um que te queira mal e outro que te faça o maior de todos. Ama a teu inimigo, porque, se elle o faz com razão, deves emendar-te, e se contra razão, emendal-o. Ama a teu inimigo, porque, se o seu odio vil é filho da inveja, mostre o teu amor generoso, que por isso não é digno de vingança senão de compaixão. Ama a teu inimigo porque, ou elle é executor da divina justiça para castigar a tua soberba, ou ministro da sua providencia para exercitar a tua paciencia e coroar a tua constancia. Ama o teu inimigo, porque Deus perdôa a quem perdôa, e mais nos perdôa Elle na menor offensa, do que nós ao odio de todo o mundo nos maiores aggravos. Ama a teu inimigo, porque as settas do seu odio, se as recebes com outro odio, são de ferro, e se lhe respondes com amor, são de oiro. Ama a teu inimigo, porque melhor é a paz que a guerra, e n'esta guerra a victoria é fraqueza, e o ficar vencido, triumpho. Ama a teu inimigo, porque elle em te querer mal imita o demonio, e tu em lhe querer bem, pareces-te com Deus. Ama a teu inimigo, porque esse mesmo inimigo, se bem o consideras, é mais verdadeiro amigo teu, que os teus amigos; elle estranha e condemna os teus defeitos, e elles os adulam e lisonjeiam. Ama a teu inimigo, porque, se o não queres amar, porque é inimigo, devel-o amar porque é homem.

Ama a teu inimigo, porque se elle te parece mal, amando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo, porque as maiores inimizades cura-as o tempo, e melhor é que seja o medico a razão, que o esquecimento. Ama a teu inimigo, porque os mais empenhados inimigos dão-se as mãos, se o manda o rei, e o que se faz sem descredito porque o manda o rei, ¿porque se não fará porque o manda Deus? Finalmente, sem subir tão alto, ama a teu inimigo, porque ou elle é mais poderoso que tu, ou menos; se é menos poderoso, perdôa-lhe a elle; se é mais poderoso, perdôa-te a ti. ⁶



Como a caridade essencialmente é união e união perfeitissima, de tal maneira une os proximos entre si, que se eu tenho caridade, cada proximo é outro eu. ⁷



Uma coisa é entrar no perigo amando o perigo, outra coisa é entrar no perigo amando a Deus. Quem entra no perigo por amor do perigo, perece n'elle, porque o mesmo perigo a quem ama e por quem se arrisca, o perde; mas quem entra no perigo por amor de Deus, não perece nem póde perecer, porque o mesmo Deus a quem ama e por quem se arrisca, o guarda ¿Se vós entraes

no perigo por amor da cubiça, quem vos ha-de guardar? A cubiça? Se vós entraes no perigo por amor da soberba, quem vos ha-de guardar? A soberba? Se vós entraes no perigo por amor do amor, quem vos ha-de guardar? O amor profano e cego? Entrae vós nos perigos por amor de Deus e do proximo e vereis como Deus vos livra e vos segura n'elles. ⁸



Em havendo *meu* e *teu* não ha amor de amigo para amigo, nem amor de irmão para irmão, nem amor de filho para pae, nem amor de pae para filho, nem amor de proximo, por mais religioso que seja, para outro proximo, nem amor do mesmo Deus para Deus. Antes de haver *meu* e *teu*, havia amor, porque eu amava-vos a vós e vós a mim, mas tanto que o *meu* e *teu* se meteram de por meio e se atravessou entre nós, logo se acabou o amor porque vós já me não amaes a mim, nem eu vos amo a vós, senão o vosso. ⁹



O que somos, é a alma e o corpo; o que temos, é o que possuímos, pouco ou muito. Na oração, que é a elevação da alma a Deus, sacrificamos a alma; no jejum, que é a mortificação do corpo, sacrificamos o corpo; e na esmola, que é

a parte do que possuimos, sacrificamos o que temos. ¹⁰



¿Para que cuidaes que se fez a quaresma? Para duas coisas: para jejuar e para dar esmola. Nos dias que não são de jejum, comemos duas vezes; jantamos e ceamos; nos dias que são de jejum comemos uma só vez; jantamos e não ceamos. E para que? Para que demos aos pobres o que havíamos de cear. Jejuar e guardar pão, não é abstinencia, é avareza. ¹¹



O merecimento da esmola não consiste em que a comam aquelles, para quem a daes; senão em que vós a deis, para que elles a comam. ¹²



Dar esmolas é semear e é negociar, mas com grandes vantagens. Para semear não ha melhor terra que as mãos do pobre, e para negociar não ha melhor correspondente que Deus. ¹³



A esmola resgata do captivo do peccado, a quem a dá por amor de Deus. ¹⁴

- ¹ S. da 1.^a oitava da Paschoa. — 1647.
- ² S. do Mandato. — Lisboa, 1645.
- ³ S. da 1.^a sexta-feira da Q. — Odivellas, 1644.
- ⁴ S. da 1.^a sexta-feira da Q. — Lisboa, 1649.
- ⁵ Idem.
- ⁶ Idem.
- ⁷ Idem.
- ⁸ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Mignel.
- ⁹ Idem.
- ¹⁰ S. da publicação do jubileu. — Maranhão, 1654.
- ¹¹ S. do 4.^o dom. da Q. 1657.
- ¹² S. da Bulla. — Cathed. de Lisboa, 1647.
- ¹³ S. da 4.^a dom. da Q. — Maranhão, 1657.
- ¹⁴ S. de S. Pedro Nolasco. — Maranhão.



A Oração



ORPE coisa é e verdadeiramente vergonhosa para um christão, se o primeiro raio do sol o achar na cama e não prostrado aos pés de Christo, seu Creador e Redemptor. As primeiras creaturas que com suas vozes nos injuriam e envergonham, entre aquellas que o mesmo Senhor creou, mas não remiu, são as aves. ¿Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite, com dar ou cantar as graças ao seu Creador, festejando a boa vinda da primeira luz,

ou chamando por ella? As flôres que anoiteceram seccas e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas, ao descante mudo dos cravos e das violas, como são as Magdalenas do prado, também declaram os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado e oiro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao Céu e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos de garganta mais cheios e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas saindo do aprisco e os outros gados mansos á liberdade do campo, os lobos e as feras silvestres recolhendo-se aos bosques e as serpentes mettendo-se nas suas covas, — todos, ou temendo a luz ou alegrando-se com sua vista, como á primeira obra de Deus Lhe tributam n'aquella hora os primeiros applausos. ¿E que maior confusão e affronta do homem, creatura racional, que, quando todas as outras, ou brutas ou insensiveis, reconhecem do modo que podem a bondade e providencia d'aquelle supremo Senhor que lhes deu o ser, antecipando ao sol para Lhe offerecer as primicias do dia, elle, sem memoria, sem intendimento, sem vontade e sem sentidos, n'aquella voluntaria sepultura do somno e do descuido, só confesse, dormindo e roncando, que é o mais ingrato? ¹

Não ha duas coisas mais reciprocas entre Deus e o homem que a nossa oração e a Sua misericordia. ²



Deus não Se communica familiarmente senão aos que perfeitamente oram, e a alma da perfeita oração é a attenção. ³



Quanto o que ora se põe mais longe de Deus, tanto a sua oração chega mais perto d'Elle. Põe-se a oração e o que ora diante de Deus, como em duas balanças, e quanto o que ora, mais se abate e fica mais longe, tanto a oração mais sobe e chega mais perto: elle mais longe por reverencia, e ella mais perto por acceitação. ⁴



Se digo *Padre nosso*, esta palavra me excita a amar a um Deus que me creou, e de nada me deu o ser que tenho, e a não degenerar de filho de tão soberano Pae. Se digo *que estás no Céu*, esta palavra me lembra, que o Céu e não a terra é a minha patria, e que viva na passagem d'este mundo, como quem ha-de viver lá eternamente. Se digo *santificado seja o Teu nome*, esta palavra me ensina a veneração com que devo tomar na bocca o nome de Deus, e a verdade com que,

sendo necessario, hei-de jurar por Elle. Se digo *venha a nós o Teu reino*, esta palavra, verdadeiramente saudosa, me admoesta do fim para que fui creado, e que, se agora sirvo n'este captiveiro entre os homens, é para depois reinar entre os anjos. Se digo *seja feita a Tua vontade assim na terra como no Céu*, esta palavra conforma a minha vontade com a divina, para que, querendo o que Elle quer, tudo o que faz ou succede, seja tambem o que eu quero. Se digo *o pão nosso de cada dia nos dá hoje*, n'esta palavra me livro de todos os cuidados da vida, e com os seguros thesoiros de não desejar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo *perdoâ-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos*, com este pequeno cabedal de perdoar o que me devem, pago as infinitas dividas de quanto devo a Deus, pelo que d'Elle recebi, e O tenho offendido. Se digo *não nos deixeis cair em tentação*, n'esta palavra reconheço para a cautella, a propria fraqueza, e me ponho n'aquellas poderosas Mãos, de quem só me póde ter mão, para que não caia. Se digo finalmente, *mas livrae-me do mal*, n'esta ultima palavra confesso, que muitos dos que tenho por bens, verdadeiramente são males, e que só me póde livrar d'elles, quem só os antevê e conhece. ⁵



A esphera da voz é sem comparação mais limitada que a da vista. Mas isto se intende da voz com que falamos e não da voz com que oramos. A voz com que falamos mal se intende e a vista tem tanto maior e mais alta esphera que chega ao firmamento onde vemos as estrellas. Porém, a voz com que oramos não só chega ao firmamento que vemos, que é o céu das estrellas, mas ao mesmo empírio que não vemos, que é o Céu de Deus. ⁶



Quanta é a differença que teem — posto que estejam tão juntos — na rosa, o cheiro e a virtude; na arvore, a folha e o fructo; no mar, a concha e a perola; no céu, a aurora e o dia; no homem, o corpo e a alma; e, para que o digamos por seus proprios termos, quanta é a vantagem que faz o intendimento á voz, tanta é a que tem — posto que irmãs entre si — a oração mental sobre a vocal. A vocal é o exterior da oração, a mental o interior; a vocal é a parte sensivel, a mental a que não se sente; a vocal é um corpo formado no ar, a mental o espirito que a informa e lhe dá vida. A vocal recita preces, a mental contempla mysterios; a vocal fala, a mental medita; a vocal lê, a mental imprime; a vocal pede, a mental convence. A vocal póde ser forçada, a mental sempre é voluntaria; a vocal pode não sair do coração, a mental entra n'elle e o pene-

tra e, se é duro, o abranda. A vocal exercita a memoria, a mental discorre com o intendmento e move a vontade; a vocal caminha pela estrada aberta, a mental cava no campo e não só cultiva a terra mas descobre thesoiros. ⁷



Na oração menos pérfeita fala o homem com Deus, na perfeita e perfeitissima fala o homem com Deus e Deus com o homem. ⁸



O mais alto ponto a que se póde levantar e subir a oração humana não é pedir a Deus para nós, é pedir a Deus para Deus. Pedirmos nós para nós, é procurarmos os nossos interesses; pedir a Deus para Deus é solicitar a Sua gloria. ⁹



A devoção bem intendida e bem intencionada não só deve pôr os olhos exteriores na gloria de Deus, senão os interiores na Sua maior gloria. ¹⁰

¹ S. da Ressurreição.

² Idem.

³ Maria, Rosa Mystica—S. 17.^o

- 4 Maria, Rosa Mystica — S. 1.º
- 5 Idem. S. 22.º
- 6 Idem. S. 1.º
- 7 Idem. S. 3.º
- 8 Idem. S. 1.º
- 9 Idem. S. 1.º
- 10 Idem. S. 17.º



A Pureza

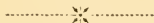


UE é necessario para ser santo? Uma só coisa e muito facil e que está na mão de todos, que é a boa consciencia ou limpeza de coração. Olhae como Deus quiz facilitar o Céu e o ser santos, que poz a bemaventurança e santidade em uma coisa que ninguem ha que não tenha, e a mais livre e mais nossa, que é o coração. Assim como o coração é a fonte da vida, assim é tambem a fonte da santidade; e assim como basta o coração para viver, ainda que faltem outros membros e sentidos, assim e muito mais, basta a pureza de coração para ser santo, ainda que tudo o mais falte. ¹



Tende o coração puro, e ou vos faltem ou sobrejem todas as outras coisas, nem a falta vos

será impedimento, nem a abundancia estorvo para ser santo. Salomão pedia a Deus, que o não fizesse rico nem pobre, mas que lhe dêsse o necessario para passar a vida, receando que não poderia ser santo em qualquer d'aquelles extremos; mas eu vos asseguro, que ou sejaes rico ou pobre ou pobrissimo, de qualquer modo podeis ser santo. Se fôrdes rico e poderdes dar esmola, dae-a, e sereis santo como foi S. João Esmolér, se fôrdes pobre e tiverdes necessidade de pedir esmola, pedi-a, e sereis santo como foi S. Aleixo, e se fôrdes tão desamparado que não tenhaes quem vos dê esmola, tende paciencia e sereis santo, como foi S. Lazaro. ²



Pois se na limpeza do coração consiste o ser santo, e esta limpeza de coração se póde conseguir tão facilmente só com um movimento do mesmo coração, ¿que coração haverá tão fraco, ou que homem de tão fraco e pouco coração que não se resolva a ser santo? Se o ser santo fôra uma coisa muito difficultosa, bem nos merecia o Céu e a bemaventurança, que pela gosar eternamente se venceram todas as difficuldades. Mas é tão facil, que sem vos bolir do logar onde estaes e sem mover pé nem mão nem fazer ou padecer coisa alguma, só com um acto do coração e o mais natural, mais facil e mais suave do mesmo

coração, que é amar, e amar o Summo Bem, podemos ser santos. ³



¿Se o corpo estiver no claustro e o coração no mundo? Se o coração depois de se dár a Deus, estiver sacrificado ao idolo? Se o coração que devêra estar cheio de caridade e amor de Deus, estiver ardendo em amor que não é caridade? Se as palavras que saem do coração e os pensamentos que não saem, forem envoltos em impureza? Ai de tal coração e de quem o tem! ⁴



A castidade heroica cresce para baixo, e quanto um homem cresce em idade, tanto desce pela castidade. ⁵

¹ S. de Todos os Santos.—Convento de Odivellas, Lisboa, 1643.

³ Idem.

³ ”

⁴ ”

⁵ S. de Santo Estanislau Kostka. Roma.

A Humildade



UMILDADE, essencialmente, é o conhecimento da propria dependencia, da propria imperfeição e da propria miseria. ¹



Cada um em seu juizo não se deve estimar mais que aquillo em que elle mesmo se avalía. ¿E como se avalía cada um de nós? Isto não se vê nos pensamentos, vê-se nos nossos peccados. Todas as vezes que um homem pecca, vende-se pelo seu peccado, diz a Escriptura Sagrada. Ora veja cada um de nós o preço por que se vende e d'ahi julgará o que é. Presaes-vos muito e estimaes-vos muito, desvaneceis-vos muito; — ¿que-reis saber o que sois por vossa mesma avaliação? Vêde o preço por que vos daes, vêde os vossos peccados. Daes-vos por um respeito, daes-vos por um interesse, daes-vos por um appetite, por um pensamento, por um aceno; muito pouco é o que por tão pouco se dá. ¿Se nos vendemos por tão pouco, como nos presamos tanto? Filhos de Adão, emfim. Quem visse a Adão no Paraíso com tantas presumpções de divino, mal cuidaria que em todo

o mundo podesse haver preço por que se houvesse de dar. ¿E que succedeu? Deu-se elle e deu todos seus filhos por uma maçã. ¿Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimaes tanto, não vos deis por tão pouco, não vos tenhaes por mais. Não é razão que se avalie tão alto no seu pensamento quem se vendeu tão baixo no seu peccado. ²



O ultimo logar não tem invejosos, nem quem o escolheu por melhor tem que invejar, e onde não ha invejoso nem invejado tudo está quieto. ³



Só o ultimo logar está livre d'estas inquietações e perigos e não por outro privilegio ou immunidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamam baixos, aquelles em que naufragam os navegantes. Não são baixos senão os logares mais altos do mar que, em penhascos ou areias, se levantam no meio d'elle. Por isso n'elles naufraga o mesmo mar e se quebram e espedaçam as ondas. Ditasas as que, sem querer sair nem subir, se deixam estar no seu fundo, que essas só se conservam em paz e gozam de inteira quietação e se lá chegam os eccos das que perigam e quebram, ellas descançam e dormem

ao som das outras. D'esta mesma quietação segura e firme nos dá outro documento a terra n'aquelles grandes corpos a que concedeu a vida e negou os sentidos. Todas as arvores teem uma parte firme e outra movediça. A firme, que são as raizes, está no baixo, e a movediça, que são os ramos, no alto. Só ali teem jurisdição e imperio, ou a lisonja das virações ou o açoite dos ventos. Todas na cabeça leves e inquietas, e só no pé seguras e firmes. No alto quebram-se os ramos, võem as folhas, caem as flôres e perdem-se antes de amadurecer os fructos e só no baixo sustentam as raizes o tronco e n'elle as esperanças de recuperar em melhor tudo o perdido. ¡O' mal ensinado juizo humano, que nem as plantas insensíveis, nem os elementos sem vida bastam a te fazer sisudo! Apprende ao menos das creaturas sensitivas e sejam as menores as que te ensinem. ⁴

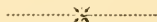


Ha azas para subir e azas para descer. As azas para subir são muito perigosas, as azas para descer muito seguras. ⁵



A virtude da humildade (não por velha, que a não conheceram os antigos philosophos) sempre

vê com olhos e os de que usa são os que vulgarmente se chamam de larga vista, porque é muito curta a sua. E como estes olhos applicados aos olhos, por uma parte fazem as coisas pequenas, grandes; e por outra as grandes, pequenas; isto mesmo succede com as suas virtudes e com os seus peccados aos verdadeiramente humildes — que são o avêssos dos imperfeitos — e por isso as suas virtudes, sendo grandes, lhe parecem pequenas e os seus peccados sendo pequenos, lhe parecem grandes. ⁶



O que veste a samarra no monte, o que rompa a terra com o arado no campo, o que maneja e serra ou outro instrumento mecanico no povoado, esta gente humilde e popular, são os que Deus commummente predestinou para no Céu lhes trocar a fortuna. ⁷



Quem em tudo quer parecer maior, não é grande. ⁸

¹ S. do Mandato.— Lisboa, 1655.

² S. da 4.^a dom. do Adv.

⁴ S. da dom. 16.^a *Post-Pent.*

⁴ Idem.

⁵ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1654.

⁶ Xavier acordado. Disc. 10.º

⁷ Maria, Rosa Mystica. S. 15.º

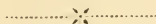
⁸ Idem.



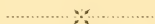
A Obediencia

OBEDECENDO a Deus, não só somos obedientes, mas castos e pobres, só com a differença dos nomes. Com a mesma differença só dos nomes define Santo Thomaz, que a obediencia em respeito do prelado é observancia, em respeito dos paes é piedade, em respeito de Deus é religião. Não é a obediencia, diz o mesmo Doutor Angelico, virtude theolocal, mas se eu creio, porque Deus me manda crêr, a minha obediencia é fé; se eu espero, porque me manda esperar, a minha obediencia é esperança; se eu amo, porque me manda amar, a minha obediencia é caridade.

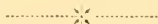
Nas virtudes moraes corre a mesma regra. Se a materia d'ellas é devida, a obediencia é justiça; se é duvidosa, a obediencia é prudencia; se é ardua, a obediencia é fortaleza; se é deleitavel, a obediencia é temperança. ¹



Se a obediencia me applica ás coisas que o mundo tem por baixas, é humildade; se ás que molestam e causam pena, é paciencia; se ás casuaes e varias, segundo o pede a occasião, é indifferença; se me manda que não olhe, é modestia; se me manda que não fale, é silencio; se manda que não saia, é clausura; se me nega o que desejo e me obriga ao que repugno, é mortificação; se me responde ou castiga os meus defeitos, é penitencia; e se me põe a um canto, como bordão de um homem velho, de que se quer ajudar quem o tem na mão, é oçio santo com mais tempo e maior liberdade para orar e contemplar em Deus. ²



A obediencia por natureza tudo transforma e converte em virtude. E d'aqui vem, que até as acções, que não teem nome de virtuosas, antes o contrario, ella faz que sejam não só virtude, senão melhores ainda, que as mesmas virtudes. ³



Quando a obediencia ordena alguma coisa de novo, ou quer emendar algum abuso, os que porventura gostavam mais de abusos do que gostam da emenda d'elles, consolam-se com dizer que aquillo não ha-de durar. ⁴



A lei não tem obrigação de ser sempre a mesma, mas o obediente tem sempre obrigação de obedecer á lei, qualquer que ella seja. ⁵



Assim como a obediencia é o compendio e a união de todas as virtudes, assim a desobediencia é o dispendio e destruição de todas. ⁶

¹ S. domestico na Vespera da Circumsição, 1689.

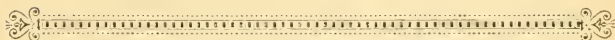
² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.



O Conselho



melhor e a peor coisa que ha no mundo, qual será? A melhor e a peor coisa que ha no mundo é o conselho. Se é bom, é o maior bem; se é mau, é o peor mal. ¹



A causa de se governar tão mal o mundo e de andar tão mal aconselhado, havendo tantos

conselhos, é porque de ordinario os principes baralham os metaes e trazem desconcontrados os conselhos e os conselheiros. Se o soldado votar nas letras e o letrado na navegação, e o piloto nas armas, ¿que conselho ha-de haver, nem que successo? Haverá letrados e não se fará justiça; haverá pilotos e não se fará viagem; haverá soldados e exercitos e levarão a victoria os inimigos. Vote cada um no que professa e logo nos conselhos haverá conselho. ²



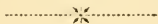
Conselho de mãos, este é o conselho dos conselhos. Todos os outros conselhos sem este, são conselhos sem conselho. Os conselhos de intendimento, discorrem, alteram, disputam, consultam, resolvem, e decretam, e até aqui nada. O conselho das mãos é o que faz as coisas. Os outros conselhos especulam, este conselho obra. Mas, se este chamado conselho é de mãos, parece que não se havia de chamar conselho, porque o conselho é de intendimento e as mãos não teem intendimento; antes, só as mãos teem o intendimento necessario. A cabeça tem intendimento especulativo, as mãos teem intendimento pratico e este é só o intendimento que faz as coisas. ³



A gentileza de um voto consiste em duas proporções: em proporcionar o meio com o fim e em proporcionar o instrumento com o meio. ⁴



Errar um conselho é coisa que cabe em homens prudentes, mas acertal-o e perdê-lo por falta de execução, só em homens fatuos se pôde achar. ⁵



Não é tomar o conselho dos melhores, senão o conselho melhor; não é seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões; não é sommar os votos, senão pezal-os. ⁶



O bom conselho e o bom conselheiro não o faz o nome nem a qualidade da pessoa, senão a do voto. ⁷



Olhar para a gerarchia de quem votou, é querer venerar os votos mas não acertal-os. ⁸



Ha-de se avaliar o voto pelos merecimentos do mesmo voto e nada mais. ⁹

¹ S. da 6.^a sexta-feira da Q. — Cap. Real.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ Idem.

⁸ Idem.

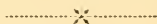
⁹ Idem.



O Mundo



ESTE mundo composto de tanta variedade de estados, officios e exercicios publicos e particulares, politicos e economicos, sagrados e profanos, nenhuma outra coisa é senão uma praça ou feira universal, instituida e franqueada por Deus a todos os homens para negociarmos n'ella o Reino do Céu. ¹



Todos os bens do mundo são bens com mistura de males e só os bens do Céu bens puros e

sem mistura. Quando Deus nosso Senhor fabricou este grande edificio do universo, dividiu-o em tres partes. Uma na terra, que é este mundo em que vivemos. outra debaixo da terra, que é o Inferno, outra acima da terra, que é o Céu. Em todas estas tres regiões repartiu os bens e os males mas com grande justiça e differença. No Inferno ha só males sem bens, no Céu ha só bens sem males. na terra ha bens e males juntamente. E porque razão? No Inferno ha só males, porque ha só maus; no Céu ha só bens, porque ha só bons; e na terra, onde andam de mistura os bons com os maus, era justo que andassem tambem misturados os bens e os males. ²



Assim como não ha n'esta vida rosa sem espinho, nem mel sem abelha, — assim não ha perola sem lôdo, nem oiro sem fezes, nem prata sem liga, nem céu sem nuvem, nem sol sem sombra, nem lume sem fumo, nem triaga sem veneno, nem monte sem valle, nem quantidade sem pezo, nem enchente sem minguate, nem trigo sem palha, nem carne sem osso, nem peixe sem espinha, nem fructa, por saborosa que seja, sem caroço ou casca que deitar fóra. No mesmo tempo de que se compõe a nossa vida, não ha verão sem inverno, nem dia sem noite. E n'esta mesma similhaça é tanta a differença que, para haver

verão e inverno, é necessario um anno e para haver noite e dia são necessarias vinte e quatro horas, mas para haver mal e bem basta um só momento. ³



Os bens e grandezas do mundo falsamente se chamam bens, porque são males, e sem razão se chamam grandezas porque são pouquidades. ¿ Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas e dos males bens? O remedio é deixal-os e deixal-os em esperanças; porque esses que o mundo chama grandes bens só são bens quando se deixam, só são grandes quando se esperam. A esperança lhes dá a grandeza, o desprezo lhes dá a bondade, — desprezados são bens, esperados são grandes. E assim mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possue. ⁴



As boas novas d'este mundo, por mais felizes e alegres que sejam, sempre trazem consigo alguma mistura de pezar e tristeza. São como as boas novas das batalhas e victorias, as quaes, posto que universalmente se festejam com repiques e applausos publicos, a muitas casas particulares cobrem de luctos e se recebem com lagrimas. Não ha novas dadas por homens que sejam evangelho. ⁵

Assim como os tectos sobredoirados dos templos e dos palacios o que mostram por fóra é oiro e o que escondem e encobrem por dentro são madeiras comidas do caruncho, prégos ferrugentos, teias de aranha e outras sevandijas, assim debaixo da pompa e apparatus com que costumamos admirar os que vemos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos e tristezas que os comem e rôem por dentro, antes havíamos de ter compaixão de suas verdadeiras miserias, que inveja á falsa representação e engano do que n'elles se chama felicidade. ⁶



O maior bem ou o unico bem que teem as supremas dignidades do mundo é serem degrau sobre o qual se levanta mais a virtude, — é serem um cunho real com que sobe a maior valor a santidade. ⁷



¿Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representações da phantasia são menos confusas, que possuieis grandes riquezas, que gosaveis grandes delicias e que estaveis levantado a grandes dignidades e, quando depois accordastes, visstes com os olhos abertos que tudo era nada?

Pois assim passam a ser nada em um abrir e fechar de olhos todas as apparencias d'este mundo. ⁸

-
- ¹ S. de Santa Izabel. — Roma, 1674.
 - ² S. da 2.^a dom. da Q.
 - ³ Idem.
 - ⁴ S. de S. João Baptista. — Alcantara, 1644.
 - ⁵ S. da publicação do jubileu. — Maranhão, 1654.
 - ⁶ S. de quarta-feira de Cinza. — Cap. Real.
 - ⁷ S. de Santa Izabel. — Roma, 1674.
 - ⁸ S. da 1.^a dom. do Adv.



A Vida

ODA a vida humana, por mais religiosa que seja, senão trazer sempre deante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrella, é republica sem lei, é labyrintho sem fio, é armada sem pharol, é exercito sem bandeira, emfim, é vontade ás escuras, sem luz do intendmento que lhe mostre o mal e o bem e lhe dite o que ha-de querer, ou fugir. ¹



Não ha coisa tão preciosa e tão util, que, continuada, não enfade. Por isso, sendo a mais estimada e mais amada de todas a vida, não só variou Deus o anno em primavera, estio, outomno e inverno, senão que até os dias e as noites fez tão deseguaes e dissimilhantes, que, dentro da mesma roda do anno, só um é igual e semelhante ao outro. ²



Morrer de muitos annos e viver muitos annos, não é a mesma coisa. Ordinariamente os homens morrem de muitos annos e vivem poucos. ¿Porque? Porque nem todos os annos que se passam, se vivem: uma coisa é então os annos, outra vi-vel-os, uma coisa é viver, outra durar. Tambem os cadaveres debaixo da terra, tambem os ossos nas sepulturas acompanham os cursos dos tempos e ninguém dirá que vivem. As nossas acções são os nossos dias; por ellas se contam os annos, por elles se mede a vida: enquanto obra-mos racionalmente, vivemos; o demais tempo du-ramos. ³

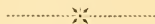


O erro ou engano porque na vida espirital em muito tempo se aproveita pouco é porque to-mamos as coisas a vulto e não reduzimos a multidão á unidade. A multidão difficultosamente se póde abarcar, a unidade facilmente se com-

prehende. Esta é a razão porque a sabedoria e providencia divina reduziu todas as suas leis a uma só lei, e todos os seus preceitos a um só preceito, que é o da caridade. ⁴



Quanto mais temos vivido n'este mundo, tanto mais amamos o mesmo mundo e a mesma vida, e quanto mais são os annos que contamos, tanto mais são as raizes com que estamos pegados á terra. ⁵



Como a velhice é o horisonte da vida e da morte, o horisonte onde se ajunta a terra com o Céu, e o tempo com a eternidade, ¿que resolução pode haver mais bem aconselhada é mais digna da madureza de umas cans, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que pode durar a vida? ⁶



A velhice é idade para ter trabalhado, e não para trabalhar; para ter feito e não para fazer. ⁷



As cans, que no sacerdocio são os esmaltes

da corôa e na prelazia o ornamento da dignidade, não poucas vezes desmentem o que as mesmas cans significam. São como as névoas de que está coberto o monte Etna, debaixo das quaes se occultam vulcões e incendios; são como as que o Divino Mestre chamou sepulturas caiadas, — brancas por fóra e corrupção por dentro. As verdadeiras cans, diz o Espirito Santo, são o juízo sisudo, e não consiste a velhice na côr dos cabellos, senão na pureza da vida. Os melhores cabellos e a peor cabeça que nunca houve, foi a de Absalão: — os cabellos vendiam-se a pezo de oiro e a cabeça nenhum pezo tinha. Mais lhe tomára eu o chumbo na testa que o oiro na guedelha. Também ha cabellos que parecem de oiro e são de prata sobredeirada; e isto é o peor que teem as cans: — poderem-se tingir... Não assim os cabellos negros, que não admittem outra côr. Uma velhice enganada é a maior semrazão do tempo; uma mocidade desenganada é a maior victoria da razão. ⁸



O' edades cegas! O' gentilezas enganadas! O' discrições mal intendidas! Vive a idade como se não houvera morte. Vive a gentileza como se não passára tempo. Vive a discrição como se não temera o juizo. Oh! acabemos já algum dia de ser cegos! Se nos dá confiança a idade, reparemos quão fragil é, e quão sujeita ao menor incidente.

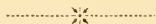
Se a gentileza nos engana, desengane-nos uma caveira, que é o que só tem duravel a maior formosura. Se a discrição finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que é saber salvar-nos. ⁹



Almas, almas, vivei como almas: se conheceis que a alma é racional, governae a razão, e não o appetite; se conheceis que é immortal, desprezae tudo aquillo que morre e acaba; se conheceis que é celeste, pizae e mettei debaixo dos pés tudo o que é da terra. Finalmente, se conheceis que é divina, amae, servi, louvae e aspiraе só a Deus;—este é o verdadeiro conhecimento de si mesmo. . . ¹⁰



A alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as acções lhe divertem a contemplação nem a contemplação lhe impede as acções, mas, toda dentro e toda fóra de si, juntamente está obrando no exterior e no interior contemplando. ¿ Que vida mais activa e mais actuosa que a dos anjos, sempre occupados e nunca jámais divertidos? ¹¹



Os annos medem-se pela duração, a idade computa-se pela vida. ¹²

Desenganemo-nos os mortaes que todo este que chamamos curso da vida não é outra coisa senão o enterro de cada um; por signal que quanto mais pompa mais cruces. ¹³

-
- ¹ S. do Nascimento da Mãe de Deus.— Odivellas.
 - ² Xavier acordado. Disc. 5.^o
 - ³ Exequias do Conde de Unhão.— Santarem, 1651.
 - ⁴ S. domestico na Vespera da Circumcissão.
 - ⁵ S. de S. Gonçalo.
 - ⁶ Idem.
 - ⁷ Idem.
 - ⁸ S. de S. João Baptista.
 - ⁹ Exequias de D. Maria de Athayde.— Xabregas, 1649.
 - ¹⁰ As cinco pedras da funda de David. Disc. 1.^o
 - ¹¹ S. de S. Gonçalo.
 - ¹² Exequias do Conde de Unhão.— Santarem, 1651.
 - ¹³ Idem.



O Tempo

NÃO ha poder maior no mundo que o do tempo: tudo sujeita, tudo muda, tudo acaba. Não só tem poder o tempo sobre a natureza, mas até sobre as coisas sobrenaturaes tem poder, que é o que mais me admira. ¹



Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba. ¡Atreve-se o tempo a columnas de marmore, quanto mais a corações de cêra! ²



¿Que é o que foi? Aquillo mesmo que ha-de ser. ¿Que é o que ha-de ser? Aquillo mesmo que foi. Ponde estes dois espelhos um defronte do outro, e assim como os raios do occaso ferem o oriente e os do oriente o occaso, assim por reverberação natural e reciproca, achareis que no espelho do passado se vê o que ha-de ser, e no do futuro o que foi. Se quereis vêr o futuro, lêde as historias e olhae para o passado: se quereis vêr o passado, lêde as prophecias e olhae para o futuro. ¿E quem quizer vêr o presente, para onde ha-de olhar? Digo que olhe juntamente para um e outro espelho. ³



Nas materias temporaes, o que costuma fazer o tempo, bem é que o faça o tempo; nas materias espirituaes, o que costuma fazer o tempo, melhor é que o faça a razão. Para nascer ao mundo faça o tempo o que ha-de fazer o tempo; para nascer a Deus, o que ha-de fazer o tempo faça-o a razão. ⁴



O ministro que não faz grande escrupulo de momentos não anda em bom estado: a fazenda pôde-se restituir; a fama, ainda que mal, também se restitue, — o tempo não tem restituição alguma. ⁵

-----✕-----

Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que teem más contas as podem dar boas. Porém, quando Deus toma conta e toma juntamente o tempo, então é muito difficultoso dar boa conta, então nenhum que viveu mal a pôde dar boa. ⁶

-----✕-----

O tempo que se toma para fazer melhor o officio não se tira ao officio. ⁷

-----✕-----

! Que brevemente se conclue o que se consulta com Deus! Onde não entram razões temporaes não se gasta tempo... ⁸

¹ S. de Nossa Senhora da Penha. — Lisboa, 1652.

² S. do Mandato. — Lisboa, 1643.

³ S. da Cinza. — Roma, 1672.

⁴ S. de S. João Baptista.

⁵ S. da 1.^a dom. do Adv. — Lisboa, 1650.

⁶ S. de Nossa Senhora da Penha. — Lisboa, 1652.

⁷ S. da 3.^a dom. da Q. — Lisboa, 1655.

⁸ Maria, Rosa Mystica. — S. 14.^o

A Tentação



E o demonio é tão astuto que até dos nossos remedios faz tentações, porque não seremos nós tão prudentes, que até das suas tentações façamos remedios? Quarenta dias havia e quarenta noites, que jejuava Christo em um deserto. Succedeu ao jejum naturalmente a fome e sobre a fome veio logo a tentação. Se és Filho de Deus, diz o demonio, manda a estas pedras, que se convertam em pães. Vêde se inferi bem, que dos nossos remedios faz o demonio tentação. Com as pedras se defendia das suas tentações S. Jeronymo; os desertos e soledades são as fortalezas dos anachoretas; o jejum de quarenta dias foi uma penitencia prodigiosa; procurar de comer os que hão fome, é obra de misericordia; converter pedras em pão com uma palavra é omnipotencia; ser Filho de Deus, é divindade. ¿Quem cuidára, que de taes ingredientes como estes, se havia de compôr uma tentação? De pedras, de deserto, de jejum, de obra de misericordia, de omnipotencia, de divindade? Se o demonio tenta com pedras, que fará com condições menos duras? Se tenta com o deserto, que será com o povoado e com a côrte? Se tenta com o jejum,

que será com o regalo? Se tenta com a obra de misericórdia, que será com a injustiça? Se tenta com a onnipotencia, que será com a fraqueza? E se até com a divindade tenta, com a humanidade e com a deshumanidade, que será?

Vencido o demonio n'esta primeira tentação, diz o texto, que levou a Christo á cidade santa de Jerusalem, e, pondo-O sobre o mais alto do templo, Lhe disse d'esta maneira: Deita-Te d'aqui abaixo, porque promettido está na Sagrada Escripura, que mandará Deus aos Seus anjos, Te guardem em todos Teus caminhos. Vêde outra vêz como tornam os remedios a ser tentações. E n'esta segunda tentação ainda com circumstancias mais notaveis. ¿E quaes fôram? A cidade santa, o templo de Jerusalem, as Sagradas Escripturas, os mandamentos de Deus, os anjos da guarda, e tambem o descer para baixo. ¿Podia haver coisas menos occasionadas para tentações? Pois d'isto fez o demonio uma tentação. ¿Se o demonio tenta com a cidade santa, que será com a cidade escandalosa? Se tenta com o templo de Deus, que será com as casas dos idolos? Se tenta com as Sagradas Escripturas, que será com os livros profanos? Se tenta com os mandamentos de Deus, que será com as leis do mundo? Se tenta com os anjos da guarda, que será com os anjos da perdição? Se tenta finalmente com o descer, que será com o subir?

Eis aqui como o demonio dos remedios faz

tentações. ¿Mas como será possível, que nós das tentações façamos remedios? O demonio, na primeira tentação, pediu a Christo que fizesse das pedras pão, e na segunda que fizesse dos precipicios caminhos. ¿Que coisa são as tentações, se não pedras e precipicios? Pedras em que tropeçamos e precipicios d'onde caímos. ¿Pois como é possível, que das pedras em que tropeçamos, se faça pão com que nos sustentemos, e dos precipicios d'onde caímos, se façam caminhos por onde subamos? ¹



Na bocca da vibora poz a natureza a peçonha e juntamente a triaga. Se quando a serpente tentou aos primeiros homens, souberam elles usar bem das suas mesmas palavras, não haviam mister outras armas para resistir, nem outro remedio para se conservar no paraizo. O mais prompto e mais facil remedio contra qualquer tentação do demonio é a mesma tentação. A mesma coisa offerecida pelo demonio é tentação, bem considerada por nós é remedio. ²



O demonio offerece-nos um gosto ou interesse vil e pede-nós o morgado que nos ganhou Christo, e nós, porque contractamos sem a balança na mão e não pezamos a vileza do que recebemos

com a grandeza do que damos, consentimos no contracto e ficamos sem benção.

¿Pois que havemos de fazer para não commetter um erro tão grande e tão sem remedio? Fazer remedio da mesma tentação. Tomar na mão a balança que faltou a Esaü e pezar o que o demonio nos promette e o que nos pede. O que nos promette não é todo o mundo, o que nos pede e o que lhe havemos de dar, é a alma. Ponhamos de uma parte da balança o mundo todo, e da outra parte uma alma, e vejamos qual peza mais. ³

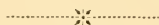


Oh! quanto temos que temer; oh! quanto temos que imitar nas tentações do demonio! Ter que temer, e muito que temer, nas tentações do demónio, coisa é mui achada e mui sabida; ¿mas ter nas tentações do demonio que imitar? Sim; porque somos taes os homens por uma parte, e é tal a força da verdade por outra, que as mesmas tentações do demonio, que nos servem de ruina, nos podem servir de exemplo. ⁴



Permittiu Christo, Senhor nosso, ser tentado do demonio, não para Se honrar com a victoria, que era pequeno triumpho, mas para nos ensinar

a vencer com Seu exemplo. Tentado no deserto com pão e com a fome para exemplo á abstinencia do monge; tentado no monte com as promessas de todo o mundo, para exemplo á cubiça do leigo, e tentado na cidade santa com o logar mais alto do templo, para exemplo á ambição do ecclesiastico. ⁵



Se vos tentar o demonio com menos que todo o mundo dae-vos por affrontado e se vos tentar com todo o mundo, fique vencido. ⁶

¹ S. da 1.^a dom. da Q.—Lisboa, Cap. Real, 1655.

² Idem.

³ Idem.

⁴ S. da 1.^a dom. da Q.—Maranhão, 1653.

⁵ S. da 1.^a dom. da Q.—Roma.

⁶ S. da 1.^a dom. da Q.—Lisboa, Cap Real, 1655.

O Peccado



lepra do coração mais feia, mais immunda, mais ascorosa que a do corpo, é o peccado. ¹



Bem conhece o peccador christão, que o peccado mata a alma e o condemna ao Inferno, mas lisongeado e vencido do appetite, como se tomára a salvo, e se desculpara com a sua alma, lhe diz dentro em si mesmo: alma minha, eu bem sei que te mato e te condemno, mas se agora te mato e te condemno com o peccado, eu te suscitarei depois, e te livrarei com a dôr. ²



A morte mata o corpo, que é mortal; o peccado mata a alma, que é immortal; e morte que mata o immortal, vêde que morte será! Os estragos que faz a morte no corpo, consume-os em poucos dias a terra; os estragos que faz o peccado na alma, não basta uma eternidade para os consumir o fogo. E sendo, sobre todo o excesso de comparação, tanto mais para temer a morte

da alma que a morte do corpo, e tanto mais para amar e para estimar a vida espiritual e eterna que a vida temporal, — ¿em que fé e em que juízo cabe, que pela vida e saúde do corpo se façam tão extraordinarios extremos, e que da vida e saúde da alma se faça tão pouco caso? ³



Lá disse o poeta: se, todas as vezes que os homens peccam, caísse sobre o delinquente um raio do céu, acabar-se-iam os raios. Mas não disse nem inferiu bem. Se, todas as vezes que os homens peccam caísse logo do céu um raio que abrazasse o peccador, não se acabariam, antes sobejariam os raios. Os que se acabariam ou seriam os homens, ou os peccados, mas o certo é que seriam os peccados e não os homens, porque, tanto que o castigo andasse junto com o peccado, nenhum homem havia de ser tão cégo que se arrojasse a peccar. ⁴



Lançarem os peccados de uns ás costas dos outros, não é coisa nova no mundo, antes, a mais antiga de todas. Adão lançou a sua culpa ás costas de Eva, e Eva lançou a sua ás costas da serpente, e todos os filhos de Adão e Eva, para se desculparem a si, lançam as suas culpas ás costas de outros. Isto fazem os homens. ¿E Deus

que faz ou que fez? Para livrar a todos os homens do que Lhe deviam por seus peccados, tomou os peccados de todos sobre Si, e lançou-os ás Suas proprias costas. ⁵



Os peccados em outro tempo eram commettidos, e envergonhavam-se de ser vistos; hoje é côrte e parte de fidalguia o ser mau publicamente. ; Sáem os vicios á praça, e até se mettem pelos logares sagrados, com a cara tão descoberta, como se na rua fôram gala, e no templo sacrificio! O' tempos! O' costumes! ⁶



Quando o proposito do arrependimento se junta com a resolução do peccado, nem é arrependimento, nem é proposito, porque a resolução do peccar contradiz o proposito da emenda, e o peccado presente desfaz o arrependimento futuro. ⁷



A natureza pôz o deleite na concepção, a dôr no parto, e o demonio, ás avessas, põe o deleite no parto e a dôr na concepção; põe o deleite no parto que é o peccado, porque todo o peccado, em qualquer genero, sempre acompanha o deleite;

e põe a dôr na conceição, porque na deliberação de peccar, nos suggere e faz conceber a dôr para depois de ter peccado. E como o appetite humano se leva tão cégamente ao deleitavel, por isso ao peccado, em que está o deleite e a perdição, damos o tempo presente, e á dôr, em que estava o remedio e a salvação, deixamol-a para o futuro. D'esta sorte os nossos mesmos propositos, que nós chamamos de arrependimento, são de condemnação, e os mesmos peccados, que em confiança d'elles nos deliberamos a commetter, nos deveram desenganar da sua falsidade. ⁸



As gottas de agua, cada una por si, é gotta, juntas ellas são as que enchem os rios, e fazem os mares. Aquella que, pela costura de um dedo mal calafetada, entra no navio, se não torna ao mar pela bomba, bastará, continuada, para o metter a pique. ¿Que coisa menor que a unidade, a qual, por si não é numero? E das unidades multiplicadas se fazem os milhares e os milhões. Um homem só, pouco temor póde causar, mas de muitos homens juntos se formam os exercitos formidaveis que fazem tremer os muros, e rendem as cidades. Com enxames de mosquitos e gafanhotos assolou Deus o Egypto armado de toda a sua cavallaria, e maiores damnos teem feito no mundo as pragas d'estes bichinhos, por muitos,

que as baleias no mar, ou na terra os elephantes, por grandes. Taes são os effeitos dos peccados menores, que, desprezados por leves sem escrupulo nem temor, se deixam crescer e multiplicar dos que sómente os pezam e não contam. ⁹

¹ S. de Todos os Santos.—Convento de Odivellas, Lisboa, 1643.

² S. do 4.º sabbado da Q. — Bahia, 1640.

³ S. de Nossa Senhora da Penha. — Lisboa, 1652.

⁴ S. do 4.º sabbado da Q. — Bahia, 1640.

⁵ Maria, Rosa Mystica. — S. 13.º

⁶ As cinco pedras da funda de David. — Disc. 3.º

⁷ S. do 4.º sabbado da Q. — Bahia, 1640.

⁸ Idem.

⁹ S. da dom. 22.^a *post-Pent.* — Sé de Lisboa, 1649.



A Vaidade

E todo este mundo e tudo o que n'elle mais avulta é vão, antes a mesma vaidade, ¿como é possível que tenha tanto valor e tanto pezo com os homens, que peze para com elles mais que o Céu, mais que a alma, e mais que o mesmo Deus? ; Tão falsas são as balanças

do juizo humano! Não são ellas as falsas, somos nós: *Mendaces filii hominum in stateris, ut decipiant de vanitate in idipsum*. São taes os homens, diz David, que com a balança na mão trocam o pezo ás coisas. Não diz que as balanças são falsas, senão que os homens são falsos n'ellas: *Mendaces filii hominum in stateris*. E a razão d'esta falsidade ou d'esta falsificação é porque os mesmos homens se querem enganar a si mesmos com a vaidade: *ut decipiant de vanitate in idipsum*.

Não é o nosso juizo o que nos engana, é o nosso affecto, o qual pendendo e inclinando para a parte da vaidade, leva apoz si o fiel do juizo. N'estas balanças, que são como as de S. Miguel em que se pezam as almas, de uma parte está a alma, da outra o mundo; de uma parte está o temporal, da outra o eterno; de uma parte está a verdade, da outra a vaidade. E porque nós pômos o nosso affecto e o nosso coração da parte do mundo e da vaidade, esse affecto e esse coração é o que dá á vaidade do mundo o pezo que ella não tem nem póde ter. A vaidade não amada não tem pezo porque é vaidade, mas essa mesma vaidade amada peza mais que tudo, porque o nosso amor e o nosso affecto, é o que falsamente lhe dá o pezo. De maneira que o pezo não está nas coisas, está no coração com que as amamos. ¹



O mesmo David disse admiravelmente: *¿Filii hominum usquequo gravi corde? ut quid diligitis vanitatem?* ¿Filhos dos homens, até quando haveis de ter os corações pezados? Até quando haveis de amar a vaidade? Notae a consequencia. Queixa-se de amarem os homens a vaidade: *¿Ut quid diligitis vanitatem?* e accuza-os de terem os corações pezados: *¿Usquequo gravi corde?* porque o pezo que achamos na vaidade, não está na mesma vaidade, senão no coração com que a amamos. Amamos e estimamos a vaidade, e por isso a balança inclina a ella e com ella, e nos mostra falsamente o pezo onde o não ha. Oh! Se pezassemos bem e fielmente com o coração livre de todo o affecto, como veríamos logo que a inclinação e movimento da balança pendia toda para a parte da alma, e que todo o mundo contrapezado a ella, não peza um atomo!... ²



Agora entendereis a astucia da tentação do demonio, no modo com que mostrou a Christo todos os reinos do mundo. Diz S. Lucas, que Lh'os mostrou em um instante: *Ostendit Ei omnia regna orbis terrae in momento.* ¿E porque razão em um instante? Porque não deu mais espaço de tempo a quem tentava com uma tão grande ostentação? ¿Seria por ventura porque ainda o demonio quando engana, não póde encobrir a brevidade momenta-

nea com que passa e se muda esta scena das coisas do mundo, apparecendo e desaparecendo todas em um instante? Assim o diz S. Ambrosio: *Non tam conspectus celeritas indicatur, quam caduca fragilitas potestates exprimitur, in momento enim cuncta illa praetereunt.* Mostrou o demonio todos os reinos e grandezas do mundo em um instante, porque as mostrou assim como ellas são, e tudo o que ha n'este mundo, não tem mais ser que um instante. O que foi, já não é; o que ha-de ser, ainda não é; o que é, não é mais que no instante em que passa: *In momento cuncta illa praetereunt.* Boa razão e verdadeira, como de tal auctor. Mas ainda debaixo d'ella se encobria outra astucia do tentador, o qual não quiz dar tempo ao tentado para pezar o que Lhe offerecia. O pezo das coisas vê-se pela inclinação e movimento da balança; e como em um instante não póde haver movimento, por isso Lhe mostrou tudo em um instante. Veja o tentado o mundo que Lhe offereço, mas veja-o em um instante sómente e não em tempo, para que não possa averiguar o pouco que peza. *In momento omnia regna mundi.* ³



Juntamente com os reinos do mundo, mostrou tambem o demonio a Christo todas as suas glorias: *Et gloriam eorum.* Mas ainda que auctorisadas com tão especioso nome, nenhum pendor fazem á ba-

lança, porque são tão vans como o mesmo mundo, e ainda mais, se póde ser. E, se não, discorrei por ellas com qualquer atomo de consideração. O que mais peza e o que mais luz no mundo, são as riquezas. ¿E que coisa são as riquezas senão um trabalho para antes, um cuidado para logo, e um sentimento para depois? As riquezas, diz S. Bernardo, adquirem-se com trabalho, conservam-se com cuidado e perdem-se com dôr: ¿Que coisa é o oiro, a prata, senão uma terra de melhor côr? E que coisa são as pêrolas e os diamantes, senão uns vidros mais duros? Que coisa são as galas, senão um engano de muitas côres? Cabellos de Absalão, que pareciam madeixas e eram laços. ¿Que coisa é a formosura, senão uma caveira com um volante por cima? Tirou a morte aquelle véo e fugís hoje do que hontem adoraveis. ¿Que coisa são os gostos, senão as vespêras dos pezares? Quem mais as canta, esse as vem a chorar mais. ¿Que coisa são as delicias, senão o mel da lança de Jonathas? Juntamente vae á bocca o favo e o ferro. ¿Que coisa são todos os passatempos da mocidade senão arrependimentos depositados para a velhice? E o melhor bem que podem ter, é chegarem a ser arrependimentos. ¿Que coisa são as honras e as dignidades senão fumo? Fumo que sempre cega e muitas vezes faz chorar. ¿Que coisa é a privança senão um vapôr de pouca dura? Um raio de sol o levanta e outro raio o desfaz. ¿Que coisa são as provisões e os despachos gran-

des, senão umas cartas de Urias? Todas parecem carta de favor e quantas fôram sentença de morte! ¿Que coisa é a fama, senão uma inveja comprada? Uma funda de David que derruba o gigante com a pedra e o mesmo David com o estalo. ¿Que coisa é a prosperidade humana senão um vento que corre todos os rumos? Se diminue, não é bonança; se cresce é tempestade. ¿Finalmente, que coisa é a mesma vida senão uma alampada aceza, vidro e fogo? ; Vidro que com um assopro se faz quebrar, fogo que com um assopro se apaga! Estas são as glórias do vosso mundo e dos vossos reinos. *Omnia regna mundi et gloriam eorum*. ; E, por estas glórias falsas, vans e momentaneas, damos aquella alma immortal que Deus creou para a Gloria verdadeira e eterna! ⁴

¹ S. da 1.^a dom. da Q. — Cap. Real, 1655.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

A Ambição



QLHEM os homens para as outras creaturas sem uso de razão e não queiram ser ingratos e soberbos contra Deus, quando todas ellas, grandes e pequenas, O louvam e Lhe dão graças pelo que d'Elle receberam. Se o rato não quer ser leão, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a rã quer ser baleia, ¿porque se não contentará o homem com a medida do que Deus lhe quiz dar? E que seria se nem os leões, nem as aguias, nem os elefantes, nem as baleias se contentassem com a sua grandeza e uns se quizessem comer aos outros para poder mais e ser maiores? Isto é o que querem e fazem continuamente os homens e por isso os altos cáem, os grandes rebentam e todos se perdem. Os instrumentos que creou a natureza ou fabricou a arte para serviço do homem, todos teem termo de proporção, dentro dos quaes se podem conservar e fóra das quaes não podem. Com a carga demasiada cáe o jumento, rebenta o canhão e vae-se o navio a pique. Por isso se vêem tantas quedas, tantos desastres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga fôr proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio e á força do animal,

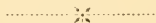
no mar far-se-há viagem, na terra far-se-há caminho e na terra e no mar tudo andará concertado. Mas tudo se desconcerta e se perde porque em tudo quer a ambição humana exceder a esphera e proporção do poder. ¹



Todos dizemos que queremos ir ao Céu e não ha duvida que todos queremos. Mas noto eu que parece queremos chegar lá com a cabeça. Os castellos que formamos nas nossas são como o zimbório da Torre de Babel. Subir e mais subir, crescer e mais crescer. Os pequenos querem ser grandes, os grandes querem ser maiores, os maiores não sei nem elles sabem o que querem ser. Ninguém se contenta com a estatura que Deus lhe deu e não ha homem tão pigmeu ou tão formiga que não aspire a ser gigante. Se vos não fizerdes pequeninos não haveis de entrar no Reino dos Céos. ²



Onde entra a inveja e a ambição de logares, não ha virtude nem amizade segura: o maior amigo vos ha-de desviar e o mais virtuoso se ha-de introduzir ³.



¡O' cegueira da ambição humana! ¿Dizei-me quantas mãos beijaes, dizei-me quantas mãos encheis, dizei-me quantas machinas fabricaes para vos alar aonde quereis subir? E dizei-me tambem ¿quantas vezes desarmam em vão essas mesmas machinas, e essas mãos beijadas e cheias quantas vezes vos deixam com as vossas vazias, porque elles alcançaram o que pretendiam de vós e não vós o que esperaveis d'elles? ⁴



Isto de subir e subir sempre, ou seja por tentação ou por inclinação, é só proprio e natural do demonio. O subir e querer subir, bem póde ser do homem, mas o subir sempre e ainda depois de ter subido, sem descansar nem parar, só do demonio póde ser. ⁵



Subir ás dignidades póde ser bom e póde ser mau, mas o que sempre é mau e nunca póde ser bom, senão pessimo, é fazer de uma dignidade de-grau para a outra e querer sempre subir sem já-mais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser fim e são meio, haviam de ser termo e são de-grau. E tal modo ou tal furia de ambição, não é humana, é diabolica, é luciferina. ⁶



A soberba e a ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no lugar que possui e o outro já vae pelo ar para o lugar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando firma o pé n'um degrau, já levanta o outro para o pôr no que se segue, e assim sobe e vae subindo sempre (por mais alto que seja o lugar a que tem subido) quem fôr tocado d'esta tentação. ⁷

¹ S. da 3.^a dom. *post-Epiph.* — Sé de Lisboa.

² S. da 5.^a dom. da Q. — Lisboa, 1651.

³ S. da dom. 16.^a *post-Pent.*

⁴ Idem.

⁵ S. da 1.^a dom. da Q. — Roma.

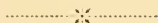
⁶ Idem.

⁷ Idem.

A sensualidade e a cubiça

PROHIBINDO Deus os outros vícios com um só preceito expresso, o da sensualidade e o da cubiça os prohiibe com dois: — o da sensualidade com o sexto e com o nono, o da cubiça com o setimo e com o decimo. Muitos dos outros peccados, ou todos, são geralmente mais graves que

estes dois, porque ou se oppõem á maior virtude, ou conteem maior injustiça. ¿Pois porque ata e aperta Deus a cubiça com dois preceitos e a sensualidade com outros dois e aos outros vicios, sendo mais graves, com um só? Porque, entre todos os vicios da natureza corrupta, estes dois são os mais rebeldes e os mais indomitos. Por isso os atou com duas cadeias. Os outros preceitos facilmente se guardam e raramente se quebram; — n'estes dois não só é muito rara e difficullosa a observancia, mas vaga e desenfreada a soltura. Tanto assim que, se bem reparamos nas quebras dos outros preceitos, acharemos que ou se quebram por sensualidade ou por cubiça. ¹



Os nossos idolos são as nossas paixões e os nossos appetites, e raro é o christão de somno e juizo tão repousado que o deixe dormir e o não desvelle a sua idolatria. ¿Quanto corta pelo somno o adultero? Quando corta pelo somno o ladrão? Quanto corta pelo somno o taful? Quanto corta pelo somno o invejoso, o ambicioso e, mais vigilante que todos, o avarento e cubiçoso? Os judeus adoraram o bezerro de oiro, os christãos adoram o oiro, ainda que não pesa tanto como o bezerro. Do oiro tomou o nome a aurora e esta é a despertadora que os não deixa dormir e faz vigiar machinando subtilezas, traças, enganos, trai-

ções e sacrificando ao torpe, vergonhoso e brutal idolo do interesse o descanso, a razão, a vida, a honra, a consciencia, a alma. ²

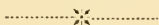


A natureza fez o comer para o viver e a gula fez o comer muito para o viver pouco. ³



Por uma parte a sensualidade tem por objecto o delectavel, a cubiça, o util; a sensualidade inclina a conservação da especie, a cubiça á do individuo; a sensualidade é inimigo natural, interior e domestico, a cubiça, exterior; e por todas estas razões parece mais difficuloso de arrancar e vencer o vicio da sensualidade. Por outra parte a cubiça cresce com a idade, a sensualidade diminue; a materia da cubiça permanece ainda depois da morte, a da sensualidade acaba antes da vida; para emenda da sensualidade basta arrepender, para a da cubiça é necessario arrepender e restituir; com que parece mais difficuloso o remedio d'este vicio e mais certo n'elle a condemnação. Por onde os gentios que a cada vicio assignalavam o seu deus, ao deus da cubiça pozeram-n'o no inferno. Assim que a verdadeira decisão d'esta proposta e o conselho certo e seguro é fugir e guardar e renegar de ambos estes vi-

cios. Comtudo para responder com distincção que entre um e outro póde haver, digo que mais facilmente se deve esperar a conversão de uma alma perdida na sensualidade que na cubiça e que, se na materia da cubiça e do alheio fôr ajustada com a lei de Deus, posto que na da sensualidade tenha peccados, se póde ter por grande indício de sua salvação. ⁴



Aquillo sem que não podemos viver, é o mesmo que nos mata, tomado sem medida. E como o alimento, tomado sem medida, é o veneno da vida, e com medida o medicamento d'ella, esta é a desgraça não conhecida dos ricos e a ventura tambem mal entendida dos pobres. A vida e a via de uns e outros egualmente caminha para o mesmo termo, que é a sepultura, mas os passos não são eguaes. Porque, como a abundancia e gula dos ricos é o seu veneno, e a estreiteza e abstinencia dos pobres o seu medicamento, os ricos chegam á sepultura como S. João á de Christo, primeiro e mais depressa, e os pobres, como S. Pedro, mais devagar e mais tarde. ⁵



¿ A quem dá a cubiça as dignidades e a quem
as tira? Dá-as a quem vê que tem mais, porque
7

recebe ou espera mais; tira-as a quem vê que tem menos, porque, ou não recebe, ou espera menos. ⁶



Todas as Escripturas conformemente estão dizendo, que o meio mais certo e mais seguro de ter pão e de nos não faltarem os bens temporaes, é seguir a Christo e servir a Deus. Agora quizera eu perguntar pela vossa cubiça á vossa fé, e pela vossa fé á vossa cubiça. ¿Se tendes fé e tendes cubiça, porque não encaminhaes a vossa cubiça pelos caminhos que vos ensina a fé, para assegurar os interesses que pretendeis? ;Nem christãos nem cubiçosos sabemos ser, mas é que não temos fé! ⁷

¹ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1657.

² S. da Resurreição.

³ S. da 4.^a dom. depois da Paschoa. — Maranhão.

⁴ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1657.

⁵ S. da 4.^a dom. depois da Paschoa. — Maranhão.

⁶ S. de S. Bartholomeu. — Roma.

⁷ S. da 4.^a dom. da Q. — Maranhão, 1657.

A Confissão

NÃO é muito facil remedio o de curar só com palavras ou fôsse inventado pela superstição ou pela arte? Pois d'este genero é, e com muito grandes vantagens, o remedio da confissão. Não só cura de algumas feridas, senão de todas, ainda que sejam mortaes; não só cura de poucas, ou de muitas, senão de todas, ainda que sejam innumeraveis; e de tal maneira cura de todas quantas padece o enfermo, que, se uma só se lhe exceptuasse, não curaria de nenhuma. E tudo isto faz a confissão, não em largo tempo, senão em um instante, e sem outra applicação da nossa parte, mais que palavras. ¹



Deus fez a confissão para remedio da fraqueza e não para estimulo da malicia. E' medicina para sarar e não carta de seguro para adoecer. Por isso permite Deus, justissimamente, que ou falte a confissão ou não aproveite a muitos, porque não é razão que o remedio seja proveitoso a quem foi injurioso ao mesmo remedio. ²



Dizei-me: ¿se um homem por suas proprias mãos se déra uma estocada penetrante e sobre esta outras e outras, não o tereis por doido? ¿E se elle respondesse que fazia tudo aquillo porque tinha uma redoma de oiro de oleo muito provado, com que facilmente se curaria, não o tereis por mais doido ainda? Pois isto é o que fazem os que, fiados na facilidade da confissão, continuam a peccar. E a doidice e loucura d'estes é muito mais rematada, porque nem a confissão nem o effeito d'ella está na sua mão. Por isso ha tantos que se condemnam confessados, — para que ninguem finalmente se fie na facilidade d'este remedio. ³



Foi um homem ao matto, diz Isaias (ou fôsse esculptor de officio, ou imaginario de devoção). Levava o seu machado ou a sua acha ás costas, e o seu intento era ir buscar um madeiro para fazer um idolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os cyprestes, cortou d'onde lhe pareceu um tronco e trouxe-o para casa. Partido o tronco em duas partes ou em dois cépos, a um d'estes cépos metteu-lhe o machado e a cunha, fende-o em achas, fez fogo com ellas e aqueitou-se e cozinhou o que havia de comer. O outro cépo poz-lhe a regra, lançou-lhe as linhas, desbastou-o e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o affeiçoando em

fôrma humana. Alizou-lhe uma testa, rasgou-lhe uns olhos, aflou-lhe um nariz, abriu-lhe uma bôca, ondeou-lhe uns cabellos ao rosto, foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito e o resto do corpo até aos pés. E feito em tudo uma figura de homem, pôl-o sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaias da cegueira d'este esculptor e eu tambem me admiro dos que fazem o que elle fez. ¿Um cêpo conhecido por cêpo, feito homem e posto em logar onde ha-de ser adorado? *Medietatatem, ejus conbussi igne, et de reliquo ejus dolum faciam?* Duas metades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar? Se são dois cêpos porque os não haveis de tratar ambos como cêpos? Mas que um cêpo haja de ter a fortuna de cêpo e vá em achas ao fogo, e que o outro cêpo, tão madeiro, tão tronco, tão informe e tão cêpo, como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar auctoridade, respeito, adoração, divindade? Dir-me-eis que este segundo cêpo, que está muito feito e que tem partes. Sim, tem; mas as que vós fizestes n'elle. Tem bôcca porque vós lhe fizestes bôcca; tem olhos, porque vós lhe fizestes olhos; tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés e mãos. E senão dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que fale com essa bôcca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cêpo é agora como era d'antes, — ¿porque não vae tambem este para o fogo? Ou porque não vem tambem o outro para o altar? Ha quem leve á con-

fissão estas desigualdades? Ha quem se confesse dos que fez e dos que desfez? A um queimastes, a outro fizestes, e de ambos deveis restituição igualmente. Ao que queimastes, deveis restituição do mal que lhe fizestes; ao que fizestes deveis restituição do mal que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de vêr, restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizestes-lhe bôcca, não sendo capaz de falar, restituireis os damnos das suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar, restituireis os damnos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juizo, restituireis os damnos de seus desgovernos. ⁴



Ha sujeitos na nossa côrte, que teem logar em tres e quatro tribunaes; que teem quatro, que teem seis, que teem oito, que teem dez officios. Este ministro universal não pergunto como vive nem quando vive. Não pergunto como acóde ás suas obrigações, nem quando acóde a ellas, só pergunto como se confessa. O mesmo sol, quando alumia um hemispherio, deixa o outro ás escuras. ¿E que haja de haver homem com dez hemisphe-rios? E que cuide ou se cuide, que em todos póde alumiar? ¡Não vos admiro a capacidade do talento, a da consciencia, sim! ⁵



A confissão verdadeira e effectiva ha-de levar comsigo ao confessado e pôl-o todo e para sempre aos pés de Deus. Se não leva comsigo ao confessado, não é confissão. ⁶

¹ S. do 4.º sab. da Q. — Bahia, 1640.

² Idem.

³ Idem.

⁴ S. da 3.ª dom. da Q. — Cap. Real, 1655.

⁵ Idem.

⁶ S. do 4.º sab. da Q. — Bahia, 1640.



A Penitencia



cegueira do juizo e amor proprio é muito maior que a cegueira dos olhos; a cegueira dos olhos faz que não vejamos as coisas, a cegueira do amor proprio faz que as vejamos differentes do que são, que é muito maior cegueira, porque não vêr nada é privação, vêr uma coisa por outra é erro. Eis aqui porque sempre erra o juizo proprio, eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Somos pouco maiores que as hervas e fingimo-nos tão grandes como as arvores. Se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nol-as

ha-de tornar a dar o verão, que sempre havemos de florescer, que havemos de durar para sempre. Isto somos e isto cuidamos. ¿E que faz a penitencia para alumiar a este cego? Duas coisas; tira-lhe o véo dos olhos e mette-lhe um espelho na mão. Nenhuma coisa trazemos os homens mais esquecida e desconhecida, nenhuma trazemos mais detraz de nós, que a nós mesmos. ¿E que faz o juizo da penitencia? Põe-nos a nós deante de nós, como réos deante do tribunal, para que nos julgemos, e como objecto deante do espelho para que nos vejamos. Coisa difficil-tosa é que homens tão derramados nas coisas exteriores cheguem a se vêr interiormente como convem. Mas isso faz a penitencia por um de dois modos ambos maravilhosos: ou voltando-nos os olhos de fóra para dentro, para que nos vejamos; ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fóra, para que nos vejamos. ¹



O juizo de si mesmo, emenda-se, ¿e o juizo dos homens? Despreza-se. Entra pois o juizo dos homens a apresentar-se deante do tribunal da penitencia, e não vem com os olhos vendados, como o juizo de si mesmo, mas com todos os sentidos e com todas as potencias livres, e muito livres, porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos porque julga tudo o que vê, traz livres os

ouvidos porque julga tudo o que ouve, traz livre a lingua porque publica o que julga, e traz livre mais que tudo a imaginação porque julga e condemna tudo o que imagina. ¿Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido e tão respeitado no mundo? Que faz, ou que póde fazer a penitencia, para que não façamos caso, sendo homens, do juizo dos homens? Com abrir ou fechar um sentido faz a penitencia tudo isto. Para o juizo de si mesmo abrem os olhos, para o juizo dos homens, fecha-nos os ouvidos.

Digam os homens, julguem os homens, condemnem os homens o que quizerem e quanto quizerem, que quem trata deveras da satisfação de seus peccados, quem trata deveras de ser bem julgado de Deus, não se lhe dá do juizo dos homens. ¿Sabeis porque fazemos tanto caso dos juizos humanos? Porque não somos verdadeiros penitentes. ¿Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fôra verdadeiro, que pouco caso havíamos de fazer de todas as opiniões do mundo! ²



O verdadeiro penitente, elle mesmo se accusa e se condemna: ¿que se lhe dá logo que digam os outros o que elle confessa de si? Que importa que outros levem o pregão, quando eu mesmo executo o castigo? Quem se confessa por réo,

não lhe fazem aggravo as testemunhas. Se um homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira e profundamente suas culpas, nunca ninguém dirá d'elle tanto mal, que elle se não julgue peor. E quem se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem, antes tem razão de agradecer que de queixar-se. Por isso os grandes penitentes não se queixavam das injurias. Julgue e diga o mundo o que quizer, que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu sei de certo, que ha em mim. *



¿O Juizo dos homens por mais que vos condemne, póde-vos impedir o Céu-ou levar-vos ao inferno? Não. Ponde agora de uma parte todos os juizos dos homens, e da outra os vossos peccados, e perguntae-vos a vós mesmo quaes d'estes deveis mais temer. Os juizos dos homens, ainda que façam todo o mal que podem, nem podem dar Inferno, nem tirar Paraíso; os peccados ainda que acheis n'elles todos os falsos bens, que vos promettem, só elles tiram o Paraíso e dão Inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo, que só seus peccados o podem tirar do Paraíso e leval-o ao Inferno, ¿que caso ha-de fazer dos juizos dos homens? Dos peccados sim, e só dos peccados, porque só por elles o póde condemnar

Deus. E quem teme que o póde condemnar Deus, não se lhe dá que o condemnem os homens. ⁴



A penitencia honra os peccadores, porque lhes tira a affronta do peccado; os innocentos honram a penitencia, porque lhe tiram a mistura do remedio. ⁵

¹ S. do 4.º dom. do Adv.

² Idem.

³ Idem.

⁴ Idem.

⁵ S. de S. João Baptista. — Alcantara, 1644.



A Eucharistia



homem com os olhos da alma que são espirituaes, se fõrem elevados, póde vêr a Deus; mas com os olhos do corpo, em que não é possivel tal elevação, não o póde vêr. ¿E que faz Deus para que o homem não só com a alma mas tambem com o corpo O gosasse inteiramente no banquete da gloria? O que fez Deus foi pedir em-

prestado á natureza humana o corpo que não tinha e unindo por este modo ineffavel a Divindade com a humanidade, o mesmo banquete da gloria que tem por objecto a Deus, ficou não só divino, mas divino e humano juntamente: — divino para beneficiar o homem na alma, e humano para o beneficiar no corpo. ¹



O fim por que Christo Se deixou no Sacramento foi para regar e fecundar nossas almas com os influxos do Seu corpo e sangue, como rio nascido da fonte de toda a graça, que é a Divindade. As almas puras e santas que não só vivem em fé mas em perfeita caridade, tão raras na corrupção e abusos da vida, que se costuma, são as plantas do paraizo que elle rega e santifica com tanto fruto como gosto. ²



A maior fineza do amor é morrer, mas tem um grande desar esta fineza, que quem a faz não póde fazer outra. E' a maior fineza mas é a ultima. E como Christo amava tão extremamente os homens e via que morrendo na cruz se acabava a materia a suas finezas, ¿que fez? Inventou milagrosamente no Sacramento um modo de morrer sem acabar, para, morrendo, poder dar a

vida, e não acabando, poder repetir a morte. Esta é a vantagem que leva em Christo o amor que nos mostrou na cruz. Na cruz morreu uma vez, no Sacramento morre cada dia; na cruz deu a vida, no Sacramento perpetuou a morte. ³



Tome o philosopho nas mãos um espelho de crystal, veja-se n'elle e verá uma só figura. Quebre logo esse espelho ¿e que verá? Verá tantas vezes multiplicada a mesma figura quantas são as partes do crystal, e tão inteira e perfeita nas partes grandes e maiores, como nas pequenas, como nas menores, como nas minimas. Pois assim como um crystal inteiro é um só espelho e dividido são muitos espelhos, assim aquelle circulo branco de pão, inteiro, é uma só hostia e partido são muitas hostias. E assim como se parte o crystal sem se partir a figura, assim se parte a hostia sem se partir o corpo de Christo. E assim como a figura está em todo o crystal e toda em qualquer parte d'elle, ainda que seja muito pequena, assim em toda a hostia está todo Christo e todo em qualquer parte d'ella, por menor e por minima que seja.

E assim, finalmente, como o rosto que se vê no crystal dividido em tantas partes é sempre um só e o mesmo, e sómente se multiplicam as imagens d'elles, assim tambem o corpo de Christo,

que está na hostia dividido em tantas partes, é sempre um só corpo e sómente se multiplicam as Suas presenças. Lá o objecto é um só e as imagens são muitas; cá da mesma maneira as presenças são muitas, mas o objecto é um só. ¿Póde haver similhaça mais viva? Póde haver propriedade mais propria? Parece que creou Deus o mysterio do crystal só para espelho do Sacramento. Assim o disse David e o entendeu a Igreja. "Deita Deus os seus crystaes do Céu á terra como bocados de pão.," ; Notavel como peregrina comparação! ¿Que similhaça teem os bocados de pão com o crystal ou o crystal com os bocados de pão? Com os bocados de pão usual da vossa meza nenhuma, mas com os bocados do pão sacramental da meza da Eucharistia toda aquella similhaça maravilhosa que vistes. Porque tudo o que no crystal se vê como por vidraças é o que passa dentro no Sacramento com as cortinas corridas.

Assim como no crystal se vê por milagre manifesto da natureza o todo sem occupar mais que a parte, a divisão sem destruir a inteireza e a multiplicação sem exceder a singularidade, assim na hostia, com occulta e sobrenatural maravilha, o mesmo corpo de Christo é um e infinitamente multiplicado, dividido e sempre inteiro e tão todo na parte como no todo. ⁴



Aquella hostia que recebemos é um papel fechado, em que vem escripta a nossa sentença, ou de vida ou de morte. ¡Vêde se pôde haver meza mais temerosa que esta! Na meza da proposição havia uns pães, que estavam deante do propiciatorio, os quaes, no texto hebreu se chamam “pães de duas faces.” Tal é o pão do Sacramento do altar, pão de duas faces: uma benigna, outra temerosa; uma amavel, outra terrivel; uma de misericordia, outra de justiça; uma de vida, outra de morte. E pão, que de uma face me convida com a vida, de outra me ameaça com a morte; pão que, sendo triaga, pôde ser veneno, e não sei se ha-de dar saude, ou se me ha-de matar; vêde se pôde parecer desabrido. ⁵



Entre a bemaventurança do Céu e o Sacramento na terra não ha outra distincção nem outra differença de banquete a banquete, senão ser um de dia, outro de noite; um com luz do sol, outro com luz de candeia; um com o lume da gloria, que é claro, outro com o lume da fé, que é escuro; um que se gosa e se vê, outro que se gosa sem se vê. ¿Não é certo, que o mesmo Deus que se gosa no Céu, é o que está no Sacramento? Sim. ¿Não é tambem certo, que lá se vê esse mesmo Deus e cá não? Tambem. Pois essa é só a differença que ha entre o banquete da gloria

no Céu e o do Sacramento na terra. A gloria é o Sacramento com as cortinas corridas, o Sacramento é a gloria com as cortinas cerradas. Lá come-se Deus exposto e descoberto, aqui come-se coberto e encerrado. ⁶



Amanhece a branca flôr, cheia do orvalho dôce que distillou n'ella a aurora; chega a beber a abelha, e leva mel, chega a beber a aranha, e leva veneno. ¿Mas d'onde nasce este veneno e este mel? O mel não nasceu da abelha, senão da flôr, o veneno não nasceu da flôr, senão da aranha. Nem mais, nem menos; está aquelle Sacramento feito um favo de vida e de doçura. Chega o justo, chega o peccador áquelle manjar divino; o justo leva vida, o peccador leva morte. ¿Mas d'onde nasceu esta morte e esta vida? A vida não nasceu do justo, senão do Sacramento, e a morte não nasceu do Sacramento senão do peccador. De sorte que o Santissimo Sacramento sempre para todos é vida e nunca morte. ⁷



Não cuide que ama a Christo quem não antepõe Sua presença invisivel a tudo quanto se vê e pôde vêr no mundo. Lá vos chamam a vêr, aqui a não vêr, porque a prova do verdadeiro

amor não está em amar vendo, senão em amar sem vêr. Amar e vêr é bemaventurança; amar sem vêr é amor. O mesmo mundo o confessa. Toda a gala do amor é a sua venda. Vendado e despido, porque quando não tem uso dos olhos então se descobre o amor. ⁸



Ausentando-se o sol de nós, por uma presença sua de que nos priva, se nos deixa multiplicado em tantas presenças quanto é o numero sem numero das estrellas; porque cada uma d'ellas não é outra coisa senão um espelho do mesmo sol, em que elle, sendo um só e ausente, se nos torna a fazer presente, multiplicado tantas vezes e em tantos logares quantos são (desde o oriente ao poente, e desde o septentrião ao meio dia) os de todo o mundo que vêmos. Isto mesmo é o que fez o nosso divino sol christão, sacramentando Seu sacratissimo Corpo. Ausentou-se de nós, segundo a presença natural; mas por esta presença Se deixou connosco em tantos outros quantos são os logares e altares de todo o mundo, em que verdadeiramente e realmente sendo um só e o mesmo, está multiplicado no Sacramento. ⁹



Não debalde instituiu Christo o Divino Sacramento de noite, quando, por uma presença que nos levou da vista, nos deixou muitas á fé. Mette-se o sol no occidente, escurece-se o mundo com as sombras da noite, mas se olharmos para o céu, veremos o mesmo sol multiplicado em tantos soes menores, quantas são as estrellas sem numero em que elle substitue a sua ausencia e não se retrata, mas vive. ¹⁰



O sacrificio foi instituido para propiciação do peccado e o Sacramento para satisfação da esperança. E assim como no fim do mundo ha-de cessar o sacrificio, porque ha ter fim o peccado; assim no fim do mundo ha-de cessar o Sacramento, porque ha-de ter fim a esperança. ¹¹

¹ S. da dom. 19.^a — *Post.-Pent.* — Bahia, 1639.

² Maria, Rosa Mystica. — S. 19.^o

³ S. de S. João Baptista.

⁴ S. do SS. Sacramento. — Santa Engracia, 1645.

⁵ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1653.

⁶ S. da dom. 19.^a — *Post.-Pent.* — Bahia, 1639.

⁷ S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1653.

⁸ S. do SS. Sacramento. — Roma, 1674.

⁹ S. da dom. 19.^a — *Post.-Pent.* — Bahia, 1639.

¹⁰ S. do SS. Sacramento. — Conv. da Esp. Lisboa, 1669.

¹¹ Idem.

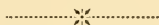
A graça de Deus



GRAÇA é a santidade formal ou a fôrma sanctificante, que faz e denomina santos. ¹



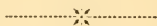
Tudo que não é graça de Deus e santidade, é mentira. As riquezas mentira, as honras mentira, os mandos mentira; — só o estar em graça de Deus é verdade, só o viver em graça de Deus é verdade, só o morrer em graça de Deus, em que consiste o ser santo, é verdade. ²



Estimar a graça pelo visível e querer que todos vejam que sois bem visto, — é ostentação, não é amor. O amor tem a satisfação no coração proprio e não nos olhos alheios. O preço da graça está no agrado dos olhos soberanos e não na admiração dos vulgares. Desmerece ser bem visto quem quer a graça para ser olhado. Por isso Deus fez invisível a Sua. ³



A graça de Deus é a coisa de maior peso e não é pesada: a graça dos reis é uma coisa que pesa muito pouco e é pesadissima. A graça dos reis, para se conservar, ¿quantos cuidados custa? A graça de Deus é um descuido de tudo o mais e só a podem offender outros cuidados. A graça dos reis é um alvo a que se tiram todas as settas: a graça de Deus é um escudo que nos repara de todas. A graça dos reis muitas vezes é conveniencia, outras necessidade, algumas gosto e sempre tem poucos quilates de vontade: a graça de Deus, como Deus não depende nem ha mister, toda é amor. A graça dos reis, por muito que levante ao válido, sempre o deixa na esphera de vassallo: a graça de Deus sobe o homem á familiaridade de amigo, á dignidade de filho, á similhaça de si mesmo. A graça dos reis não vos dá parte da corôa: a graça de Deus é participação de Sua Divindade. A graça dos reis, ainda que deis o sangue por elles, não basta para a alcançardes: a graça de Deus, deu Deus o sangue por vós só para vol-a dar. A graça dos reis, se é grande, é de um só; se é de mais que de um, é pouca e de poucos: a graça de Deus é de todos os que a querem, — põe-lhe a medida o amor e não a diminue a companhia...⁴



Os bens d'este mundo, ou são bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da gloria, ou bens da graça. Os bens da natureza custaram-Lhe a Deus uma palavra de Sua omnipotencia, com que os creou; os bens da fortuna custaram-Lhe um acêno de Sua providencia, com que os repar-te; os bens da gloria custam-Lhe uma vista de Sua essencia, com que Se communica; ¿e os bens da graça, que Lhe custaram? Diga-o a cruz; custaram a vida de Deus, custaram o sangue de Deus, custaram a alma de Deus, custaram a divindade de Deus, custaram a honra de Deus. ¿Pesa muito a graça de Deus? Pois ainda ha outra coisa no mundo, que pesa mais que ella. ¿E qual é? Qualquer dos vossos appetites. Nas balanças da cruz pesa tanto a graça como Deus; nas balanças do juizo humano, qualquer appetite pesa mais que Deus e que a Sua graça. Dizei-o vós quantas vezes daes a Deus e á graça por um appetite. ¡O' homens, diz o Propheta, como sois falsos nas vossas balanças! As balanças não são as falsas, porque a fé e o intendimento bem sabe conhecer quanto pesa mais que tudo a graça de Deus, mas os homens são falsos ás balanças, mentindo-se e enganando-se a si mesmos com a verdade á vista. ¿E' possivel que Deus se ha-de dar a si mesmo pela graça, para nos levar ao Céu, e que nós havemos de dar a Deus e a graça pelo peccado que nos leva ao Inferno? ¿Já que não amamos a graça pela graça, já que não tememos

o peccado pelo peccado, não amaremos a graça pela gloria, não temeremos o peccado pelo Inferno? ⁵

¹ S. de "Todos os Santos", — Lisboa, 1643.

² S. panegyrico nos annos da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya.

³ S. de Nossa Senhora da Graça. — Lisboa, 1651.

⁴ Idem.

⁵ Idem.



A Morte



QUE coisa é morte? Um momento de onde pende a eternidade, ou, por melhor dizer, as eternidades. O momento é um e as eternidades que d'elle pendem são duas: ou de vêr a Deus para sempre ou de carecer de Deus para sempre. E' uma linha indivisivel, que divide este mundo do outro; é um horisonte extremo, de onde para cima se vê o hemispherio do Céu e para baixo o do Inferno; é um ponto preciso e resumido em que se ajunta o fim de tudo o que acaba e o principio do que não ha de acabar. ¡Oh! que terrivel ponto este e mais terrivel para os que n'esta vida se chamam felizes! Se este ponto tivera par-

tes, fôra menos temeroso, porque entre uma e outra pudéra caber alguma esperança, alguma consolação, algum recurso, algum remédio; mas este ponto não tem partes, porque é o ultimo. O instante da morte não é como os instantes da vida. Os instantes da vida, ainda que não teem partes, unem-se em partes, porque unem a parte do tempo passado com a parte do futuro. O instante da morte é um instante que se desata do tempo que foi e não se ata com o tempo que ha de ser, porque já não ha-de haver tempo. ¿Não vos parece que é terrivel coisa ser a morte momentanea? ¿Não vos parece que é terrivel momento este? Pois eu vos digo que nem é terrivel nem é momento, para quem souber fazer pé atraz e acabar a vida antes de morrer; porque, ainda que a morte é momento e não é tempo, quem acaba a vida antes de morrer, mette tempo entre a vida e a morte.

¿Em que nos distinguimos os vivos dos mortos? Os mortos são pó, e nós tambem somos pó. ¿Em que nos distinguimos uns dos outros? Distinguimos-nos os vivos dos mortos, assim como se distingue o pó do pó. Os vivos são pó levantado, os mortos são pó caído; os vivos são pó que anda, os mortos são pó que jaz. Estão essas praças no verão cobertas de pó; dá um pé de vento, levanta-se o pó no ar, e ¿que faz? O que fazem os vivos, e muito vivos. Não aquieta o pó, nem póde estar quêdo; anda, corre, vôa; entra

por esta rua, sae por aquella; já vae adeante; já torna atraz; tudo enche, tudo cobre, tudo envolve, tudo perturba, tudo toma, tudo céga, tudo penetra; em tudo, e por tudo se mette, sem aquietar nem socegar um momento, enquanto o vento dura. Acalmou o vento, cae o pó, e onde o vento parou, alli fica; ou dentro de casa, ou na rua, ou em cima de um telhado, ou no mar, ou no rio, ou no monte, ou na campanha. ¿Não é assim? — Assim é. ¿E que pó, e que vento é este? O pó somos nós; o vento é a nossa vida. Deu o vento, levantou-se o pó; parou o vento, caíu. Deu o vento, eis o pó levantado; estes são os vivos. Parou o vento, eis o pó caído; estes são os mortos. Os vivos pó; os mortos pó; os vivos pó levantado; os mortos pó caído; os vivos pó com vento, e por isso vãos; os mortos pó sem vento, e por isso sem vaidade. Esta é a distincção, e não ha outra. ¹



O pó que havemos de ser, é triste, é temeroso, é certo e necessario, porque ninguem póde escapar da morte; o pó que somos é alegre, é seguro, é voluntario e livre, porque se nós o quizermos attender e applicar como convem, o pó que somos será o remedio, será a triaga, será o correctivo do pó que havemos de ser. ²



A vida sempre caminha ao mesmo passo, sempre segue o curso do tempo; a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Umás vezes é uma anatomia de ossos que anda, outras um cavalleiro que corre, outras uma foice que vôa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para outros voando. Se a morte ou para todos andára, ou para todos corrêra, ou para todos voára, era igual a morte. ¿Mas andar para uns, para outros correr, e para mim voar? ¡O' morte, quem te cortára as azas! Mas bem é que bata as azas para que nos abatamos as rodas. ³



Mostrou Deus uma visão ao propheta Amós (que era homem do campo) e perguntou-lhe, ¿que via?

Respondeu o propheta: Senhor, o que vejo é uma vara comprida e farpeada, com que os rusticos alcançamos a fructa, e a colhemos das arvores.

Pois esta vara que vês, diz Deus, é a morte. Todo este mappa do mundo é um pomar; as arvores, umas altas, outras baixas, são as diversas gerações e familias; os fructos, uns mais maduros, outros menos, são os homens; a vara que alcança ainda os ramos mais levantados, é a morte; colhe uns e deixa outros.

¡Ah, Senhor, que essa é a morte como havia

de ser, e não como é! Quem entra a colher em um pomar, passa pelos pomos verdes, e colhe os maduros; mas a morte não faz assim. Vêmos que deixa os maduros, e colhe os verdes. E já se colhêra só os fructos verdes, colhêra fructos; mas a queixa minha é, que deixa de colher os fructos, e colhe as flôres. Appareceram as flôres na nossa terra, não lhes aguardou mais tempo a morte; appareceram e desappareceram.

¡A'lerta, flôres, que a primavera da vida é o outomno da morte! A foice cegadora, que traz na mão, instrumento é do agosto, e não do abril; mas arma-se assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça as espigas, para que se desacautelem as flôres. 4



Nas leis da morte tem precedencia para a sepultura a maior belleza. Desde a terra até o Céu está estabelecida esta lei. Na terra a rosa, rainha das flôres, é ephemera de um dia; toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada de que se veste, pela manhã mantilhas, ao meio dia galas, á noite mortalhas. No Céu a lua, rainha das estrellas, ¿quem a viu cheia, retrato da formosura, que logo a não visse mingoante, depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, então se ecclipsa; quando faz opposição ao sol, então a encobre a terra. Ajunte-se a formo-

sura da terra com a do Céu e na união de ambas veremos o mesmo exemplo. ⁶



Falando Deus a Abrahão na gloriosa descendencia de seus filhos, umas vezes comparou-os ao pó, e outras ás estrellas, para ensinar, diz Philo, que o caminho de se fazerem estrellas era desfazerem-se em pó. ¿Que cuidaes que é uma sepultura, senão uma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz maiores quilates de formosura em baixo que em cima da terra. As flôres, formosura breve, criam-se na superficie; as pedras preciosas, formosura permanente, no centro. ⁶



Um homem que se pergunta a si mesmo para onde vae, e vê que, com os passos do tempo, que nunca pára, vae sempre caminhando para a sepultura, ou já deixa detraz das costas, ou mette debaixo dos pés, tudo o que costuma entristecer aos que isto não consideram. Na sepultura para onde caminhamos o que depois se ha-de enterrar, é o proprio corpo, e o que desde logo fica sepultado, é tudo o que n'este mundo póde causar tristeza. ⁷



Muitas vezes são servidos e honrados os mortos não por si, mas por respeito dos vivos. E isto

não é misericórdia e verdade, senão hypocrisia e mentira sem misericórdia. ¿Não vêdes nas mortes e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos e assistencia de todos os estados que se fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas, por ventura, se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que cuidamos que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras cerimoniaes e lisonjas com que incensaes os vivos. ⁸

¹ S. de q. f. de Cinza. — Roma, 1672.

² Idem, 1673.

³ S. nas exequias de D. Maria de Athayde. — Xabregas, 1649.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ Idem.

⁷ S. da 4.^a dom. depois da Paschoa. — Maranhão.

⁸ S. no enterro dos ossos dos enforcados. — Bahia.



O Juizo



JUIZO dos homens é mais temeroso que o juizo de Deus, porque Deus julga com o intendimento, os homens julgam com a vontade. Quando entre o intendimento de Deus e a vonta-

de dos homens não houvera aquella infinita distancia, bastava só a differença que ha entre vontade e intendimento, para ser grande a desigualdade d'estes juizos. Quem julga com o intendimento póde julgar bem e póde julgar mal; quem julga com a vontade nunca póde julgar bem. A razão é muito clara. Porque quem julga com o intendimento, se intende mal, julga mal; se intende bem, julga bem. Porém, quem julga com a vontade, ou queira mal ou queira bem, sempre julga mal. Se quer mal, julga como apaixonado; se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjuntos. — No juizo divino não é assim: julga só o intendimento e tal intendimento. ¹



Não vem Christo a julgar emquanto Deus, senão emquanto Homem. A humanidade é o realce da justiça. Entre o justo e o justiceiro ha esta differença: — ambos castigam, mas o justo castiga e peza-lhe, o justiceiro castiga e folga; o justo castiga por justiça, o justiceiro castiga por inclinação; o justo com mais vontade absolve que condemna, o justiceiro com mais vontade condemna que absolve. A justiça está entre a piedade e a crueldade. O justo propende para a parte de piedoso, o justiceiro para a de cruel. ²



O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que a não pôz Deus na nossa mão; mas o ser bem resuscitado, que é aquella nobreza que ha-de durar por toda a eternidade, essa deixou Deus ao alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos paes, na resurreição seremos filhos de nossas obras. ¡E que seja mal resuscitado, por culpa sua, quem foi bem nascido sem merecimento seu, lastima grande! Resuscitar bem, sobre haver nascido mal, é emendar a fortuna; resuscitar mal, sobre haver nascido bem, é peor que degenerar da natureza! ³



Tudo passa e nada passa. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. ⁴

¹ S. da 2.^a dom. do Adv.

² H. sobre o Ev. da 2.^a f. da 1.^a sem. de Q.

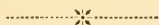
³ S. da 1.^a dom. do Adv. — Cap. Real, 1650.

⁴ S. da 1.^a dom. do Adv.

A Eternidade



ETERNIDADE é uma duração simultanea, que não tem antes nem depois; é um instante perpetuo que não admite anno nem dia; é um *hoje* permanente que não conhece hoje nem amanhã; é um presente contínuo que não teve preterito nem ha-de ter futuro, sendo sempre permanente e não passando jámais, como se fosse successivo e verdadeiramente passasse; do presente faz preterito, de muitos seculos poucos instantes, de milhares de annos um dia, da mesma eternidade breve tempo. ¹

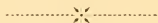


Os egypcios, nos seus jeroglificos, e antes d'elles os caldeus, para representar a eternidade pintaram um O, porque a figura circular não tem principio nem fim, e isto é ser eterno. ²

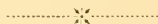


A eternidade de Deus não póde crescer, porque é eternidade sem principio e sem fim; a eternidade dos homens póde crescer, porque, ainda que não tem fim, tem principio. Não póde crescer

a parte *post* da parte de além, mas pôde crescer a parte *ante* da parte de áquem. E assim, quanto se corta á vida, tanto se acrescenta á eternidade. ³



Os dias d'esta vida não são dias nossos. Se fôram nossos, tiveramol-os em nosso poder e estivera em nossa mão logral-os. Mas estão em poder de tantos tyrannos quantas são as miserias da vida. Só os dias da eternidade são dias nossos, porque ninguém nol-a pôde tirar. ⁴



A roda do tempo é pequena e breve; a roda da eternidade é grandissima e amplissima, e comtudo, a roda do tempo encerra e revolve dentro em si a roda da eternidade, porque, qual fôr a vida temporal de cada um, tal será a eterna. ⁵

¹ As cinco pedras da funda de David.— Disc. 5.^o

² S. de Nossa Senhora do O'.

³ S. nas exequias de D. Maria de Athayde.— Xabregas, 1649.

⁴ Idem.

⁵ S. de Nossa Senhora do O'.

O Inferno



NÃO se pôde dizer nem imaginar a desordem, a confusão e dissonancia horrendissima d'aquelle cahos; concorde só no tumulto perturbadissimo dos affectos e paixões com o estrondo confusissimo dos bramidos e alaridos tremendos com que d'aquella multidão immensa de linguas sacrilegas é incessantemente blasphemado o Céu. Arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a dôr, e desafoga-se sem nunca desafogar-se a vingança em injurias, em opprobrios, em maldições contra o sempre mais e mais odiado Deus. De todos os attributos e de todos os beneficios divinos se ouve ali em desentoados clamores a sua affronta: a justiça se chama injusta, a bondade iniqua, a sabedoria ignorante, e até a omnipotencia fraca e covarde, como empregada só contra maniatados e miseraveis. ¡No Padre se blasphema a Creação, no Filho a Redempção, no Espirito Santo a justificação e a graça, e na Humanidade sacrosanta a humildade, a pobreza, a paciencia, a obediencia, a cruz; e o mesmo sangue de infinito preço, derramado para apagar as chammas do mesmo Inferno, as accende, atíça e assopra mais! ¹



Entre a morte e o Inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o Inferno perpetúa a morte. Tirar a vida é morrer uma vez, perpetuar a morte é estar morrendo sempre. Tirar a vida é morrer n'um instante, perpetuar a morte é morrer toda a vida. ²

¹ As cinco pedras da funda de David. — Disc. 4.º

² S. de S. João Baptista. — Alcantara, 1644.



O Céu



Céu é uma republica immensa, mas onde todos se amam, e está lá a caridade tanto no auge da sua perfeição, que todos e cada um, amam tanto a qualquer outro como a si mesmo. D'onde se segue, que, ainda que os graus de gloria sejam deseguaes, segundo o merecimento de cada um, a alegria e o gosto d'essa mesma gloria, ou glorias, é igual em todos, porque todos as estimam como proprias e cada um como sua. ¹



São os moradores do Céu como as estrellas fixas do firmamento, onde não chegam fumos dos

vapores da terra que as offusquem; gosando todos em summa paz a patria do Summo Bem, que não seria summo nem bem senão excluísse todo o mal, por minimo que seja. ²

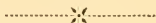


A alegria no Céu é sem tristeza, o gosto é sem pezar, o descanso é sem trabalho, a segurança é sem receio, o socego sem sobresalto, a paz sem perturbação, a honra sem aggravo, a riqueza sem cuidado, a fartura sem fastio, a grandeza sem inveja, a abundancia sem mingua, a companhia sem emulação, a amizade sem cautela, a saude sem enfermidade, a vida sem temor da morte; enfim todos os bens puros, e sem mistura de mal e por isso verdadeiros bens. ¡O' bema-venturados do Céu, olhae lá de cima cá para este mundo e tende nova gloria accidental dos bens que gozaes, não digo em comparação dos males, senão dos bens que nós padeceremos! ³



O mesmo nome de patria nos está ensinando que só o Céu o póde ser. E porque? Porque o nome de patria, é derivado do pae e não da mãe; a terra em que nascemos, é a mãe que nos cria; o Céu para que somos criados, é o lugar do Pae que nos dá o ser; e se a patria se derivara da

terra, que é a mãe que nos cria, havia-se de chamar “matria,, mas chama-se patria, porque se deriva do Pae que nos deu o ser, e está no Céu. ⁴



No capitulo vinte e um e vinte e dois do seu Apocalypse, diz S. João que viu descer do Céu, a cidade triumphante da Gloria, ornada como a Esposa no dia das bôdas. E começando a descripção da cidade, assim como Deus a fabrica do mundo, pela luz, diz que a alumiaava a claridade de Deus, e que esta claridade era semelhante a uma pedra preciosa, e esta pedra preciosa semelhante a jaspe, e este jaspe semelhante a crystal. O jaspe de que fala S. João, não é aquella pedra vulgar e grosseira, a que nós damos o mesmo nome, mas outra, só parecida com ella no arre-medado ou remendado das côres, a que os gregos chamaram esphingites. D'esta pedra refere Suetonio, que lavrou para si uma galeria o mesmo imperador Domiciano, que desterrou para a ilha de Patmos a S. João. E accrescenta Plinio, que pouco antes tinha sido descoberta em Capadocia, no tempo de Nero, o qual com laminas da mesma pedra vestira o interior do templo da Fortuna, e era tal o seu natural esplendor, que com as portas e janellas fechadas ao sol, conservavam a luz do dia...

Vae por diante o Evangelista na sua des-

cripção da cidade da Gloria, cujos muros altíssimos e fortíssimos, diz que eram edificados em quadro, e todos d'este mesmo jaspe. Mediu-os um Anjo com uma cana de oiro, e achou que tinham por cada lado doze mil estadios de comprimento, que fazem das nossas leguas quatrocentas e quarenta e quatro, para que até o numero seja quadrado, em tudo significador da firmeza. Nos quatro lanços do muro havia doze portas, as quaes nunca se fechavam, porque n'aquella região não ha noite. E d'estas doze portas, tres olhavam para o oriente, tres para o occidente, tres para o septentrião e tres para o meio-dia, em signal de que para todas as partes do mundo e para todas as nações e estados d'elle, sem excluir a ninguem, está o Céu patente. As portas todas eram da mesma architectura, e todas da mesma grandeza, proporcionada á altura e á magnificencia dos muros, e cada uma d'ellas aberta em uma perola.

Se no antigo Pantheon, que era o templo de todos os deuses e por isso figura do Céu, se mostra ainda hoje por maravilha a porta d'elle aberta em uma só peça de marmore, ¿quão admiraveis seriam aquellas portas muito maiores que o mesmo templo, abertas em uma só perola? A estas doze portas respondiam outros tantos fundamentos, sobre os quaes assentava toda a cidade, e cada um era lavrado, não da mesma, senão de varias pedras, e tão preciosas como varias. O primeiro

fundamento, diz S. João, era de diamante, o segundo de safira, o terceiro de carbunculo, o quarto de esmeralda, o quinto de rubi, o sexto de sardio, o setimo de crysolito, o oitavo de byrillo, o nono de topazio, o decimo de chrysoprazo, o undecimo de jacintho, o duodecimo de ametisto. E segundo o numero e ordem d'estes doze fundamentos, estavam esculpidos e gravados n'elles os mesmos doze Apostolos, porque só fundada na fé e doutrina dos Apostolos, póde estar segura a esperança de entrar na Gloria. Mas se tão sumptuoso e magnifico era o exterior da cidade, ¿qual vos parece que seria ou será o interior? Toda a cidade em sua grandeza, todos seus edificios e palacios, que todos são palacios reaes, todas suas ruas e praças, diz o Evangelista, que eram de oiro puro e solido, mas não oiro espesso como o nosso, senão diaphano e transparente como o vidro. De sorte que a cidade da Gloria no pavimento, nas paredes e no interior dos aposentos, toda é um espelho de oiro, porque todos perpetuamente se vêem a si mesmos, todos vêem a todos, e todos vêem tudo. Nada se esconde ali, porque lá não ha vicio, nada se encobre, porque tudo é para vêr, nada se recata ou dissimula, porque tudo agrada, e porque tudo é amor tudo se communica. Ainda tem outra excellencia aquella bemaventurada cidade, a qual se lhe faltára, não fôra da gloria. Vindo a Roma nos tempos de sua maior opulencia e grandeza, um em-

baixador de Pirrho, rei dos Epirotas, não fazia fim de admirar o que o poder e a arte tinha junto n'aquelle emporio de riquezas e delicias. E perguntado pelos romanos, se achava algum defeito na sua cidade; sim, acho, respondeu o embaixador. ¿E qual é? Que tambem em Roma se morre. Não assim, diz S. João, n'esta riquissima cidade que vos tenho descripto. Não ha lá morte, nem lutos, nem dôr, nem queixa, porque do throno do Supremo Rei sáe um rio de crystal, que rega toda a cidade, cujas margens estão cobertas de arvores, e arvores carregadas de fructos e fructos melhores que os da arvore da vida, que não só fazem os homens immortaes, senão eternos. 5



Explicarei este desenho do discipulo amado de Christo, com o que aconteceu a um discipulo de Zeuxis, famosissimo pintor da antiguidade. Disse-lhe o mestre, que por obra de examinação lhe pintasse uma imagem de Venus com todos os primores da formosura, a que podesse chegar a sua arte. Fêl-o assim o discipulo, e com estudo e applicação de muitos dias e desvelo de muitas noites presentou o quadro ao mestre. Via-se n'elle a deusa, toda ornada e enriquecida de joias, que mais pareciam roubadas á natureza que imitadas da arte. Nos dedos anneis de diamantes, nos braços braceletes de rubis, na garganta afogador de

grandes perolas, no toucado grinalda de esmeraldas, nas orelhas chuveiros de aljofar, no peito um camafêo em figura de cupido, cercado de uma rosa de jacinthos, com os ais da mesma flôr por raios, as alpergatas semeadas de todo o genero de pedraria, as roupas recamadas de oiro, e tomadas airosamente em um cintilho de saphiras, Esta era a forma do quadro, e n'elle todo o engenho e arte do discipulo, estava esperando a approvação do mestre. ¿Mas que vos parece que diria Zeuxis? Fizeste-a rica, porque a não podeste fazer formosa. O mesmo digo eu ao oiro, ás perolas, e ás pedras preciosas com que S. João nos descreve a cidade da Gloria. Evangelista sagrado, riquissima está a cidade que nos pintaste, mas fizestel-a tão rica, porque a não podeste fazer formosa. A formosura que espera vêr a nossa fé no Céu, não é como esta, em que só se póde enlevar a cubiça da terra. Bem o advertiste vós, aguia divina, quando tomaste por salva, que a cidade que descrevieis, era descida do Céu á terra. O oiro, os diamantes, as perolas, tudo é terra e da terra. ¿E como póde o lustroso e precioso da terra informar-nos com verdade da belleza sobrenatural e formosura inestimavel da Gloria? E' verdade que S. João, na ideia que formou, imaginou quanto se podia imaginar, e na descripção que fez, disse quanto se podia dizer, mas, como as coisas da Gloria, são tão diversas de tudo o que se vê, e tão levantadas sobre tudo

o que se imagina, por mais e por mais que se diga d'ellas, sempre se diz menos. ⁶

¹ S. da 2.^a dom. da Q.

² Idem.

³ Idem.

⁴ S. da Senhora da Conceição. — Bahia, 1639.

⁵ S. da 2.^a dom. da Q. — Lisboa, 1651.

⁶ Idem.



O Sacerdocio



mim e a todos os sacerdotes só apontarei uma advertencia da Escriptura Sagrada, que todos devemos ouvir temendo e tremendo. A advertencia é que correspondamos de tal maneira ás obrigações d'esta altissima dignidade, que Se não arrependa Deus de nol-a ter dado. Falando David do Sacerdocio de Christo, diz: *Juravit Dominus et non poenitebit eum tu es Sacerdos in aeternum*: Jurou Deus e não Se arrependerá de dar o eterno Sacerdocio a Seu Filho. Reparemos muito n'aquelle *et non poenitebit eum*. ¿Pois de dar o Sacerdocio a Seu Filho, por natureza impeccavel, e tão Santo e tão Deus como Elle Se podia Deus arrepender? Sim. Porque esse Sacerdocio não só o

havia Christo de conservar em Si, mas tambem o havia de communicar, como communicou aos homens, e aqui estava o perigo. Por isso o jurou para que Se não arrependesse. *Juravit Dominus et non poenitebit eum.* ; O' que desgraça tão horrenda e tremenda se Deus Se arrependesse!... N'este caso — que Deus não permitta! — aquelle character, que é tão immortal como a mesma alma, se iria perpetuar com ella em outra eternidade que não é a do Céu e da Gloria! ¹



Deus livre a todo o faminto de que o diabo o tente com o pão feito e preparado. A Eva tentou-a o diabo com a fructa madura e sasonada e a Esaú tentou-o com as lentilhas cosinhadas e temperadas. ; E que succedeu a ambos? Ambos caíram sem resistencia. Ser tentado com o comer que se ha-de fazer, ainda que haja fome, não é tão grande tentação. Se o pomo estivera em flôr e as lentilhas em herva, nem Eva nem Esaú se haviam de tentar, quanto mais caír. Porém, tentar com o pão e feito, tentar com o pão que outros fizeram e vós o tendes recolhido no vosso celeiro com obrigação de o repartir aos pobres, ; grande tentação! O ecclesiastico é dispenseiro do pão e não senhor; mas é grande tentação do dispenseiro que, podendo-se fazer senhor, se não faça, e podendo comer o pão o não coma.

N'esta parte são mais venturosas as ovelhas do campo que as de Christo. Porque o pão das ovelhas do campo não o pôde comer o pastor e o das ovelhas de Christo, sim. E quando o pão do gado é de tal qualidade que o pôde comer o pastor, aqui está a tentação. ²



O filho prodigo, depois de desbaratar todo o patrimonio, para remediar a necessidade pôz-se a pastor; e o mantimento do seu gado era tal que tambem o pastor o podia comer. Foi, porém, tão honrado e tão pontual este moço — como filho de bons paes, que era — que até d'aquelle mantimento rustico e grosseiro que se lhe dava para o seu gado, nem uma bolota tomava para si. ¿Mas qual era a sua tentação? Toda a sua tentação e todo o seu appetite era comer e encher-se d'aquelle mesmo mantimento que se lhe dava para o seu gado. ¿E se isto fazia a fome do filho prodigo, que fará a do padre avarento? Pastor com fome ha-de comer o pão do gado, qualquer que seja. ³



Quando o propheta Zacharias exclamou: *! O' Pastor et idolum!* bem anteviu que o officio de pastor e o peccado de idolatria podiam andar juntos. E S. Zeno, bispo de Verona, que, como

pastor de pastores, tinha grandes experiencias, não só diz que sim mas declara o como. Pondéra o Santo aquelle logar do salmo: *os idolos dos gentios são de oiro e prata*; e affirma que o mesmo oiro e prata em mão do sacerdote que é pastor, ainda que o não adore com idolatria expressa, tambem é ou póde ser idolo. ¿E de que modo? Não pondo-o sobre os altares, mas mettendo-o na arca, ou debaixo da terra. Ouvi as palavras do Santo que são admiraveis: *aurum et argentum, si erogaveris, pecunia est; si servaveris, simulacrum*. ¿Tendes oiro e prata, vós que sois sacerdote e pastor? Pois sabeí que esse oiro e essa prata, se a derdes aos pobres é dinheiro, mas se a guardades é idolo. O pastor que reparte o que tem a suas ovelhas, é pastor; o que o guarda, é idolatra. Repartil-o é esmola, guardal-o é idolatria. ⁴



¿Para um sugeito ser sublimado ao logar mais alto da Egreja, que qualidades são as que se requerem? Requer-se, ainda que menos, a nobreza do nascimento, requer-se o exemplo da vida, requer-se o exercicio das virtudes, requer-se o espirito muito provado e requerem-se finalmente as letras não só sabidas mas praticadas. Todas estas qualidades então concorriam juntas em Christo. A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei es*; o exemplo da vida: *Ductus est à spiritu in*

desertum; o exercicio das virtudes: *Cum jejui-*
nasset quadraginta diebus et quadraginta noctibus;
o espirito provado: *Ut tentaretur á diabolo*; as
letras não só sabidas mas praticadas: *Scriptum*
est enim non in solo pane vivit homo, sed in
omni verbo, quod procedit de ore Dei. ; E que
sobre todas estas qualidades juntas, sobre toda
esta capacidade de merecimentos, ainda seja ten-
tação subir ás alturas do Templo! Oh mundo! Oh
cabeça do mundo! ; E que tentação seria, se o
ecclesiastico tentasse a subida não com espirito
provado, mas reprovado; não com o exemplo,
mas com o escandalo; não com virtudes, mas
com vicios; não com letras, mas com ignoran-
cias? Não falo na qualidade do nascimento, por-
que depois que Christo tirou a Pedro e a André
da barca para a cadeira, ainda que não reprovou
a grandeza dos appellidos, mostrou que, se era
decente para o sujeito, não era necessario para
o officio. ⁵



Da sotaina podeis subir á murça, da murça
ao mantelete, do mantelete á mitra, da mitra á
purpura, e da purpura á tiara. Subir ás dignidades
póde ser bom e póde ser mau, mas o que sempre é
mau e nunca póde ser bom, senão pessimo, é fa-
zer de uma dignidade degrau para outra, e querer
sempre subir sem jámais parar. Não se sobe hoje
ás dignidades, sobe-se por ellas. Haviam de ser

fim e são meio; haviam de ser termo e são degrau. E tal modo ou tal furia de ambição não é humana, é diabolica, é luciferina. Assim sobe sempre a soberba do demonio e assim sobe e está subindo, sem aquietar nem parar jámais, a soberba dos que elle tenta ou dos que, sem ser tentados, o seguem. A soberba e ambição de subir nunca está mais que sobre um pé. Tem um pé no lugar que possue e o outro já vae pelo ar para o lugar que pretende. Isto é subir sempre. Quem sobe, quando firma um pé n'um degrau, já levanta o outro para o pôr no que se segue. Assim sobe e vae subindo sempre — por mais alto que seja o lugar a que tem subido — quem fôr tocado d'esta tentação. ⁶

¹ S. de S. Pedro. — Lisboa, 1644.

² S. do 1.^o dom. da Q. — Roma.

³ Idem.

⁴ Idem.

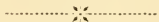
⁵ Idem.

⁶ Idem.

O Pulpito



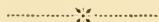
pulpito é verdadeiramente o pôço de Si-
char onde se bebem as aguas da verda-
deira doutrina. ¹



Ter nome de prédador ou ser prédador de
nome não importa nada: — as acções, a vida, o
exemplo, as obras, são as que convertem o mundo.
O melhor conceito que o prédador leva ao pul-
pito, é o que de sua vida teem os ouvintes. ²



Os prédadores são as sentinellas da Igreja, os
templos as suas fortalezas, as guaritas d'estas
fortalezas os pulpitos, e as pregações de verda-
deira, zelosa e importante doutrina os rebates
com que avisam e admoestam aos ouvintes do
estado perigoso de sua salvação. ³



Assim como não ha quem seja mais digno de
reverencia e de ser posto sobre a cabeça que o
predador que ensina e faz o que deve, — assim é

merecedor de todo o desprezo e de ser mettido debaixo dos pés, o que, com a palavra ou com a vida, préga o contrario. ⁴



Para falar ao vento bastam palavras, para falar ao coração são necessarias obras. ⁵



Palavras sem obras são tiro sem bala: — atrôam mas não ferem. A funda de David derrubou ao gigante, mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra. ⁶



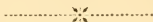
A primeira diligencia dos prédadores, depois de acharem no evangelho o sujeito ou heroe de que hão de falar, é tornal-o a buscar na sua vida. Ao menos eu assim o fiz sempre, e alguma vez com ventura. ⁷



¿Sabem, padres prédadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. ¿Porque convertia o Baptista tantos peccadores? Porque assim como as suas palavras préavam aos ouvidos,

o seu exemplo prégava aos olhos. As palavras do Baptista prégavam penitencia: *Agite pœnitentiam*; homens, fazei penitencia, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui está o homem que é o retrato da penitencia e da aspereza. As palavras do Baptista prégavam jejum e reprehendiam os regalos e demasias da gula, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui está o homem que se sustenta de gafanhotos e mel silvestre. As palavras do Baptista prégavam composição e modestia, e condemnavam a soberba e a vaidade das galas, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui está o homem vestido de pelles de camêllo com as cêrdas e cilicio á raiz da carne. As palavras do Baptista prégavam despegos e retiros do mundo, e fugir das occasiões e dos homens, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui está o homem que deixou as côrtes e as cidades e vive em um deserto e em uma cova. ¿Se os ouvintes ouvem uma coisa e vêem outra como se hão-de converter? Jacob punha as varas manchadas deante das ovelhas, quando concebiam, e d'aqui procedia, que os cordeiros nasciam manchados. ¿Se quando os ouvintes percebem os nossos conceitos, teem deante dos olhos as nossas manchas, como hão-de conceber virtudes? ¿Se a minha vida é apologia contra a minha doutrina; se as minhas palavras vão já refutadas nas minhas obras; se uma coisa é o sementeiro e outra o que semeia, como se ha-de fazer fructo? ⁸

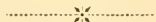
São alguns prégadores, como os sacristães da aldeia, que no dia do orago cobrem o altar e o retabulo de tantos ramalhetes, que não se vê o santo. ⁹



O estylo ha-de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte. Nas outras artes tudo é arte: na musica tudo se faz por compasso, na architectura tudo se faz por regra, na arithmetica tudo se faz por conta, na geometria tudo se faz por medida. O semear não é assim. É uma arte sem arte: — cáia onde cair. ¹⁰

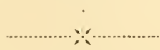


O prégar não é recitar. As razões proprias nascem do intendimento, as alheias são pegadas á memoria, — e os homens não se convencem pela memoria, senão pelo intendimento. ¹¹



Veio o Espirito Santo sobre os apostolos, e quando as linguas desciam do Céu, cuidava eu que se lhes haviam de pôr na bôca, mas fôram-se pôr na cabeça. ¿Pois porque na cabeça, e não na bôca, que é o logar da lingua? Porque o

que ha-de sahir só da bôca, ha-lhe de sahir pela bôca, mas da cabeça. O que sae só da bôca, pára nos ouvidos, o que nasce do juizo, penetra e convence o intendimento. ¹²



O prégar ha-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja: ordenado, mas como as estrellas. Todas as estrellas estão por sua ordem, mas é ordem que faz influencia, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrellas, como os prégaadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte está branco, da outra ha-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra ha-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem “desceu,” da outra hão-de dizer “subiu.”. ¿Basta que não havemos de vêr n’um sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrario? Aprendamos do Céu o estylo da disposição e tambem o das palavras. ¿Como hão-de ser as palavras? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas e muito claras. Assim ha-de ser o estylo da prégação, muito distincto e muito claro. E nem por isso temaes que pareça o estylo baixo: as estrellas são muito distinctas e muito claras e altissimas. O estylo pôde ser muito claro e muito alto: tão claro que o intendam os

que não sabem e tão alto que tenham muito que intender n'elle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura e o mareante para a sua navegação e o mathematico para as suas observações e para os seus juizos. De maneira que o rustico e o mareante, que não sabem lêr nem escrever, intendem as estrellas e o mathematico, que tem lido quantos escreveram, não alcança a intender quanto n'ellas ha. Tal póde ser o sermão: estrellas que todos as vêem e muito poucos as medem. ¹³



Ha-de tomar o prégador uma só materia, ha-de definil-a para que se conheça, ha-de dividil-a para que se distinga, ha-de proval-a com a Escriptura, ha-de declaral-a com a razão, ha-de confirmal-a com o exemplo, ha-de amplifical-a com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias que se hão-de seguir, com os inconvenientes que se devem evitar. Ha-de responder ás duvidas, ha-de satisfazer ás difficuldades, ha-de impugnar e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois d'isto, ha-de colher, ha-de apertar, ha-de concluir, ha-de persuadir, ha-de acabar. Isto é sermão, isto é prégar, e o que não é isto, é falar de mais alto. Não nego, nem quero dizer, que o sermão não haja de ter variedade de discursos; mas elles

hãode nascer todos da mesma materia, e continuar e acabar n'ella. ¿Quereis vêr tudo isto com os olhos? Ora vêde. Uma arvore tem raizes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flôres, tem fructos. Assim ha-de ser o sermão: ha-de ter raizes fortes e solidas, porque ha-de ser fundado no Evangelho; ha-de ter um tronco, porque ha-de ter um só assumpto e tratar de uma só materia. D'este tronco hãode nascer diversos discursos, mas nascidos da mesma materia e continuados n'ella; estes ramos não hãode ser sêccos, senão cobertos de folhas, porque os discursos hãode ser vestidos e ornados de palavras. Ha-de ter esta arvore varas, que são a reprehensão dos vícios; ha-de ter flôres, que são as sentenças, e por remate de tudo, ha-de ter fructos, que o fructo é o fim a que se ha-de ordenar o sermão. De maneira que ha-de haver fructos e ha-de haver flôres, ha-de haver varas, ha-de haver folhas, ha-de haver ramos; mas tudo nascido e fundado em um só tronco, que é uma só materia. Se tudo são folhas, não é sermão, são vêrsas; se tudo são varas, não é sermão, é feixe; se tudo são flôres, não é sermão, é ramalhete; serem tudo fructos não póde ser, porque não ha fructo sem arvore. Assim que n'esta arvore a que podemos chamar arvore da vida, ha-de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flôres, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o extendido dos ramos; mas isto tudo nascido e formado de um só tronco, e esse

não levantado no ar, senão fundado nas raizes do Evangelho. Eis aqui como hão-de ser os sermões. ¹⁴



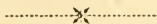
O sermão, como funda de David, não é para fazer tiro ao ar, ou espantar com o estalo; é para ferir, para derribar, para prostrar aos pés de Christo seus contrarios, e tanto mais quanto maiores. ¹⁵



Bem é que bradem algumas vêzes os prédicadores, bem é que gritem. Por isso Isaias chamou aos prédicadores, nuvens. A nuvem tem relampagos, tem trovão e tem raio. Relampago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração. Com o relampago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relampago a muitos, o trovão a todos. Assim ha-de ser a voz do prédicador: — um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o mundo. Porém, não ha duvida que o praticar familiarmente e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos não só concilia maior attenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra, e se mette na alma. ¹⁶



Para ensinar nações fleis e politicas é necessario maior sabedoria que amor; para ensinar nações barbaras e incultas é necessario maior amor que sabedoria. ¹⁷



Uns teem ouvidos de ouvir, porque veem ouvir para ouvir, — para ouvir aquella doutrina, para a tomar, para se aproveitar d'ella. Outros teem ouvidos de vêr, porque veem ouvir, não para ouvir, senão para vêr: — para vêr se falou o préga-dor com equivocos ao uso, ou com lhaneza e gravidade apostolica; para vêr se trouxe conceitos ou pensamentos novos, como se a verdade, por antiga, seja menos verdadeadeira ou menos veneravel; para vêr se tocou n'este, n'aquelle, e mais nos maiores: e o peor é que estes ouvintes de vêr, muitas vezes são as toupeiras do lugar, aquelles que sabemos vêem menos que todos. Pois estes que com tão contrario fim veem ouvir a palavra de Deus, provocam tanto Sua ira, diz Chrysostomo, que parece, que se não póde conter a paciencia divina dentro dos *limites* da sua immensidade! ¹⁸



Para que os prédadores saibam como hão-de prégar e os ouvintes a quem hão-de ouvir, acabo com um exemplo do nosso reino e quasi dos nossos

tempos. Prégavam em Coimbra dois famosos prégadores ambos bem conhecidos por seus escriptos; não os nomeio porque os hei-de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade, qual dos dois fôsse maior prégador. E como não ha juizo sem inclinação, uns diziam este; outros aquelle. Mas um lente, que entre os mais tinha maior auctoridade, concluiu d'esta maneira: entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juizo, só direi uma differença que sempre experimento. Quando ouço um, saio do sermão muito contente do prégador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim. Semeadores do evangelho, eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si; não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, os seus passatempos, as suas ambições e emfim todos os seus peccados. Comtante que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós, dizia o maior de todos os prégadores, S. Paulo: Se eu contentára aos homens não seria servo de Deus. Oh! Contentemos a Deus, e acabemos de não fazer caso dos homens! ⁴⁹

¹ S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel.

² S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.

³ Idem.

-
- 4 S. de Santo Antonio. — Maranhão, 1654.
 - 5 S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.
 - 6 Idem.
 - 7 Xavier dormindo. — Proposta.
 - 8 S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.
 - 9 Xavier acordado.
 - 10 S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.
 - 11 Idem.
 - 12 Idem.
 - 13 Idem.
 - 14 Idem.
 - 15 As cinco pedras da funda de David. Disc. 1.º
 - 16 S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.
 - 17 S. do Espirito Santo. — Maranhão.
 - 18 S. da 2.ª quarta-feira da Q. — Bahia, 1638.
 - 19 S. da Sexagesima. — Cap. Real, 1655.

AGIOLOGIO





AGIOLOGIO



Santa Maria Nossa Senhora

PARA falar do nome ineffavel de Maria e para se intender com distincção e clareza o pouco que se póde dizer de materia tão immensa, primeiro que tudo devemos suppôr que coisa é isto a que chamamos nome. O nome, diz Aristoteles, é uma voz significativa, cujo significado lhe dá a instituição de quem o fez. Diz mais: que os fins para que se inventaram os nomes é a declaração dos conceitos por elles significados, porque como os conceitos não se vêem, e as vozes se ouvem, pelas vozes ouvidas, vimos em conhecimento dos conceitos que não vêmos.

.....
A primeira etymologia é, que o nome de Ma-

ria, significa, *Estrella do mar*. O mar é este mundo cheio de tantos perigos, combatido de todos os ventos, exposto a tão frequentes tempestades; e em uma tão larga, temerosa e escura navegação quem poderia chegar ao porto do Céu, se não fosse guiado de lá por aquella benignissima estrella? e Por que meio poderão os navegantes, entre tantos perigos, chegar ás praias da patria? pergunta o papa Innocencio III, e responde, que só por meio de duas coisas: nau e estrella. A nau é o lenho da Cruz, a estrella é Maria.

A segunda significação e etymologia do nome de Maria, é, *Senhora*, por antonomasia, porque do seu dominio e imperio nenhuma coisa se exclue. Senhora do Céu e Senhora da terra, Senhora dos homens e Senhora dos Anjos, e até Senhora por modo ineffavel do mesmo Creador do Céu e da terra, o qual lhe quiz ser e foi sujeito. Ouçamos o pensamento altissimo de S. Bernardino, e tão verdadeiro como alto: Aquelle Senhor que é Filho de Deus e da Virgem, querendo em certo modo egualar o senhorio de Sua Mãe ao senhorio de Seu Pae, Se sujeitou e fez subdito da mesma Mãe na terra. E isto com tanta verdade, conclue o Santo, que assim como verdadeiramente dizemos que todas as coisas obedecem a Deus, até Maria, assim é verdadeiro dizer, que todas as coisas obedecem a Maria, até Deus.

A terceira etymologia e interpretação do nome de Maria é: *Illuminatrix*, a que alumia a todos os

homens. Por isso é comparada a Senhora áquella columna de fogo que de noite alumiaava todo o exercito e povo de Israel no deserto, enquanto caminhavam peregrinos para a terra da promissão.

Tirae do mundo este corpo solar, esta tocha universal que o alumia, (diz S. Bernardo), e ¿onde estará então o dia ou quem o fará? Do mesmo modo se tirardes do mundo a Maria, tudo ficará ás escuras, tudo trévas, tudo sombras mortaes, tudo uma noite perpetua, sem que jámais amanhêça. ¿E que muito é, diz o mesmo Santo, que Maria alumie a terra e os homens, se depois que entrou no Céu, a mesma patria dos bemaventurados e a mesma Côrte do Empyreo, ficou muito mais alumiaada e illustrada com os resplendores de sua presença?

A quarta interpretação, e que parece menos alegre, do docissimo nome de Maria, é: *Mar amargoso*. ¿Mas como podem caber as amarguras do mar, ou um mar inteiro de amarguras no nome d'aquella Senhora, a quem nós saudamos e invocamos com o de doçura nossa? Já se vê que alludem estas amarguras ás dôres do pé da Cruz, das quaes estava prophetisado com o mesmo nome, de mar. Mas posto que as aguas d'aquelle turbulento mar fôram tão amargosas para a Mãe angustiada que as padeceu, para nós, que logramos os effeitos d'ellas, são muito do Céu. Porque, ainda que a misericordia da Senhora foi sempre grande, as dôres que então experimentou fizeram a mes-

ma misericórdia mais prompta para soccorrer e remediar as nossas.

A quinta etymologia, e tambem a ultima, como a maior e mais excellente de todas, é singularmente do grande doutor da Egreja Santo Ambrosio, o qual diz que Maria significa: *Deus da minha geração*. Não declarou o Santo a origem de tal nome, mas depois lhe descobriram as raizes outros auctores na derivação de duas palavras hebraicas. ¿E que significação pôde haver nem mais alta nem tão immensa? S. Paulo em Athenas, ensinando aos areopagitas a grande dignidade do homem e parentesco que tem com a Divindade, diz que somos geração de Deus; e para isso lhe allegou como coisa conhecida até dos mais sabios gentios, o verso de Arato, poeta da sua mesma nação: *Ipsius enim genus sumus*.

(S. do SS. Nome de Maria).

S. José

¿Qual é o mais nobre homem, e de mais alta e qualificada nobreza, que houve n'este mundo? ¿Porventura o primeiro Cesar entre os romanos, ou o ultimo Alexandre entre os gregos? Não. ¿Pois quem? Aquelle humilde official, chamado José, que em uma pobre tenda de Nazareth, com um dos instrumentos da sua arte, estava

cortando ou acepilhando um madeiro. Os padroões d'esta nobreza são os livros dos evangelistas S. Matheus e S. Lucas. E todas as outras nobrezas, por mais que se chamem reaes ou imperiaes, é certo que não são evangelho. Em S. Matheus conto a S. José até el-rei David vinte e oito avós e até Abrahão quarenta e dois. E em S. Lucas, subindo a ascendencia do mesmo José mais acima, e contando de pais a filhos, setenta e quatro avós, não só chega até Adão, mas passa a Deus: *Qui fuit Adam, qui fuit Dei*. Blasonae agora lá das vossas ascendencias, que a melhor coisa que podem ter é não se saber d'onde começaram. ;E tudo isto o ordenou assim a Providencia Divina, para que? Para abater e confundir a soberba humana. David, do cajado subiu ao sceptro, e é mais facil o descer que o subir. ;E quantos governaram reinos e monarchias cujos descendentes estão hoje vivendo ou do remo no mar ou do arado na terra? Ninguem se estime a si nem despreze a outro pelo que poudes dar ou tirar a fortuna. Ditosos os que, contentes com a sua, imitam e servem a S. José. N'este mundo o sangue de José foi a maior nobreza, no outro o merecimento de José é a maior valia, porque o Filho de Deus em toda a parte o reconhece por pae, e como na terra lhe obedeceu em tudo, assim no Céu lhe concede tudo ;Ditosos, pois, outra vez, os que na confiança de imitar a tão humilde official e servir a tão grande principe, n'elle, por

elle e como elle esperam de seus trabalhos o premio eterno!

(S. de S. José. — Bahia, 1639).

S. João Baptista

Que façam grande penitencia os grandes peccadores, é muito justo, que a penitencia é remedio do peccado. ;Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condemne ao cilicio, se castigue com o jejum! ;Menino, em que peccou vossa innocencia? ;Um corpo delicado condemnado a tanta aspereza! ;Uma alma innocente castigada com tanto rigor! ;Se o Baptista fôra o maior peccador, que havia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque havia de ser o maior santo. Não póde chegar a mais o mais fervoroso desejo de santidade, que sujeitar-se aos remedios do peccado, quem gosa os privilegios da innocencia.

.....

Não póde o amor chegar a maior extremo, não se póde adelgaçar a maior fineza, que a fazer-se peccador nas penas quem é innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio do seu peccado; mas fazer-se peccador de penas o innocente de culpas, é buscar na penitencia o desafogo do seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga; n'aquelle pelo que offendeu, n'es-

te pelo que ama: vêde quaes agradarão mais a Deus, e se as satisfações de offendido, se as obrigações de amado?

(S. de S. João Baptista. — Alcantara, 1644).

S. Pedro

Ninguém lerá as epistolas canonicas de S. Pedro, que com admiração e assombro o não veja retratado, mas vivo n'ellas. Na majestade do estylo, no solido da doutrina, no profundo das sentenças e no ardente do zêlo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes e se fazia presente ao mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro n'aquellas sagradas escripturas é o titulo: *Petrus apostolus electis advenis dispersionis* (1, Petr., 1, 1).

Não iam dirigidas estas lettras pontificias aos reis e monarchas do mundo, senão a uns pobres peregrinos e desterrados por todo elle. Lembrava-se S. Pedro que lhe encommendára Christo duas vezes os cordeiros e uma só as ovelhas: *Pasce agnos meos, pasce agnos meos; pasce oves meas* (Joan., xx, 16-17). Nas ovelhas lhe encommendou os grandes e nos cordeiros os pequenos: e por isso os pequenos duas vezes e em primeiro logar, para que tivesse maior cuidado!

(S. das cadeias de S. Pedro. — Roma, 1674).

S. João Evangelista

Ao pé da Cruz foi S. João Evangelista deixado em herança, e, a meu vêr, este é um dos grandes louvores do discipulo amado: ser um amigo de quem se póde testar. Um dos grandes escandalos que tenho do mundo, é: ¿porque se não ha-de testar dos amigos? Na morte testam os homens de todos seus bens, e por essa mesma razão parece que haviam de testar dos amigos em primeiro lugar, porque, entre todos os bens, nenhum bem é maior que os amigos, e, entre todas as coisas nossas, nenhuma é mais nossa que os amigos. Pois se os amigos são os nossos maiores bens e os bens mais nossos, ¿porque não testamos d'elles? A razão é esta: porque os bens de que testam e podem testar os homens, são aquelles que permanecem depois da morte, e os amigos, ainda que sejam os nossos maiores bens, são bens que se acabam com a vida. O maior amigo permanece até á morte; depois da morte ninguém é amigo.

.....

E como as amizades humanas são bens que não permanecem depois da morte, por isso os homens não testam d'estes bens, por isso se não deixam os amigos em testamento. Só S. João Evangelista foi excepção d'esta regra, como de to-

das. Fez Christo Seu testamento na hora da morte, e a principal herança de que testou, foi S. João: *Mulier, ecce filius tuus*. Sabia que o amor do Seu amado não se havia de acabar com a vida, por isso foi a herança principal do Seu testamento.

(S. de S. João Evangelista. — C. Real, 1644).

S. Lucas

S. Lucas, como companheiro inseparavel de S. Paulo, foi depois d'elle o segundo vaso de eleição cheio de todas as graças do Espirito Santo, como Evangelista proprio seu (diz Ecumenio), no livro dos Actos dos Apostolos, no qual S. Lucas escreveu a vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos e o que por si mesmo e por elles obrou o mesmo Divino Espirito na primitiva Igreja. E não ha duvida que sendo tão intimos companheiros Paulo e Lucas, assim como Lucas bebia como de fonte as revelações de Paulo, assim Paulo como de taça bebia tambem as de Lucas.

.....

Ditoso pois aquelle medico que por devoção e intercessão de S. Lucas merecer que elle o admitta á participação d'esta graça tão particularmente sua, para que depois de esgotado tudo o que a medicina natural alcança, bebendo n'aquella taça a magia sobrenatural e divina, suppra ella, com

verdadeira certeza, nas enfermidades as duvidas e perigos da conjectura. E não haja enfermo tão desconfiado da saude, nem enfermidade tão incuravel que o medico, por intercessão e graça de S. Lucas e S. Lucas por meio d'elle, não cure.

(S. de S. Lucas).

S. Bartholomeu

O logar que dá o Evangelho a S. Bartholomeu é o sexto, e se se tirar d'aquelle sagrado numero (como se deve tirar) a Judas reprovado, o sexto entre os outros é o logar do meio, sempre e em todas as nações estimado pelo de maior honra. Do sabio humilde disse o Espirito Santo que se assentaria no meio dos magnates: *Sapientia humilitati exaltabit caput illius, et in medio magnatorum consedere illum faciet.* ¿E quem foi entre os Apostolos o sabio humilde senão Bartholomeu? S. Bartholomeu, segundo a opinião mais recebida, foi aquelle grande doutor da Lei, Natanael, de quem disse o mesmo Christo: *Ecce verus Israelita in quo dolus non est.* E d'este grande sabio mettido entre pescadores humildes e idiotas (mas esses os magnates do reino dos Céos) se verifica pelo logar que tem no meio de todos, a promessa do divino Oraculo: *In medio magnatorum consedere eum faciet.*

.....

Plinio tratando da pedra sardio, diz que é tão semelhante á carne viva que parece carne convertida em pedra preciosa. Por esta semilhança se chama vulgarmente carnerina. ¿E quem não vê retratado n'ella ao natural, S. Bartholomeu, todo em carne viva e sem pelle, da qual se deixou esfollar ou ir esfollando por partes, cruelissimamente, com tal valor, fortaleza e constancia, como se não fôra de carne, mas verdadeiramente de pedra? Os doze artigos da fé, que se conteem no Symbolo, tambem fôram repartidos pelos doze Apostolos, pronunciando cada um o seu. E o sexto, que coube a S. Bartholomeu, foi o da resurreição, com a mesma propriedade; porque a carne resuscitada é viva e impassivel. Assim o provou a do fortissimo Apostolo, com assombro dos tyrannos, quando o esfollavam vivo, sendo tal a dureza da sua paciencia n'aquelle estranho tormento, que mais parecia impassibilidade, que paciencia. E d'esta sorte ficou S. Bartholomeu entre as doze estatuas dos Apostolos, singular na figura e no exemplo.

(S. de S. Bartholomeu. — Roma).

Santo Estevam

Falando Santo Estevam, era tão poderosa a efficacia de suas palavras, que ninguem podia re-

sistir a ellas, e comtudo, quando impetuosamente o arrebataram para o apedrejar, nenhuma palavra lhes disse, nem de queixa, nem de repugnancia, deixando-se levar da furia da multidão mudamente e sem o menor movimento de resistencia. Pois se ninguem lhe podia resistir quando falava, porque não falou tambem agora, para elle resistir, não a outros, senão aos mesmos que tantas vezes tinha vencido? Porque d'antes obrava como mestre, e agora como martyr; e como era a maior gloria do seu magisterio, que ninguem podésse resistir á sua sapiencia, assim era a maior gloria do seu martyrio, que a ninguem resistisse a sua paciencia. A sapiencia invencivel falando, e a paciencia calando tambem invencivel. E aqui se deve notar muito o modo ou cautéla com que a mesma multidão dos tyrannos se atreveram a pôr as mãos no martyr e lhe atiraram as pedras. Diz o texto sagrado, que primeiro taparam os ouvidos, e assim arremeteram impetuosamente a elle. ¿Qual foi pois o motivo d'esta tão extraordinaria cautéla com que taparam primeiro os ouvidos? ¿Que importancia que ouvissem a Estevam ou não o ouvissem, se estavam determinados a lhe tirar a vida? Importava muito. Dos aspides, diz David, que tapam os ouvidos, para que o sabio encantador com as suas vozes os não encante, e de bravos e venenosos os não domestique e amanse. Eram aspides venenosos e féros aquelles inimigos mortaes de Estevam e de Chris-

to, a quem prégava, e como tinham experimentado tantas vezes que, em falando Estevam, como sabio encantador, com a virtude de suas palavras os encantava e rendia, de maneira que não havia quem lhe resistisse, por isso agora, temendo-se que, falando, obrasse n'elles os mesmos effeitos, cerraram primeiro os ouvidos para o não poderem ouvir, e surdos como aspides, empregaram n'elle o seu veneno. Enganaram-se, porém, tão cegos como surdos, porque tão necessarias eram as suas vozes á sua sabedoria, como o seu silencio á sua paciencia; as vozes necessarias á sabedoria para não ser resistida, e vencer; e o silencio necessario á paciencia para não resistir, e ser ferida.

(S. de Santo Estevam. — Bahia).

S. Sebastião

¡O' que grande christão por dentro, ó que grande politico por fóra! Sebastião visto por fóra e intendido por dentro, uma coisa era o que era, e outra coisa era o que parecia: parecia um corteção do palacio da terra e era um peregrino da côrte do Céu; parecia um capitão que militava debaixo das Aguias romanas e era um soldado que servia debaixo da bandeira da Cruz; parecia um grande privado de Diocleciano e era o maior confidente de Christo. Sua fortuna, seu habito e

traje, seu nome, tudo era supposto; o nome era ironia. Debaixo do nome de Sebastião, que significava Augusto, encobria o Príncipe a quem servia; debaixo das armas e do bastão encobria a milícia que professava; debaixo da privança e graça do Imperador encobria a graça de Christo. Toda a sua vida era uma dissimulação da vista, toda era um enigma da opinião, e toda era uma metaphora do que não era, porque parecendo que toda se empregava em dar a Cesar o que era de Cesar, só dava a Deus o que era de Deus.

(S. de S. Sebastião. — Bahia, 1634).

Santo Agostinho

Todos os que obram mal, aborrecem a luz, porque não sejam arguidas suas obras. Segue-se que vejamos agora como isto foi ou póde ser, porque não parece facil. ¿Se o Livro das Confissões contém vicios e peccados, como póde Agostinho, com vicios e peccados, alumiar viciosos e peccadores? ¿Se o Livro das Retractações contém erros e ignorancias, como póde Agostinho, com erros e ignorancias, alumiar errados e ignorantes? Tudo isto póde fazer e fez Agostinho, e não só de qualquer modo, senão pelo mesmo modo com que Christo no Evangelho lhe mandou que alumiasse os homens. O modo com que Christo e o Evan-

gelho lhe mandou que alumiasse os homens, foi com exemplo e doutrina, e este mesmo foi o modo com que Agostinho alumiou, porque, no Livro das Confissões, dos peccados fez exemplo, e no Livro das Retractações, das ignorancias fez doutrina.

Considerae-me a David chorando e orando e a Agostinho chorando e escrevendo, e vêde no mesmo caso que differentes foram os affectos d'estas duas grandes almas. David, vendo os seus peccados escriptos nos Livros de Deus, pedia a Deus que os riscasse, e Agostinho, sabendo que os seus peccados estavam já riscados nos Livros de Deus, pelo baptismo, escrevia-os de novo. Mas David pedia remedio para si e Agostinho escrevia para remedio de todos. Christo, para livrar uma peccadora, escreveu os peccados dos que a accusavam, e Agostinho, para intender peccadores, accusou e escreveu não os peccados dos outros, senão os seus proprios: Christo escreveu-os na terra onde facilmente se podiam apagar, Agostinho escreveu-os nos seus livros, que foi mais que se os entalhára em bronzes: Christo escreveu-os sem o nome dos que reprehendia, e Agostinho debaixo do seu nome: — “Confissões dos peccados de Agostinho”.

(S. de Santo Agostinho. — Lisboa, 1648).

S. Francisco de Assis

¡Olhae, senhores, para aquellas chagas! Oh! que vozes! Oh! que clamores! Aquellas chagas abertas são cinco bôcas, aquelle sangue gelado n'ellas são cinco linguas que, ferindo os olhos mais cegos, penetram os ouvidos mais surdos. ¡Ou as vejaes como chagas de Christo impressas em Francisco, ou como chagas de Francisco transformadas em Christo, de todo o modo são bôcas, são linguas, são vozes!

Sobe Christo triumphante ao Céu no dia de Sua gloriosa Ascensão; viram os Anjos os signaes vermelhos de que ia matisado o sagrado Corpo. Cuidaram ao longe que eram rubís de extranha formosura, mas divisando de mais perto que eram chagas, perguntaram admirados: *¿Quid sunt plagae istae in medio manuum tuarum?* Rei e Senhor nosso, que é o que vêmos: *¿Isto é o que fostes buscar ao mundo? Isto é o que trazeis de lá?* Eu não me admiro do que se admiraram os Anjos, admiro-me do que respondeu Christo: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me.* São umas chagas, diz Christo, que recebi na casa dos que Me amavam.

As chagas recebidas por mão do odio, ainda que tão divinas, tinham sombras de fealdade e de horror, porém, recebidas por mão do amor todas

e por todas as partes eram bellas e formosas. Esta foi a razão por que Christo respondeu: *His plagatus sum in domo eorum qui diligebant me*. E este foi o motivo por que, transformado em um seraphim de amor, tornou a restampar as mesmas chagas em Francisco...

(S. das chagas de S. Francisco. — Roma).

Santo Ignacio de Loyola

Jazia D. Ignacio de Loyola, mal ferido de uma bala franceza no sitio de Pamplona, e picado, como valente, de ter perdido um castello, fabricava no pensamento outros castellos maiores, pelas medidas de seus espiritos. Já lhe parecia pouca defensiva Navarra, pouca muralha os Pyrinéos, e pouca conquista França.

.....

Cançado de lutar com pensamentos tão vastos, pediu um livro de cavallarias para passar o tempo; mas, oh Providencia Divina! o livro que só se encontrou, era das vidas dos santos. Bem pagou depois Santo Ignacio em livros, o que deveu a este. Mas vêde quanto importa a lição de bons livros. Se o livro fôra de cavallarias, sahiria Ignacio um grande cavalleiro; foi um livro de vidas de santos, sahiu um grande santo.

Toma Ignacio o livro nas mãos, lê-o ao prin-

cipio com dissabor; pouco depois sem fastio; ultimamente com gosto; e d'alli por diante com fome, com ancia, com cuidado, com desengano, com devoção, com lagrimas.

Estava attonito Ignacio do que lia, e de vêr que havia no mundo outra milicia para elle tão nova e tão ignorada; porque os que seguem as leis do appetite, como se rendem sem batalha, não teem conhecimento da guerra. Já lhe pareciam maiores aquelles combates, mais fortes aquellas resistencias, mais illustres aquellas façanhas, mais gloriosas aquellas victorias, e mais para appetecer aquelles triumphos. Resolve-se a trocar as armas, e alistar-se debaixo das bandeiras de Christo; e a espada de que tanto se presava, foi o primeiro despojo que offereceu a Deus e a Sua Mãe nos altares de Monserrate. Acceitae, Senhora, essa espada, que como se hão-de rebellar contra vós tantos inimigos, tempo virá em que seja bem necessaria para defensa de vossos attributos. Lia Ignacio as vidas dos confessores, e começando como elles pelo desprezo da vaidade, tira o collete, despe as galas, e assim como se ia despindo o corpo, se ia armando o espirito. Lia as vidas dos anachoretas, e já suspirava pelos desertos, e por se vêr mettido em uma cova de Manresa, onde, sepultado, acabasse de morrer ao mundo, e começasse a viver ou a resuscitar a si mesmo. Lia a vida dos doutores e pontifices, e (ainda que o não affeiçãoaram as mitras nem as tiaras) deli-

bera-se a aprender para ensinar, e a começar os rudimentos da grammatica entre os meninos, conhecendo que em trinta e tres annos de côrte e guerra ainda não começára a ser homem.

Lia as vidas ou as mortes valorosas dos martyres; e com sêde de derramar sangue proprio, quem tinha derramado tanto alheio, sacrificava-se a ir buscar o martyrio a Jerusalem, offerecendo as mãos desarmadas ás algemas, os pés aos grilhões, o corpo ás masmorras, e o pescoço aos alfanges turquescos. Lia, finalmente, as vidas e as peregrinações dos Apostolos; e soando-lhe melhor que tudo aos ouvidos as trombetas do Evangelho, toma por empreza a conquista de todo o mundo, para dilatar a fé, para o sujeitar á Egreja, e para levantar novo edificio sobre os alicerces e ruínas do que elles tinham fundado. Isto era o que Ignacio ia lendo, isto o que juntamente ia trasladando em si, e imprimindo dentro na alma. Mas quem lhe dissera então, ao novo soldado de Christo, que notasse n'aquelle livro o dia trinta e um de julho; que advertisse bem, que aquelle logar estava vago, e que soubesse que a vida do santo que ali faltava, havia de ser a sua; e que este dia feriado e sem nome, havia de ser o dia de Santo Ignacio de Loyola, fundador e patriarcha da Companhia de Jesus? ¡Taes são os segredos da Providencia! Tão grandes os poderes da graça! Tanta a capacidade da nossa natureza!

.....

Quando Deus quer converter homens e fazer santos, lavra um diamante com outro diamante e faz um santo com outro. Santo foi David: converteu-o Deus com outro santo, o propheta Nathan. Santo foi Cornelio Centurião: converteu-o Deus com outro santo, S. Pedro. Santo foi Dyonísio areopagita: converteu-o Deus com outro santo, S. Paulo. Santo foi Santo Agostinho: converteu-o Deus com outro santo, Santo Ambrosio. Santo foi S. Francisco Xavier: converteu-o Deus com outro santo, o mesmo Santo Ignacio.

¿Pois se, para fazer um santo, basta outro santo, porque ajunta Deus os santos de todas as edades do mundo, porque ajunta Deus os santos de todos os estados da Igreja, porque ajunta as vidas, as acções, as virtudes, os exemplos de todos os santos para fazer a Santo Ignacio?

Porque tanto era necessario para fazer um tão grande santo. Para fazer outros santos, basta um só santo: para fazer um Santo Ignacio, são necessarios todos.

.....

Por isso lhe mette Christo nas mãos, em um livro, as vidas e acções heroicas de todos os santos, para que os imite e se fórme á semelhança de todos.

(S. de Santo Ignacio. — Lisboa, 1669).

Santo Antonio

Se a primeira propriedade do sal é preservar da corrupção, ¿que espirito apostolico houve que mais trabalhasse por conservar incorrupta a fé catholica com a verdade da sua doutrina, com a pureza de seus escriptos, com a efficacia de seus exemplos e com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal é, sobre preservativo, não ser desabrido, ¿que santo mais affavel, que santo mais benigno, que santo mais familiar, que santo, emfim, que tenha uns braços tão amorosos, que, por se vêr n'elles Deus, desceu do Céu á terra, não para lutar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal apostolico era não ser de uma, senão de toda a terra, ¿quem no mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa, deixando a patria, para Coimbra; de Portugal, com desejo de martyrio, para Marrocos; da arribada de Marrocos para Hespanha; de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra vez a Italia, com repetidas jornadas; com os pés andou a Europa e com os desejos a Africa, e se não levou os raios de sua doutrina a mais partes do mundo, foi porque ainda as não tinham descoberto os portuguezes. Se a quarta

propriedade do sal foi ser sujeito das transformações dos elementos, e em que santo se viram tantas metamorphoses como em Santo Antonio, transformando-se do que era para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em ecclesiastico, de clerigo em religioso e ainda de um habito em outro habito, para maior gloria de Deus tudo, sendo o primeiro em quem foi credito a mudança e a inconstancia virtude. Finalmente, se a ultima propriedade do sal é conseguir o seu fim desfazendo-se, e quem mais bizarramente e animosamente que Santo Antonio, se tyrannisou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante e fervorosamente por Deus, até que em trinta e seis annos de idade, sendo robusto por natureza, deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade á alma, aonde vive e viverá sem fim?

(S. de Santo Antonio. — Lisboa, 1642).

S. Francisco Xavier

Os que tendes lido os trabalhos d'este grande Hercules da Egreja, desencadernando o livro da sua vida e fazendo de cada folha uma scena, podereis conceber alguma parte d'esta temerosa representação, e digo parte e não tudo, porque o

menos é o que se sabe e o que se escreveu: do demais fôram só testemunhas Deus e os anjos. Ali se viam os mares pouco d'antes descobertos, e ainda mal conhecidos e nunca domados; as tempestades furiosas e tremendas, os ventos implacaveis, as ondas em montes, os mareantes sem côr, sem força, sem tino, as gaveas no mar, a quilha fóra d'elle, as vidas morrendo e resuscitando a cada balanço; os dias medonhos, sem sol; as noites horrendas, sem estrellas; os relampagos, os trovões, os raios, a derrota, e o leme perdido; os baixios roncando ao perto, soando temerosamente ao longe por toda a parte. ¡O' que horror! E isto não um dia, senão muitos continuados, nem uma, senão muitas vezes em tantas costas, em tantos cabos, em tantos estreitos, em tantos golphos!...

Viam-se ali os climas e os céos tão diversos, os ares pestilentes, as enfermidades terriveis, sem medico, sem remedio, sem allivio; no mar o convez, na terra a mesma terra por cama; os calores, os frios, as fomes, as sêdes; o navegar tão difficultoso, o chegar incerto, o desembarcar e apparecer cheio de perigos; as gentes barbaras, feras e de Christo todas inimigas; as seitas infinitas, a pertinacia maior que a cegueira; a idolatria estabelecida na antiguidade, na crença, na natureza, defendida da soberba e cobiça dos sacerdotes e da licença dos costumes; armados todos e tudo contra o Prégador da nova Fé, só, po-

bre, aborrecido, perseguido, accusado, condemnado. Sobretudo, o demonio e todo o inferno posto em campo contra um só homem, invisivelmente com machinas e visivelmente com figuras horrendas, não matando, porque não tinham licença para matar, mas dando-lhe taes combates e tormentos que muitas vezes o deixaram moído e pisado a duros golpes, ferido e quasi morto.

Tudo isto se via ali em varios tempos e em muitos modos repetido, representando-se vivamente, em suas proprias e feiissimas figuras, as crueldades, os odios, as iras, as invejas, as perseguições, os desprezos, as injurias, as affrontas, as traições, as ciladas, os venenos, as settas, as catanas, os assaltos, as guerras e infinitos outros generos e fórmas horriveis de trabalhos, de perigos, ou da natureza ou da malicia, que havia de padecer quem os estava vendo, com a morte sempre presente e não escapando de uma sem novo risco de outras.

Finalmente, o que fazia mais admiravel e quasi incrivel esta representação, era uma perspectiva que se abria no meio d'ella, com uns longes tão seguidos e remontados a perder de vista, que o fio e comprimento d'elles podia quatro vezes dar volta a toda a redondeza da terra. E taes eram as peregrinações e caminhos de trinta e cinco mil leguas que por mar e terra havia de fazer Xavier. ; No mar, bastava dizer que se via no mar para dizer muito, mas via-se sem gasalhado, sem

mantimento, sem provisão alguma humana, sustentando-se de esmola, servindo de dia e de noite aos enfermos e dormindo aos pés e velando á cabeceira do mais afflicto!

Na terra via-se caminhando a pé, muitas vezes descalço e vertendo sangue, por serranias, por bosques, por espinhos, por pedras agudas, por neves, por areas ardentes, com a trouxa dos ornamentos sagrados ás costas, disfarçado em marinheiro, em escravo, em lacaio, podendo mal andar e correndo atropellado diante dos cavallos suando, anhelando, espirando; ao sol, á chuva, a todos os rigores do tempo; sem descanso, sem casa, sem abrigo, sem segurança, conservando a vida só no disfarce e não havendo entre a vida e a morte mais distancia que o ser ou não ser conhecido.

Assim estava vendo Xavier representado dentro em si mesmo o espectaculo formidavel de seus trabalhos, bastantes a causar lastima e horror quando fossem alheios ou fingidos, e não fôra o que os havia de padecer, o mesmo que os via. Emfim, no fim do ultimo acto se descobriu tambem a ultima apparencia. ¿E que viu n'ella Xavier? Viu Xavier a Xavier despedindo-se do mundo e de si mesmo não já luctando, rendido, enfermo, prostrado, desfallecido, morrendo, morto; em uma ilha deserta, sobre a terra núa, só e no extremo desamparo: religioso sem companhia, christão sem os auxilios da Igreja, homem sem

nenhum soccorro humano, porque ainda que os anjos e todo o Céu o assistia, e esperava com palmas e corôas, tudo isto se lhe encobriu n'aquella representação pavorosa para maior horror da tragedia . . .

.....

Por certo que depois de Deus mostrar a Xavier aquelle grande theatro de trabalhos, de perigos, de assombros, podéra facilmente correr outra cortina e mostrar-lhe um monte Tabor de glorias muito maiores que as de José; não adorado de onze lavradores nas espigas, nem de uma só familia nas estrellas, nem de um só reino no Egypto, mas de principes, de reis, de imperadores, de pontifices e de todo o mundo. Podéra contrapôr á dureza dos climas e das gentes o rendimento e obediencia d'ellas; ás perseguições, os obsequios; ao odio, o amor; ás injurias, os applausos; ás enfermidades, as saudes milagrosas; ás mortes, as vidas e resurreições de tantos mortos; aos soes, o sol parado a seu imperio; aos caminhos e peregrinações, as peregrinações sem caminhos, quando no mesmo tempo, sem dar passo, se achava presente em tão distantes logares; ás pestes, as mesmas pestes exterminadas de cidades, de reinos, só com a invocação sempre efficaz do seu patrocinio; ás tempestades e furores do mar, o mesmo mar humilhado, manso, reverente, e o oceano dôce só com metter n'elle um pé; aos perigos da natureza e da malicia, a sujeição da mesma natu-

reza nos elementos e da mesma malícia nos homens; ás guerras e batalha do Inferno, o mesmo Inferno vencido, sopeado, despojado, triumphado emfim; os templos, os altares, as estatuas, os mausoleus, os incensos, os votos, os sacrificios e a immortalidade gloriosa do nome de Xavier, com a memoria sempre viva, com a devoção sempre crescendo, com as maravilhas sempre novas, reconhecido no Oriente por luz da Asia, no Occidente por escudo firmissimo da Europa, e em toda a parte por propiciatorio universal da Egreja; como Deus derrubára e desfizera por elle tantos idolos, para levantar no mundo um só oraculo.

.....

(Xavier dormindo — *Sonho segundo*).

S. Gonçalo de Amarante

Seja doutrina e exemplo geral para todos, que ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, sendo menino, foi homem; nós, sendo na idade homens, na vida e nos costumes somos meninos. Temos a auctoridade dos velhos, e os vicios de meninos; e o peor é que não só se vê em nós a meninice, que é defeito da idade, senão as meninices, que o são do juizo.

A primeira coisa que fez S. Gonçalo, foi pôr os olhos em um Christo crucificado e estender os

bracinhos para se abraçar com Elle, e isto é o que moços e velhos guardam para o fim da vida. Então vem o Crucifixo, então se abraçam com suas chagas, e como é por força e a mais não poder, muita graça de Deus é necessaria para que seja de coração. Quem quer começar bem e acabar bem, ha-de começar pelo fim e acabar pelo principio. Desde o principio do mundo ensinou Deus ao homem esta importantissima maxima nas primeiras palavras da Escriptura: *In principio creavit Deus coelum et terram*: onde nota S. João Chrysostomo, que Deus na obra da Creação começou pelo Céu e acabou pela terra, por isso não diz o texto: *Creavit terram et coelum*, sendo, *coelum et terram*. Mas crear primeiro o Céu e depois a terra, parece que é começar o edificio pelas abobaidas, e acabal-o pelos alicerces. Quanto mais, que sendo a terra e o Céu creados para o homem, assim como o fim do homem é o Céu e o principio a terra, assim parece que devía começar pela terra e acabar pelo Céu. Antes não, e por isso mesmo. Porque o homem tem o seu principio na terra e o seu fim no Céu, por isso lhe propõe Deus primeiro o Céu e depois a terra, porque se quer começar bem e acabar bem, ha-de começar pelo fim e acabar pelo principio. Assim começou e assim acabou S. Gonçalo. E sendo a sua vida e morte uma perpetua imitação de Christo, foi coisa maravilhosa, assim como nascido tomou por exemplar a Christo morto na cruz, assim morren-

do imitou ao mesmo Christo nascido no presepio. Morreu emfim S. Gonçalo, entregando a alma nas mãos da Rainha dos Anjos, de que foi devotissimo, e se achou presente a seu felicissimo transito; e tanto que expirou, se ouviu no ar uma voz que dizia: "Ide todos ao enterro do Santo.," Concorreram todos, e o leito em que acharam defuncto o sagrado corpo, foi deitado no chão sobre umas palhas. Assim acabou na morte imitando a Christo nascido no presepio, quem assim desde o nascimento tinha imitado a Christo morto na cruz. ¡O' ditoso nascer e ditoso morrer! O' ditoso começar e ditoso acabar! Este foi o ultimo exemplo que S. Gonçalo deixou ao mundo e com que deixou o mundo que todos havemos de deixar. E pois não o imitamos no nascimento, ao menos começemos desde este dia seu a o imitar na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim da vida, para que por seus merecimentos e intercessão consigamos a vida sem fim.

(S. de S. Gonçalo).

S. Roque

Ou a vida de S. Roque foi errada, ou todo o mundo é louco. E quanto mais considero nos passos que leva o mundo, e nos que seguiu S. Roque, tão encontrados, tanto mais me confirmo

n'esta verdade. Vejamos o que fez S. Roque na eleição de sua vida, e o que fizera no mundo em semelhante occasião qualquer outro da sua idade, da sua fortuna, e do seu nascimento. Foi tão venturoso S. Roque, que lhe faltaram seus paes antes de cumprir os vinte annos. Desgraça se chamava isto antigamente, mas eu lhe chamarei ventura, por me accommodar á phrase do tempo. Nenhuma coisa parece que sentem hoje mais os filhos, que a larga vida dos paes. ¿Quem não quer esperar a herdal-os depois da morte, como lhes póde desejar longa vida? Quasi todos os titulos que acabaram estes annos na nossa côrte, nasceram unicos e morreram gemeos; primeiro os lograram juntamente os filhos, do que os deixassem os paes. Uma capa, diz o Espirito Santo, não póde cobrir a dois. Mas querem os homens perder mais do que Deus sabe. Um se cobre com o direito da capa e outro com o avesso no mesmo tempo. Tão larga lhes parece aos filhos a vida dos paes, que não se atrevem a lhes esperar pela morte. Emfim, ou seja indecencia nos filhos de hoje, ou fosse ventura em S. Roque, elle se viu em vinte annos de idade sem sujeição de filho, senhor da cidade e Estado de Montpellier, que era de seus paes, herdeiro de grande casa e riquissimos thesoiros, que desde seus antepassados se guardavam e acrescentavam n'ella. Isto supposto, ¿que resolução vos parece que tomaria no tal caso aquelle filho, ou que faria qualquer dos presentes, se n'elle

se achára com sangue illustre, com Estado, com vassallos, com tantas riquezas e com tão poucos annos? Parece-me a mim, julgando o que cuido pelo que vejo, que tomarieis uma de duas resoluções. Ou passados os lutos, vos partirieis para a côrte (e mais sendo a côrte de Paris aquelle mundo abreviado) para luzir, para ostentar, para competir em galas, em apparatus, em grandezas, e juntamente para assistir, para servir e para merecer diante do rei, e por esta via alcançar novos acrescentamentos á casa e á pessoa. Esta era a resolução mais viva e mais propria d'aquella idade. Mas se o vosso juizo fosse mais assentado, se vencesse na madureza os annos, e se aconselhasse ou se deixasse aconselhar sisudamente, julgaria eu pelo contrario, que renunciando pensamentos de côrte, como mar inquieto, turvado e em nenhum tempo seguro, vos deixarieis ficar no vosso estado, conservando n'elle melhor e a menos custo a auctoridade, gosando com descanso o que vossos avós com trabalho vos tinham ganhado, e governando em paz e quietação vossos vassallos, sendo amado, servido e reverenciado d'elles.

Não ha duvida, que uma d'estas resoluções tomaria qualquer dos presentes, cada um segundo o mais ou menos repouso do seu juizo. Mas a Roque (e sendo francez) nenhuma d'ellas lhe pareceu bem: seguiu muito differente caminho. Mandá vir diante de si seus thesoiros, abre-os, e a primeira coisa que viu n'elles, foram os corações

de todos seus antepassados. Contento de não achar também ali o seu, chama os pobres de toda a cidade, troca com elles a fortuna, fál-os ricos e fica pobre. Já eu vou vendo, que quem isto obra com as mãos, muito maiores e mais altos pensamentos revolve no peito. Faz que venha logo um notario, renuncia publicamente o Estado e tudo o que n'elle tinha e lhe podia pertencer, veste-se no habito da Terceira Ordem de S. Francisco, toma bordão e esclavina, e parte peregrino pelo mundo a buscar e a servir só aquelle grande Senhor, que em todo o logar tem a Sua côrte, porque está em todo o logar. Isto que nenhum outro fizera, fez S. Roque, e por isso elle só, como dizia, é o sisudo, e o resto do mundo o louco. Notae. Podéra S. Roque ir servir a el-rei na côrte d'el-rei, e não quiz servir; podéra S. Roque mandar os seus vassallos na sua, e não quiz mandar; resolve-se a servir só a Deus, livre de todo o outro cuidado; e com estas tres resoluções conseguiu toda a felicidade, não só da outra vida, senão também d'esta. Todos os homens e mais os cortezãos, andam buscando a felicidade d'esta vida. ¿E que fazem para a alcançar? Todos occupados em servir e todos morrendo por mandar, e por isso nenhum acaba de achar a felicidade que busca. ¿Quereis conseguir a verdadeira felicidade, não só da outra, senão também d'esta vida? Tomae as tres resoluções de S. Roque. ¿Servir? Só a Deus. ¿A homens? ¡Nem servir nem mandar! N'is-

to consiste toda a prudencia e felicidade humana, n'isto consiste toda a prudencia e felicidade christã. Se somos christãos, havemos de tratar de Deus, se somos homens, havemos de tratar com os homens. ¿Pois que remedio para ter felicidade com os homens e para ter felicidade com Deus? Imitar a S. Roque. Para ter felicidade com Deus, servir a Deus; para ter felicidade com os homens, nem servir a homens nem mandar a homens. Tres pontos de prudencia, tres pontos de felicidade. A homens nem servir nem mandar; a Deus, e só a Deus, servir.

(S. de S. Roque. — Cap. Real, 1652).

S. Pedro Nolasco

A regra de perfeição que Christo pôz aos que quizessem ser seus discipulos foi que vendessem o que tinham e o dessem a pobres. Esta foi a primeira coisa que fez S. Pedro Nolasco. Vendeu todas as riquezas que possuia como grande senhor que era no mundo, e deu o preço para redempção de captivos. Mas depois de se pôr n'este grau de perfeição, ainda subiu a professar outro mais alto, que foi, não só dar o que tinha, senão pedir o que não tinha, para tambem o dar. Que dê um homem tudo o que tem, não o manda Christo, mas aconselha-o; porém, sobre dar o que tem,

que peça ainda o que não tem para o dar, isso nem o mandou Christo nunca, nem o aconselhou. Aconselhou, que déssemos a quem nos pedisse; mas que pedissemos para dar a outrem, parece que não fiou tanto do valor humano. E isto é o que fez e o que professou S. Pedro Nolasco, excedendo-se a si mesmo e a todos os que deram a Deus e por Deus quanto tinham. Quem dá o que tem, dá a fazenda; quem pede para dar, dá o sangue, e o sangue mais honrado e mais sensitivo, que é o que sae ás faces. Quem dá o que tem, póde dar o que vale pouco, mas quem dá o que pede, não póde dar senão o que custa muito, porque nenhuma coisa custa tanto como o pedir. A palavra mais dura de pronunciar, e que para sair da bocca uma vez, se engole e afoga muitas, é *peço*.

Considerae a que chegam muitas vezes os homens para não chegar a pedir, e vereis, os que o não experimentastes, quanto deve custar. Finalmente, é sentença antiquissima de todos os sabios, que ninguem comprou mais caro que quem pediu. Quem, para dar, espera que lhe peçam, vende, e quem pede para que lhe dêem, compra e pelo preço mais caro e mais custoso. D'onde se infere claramente, que aos religiosos da Redenção dos Captivos, mais lhes custam os resgates, que os resgatados, porque os resgatados compram-n'os dando; os resgates compram-nos pedindo. Para comprar os resgatados, dão uma vez; para

comprar os resgates, pedem muitas vezes. E se os turcos cortam muito caros os resgates dos captivos, S. Pedro Nolasco ainda os cortou mais caros, porque os cortou a resgates pedidos e mendigados.

(S. de S. Pedro Nolasco. — Maranhão).

Santo Estanislau Kostka

A pureza de Estanislau era tão propria de filho d'aquella purissima Mãe, que se alguma vez acaso ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excesso, que subitamente desmaiava e caía amortecido. E' exemplo que não se lê de algum outro santo, e tanto mais raro, quanto não foi uma só vez, senão muitas as que lhe aconteceu. Mais. Eram tão divinos os raios de pureza, que resplandeciam no soberano rosto da Mãe de Deus, que, como diz Santo Epiphanio, só com ser vista infundia castidade: e foi experiencia de muitos, sendo tentados do vicio contrario áquella virtude, que só com pôrem os olhos no rosto de Estanislau, fugia a tentação. Era a vista de Maria Santissima, Senhora nossa, como a visão de Deus, que faz semelhantes a si aos que O vêem. Esta graça que communicou Deus a Sua Mãe, communicou a Mãe de Deus a seu filho Estanislau.

(S. do Beato Estanislau. — Roma, 1674).

Santa Catharina

O mais formoso theatro que nunca viu o mundo, a mais grave e ostentosa disputa que nunca ouviram as academias, a mais rara e portentosa victoria que nunca alcançou da ignorancia douda e presumida a verdadeira sabedoria, é a que hoje teve por defendente um cherubim em habito de mulher, ou um rosto de mulher com intendimento e azas de cherubim: Santa Catharina. A aula ou theatro d'esta famosa representação, foi o palacio imperial; os ouvintes e assistentes o Imperador Maximino, o Senado de Alexandria e toda a côrte e nobreza do Oriente; a questão, a da verdadeira divindade de um ou de muitos deuses, e a fé e religião que deviam seguir os homens; os defendentes, de uma parte, uma mulher de poucos annos, e da outra, cincoenta philosophos escolhidos de todas as seitas e universidades; e a expectação da disputa e successo da controversia, egual nos animos de todos á grandeza de tão inaudito certamen. Em primeiro lugar propozeram os philosophos, inchados, seus argumentos, applaudidos e victoriados de todo o theatro, e só da intrepida defensora recebidos com modesto riso. E depois que todos disseram quanto sabiam em defesa e auctoridade dos deuses mortos e mudos que elles chamavam immortaes, então falou Catharina por parte da Divindade eterna e sem prin-

cipio, do Creador do Céu e da terra, e da Humanidade do Verbo tomada em tempo, para remedio do mundo. Falou Catharina, e foi tal o peso das suas razões, a subtileza do seu ingenho e a eloquencia mais que humana com que orou e perorou, que não só desfez facilmente os fundamentos ou erros dos enganados philosophos, mas redarguindo e convertendo contra elles seus proprios argumentos, os confundiu e convenceu com tal evidencia, que, sem haver entre elles quem se atrevesse a responder ou instar, todos confessaram a uma voz a verdade infallivel da fé e religião christã. ;E que fazia com este successo Maximino, Imperador, empenhado e cruel? Affrontado de se vêr vencido nos mesmos mestres da sua crença, de quem tinha fiado a honra e defesa d'ella, e enfurecido e fóra de si por vêr publicamente demonstrada e conhecida a falsidade dos vãos e infames deuses a quem attribuia o seu imperio, em lugar de seguir a luz e docilidade racional dos mesmos philosophos, com sentença barbara e impia mandou, que ou sacrificassem logo aos idolos, ou morressem todos a fogo. Todos, sem duvidar nem vacillar algum, acceitaram a morte por Christo, não só constantemente, mas com grande alegria e jubilo; e na mesma hora e do mesmo theatro onde tinham entrado philosophos, saíram theologos; onde tinham entrado gentios, saíram christãos, e, onde tinham entrado idolatras, saíram martyres. ;O' victoria da fé, a

mais illustre e ostentosa, que, nem antes nem depois, celebraram os seculos da christandade! ;O' triumpho de Catharina, não com duas palmas nas mãos, de virgem e de martyr, mas com cincoenta palmas aos pés, de subtil, de angelica e de invencivel doutora! Digna por esta inaudita façanha de que no mais alto do monte Sinai, depois de ser throno do Supremo Legislador, as mesmas mãos que escreveram as primeiras letras divinas, levantassem eterno throno á memoria das suas.

(S. de Santa Catharina.— Universidade, 1663).

Santa Thereza de Jesus

A natureza humana beatificada tem no Céu sete logares: de patriarchas, de prophetas, de apostolos, de doutores, de martyres, de confesores, de virgens. E em todos tem assento eminente Santa Thereza. No das virgens, pela pureza; no dos confesores, pela penitencia; no dos martyres, pelo desejo; no dos doutores, por seus admiraveis exemplos; no dos apostolos, pelo seu zelo ardentissimo da propagação da Fé; no dos prophetas, pelos secretos altissimos de suas visões, revelações e prophecias; e no dos patriarchas, finalmente, com ser mulher, como mãe e fundadora gloriosissima de uma religião tão illustre e lustre de religiões.

(S. de Santa Thereza e do SS. Sacramento.—Lisboa, 1644).

Santa Barbara

Tinha Santa Barbara, como filha unica e herdeira de Dioscoro seu pae, senhor nobilissimo da cidade de Nicomedia, um riquissimo patrimonio dos bens que chamam da fortuna. Tinha mais outro, mais precioso e mais rico, que era o de todos os dotes da natureza, e graça, formosura, discrição, honestidade e as demais virtudes, por onde o desejo e emulação de todos os grandes a procuravam por esposa. E tendo já consagrado tudo isto a Deus na flôr da idade, até a liberdade e a vida lhe sacrificou a sua fé e o seu amor; a liberdade, em um dilatado martyrio, presa por muito tempo e aferrolhada em um castello; e a vida, em outro martyrio mais breve, mas muito mais cruel, sendo variamente atormentada com todos os generos de tyrannias, e finalmente degolada com a maior de todas, por mão de seu proprio pae. Este foi o preço verdadeiramente de tudo quanto possuia, com que Barbara comprou os dois thesoiros, um para si, outro para nós. Para si, o da eterna corôa que gosa em paz na Igreja triumphante do Céu; para nós, o do perpetuo soccorro com que nos ajuda a batalhar e vencer na militante da terra.

(S. de Santa Barbara).

Santa Iria

Como a honra, cuja ambição natural nasceu com o homem, não só é incitamento e premio da virtude, senão a unica guarda e defensora d'ella, esta foi a singularissima gloria de Santa Iria, que infamada e perdida totalmente a honra, desarmada e sem defesa, ¿que digo, desarmada e sem defesa? só, desamparada e combatida de todas as partes, não por um inimigo nem por muitos, senão por todos os que a conheciam; não com um só genero de affrontas, senão com todas as machinas que o odio, a astucia e a maldade podem inventar; nem por um dia, ou muitos dias, senão por toda a vida, se conservasse comtudo a virtude tão constante, firme, inteira e sem a menor lesão nem abalo, como se estivera cercada de muros de bronze e torres de diamante!

(S. de Santa Iria.—Santarem).

A Rainha Santa Izabel

Era Izabel rainha; ¿mas que rainha? Uma rainha que, debaixo da purpura, trazia perpetuamente o cilicio; uma rainha que, assentada á mesa real, jejuava quasi todo o anno a pão e

agua; uma rainha que, quando se representavam as comedias, os saraus, os festins, ella estava arrebataada no Céu, orando e contemplando; uma rainha que, por dentro da sua corôa, lhe estavam atravessando a cabeça e o coração os espinhos da corôa de Christo; uma rainha que, adorada e servida dos grandes do seu reino, ella servia de joelhos aos pobres e lhes lavava os pés com suas mãos e lhes curava e beijava as chagas. D'esta maneira usava Izabel da corôa, ajuntando e unindo na pessoa da rainha dois extremos tão distantes e dois exercicios tão contrarios.

.....

Entrava Izabel nos hospitaes, que ella e seus antecessores tinham edificado, e concorriam a Izabel os enfermos de todas as enfermidades. ¿E que succedia? Ia Izabel fazendo o signal da cruz sobre elles, os cegos viam, os mudos falavam, os surdos ouviam, os mancos e aleijados saltavam, os mortos, ou que estavam para morrer, resuscitavam. Dizei ás outras rainhas e aos outros reis, que façam isto com todo seu poder. Fazer mancos, fazer aleijados, fazer cegos, fazer estropeados, isso fazem os reis e isso podem. E senão ide a essas campanhas, a esses exercitos e a essas côrtes: uns em molêtas, outros arrastando; uns sem pernas, outros sem braços; uns sem olhos, outros sem orelhas, outros pedindo esmola com os dedos, porque não teem lingua, outros sem casco na cabeça meio atontados, outros sem queixadas

no rosto, horriveis e disformes. Homens miseraveis, homens que não sois homens, senão parte de homens, ¿quem vos pôz n'esse estado?! Padre, o serviço d'El-Rei. — Fomos á guerra e d'ella escapámos d'esta maneira. Isto é o que podem fazer os reis, e tanto mais quanto mais poderosos. Não assim Izabel: era rainha que restituia braços, e pés, e olhos, e ouvidos. Vêr a majestade e pompa com que se diz dos reis, que são senhores da vida. ¡Senhores da vida! São senhores da vida para a tirar; para a dar, não. Se sois delinquente, podem-vos matar por justiça, se sois innocente, podem-vos matar por tyrannia; se tendes pouco juizo e pouco coração, podem-vos matar com uma carranca ou com um voltar d'olhos, mas dar vida ou saude, não é da jurisdicção dos reis. Izabel, sim, que era senhora da saude e da vida, e por isso maior rainha que todas as rainhas.

(S. de Santa Izabel. — Roma, 1674).

MOSAICO

RELIGIÃO, MORAL E PHILOSOPHIA



MOSAICO

O Rosario

OS ROMANOS ordenavam os seus exercitos repartidos em tres linhas: na primeira os soldados que chamavam rosarios, na segunda os que chamavam accentsos, na terceira os que chamavam triarios; e na mesma fórma ordenou a Senhora o seu rosario, repartido nas tres partes a que nós chamamos terços. E assim como nos exercitos romanos a cada dez soldados presidia e assistia um cabo chamado, por isso, decurião, assim vêmos nas contas do rosario que a cada fileira de dez Ave-Marias preside e precede um Padre-nosso. ¡Tão composto e tão ordenado é este poderosissimo exercito da Senhora, e por isso terrivel e formidavel!

(Maria, Rosa Mystica. — S. 12.º).

*

O primeiro a quem a Senhora communicou a ideia d'esta sua obra, foi o grande patriarcha S. Domingos, encarregando-lhe que a publicasse e prégasse, como logo começou a prégar em França, com espirito e eloquencia mais que humana, de que se seguiram dois effeitos, ambos notaveis, mas muito encontrados. Convertiam-se os homens a milhares, assim os herejes á fé catholica, como os maus catholicos á virtude e vida christã, e não poucos a deixar o mundo e seguir a perfeição evangelica; e este era geralmente o primeiro effeito da prégação e devoção do rosario. O segundo e contrario foi que, vendo o inimigo do genero humano as muitas almas que por meio da mesma devoção se livraram da sua tyrannia, tratou de desacreditar e desauctorisar o rosario por tal arte, que todos os que o rezavam o desestimassem primeiro e depois o deixassem. Para isso tomou o demonio por instrumento, ¿quem vos parece? ¿Porventura algum d'aquelles herejes mais obstinados? ¿Porventura algum leigo dos de consciencia mais livre e mais estragada? ¿Porventura algum sacerdote ou religioso mais ordinario, emulo de S. Domingos? Ainda subiu mais alto, ainda fortificou mais a industria, ainda enfeitou mais a tentação. Havia n'aquella provincia um bispo muito presumido do seu saber, mas de muito pouco zêlo e espirito. Este, em lugar de agra-

decer ao santo o pasto tão divino que dava a suas ovelhas, e o ajudar na prégação e propagação d'aquellas novas do Céu, a que podemos chamar o evangelho da Virgem Maria, começou em publico e em particular a desfazer e desacreditar os sermões do grande apostolo, dizendo que em vez de prégar pontos mui subidos do evangelho, pré-gava aquellas vulgaridades, e em vez de levar ao pulpito estudos e pensamentos novos, que ninguém tivesse ouvido, ia ensinar o Padre-nosso e a Ave-Maria, que os meninos sabiam. ¡Vêde quanto a paixão é cega e a presumpção ignorante! ¡Como se houvera pontos mais subidos que os mysterios da Encarnação do Verbo Eterno, e da Redempção do genero humano! ¡Como se houvera meditações mais divinas que as da vida e morte do Filho de Deus! ¡Como se houvera orações mais excellentes que o Padre-nosso ditado por Christo, e a Ave-Maria por um archanjo! ¡Como, finalmente, se houvera doutrina mais evangelica que a memoria das graças e beneficios altissimos, que Deus em Pessoa nos veio trazer e fazer ao mundo, qual memoria Elle no fim de sua vida nos encommendou e encarregou sobre tudo! Nada d'isto via nem considerava o cego e ignorante prelado; e como a natureza dos homens é mais inclinada ao mal que ao bem, e mais á vaidade que á verdade, se S. Domingos por una parte fazia grande fructo, o bispo por outra parte o desfazia, sendo muitos, principalmente dos mais presados de

intendidos (que praza a Deus não tenham imitadores), os quaes o deixavam totalmente, ou, para o dizer com nome mais proprio, apostatavam da devoção do rosario.

Triumphante sobre esta infernal victoria, estava uma noite dormindo, o que tão pouco vigilante pastor era do seu rebanho, quando, arrebatado em visão, se achou subitamente no meio de um rio largo, profundo, escuro e furioso, cuja corrente, a espaços, por penhascos e rochas talhadas, se despenhava estrondosa e medonhamente. Aqui andavam nadando, ou mais verdadeiramente naufragando grande multidão de homens e mulheres de todos os estados, uns que, sossobrados das ondas, se afogavam e iam logo a pique, outros que, mortos já de muitos dias, saíam acima aboiados em horrendas figuras, outros que, arrebatados da corrente, eram arremessados com furia nos penhascos, onde se espedaçavam, outros que lutavam com toda a fôrça e grandes ancias com o peso do impeto das aguas, e outros que, ao som d'ellas, onde mais mansamente corriam, se deixavam levar brandamente; e este era o estado mais perigoso, porque quasi sem se sentir se achavam perdidos, sendo finalmente muito raros os que com grandissimo trabalho chegavam á outra banda da ribeira e todos despidos. No meio d'esta afflicção, já desmaiado, levantou o bispo os olhos ao Céu e viu que á mão direita havia uma formosa ponte que atravessava o rio de parte a

parte, pela qual caminhavam seguros outro grande concurso de gente, homens, mulheres, meninos, todos alegres e cantando. E como advertisse que deante os ia guiando uma pessoa veneravel, e pelo habito branco e manto preto reconhecesse que era o mesmo prégador que elle perseguia: — Valei-me, santo, que já vos confesso por tal, disse a grandes brados. Valei-me, que me afôgo. — Pois afoga-te e chama agora pelos teus pensamentos subidos, que te subam á ponte: assim lhe podéra dizer e com muita razão o prégador das vulgaridades. Mas como os santos se vingam fazendo bem a quem lhes faz mal, elle foi o que subiu milagrosamente e o introduziu na ponte com os demais.

Era a formosa ponte larga, e bem defendida por ambos os lados, d'onde se viam com lastima, mäs sem temor, os perigos e naufragios dos que se fiavam do rio. Estava fundada sobre tres grandes arcos de marmore, cada um dos quaes se rematava em cinco torres muito altas, e entre ellas, repartidas de dez em dez, outras cincoenta menores, que por todas faziam numero, as mais altas de quinze, as menores de cento e cincoenta. No fim se levantava um palacio de admiravel architectura, por cuja portada, egual na largura á da ponte, eram admittidos todos os que tinham passado por ella, e d'ali levados a uma grande sala interior, onde, em throno de pedras preciosas, cercado de resplendores, assistia assentada

uma Rainha de celestial majestade e formosura, a qual todos adoravam. Aqui recebia cada um da soberana mão uma corôa de rosas, e este era o signal ou passaporte real com que se podia entrar no jardim do mesmo palacio, chamado o Paraíso de delicias, mais ameno e deleitoso que o que Deus tinha plantado no principio do mundo. Chegou-se finalmente o bispo, quando se seguia por ordem o seu logar, para tambem receber a corôa; mas trocada a majestade da Rainha em severidade, lhe disse com aspecto irado: ¿Que atrevimento é este? Se tu és o maior inimigo e perseguidor do meu rosario, ¿como tens ousadia para pretender a corôa que só aos devotos d'elle se concede? Aparta-te logo de minha presença e de todo este logar, e agradece á minha piedade não te mandar dar o castigo que tuas culpas merecem. Estas palavras, e muito mais o semblante com que fôram ditas, causaram tal perturbação e horror ao pobre bispo, que, tremendo e assombrado, espartou no mesmo ponto e tornou em si. Em si tornou, mas tão outro do que d'antes era, e tão reconhecido do seu erro e ignorancia, que d'aquelle dia em diante foi o mais zeloso prégador do rosario e o maior apregoador de suas grandezas.

Esta é, pois, a ponte que traçou e fabricou a Virgem Santissima. Os tres grandes arcos de marmore são as tres differenças de mysterios em que se funda o rosario, — gososos, dolorosos, gloriosos

—os quaes, se se não consideram nem meditam, ainda que se rezem as orações, é rosario sem fundamento solido. As quinze torres mais altas são os quinze Padre-nossos, e as cento e cincoenta menores, divididas de dez em dez entre uma e outra, são as cento e cincoenta Ave-Marias; e todas ellas são torres, porque espiritual e temporalmente nos defendem de nossos inimigos. O rio arrebatado é o curso da vida presente, que nunca pára, cheio de tantos perigos e precipicios, e as duas ribeiras a que a ponte se estende, e sendo tão distantes, abraça e une, são este e o outro mundo, são os dois horisontes de nascer e morrer, são o tempo e a eternidade. ¿Vêde se merece o nome de Pontifice quem fez esta ponte? A Egreja grega em dois hymnos, falando com a Senhora, Lhe diz: *Pons traducens omnes de morte ad vitam*: Ponte que passa todos da morte á vida: *Pons homines a terra in Coelum traducens*: Ponte que passa os homens da terra ao Céu. ¡E esta é a ponte do seu rosario!

(Maria, Rosa Mystica. — S. 28.º).

Respeitos e dinheiro

¿Se se pozér em questão qual tem perdido mais consciencias e condemnado mais almas, se o respeito, se o dinheiro? Eu sempre dissera que

o respeito, por duas razões. Primeira: porque as tentações do respeito são mais e maiores que as do dinheiro. São mais, porque o dinheiro é pouco e os respeitos muitos. São maiores, porque com animos generosos mais facil é desprezar muito dinheiro, que cortar por um pequeno respeito. Segunda e principal: porque o que se fez por respeito tem muito mais difficultosa restituição, que o que se fez por dinheiro. Na injustiça que se fez ou se vendeu por dinheiro, como o dinheiro é coisa que se vê e que se apalpa, o mesmo dinheiro chama pelo escrupulo, o mesmo dinheiro intercede pela restituição. A luz do diamante dá-vos nos olhos, a cadeira tira por vós, o contador lembra-vos a conta, a lamina e o quadro peregrino, ainda que seja com figuras mudas, dá brados á consciencia; mas no que se fez por respeito, por amisade, por dependencia, como estas apprehensões são coisas que se não vêem, como são coisas que vos não armam a casa nem se penduram pelas paredes, não tem o escrupulo tantos despertadores que façam lembrança á alma. Sobretudo se eu vendi a justiça por dinheiro, quando quero restituir (se quero), dou o que me deram, pago o que recebi, desembolso o que embolsei, que não é difficultoso. Mas se eu vendi a justiça ou a dei de graça pelo respeito, haver de restituir sem ter adquirido, haver de pagar sem ter recebido, haver de desembolsar sem ter embolsado, oh! que difficuldade tão terrivel! Quem

restitue o dinheiro paga com o alheio, quem restitue o respeito ha-de pagar com o proprio; e para o tirar de minha casa, para o arrancar de meus filhos, para o sangrar de minhas veias, oh! quanto valor, oh! quanta resolução, oh! quanto poder da graça divina é necessario! Os juizes de Samaría por respeito de Jezabel condemnaram innocente a Naboth, e foi-lhe confiscada a vinha para Acáb, que a desejava. Assim Acáb, como os juizes deviam restituição da vinha, porque assim elle como elles a tinham roubado. ¿E a quem era mais facil esta restituição? A Acáb era muito facil e aos juizes muito difficultosa, porque Acáb restituia a vinha, tendo recebido a vinha, e os juizes haviam de restituir a vinha, não a tendo recebido. Acáb restituia tanto por tanto, porque pagava a vinha pela vinha; os juizes restituíam tudo por nada, porque haviam de pagar a vinha por um respeito. Quasi estou para vos dizer que se houverdes de vender a alma, seja antes por dinheiro que por respeitos, porque ainda que o dinheiro se restitue poucas vezes, os respeitos nunca se restituem.

(S. da 3.^a dom. da Q. — Cap. Real, 1655).

A vida e a fama

A vida é um bem que morre; a honra e a fama é um bem immortal: a vida, por larga que seja, tem os dias contados; a fama, por mais que conte annos e seculos, nunca lhe ha-de acabar conto, nem fim, porque os seus são eternos: a vida conserva-se em um só corpo, que é o proprio, o qual, por mais forte e robusto que seja, por fim se ha-de resolver em poucas cinzas: a fama vive nas almas, nos olhos e na bôca de todos, lembrada nas memorias, falada nas linguas, escripta nos annaes, esculpida nos marmores e repetida sonoramente sempre nos echos e trombetas da mesma fama. Em summa, a morte mata ou apressa o fim do que necessariamente ha-de morrer; a infamia affronta, afeia, escurece e faz abominavel um sêr immortal, menos cruel e mais piedosa, se o podêra matar.

(S. de Santa Iria. — Santarem).

Amor e ignorancia

No mundo e entre os homens, isto que vulgarmente se chama amor não é amor, é ignorancia. Pintaram os antigos ao amor menino; e a

razão, dizia eu o anno passado, que era porque nenhum amor dura tanto que chegue a ser velho. Mas esta interpretação tem contra si o exemplo de Jacob com Rachel, e o de Jonathas com David, e outros grandes, ainda que poucos. Pois se ha tambem amor que dure muitos annos, ¿porque n'ello pintaram os sabios sempre menino? D'esta vez cuido que hei-de acertar a causa. Pinta-se o amor sempre menino, porque ainda que passe de sete annos, como o de Jacob, nunca chega á idade do uso de razão. Usar de razão e amar, são duas coisas que não se ajuntam. ¿A alma de um menino que vem a ser? Uma vontade com affectos e um intendmento sem uso. Tal é o amor vulgar. Tudo conquista o amor, quando conquista uma alma; porém, o primeiro rendido é o intendmento. Ninguem teve a vontade febricitante que não tivesse o intendmento frenetico. O amor deixará de variar, se fôr firme; mas não deixará de tresvariar, se é amor. Nunca o fogo abrazou a vontade, que o fumo não cegasse o intendmento. Nunca houve enfermidade no coração, que não houvesse fraqueza no juizo. Por isso os mesmos pintores do amor lhe vendaram os olhos. E, como o primeiro effeito e a ultima disposição do amor é cegar o intendmento, d'aquí vem que, isto que vulgarmente se chama amor, tem mais partes de ignorancia e, quantas partes tem de ignorancia, tantas lhe faltam de amor. Quem ama, porque conhece,

é amante; quem ama, porque ignora, é nescio. Assim como a ignorancia na offensa diminue o delicto, assim no amor diminue o merecimento. Quem, ignorando, offendeu, em rigor não é delinquente; quem, ignorando, amou, em rigor não é amante.

(S. do Mandato. — Cap. Real, 1645).

Amor e odio

As paixões do coração humano, como as divide e numera Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitães, amor e odio. E estes dois affectos cegos são os dois polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que peçam os merecimentos, elles os que qualificam as acções, elles os que avaliam as prendas, elles os que repartem as fortunas. Elles são os que enfeitam ou descompõem; elles, os que fazem ou aniquilam; elles, os que pintam ou despintam os objectos, dando ou tirando a seu arbitrio a côr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substancia sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem com amor, o corvo é branco, se com odio, o cysne é negro; se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeu é gigante; se com odio, o gigante é pigmeu; se com amor, o que não é, tem ser;

se com odio, o que tem ser e é bem que seja, não é nem será jámais. Por isso se vêem, com perpetuo clamor da justiça, os indignos levantados e as dignidades abatidas; os talentos ociosos e as incapacidades com mando; a ignorancia graduada e a sciencia sem honra; a fraqueza com o bastão e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares e a virtude sem culto; os milagres accusados e os milagrosos réos. ¿Póde haver maior violencia da razão? ¿Póde haver maior escandalo da natureza? ¿Póde haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e desfaz a paixão dos olhos humanos; cegos quando se fecham e cegos quando se abrem; cegos quando amam e cegos quando aborrecem; cegos quando approvam e cegos quando condemnam; cegos quando não vêem, e quando vêem muito, mais cegos.

(S. da 5.^a quarta-feira da Q. — Lisboa, 1669).

A maledicencia

¿Quantas vezes se diz do honrado e da honrada, do innocente, e da innocente, o que nunca lhe passou pela imaginação? Mas basta que o maldizente o imagine, ou o queira imaginar, para o pôr na conversação, e na praça, e o affirmar com tanta certeza, como se o lêra em um Evan-

gelho. Deus vos livre de taes linguas, e muito mais de taes imaginações.

.....

Cada um ouve, não conforme tem os ouvidos, senão conforme tem o coração e inclinação. Em quanto Moisés estava no monte Sinai recebendo a lei de Deus, pediram os judeus a Aarão que lhe fundisse um bezerro de oiro, e como era o primeiro dia da dedicação d'aquella imagem, celebraram-n'o elles com grandes festas. Desce do monte Moisés com Josué, ouviram as vozes ao longe; disse Moisés: "Eu ouço cantar os côros." Disse Josué: "Não é senão tumulto de guerra."

Se as vozes eram as mesmas, ¿como a um parece musicas, e a outro parecem trombetas? A razão é clara. Moisés era religioso, Josué era soldado; ao religioso parecem-lhe as vozes de côro, ao soldado de guerra. Os que ouvem são os ouvidos; mas os que ouvem bem ou mal, são os corações. Tudo o que entra pelo ouvido, faz ecco no coração, e conforme está disposto o coração assim se formam os eccos. Cada um ouve conforme o seu coração e a sua inclinação. Deus nos livre de um coração mal inclinado: se ouvir um *Te Deum laudamus*, ha-de dizer que ouviu uma carta de excommunhão.

.....

Quantas vezes se dizem as palavras sinceramente com uma tenção muito sã, e vós as interpretaes e corrompeis de maneira, que de um

louvor fazeis um aggravo, de uma confiança uma injuria, de uma galanteria uma blasphemia e de uma graça levantaes uma tal labareda que se originarão d'ella muitas desgraças. E se isto succede, quando os homens dizem o que ouviram, e só o que ouviram, ¿que será quando dizem o que imaginaram e o que sonharam, ou o que ninguem imaginou, nem sonhou?

Dizem alguns ou diz algum: "Não sou eu d'aquelles; porque a mim nunca me saiu pela bôca coisa que me entrasse pelos ouvidos. Para affirmar hei-de vêr com os olhos primeiro, e se para isso fôr necessario, que os olhos não durmam quarenta noites, estando vigiando a uma esquina, hei-o de fazer sem descançar até ter averiguada a minha suspeita."

Ah, ronda do inferno! Ah, sentinella de Satanaz!

Este mesmo, se lhe mandar o confessor que faça exame de consciencia meio quarto de hora antes de se deitar, não o ha-de poder fazer com o somno; mas para destruir honras, para abraçar casas estará feito um Argos quarenta noites inteiras.

Não cuidem, porém, estes malignos vigiadores, que por ahi se livram de mentirosos. ¿Fostes, vigiastes, observastes, dissestes, e tendes para vós que falastes verdade? ¡Pois mentistes muito grande mentira! Os olhos mentem de dia, quanto mais de noite!

.....
Dir-me-eis que havia lua e estrellas quando vis-
tes... Essa pequena luz é a que cega mais, por-
que faz que umas coisas pareçam outras. Trou-
xeram um cego a Christo, poz-lhe o Senhor as
mãos nos olhos e perguntou-lhe se via. Respondeu
o cego: "Senhor vejo os homens como arvores
que andam." Mais cego estava agora este cego
que d'antes, porque d'antes não via nada agora
via umas coisas por outras.

Os homens que são de tão differente figura
e estatua, via como arvores e as arvores, que
estão prezas com as raizes na terra, via que an-
davam como homens. Eis aqui o que tem vêr
com pouca luz. O mesmo acontece a estes cegos
vigiaadores, que vão estudar de noite o que hão-de
resar de dia.

O cego de Christo figurava-se-lhe que os ho-
mens eram arvores e estes cegos do diabo afi-
gura-se-lhes que as arvores são homens. Põem-se
a espreitar, vêem uma arvore em um quintal,
¡eis lá vae um homem! A arvore está tão pe-
gada pelas raizes que dois cavadores a não ar-
rancarão em um dia, e elle ha-de jurar aos Santos
Evangelhos que viu entrar e sair aquelle vulto.
¡O' maldito officio! O' infernal curiosidade!

(S. da 5.^a dom. da Q. — Maranhão, 1654).

Estatuas de marmore e estatuas de murta

Os que andastes pelo mundo, e entrastes em casas de prazer de principes, verieis n'aquelles quadros e n'aquellas ruas dos jardins dois generos de estatuas muito differentes, umas de marmore, outras de murta. A estatua de marmore custa muito a fazer pela dureza e resistencia da materia; mas, depois de feita uma vez, não é necessario que lhe ponham mais a mão, sempre conserva e sustenta a mesma figura; a estatua de murta é mais facil de formar pela facilidade com que se dobram os ramos; mas é necessario andar sempre reformando e trabalhando n'ella, para que se conserve. Se deixa o jardineiro de lhe assistir, em quatro dias sae um ramo que lhe atravessa os olhos, sae outro que lhe descompõe as orelhas, saem dois, que de cinco dedos lhe fazem sete; e o que pouco antes era homem, já é uma confusão verde de murtas.

Eis aqui a differença que ha entre umas nações e outras na doutrina da fé. Ha umas nações naturalmente duras, tenazes e constantes, as quaes difficultosamente recebem a fé e deixam os erros de seus antepassados: resistem com as armas, duvidam com o intendimento, repugnam com a vontade, cerram-se, teimam, argumentam, replicam, dão grande trabalho até se renderem;

mas uma vez rendidos, uma vez que receberam a fé, ficam n'ella firmes e constantes, como estatuas de marmore; não é necessario trabalhar mais com elles. Ha outras nações pelo contrario que recebem tudo que lhes ensinam, com grande docilidade e facilidade, sem argumentar, sem replicar, sem duvidar, sem resistir, mas são estatuas de murta que, em levantando a mão e a tesoura o jardineiro, logo perdem a nova figura e tornam á bruteza antiga e natural e a ser matto, como d'antes eram. E' necessario que assista sempre a estas estatuas o mestre d'ellas, uma vez que lhe córte o que vicejam os olhos, para que creiam o que não vêem, outra vez que lhe cerceie o que vicejam as orelhas, para que não deem ouvidos ás fabulas de seus antepassados; outra vez, que lhe decepe o que vicejam as mãos e os pés, para que se abstenham das acções e costumes barbaros da gentildade. E só d'esta maneira, trabalhando sempre contra a natureza do tronco e humor das raizes, se pôde conservar n'estas plantas rudes a fórmula não natural e compostura dos ramos.

(S. do Espirito Santo. — Maranhão).

Abnegação de principe

Entrou um soldado veterano a Carlos V e pediu-lhe licença com um memorial para deixar

o seu serviço e se retirar das armas. Admirou-se o imperador, e parecendo-lhe que seria descontentamento, e pouca satisfação do tempo que havia servido, respondeu-lhe, chamando-o por seu nome, que elle conhecia muito bem o seu valor e o seu merecimento, e que tinha muito na lembrança as batalhas em que se achára, e as victorias que lhe ajudára a ganhar; e que as mercês que lhe determinava fazer, lh'as faria logo effectivas com grandes vantagens de posto, de honra e de fazenda. ¡O' venturoso soldado com tal palavra, e d'um principe que a sabia guardar! Mas era muito melhor, e muito maior a sua ventura.

— Sacra e real majestade, disse, não são essas as mercês que quero, nem essas as vantagens que pretendo; o que só peço é desejo da grandeza de vossa majestade é licença para me retirar: porque quero metter tempo entre a morte e a vida.

¿E que vos parece que faria o Cesar n'este caso? Concedeu enternecido a licença. Retirou-se ao gabinete. Tornou a lêr o memorial do soldado, e despachou-se a si mesmo. — ¡O' soldado mais valente, mais guerreiro, mas generoso, mais prudente, e mais soldado que eu! Tu até agora foste meu soldado, eu teu capitão; desde este ponto tu serás meu capitão e eu teu soldado: quero seguir tua bandeira. — Assim discorreu consigo Carlos, e assim o fez.

Arrima o bastão, renuncia o imperio, despe

a purpura, e tirando a corôa imperial da cabeça, pôz a corôa a todas as suas victorias; porque saber morrer é a maior façanha. Resolveu-se animosamente Carlos a acabar elle primeiro a vida, antes que a morte acabasse a elle. Recolheu-se ou acolheu-se ao convento de S. Justo, metteu tempo entre a vida e a morte. E porque a primeira vez soube morrer imperador, a segunda morreu santo.

¡ O' generoso principe e prudente general, que soubeste seguir e aprender do teu soldado! ¡ O' valente e sabio soldado, que soubeste ensinar e vencer o maior general! Ambos tocaram a recolher a tempo, e por isso seguraram a maior victoria, porque fizeram a seu tempo a retirada.

(S. da Cinza. — Roma, 1673).

Jonathas e David

A primeira vez que Jonathas se affeiçoou a David, diz a Escriptura Sagrada, que lhe fez juramento de perpetuo amor: *Inierunt autem David et Jonathas foedus, diligebat enim eum, quasi animam suam*. Passaram depois d'isto alguns tempos de firme vontade, posto que de varia fortuna, torna a dizer o texto que Jonathas fez segundo juramento a David de nunca faltar a seu amor: *Et addidit Jonathas dejerare David, eo quod dili-*

geret eum. ¿Pois se Jonathas tinha já feito um juramento de amar a David, porque faz agora outro? ¿Por ventura quebrou o primeiro, para que fôsse necessario o segundo? E' certo que o não quebrou, porque não fôra Jonathas o exemplo maior de amizade, se o não fôra tambem da firmeza ¿Pois se o amor estava jurado ao principio, porque o jura outra vez agora? Porque foi muito differente materia jurar o amor antes de conhecido, ou jural-o depois de experimentado.

Quando Jonathas jurou a primeira vez, não sabia ainda o que era amar, porque o não experimentára; quando jurou a segunda vez ja tinha larga experiencia do que era e do que custava, pelo muito que padeceu por David, e era tão differente o conceito que Jonathas fazia agora de um amor a outro, que julgou que o juramento do primeiro não o obrigava a guardar o segundo. Pois para que a ignorancia passada não diminuísse o merecimento presente, por isso fez juramento de novo amor. Não novo porque deixasse de amar alguma hora, mas porque era pouco o que d'antes promettera em comparação do muito que hoje amava. Então prometteu como conhecia, agora promettia como experimentara. Que ¿Jonathas se resolvesse a amar David, quando não conhecia as paixões d'este tyranno affecto, não foi muita fineza, mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas semrazões, depois de experimentar suas crueldades, depois de pa-

decer suas tyrannias, depois de sentir ausencias, depois de chorar saudades, depois de resistir contradicções, depois de atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis: arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a auctoridade, revelando secretos, encobrimdo verdades, desmentindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, captivando o alvedrio, morrendo dentro em si por tormento, e vivendo em seu amigo por cuidado: sempre triste, sempre affligido, sempre inquieto, sempre constante ao pezar de seu pae e da fortuna de ambos (que todas estas finezas, diz a Escriptura fez Jonathas por David); que depois, digo de tão qualificadas experiencias do seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto é amor.

(S. do Mandato. — Cap. real, 1645).

A paz

Na casa ou familia, que é uma republica pequena, e na republica que é uma casa ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda e a sujeição dos que obedecem, — elle ordenando e elles subordinados, — estejam concordes.

Agora pergunto eu: ¿e que será necessario

de uma e da outra parte, para que a ordem d'esta concordia se conserve e com a ordem e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção que são necessarios outras duas coisas: da parte do superior e do que manda, egualdade; da parte dos inferiores e dos que são mandados, paciencia. Sem egualdade de uma parte e sem paciencia da outra, não se poderá conseguir nem conservar a paz. Vós que, na familia ou na republica, sois mandados e sujeitos, se quereis paz, — paciencia!

.....

Aqui vereis, senhores, o engano d'este mundo. Todas as guerras d'este mundo se fazem a fim de conseguir a paz: *omnis homo*, diz Santo Agostinho, *etiam belligerando, pacem requirit: pacis intentione geruntur et bella*. A guerra se applica á sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas e com a guerra se pretende a paz; mas é engano: *Viam pacis non cognoverunt*. A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com uma só espada e com dois escudos, que são os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meio o que partir e ponham-se as partes, ou as ametades eguaes, uma em uma balança e outra na outra, e debaixo d'esta egualdade se achará a justiça e n'este equilibrio a paz.

*

Que de tempos costuma gastar o mundo, não digo no ajustamento de qualquer ponto de uma paz, mas só em regeitar e compor os cerimoniaes d'ella! Tratados preliminares lhe chamam os politicos; — mas ¿quantos degraus se hão-de subir e descer, quantas guardas se hão-de romper e conquistar antes de chegar ás portas da paz para que se fechem as de Jano? E depois de acceitas, com tanto exame de clausulas, as plenipotencias; depois de assentadas, com tantos ciumes de auctoridade, as juntas; depois de aberto o passo ás que chamam conferencias e se haviam de chamar differenças, — ¿que tempos e que eternidades são necessarias para compor os intrincados e porfiados combates que ali se levantam de novo? Cada proposta é um pleito, cada duvida uma dilação, cada conveniencia uma discordia, cada razão uma difficuldade, cada interesse um impossivel, cada praça uma conquista, cada capitulo e cada clausula d'elle uma batalha e mil batalhas. Em cada palmo de terra encalha a paz e em cada gotta de mar se afoga, em cada atomo de ar se suspende e pára.

(S. hist. e paneg. nos annos da serenissima rainha).

As cidades ás portas dos ministros

Na republica hebrêa, e em muitas outras, os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades. ¿ Mas que razão tiveram aquelles legisladores para situarem este lugar aos tribunaes, e para pôrem ás portas da cidade os seus ministros? Varias razões apontam os historiadores e politicos; mas a principal, em que todos convêem era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretensão, com o seu requerimento; e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam; para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação, de entrarem dentro.

Não saibam os requerentes a differença d'aquella era á nossa, para que se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades, agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de pé não fazem conta, nem d'elles se faz conta). As portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no

mundo; sendo necessaria muita valia só para alcançar de um criado a revelação d'este mysterio.

Uns batem; outros não se atrevem a bater; todos a esperar, e todos a desesperar. São finalmente o ministro quatro horas depois do sol; apparece e desaparece de corrida: olham os requerentes para o céu, e uns para os outros; aparta-se desconsolada a cidade que esperava junta. ¿E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se confessam, quando procediam com tanta razão homens sem fé, nem Sacramentos? Aquelles ministros ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhes tres mercês. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem os mesmos tres damnos. O do dinheiro, porque o gastaes; o do tempo, porque o perdeis; o das passadas porque as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o ha-de restituir? Quem ha-de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha-de restituir as passadas, a quem dá as passadas que não póde? Quem ha-de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? ¡O' tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se poderá concluir em oito dias; dilata o ministro oito annos o requerimento, que se devêra acabar em oito horas.

¿E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis?

(S. da 3.^a dom. Q. — Cap. real, 1655).

Vocações

Ponhamos os olhos em todas as outras creaturas a que a natureza não deu razão nem sentido, e veremos como todas as que teem valor e prestimo, occupadas só em crescer e se fazer a si mesmas, sem ellas pretenderem nem buscarem a outrem, todos as buscam e pretendem d'ellas. ¿Que fazia a oliveira, a figueira e a vide, senão carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores e plantas lhe foi offerecer o governo e o imperio? Não o quizeram acceitar, porque se contentaram com o merecer. Deixe-se crescer o pinheiro e subir até ás nuvens na Noruega, que lá o irão tirar para mastro grande e levar a bandeira no tope. Cresça tambem o cedro gigante do Libano e saiba que quando d'aquelle monte fôr passado ao do Sião, não é para o sobredoirar o oiro do Templo, mas para elle com maior dignidade cobrir e revestir o mesmo oiro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elephante e d'ali

foi levado para throno de Solomão. Que descuidados crescem os rubis em Ceilão, e em Colloconda os diamantes, e lá os mandam conquistar com armadas os reis para resplendor e ornato de suas corôas. Empreguem logo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos e dotes que n'elles depositou a natureza, ou a graça, e se por retirados e escondidos, cuidarem que perdem o tempo e estimação, lembrem-se que, sepultadas as perolas no fundo do mar e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas desafogar afogue a respiração, nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida. Os que se acharem com espiritos guerreiros, exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e deem sós por sós comsigo as batalhas sêcas, para que depois as possam tingir no sangue dos inimigos. O politico faça-se versado em toda a licção das historias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na especulação do discurso a resolução dos casos futuros e a experiencia dos passados. O inclinado ás lettras procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias e não cuide, que, só com a memoria de poucos textos das leis, lhe pódem dar as demandas e trapanças o falso e mal merecido nome de lettrado; emfim, por humilde e rasteira que seja a inclinação ou fortuna de cada um, faça-se no seu estado insigne, lembrando-se que os antigos Romanos do arado eram escolhidos para o

bastão e do triumpho tornavam outra vez ao arado.

(S. da 3.^a dom. do Adv. — Cap. Real, 1644).

Judith, patriota

Sitiada pelo exercito de Holofernes a cidade de Betulia, tomados e quebrados os canaes, e divertidas as fontes de que bebiam, estavam já desmaiados todos e determinados a se entregarem ao inimigo, por não perecerem á sêde, quando Judith, não podendo soffrer a entrega e captiveiro da sua patria, se deliberou ao mais raro pensamento que podêra caber em um homem atrevido e denodado, quanto mais em uma mulher, e santa. Despe o cilicio de que estava coberta, enchuga os olhos das lagrimas com que orava ao Céu, manda vir cheiros, joias, galas, espelho; veste, compõe, enriquece, esmalta, os cabellos, a garganta, o peito, as mãos, os braços, e até os pés, não de todo cobertos (que assim o nota a Escriptura), e feita Judith um thesoiro de cubiça, um pasmo de formosura, são confiada pelas portas da cidade, salta o fôssô, passa as sentinellas, entra pelo exercito inimigo, e vac direita á mesma tenda de Holofernes.

¡Brava acção de mulher, mas mais bravos ainda os pensamentos! Os seus intentos eram —

como refere a mesma Judith no texto — que Holofernes com seus proprios olhos se captivasse de sua formosura e que ella com palavras discretas e amorosas o prendesse mais para que assim, prezo e captivo, lhe mettesse a occasião os cabellos do tyranno em uma mão e a espada na outra com que lhe cortasse a vida. Tudo arriscou pela caridade e por livrar sua patria do captivo.

(S. de Santa Thereza. — Ilha de S. Miguel).

O Favoritismo

¿Quaes são as consequencias de um voto injusto em um tribunal?

¿Quaes serão as consequências de um voto apaixonado em um conselho?

Ajudae-me Deus a saber-vol-as representar, pois é materia tão occulta e de tanta importancia. Consulta-se em um conselho o logar de um visorei, de um general, de um governador, de um prelado, de um ministro superior da Fazenda ou da Justiça: ¿e que succede?

Vota o conselheiro no parente, porque é parente, vota no amigo porque é amigo, vota no recommendado porque é recommendado; e os mais dignos e os mais benemeritos porque não teem amisade nem parentesco, nem valia, ficam

de fóra. ¿Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim.

Agora quizerá eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assignou, se lhe remorden a consciencia, ou se soube o que fazia!

¿Homem cego, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? Sabes que, ainda que o peccado que commetteste contra o juramento do teu cargo seja um só, as consequencias que d'elle se seguem são infinitas e maiores que o mesmo peccado? Sabes que com essa penna te escreves réo de todos os males que fizer, que consentir e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste, e de todos os que d'elle se seguirem até o fim do mundo? ¡O' grande miseria! Miseravel é a republica onde ha taes votos, miseraveis são os povos onde se mandam ministros feitos por taes eleições, mas os conselheiros que n'elles votaram são os mais miseraveis de todos, — ¡os outros levam o proveito, elles ficam com os encargos!

(S. da 1.^a D. do Adv. — Cap. Real, 1650).

O rico avarento

Muitas vezes tendes ouvido a historia d'aquelle rico sem nome, e do pobre chamado Lazaro. O rico vivia em palacios doirados, e Lazaro ao sol

e á chuva jazia na rua; o rico banqueteava-se esplendidamente todos os dias, e Lazaro para matar a fome não alcançava as migalhas que caíam da sua mesa. ¿Póde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavam e viam as delicias do rico, invejavam a sua felicidade; e todos os que não tinham asco de pôr os olhos em Lazaro tinham compaixão da sua miseria. Senão quando, chegou alli de repente a morte, deu com o pé na roda da fortuna, e foi tal a volta em um momento, que Lazaro se achou descancado no Seio de Abrahão, e o rico ardendo no Inferno. Clamava o triste por allivio, quando já não era tempo de remedio, e pedia uma gota de agua a quem não tinha dado uma migalha de pão. ¿Mas que resposta tiveram os seus clamores? Respondeu-lhe Abrahão com este ultimo desgano e tão justa como tremenda sentença:

— Lembra-te, filho, do outro tempo e do outro mundo, e não estranharás que na tua fortuna e na de Lazaro vejas uma tão grande mudança: tu, na tua vida, gosaste os bens; e Lazaro pa-deceu os males.

¿Digam-me os ricos quem foi este rico? E os pobres quem foi este Lazaro? O rico foi o que são hoje os que se chamam Senhores: e Lazaro foi o que são hoje os pobres escravos.

(Maria, Rosa Mystica. — S. 20.º).

Morte do Infante D. Duarte

(Exordio e 1.^a parte da confirmação da oração fúnebre prêgada
nas suas exequias).

¡Emfim, Reino de Portugal, que também os
nossos Principes são mortaes!... Emfim, côrte
de Lisboa, Prelados, Religiões, Titulos, Nobreza,
Povo, que também para nós se fizeram os lutos!
E ninguem se espante de eu falar com esta sin-
gularidade dos nossos Principes, do nosso Reino
e da nossa côrte; porque era um engano este, a
que quasi nos tinha persuadido a morte, mas em-
fim desenganou-nos. Se lançarmos os olhos por
todos os reis do mundo no espaço d'estes nove
annos, depois que vimos resuscitados os nossos,
acharemos, que tendo dado repetidos exemplos
da mortalidade todos os outros principes, só os
nossos pareciam immortaes. Vimos n'este tempo
em França a morte de Luiz XIII, em Inglaterra
a infelicissima de El-rei Carlos, em Dinamarca a
de Segismundo, em Polonia a de Ladislau IV e
antes d'elle a da Rainha Cecilia Renata e o pri-
mogenito Segismundo; em Allemanha a da Im-
peratriz Maria de Austria e dentro em tres annos
a de outra Imperatriz Maria; em Castella a da
Rainha D. Izabel de Bourbon, a do Infante D.
Fernando e a do Principe Balthasar. E no meio

de tantas mortes reaes, de que se viu quasi em continuados lutos toda Europa, só a Casa de Portugal, sendo a mais dilatada em numero de Principes, que todas as outras, passava isenta o curso dos annos sem pagar este tributo, como se tivera a vida de juro, e gozára privilegios de immortalidade. Mas, ó morte cruel, quem se fiará da dissimulada lisonja de teus enganos! Nove annos esteve duvidando a morte e armando juntamente o arco para despedir a setta com maior força e a empregar com maior golpe. Trophéo são d'esta façanha as columnas, os arcos, as luzes d'essa pyramide triste, que levantou a dôr, o amor e a obrigação do nosso Monarcha, que muitos annos viva, á morte, á ausencia, á memoria do Serenissimo Infante D. Duarte, irmão muito prezado seu, e gloria defuncta nossa; Principe digno de mais larga vida e de melhor fortuna, cujo nome será sempre aos portuguezes amavel, á lembrança lastimosa e eterna saudade. Para falar n'este lastimoso caso sobre o fundamento da Escriptura, que se costuma, lancei os olhos por toda a Historia Sagrada, e, sendo tão abundante de exemplares grandes, ou os busquemos nas virtudes ou nas desgraças, nenhum achei em toda ella, que igualasse o presente: as ideias não teem exemplares. Pintou a natureza no nosso Infante um Principe original, e nenhum houve antes d'elle, de que podesse ser copia, nem haverá depois d'elle outro que o seja sua. Havendo, pois,

de prégar com esta gloriosa impropriedade, escolhi entre todos a José, de quem se disseram as palavras do thema, não pelo mais parecido, mas pelo menos dessimilhante. José, o sabio, o generoso, o adorado principe, o bom irmão: José, o perseguido, o vendido, o desterrado, o encarcerado, o morto: *Mortuus est frater ejus et ipse remansit solus*. As obrigações d'esta acção, seguindo os exemplos dos Padres da Egreja e ainda dos oradores mais antigos que elles, são tres: sentir a morte, louvar o defuncto, consolar os vivos. D'esta maneira occupamos toda a alma n'esta ultima saudade dos que amámos; os affectos de sentimento pertencem á vontade; a narração dos louvores á memoria; e os motivos da consolação, que sempre são mais difficultosos de achar em quem devéras padece, correm por conta do intendimento. Para satisfazer a todas estas obrigações, viéra eu de boa vontade em um partido, que era trocar as palavras em lagrimas, e que em lugar de eu dizer e vós ouvirdes, choráramos todos. Se as obrigações d'este dia são sentir, louvar e consolar, melhor fizeram tudo isto as lagrimas que as vozes. As lagrimas são o mais vivo do sentimento, porque são o destillado da dôr; são o mais enca-recido dos louvores, porque são o preço da estimação; são o mais effectivo da consolação porque são o allivio da natureza. Ordenou a natureza, que as lagrimas, assim como são effeito fossem juntamente allivio da mesma dôr, para que se

podesse conservar o mundo: se assim não fôra, uma só morte como esta nos levára a todos. D'este conselho de chorar e calar usaram aquelles amigos de Job na sua calamidade; mas, pois o costume ha-de prevalecer á razão e é forçoso o dizer onde fôra mais facil o chorar, em seguimento d'estas tres obrigações, consideraremos tres vezes as palavras que propuz, nas quaes não me atrevo a prometter nem ordem, nem discurso, nem concerto, porque em semelhantes occasiões a desordem do discurso, o desconcerto das palavras, o desasseio das razões é a harmonia da dôr.

Abrindo passo á nossa dôr, demos principio ás nossas lagrimas; n'esta mesma suspenção se achou o grande Padre Santo Ambrozio, prégando as honras do Imperador Valentiniano; e depois de duvidar por onde começaria a chorar, *¿Quid primum defleamus?* Começou assim: *Conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacrimas, siquidem Valentinianus noster, sed non talis qualis sperabatur, advenit.* Bem mostram estas palavras serem escriptas em Milão, pois tão medidas veem com as circumstancias da nossa dôr. Para estes mesmos dias em que estamos, esperava a nossa imaginação, que concluidos os tratados de paz geral na Dieta de Munster, teriamos livre em Portugal o nosso desejado Infante, mas *Conversi sunt dies nobis votorum nostrorum in lacrimas:* os dias que imaginavamos nos haviam de amaneher mais alegres, esses mesmos nos anoitece-

ram os mais tristes: *Siquidem Valentinianus* (digamos nós *Eduardus noster*) *sed non talis qualis sperabatur, advenit.* ¿Quantas vezes imaginavamos despovoar-se Lisboa e correremos todos a essas praias de Belem a receber o nosso captivo ou o nosso libertado Infante com o mais alegre e com o mais formoso triumpho que jámais se viu em Portugal? ¡E que differente concurso é este que estão vendo os nossos olhos! Ajuntamos-nos também hoje mas para chorar sua morte, para lamentar suas exequias. Certo, Senhor, que não era este o recebimento que apparelhava a V. Alteza o nosso desejo e o nosso amor; mas trocaram-se as nossas esperanças em lagrimas, os nossos alvoroços em tristezas, as nossas imaginações de festas em lutos, os nossos arcos triumphaes em tumulos e os panegyricos, que já começavamos a estudar, em epitaphios. Esperavamos, como Jacob, a vinda do nosso suspirado José, e entrou-nos pelas portas, não José, mas a sua tunica despedaçada, a nova cruel da sua morte escripta com o sangue da sua innocencia. Oh! que contrarios effeitos tiveram nossas enganadas esperanças! *Non qualis sperabatur advenit.* ¡A consideração d'esta ultima palavra *advenit* faz ainda mais rigorosa a nossa dôr, que a que Santo Ambrozio ponderava nos seus milanezes! ¡Elles quando esperavam vivo a Valentiniano, entrou-lhes pelas portas morto; nós esperavamos o nosso Infante vivo e nem morto o temos!

Esta foi uma circumstancia que muito ponderou e muito lastimou a Jacob na perda do seu José: *Fera pessima comedit eum, bestia devorabit Joseph.* ¡O' filho meu, dizia Jacob, que uma fêra cruel vos comeu, uma fêra vos tragou! Notae, não disse que a fêra o matára, senão que a fêra o comêra: a fêra que sómente mata, tira a vida e deixa o corpo; a fêra que come e traga, tira a vida e nem o corpo deixa. Fôram tão fêras para conosco as fêras que mataram o nosso José, que não só lhe tiraram a vida, mas nem o corpo para nossa consolação nos deixaram. Não quizeram que lhe levantássemos a alliviada dôr de um sepulcro, senão a dobrada desconsolação de um cenotaphio.

Muito digno de reparo é que fossem mais as lagrimas de Magdalena ás portas da sepultura de Christo, que ao pé da Cruz. Deu a razão da differença Origines com estas palavras: *Prius dolebat defunctum, modo dolebat sublatum, et hic dolor major erat.* Na cruz chorava a Christo defuncto, no sepulcro chorava a Christo roubado, e esta segunda dôr era maior que a primeira, porque a primeira era dôr sem algum allivio, a segunda era dôr sem nenhuma consolação; na cruz perdêra a Christo vivo, mas consolava-se com que O tinha morto, no sepulcro não lhe restava com que se consolar porque nem vivo nem morto O tinha. Uma differença que desconsolava muito a Magdalena na sepultura de Christo, é a que eu

considero n'esta; nas outras sepulturas dizem os epitaphios por fóra: *Hic jacet*, aqui jaz: na sepultura de Christo diziam as vozes de dentro: *Non est hic*; não está aqui. Oh! que cruel epitaphio! Tristissima palavra é — *aqui jaz*, mas *non est hic*, não está aqui, ainda é mais triste; não termos a quem amavamos, nem ainda na sepultura; vêmos a sepultura e carecermos do sepultado, é o rigor mais lastimoso de todos.

Assim o considerava e sentia Jacob, mas a causa da nossa dôr ainda é maior que a sua. Jacob carecia de José morto, mas lograra-o vivo por muitos annos, nós, pelo contrario, ao nosso Infante nem o temos morto nem o logramos vivo. Oh! que genero de dôr tão inconsolavel! S. Bernardo na morte de seu irmão Gerardo; antes de S. Bernardo, Santo Ambrosio na morte de seu irmão Satyro; Seneca na morte de um irmão de Polibio, todos estes grandes intendimentos, buscando remedio á dôr, dizem que nos havemos de consolar na falta do bem que perdemos, com a memoria do tempo em que o logramos. Se esta é a consolação, bem nos podemos despedir de nos consolar: o bem que no melhor tempo perdemos, em nenhum tempo o logramos. Diz Boecio, que o mais infeliz genero de infelicidade é o ter sido feliz: *Infelicissimum genus est infortunii fuisse felicem*. Foi tão avára connosco a nossa fortuna, que nem nos concedeu a desgraça o ter sido felizes. Toda a ordem que cos-

tuma guardar nas mesmas infelicidades, trocou a fortuna comnosco; nas felicidades que se malogram, ao esperar segue-se o possuir, e ao possuir segue-se o perder. Em nós não foi assim: perdemos antes de possuir, e ajuntando um extremo com outro extremo, passamos da esperança á perda, e do desejo á saudade; hontem esperavamos, hoje choramos. A ultima coisa que se perde nas calamidades é a esperança, e essa foi a primeira que nós perdemos, porque não tivemos outra.

Mas sobre todas as circumstancias, a que mais nos deve magoar é que, da mesma perda que choramos, se bem o considerarmos, nós fomos a causa. Assim foi, Senhor, assim foi, que se Portugal se não vira coroadado, nunca tão cedo vos chorára morto; porque nós fomos ditosos, fostes vós infeliz, esta é a consideração que mais vivamente nos magôa. Se buscarmos nos trabalhos de José a ultima disposição que tiveram, acharemos, que foi a prosperidade da casa de seu pae. O recado que José levava quando o prenderam e venderam os irmãos, era este: *Vide si cuncta prospera sunt*. Vêde se vae tudo prospero. De sorte que, o desejo que Jacob teve da prosperidade de sua casa, foi a occasião sem o pretender, porque elle e mais a casa perderam a José. Na nossa prosperidade perdeu o Infante a sua; da nossa bonança se levantou a sua tormenta; elle morreu, porque nós resuscitamos, quebrou o

reino venturosamente as prisões do nosso capti-
veiro, e sem sabermos o que fazíamos, as cadeias
que tiramos das nossas mãos, passámol-as ás vos-
sas. ¡Alfim, achou a fortuna com que nos fazer
grata a liberdade!

.....

Tres descripções

LISBOA

Lava o celebradissimo Tejo com as suas cor-
rentes as ribeiras de Lisboa, fazendo espelho aos
montes e torres d'aquella antiquissima cidade,
que na prerogativa dos annos excede a todas as
que os contam por seculos. O céu, a terra, o mar,
todos concorrem, n'aquelle admiravel sitio, tanto
para a grandeza universal do imperio, como
para a conveniencia tambem universal dos subdi-
tos, posto que tão diversos: o céu na benignidade
dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum
homem, de qualquer nação ou côr que seja, es-
tranhará a differença do clima; para os do polo
mais frio, com calor temperado; e para os da
zona mais ardente, com moderada frescura: a
terra na fertilidade dos fructos e na amenidade
dos montes e valles, em todas as estações do
anno sempre floridos, por onde do nome de Ely-

sia se chamam Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e paraíso dos heroes famosos: o mar finalmente, na monstruosa fecundidade, porque n'aquella campina immensa, que não secca o sol nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se criam sem pastos os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes, sendo n'esta singular abundancia Lisboa, não só a mais bem provida, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.

(Cartas, vol. II, pag. 203).

A ASIA

...a Asia. Mas quem poderá descrever a grandeza e grandezas que o Auctor da natureza e da graça encerrou desde seu principio no que a nossa cosmographia significa com tão pequeno nome? Asia, diz Plinio, é aquella região composta de muitas, da qual nunca saíram seus habitadores, nem deram entrada a outros, porque para a vida e para o regalo, tem dentro em si tudo o que póde desejar sem o receber de fóra (excepto, porém, a Fé do verdadeiro Deus, que é a que

pelas suas portas lhe havia de introduzir Xavier.) Asia é aquella primeira fonte ou mãe de todas as sciencias, onde não só as professaram e ensinaram os caldeus, mas, contra as injurias de ambos os diluvios que conheceram, as deixaram escriptas e immortaes em duas columnas, uma invencivel á agua, outra ao fogo. Asia são aquelles vastissimos e poderosissimos imperios onde reinaram os Ninos, as Semiramis, os Xerxes, os Sennacheribes, os Arfaxades, os Assueros, os Darios, os Balthasares, os Nabucodonosores e os mais altos e ricos membros da sua famosa estatua. Asia são aquellas terras populosissimas nas quaes, com fabricas monstruosas e inimitaveis, se edificaram as Ninives e Babylonias e depois d'ellas as Suzas e as Ecbatanes que se na grandeza as não igualaram, na riqueza, na opulencia e na architectura as venceram com excesso ostentoso quasi incrivel. Asia é a patria, que o foi, do primeiro pae do genero humano, onde o mesmo Auctor do Universo foi Agricultor que plantou o paraíso, de que são testemunhas maiores de toda a excepção os dois rios Tigre e Eufrates que da mesma fonte nasceram, que longamente cortam e regam seus campos e que aos seus e não a outros marés vão pagar tributo. E para que á vista da grandeza que agora direi, sejam pequenas todas as outras, Asia é aquella terra que para nascer, viver e morrer, escolheu o Filho de Deus feito Homem, com ordem e preceito de Seu Pae,

que só a ella sanctificasse com seus passos e não puzesse os pés em outra. Finalmente, é a mesma Asia, como bem notou e ponderou Ortelio, o mappa particular e commum, dentro do qual se contem quanto nas Sagradas Escripturas lêmos, assim no Velho como no Novo Testamento.

(S. Francisco Xavier — Novena.)

POTOSI

Eu nunca fui a Potosi, nem vi minas, porém, nos livros que descrevem o que n'ellas se passa, não só causa espanto, mas horror, lêr a fabrica, as machinas, os artificios e a força, o trabalho e os perigos, com que as montanhas se cavam, as betas se seguem, e perdidas se tornam a buscar. Os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que rebentam das penhas, as quaes, ou se hão-de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes. O estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes teem cento e cincoenta libras de peso, com que se batem, cortam e arrancam as pedras, ou se precipitam com maior perigo do alto; e tudo isto n'aquellas profundissimas concavidades ou infernos, onde nunca entrou o raio

do sol, alumiados malignamente aquelles infelizes cyclopes só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração e muitas vezes os afoga. Ali os homens desfigurados como toupeiras, vivem debaixo da terra, sem ter olhos para vêr a luz, e como os morcegos, fogem do sol e do dia, e se vão mais sepultar, que viver n'aquella escura e perpetua noite.

Ainda tem outra propriedade; porque uns como toupeiras, com os pés e mãos na terra a andam cavando, revolvendo e mudando continuamente, e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras e sangrando as suas veias, com o corpo e com a vida pendente de uma corda. ¿Houve jámais algum anachoreta, dos que habitavam as covas, que fizesse tal penitencia? Pois ainda não ouvistes o mais temeroso d'ella.

Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o peso immenso d'ellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vão deixando a espaços, os quaes se enfraquecem ou quebram, como acontece muitas vezes; ¿qual é o effeito? Toda a montanha ou grande parte d'ella cae de repente, e a multidão que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ella em um momento, sem outra noticia de tamanho e tão miseravel estrago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruina e tremor de toda a terra.

Isto é o que se escreve, e se escreve muito menos do que verdadeiramente é. Baste por prova, que a sevicia e crueldade dos Neros e Dioclecianos, commutavam a morte e os tormentos dos christãos, em os mandar servir e trabalhar nas minas; e a Egreja, que com tanta difficuldade e consideração examina e avalia os merecimentos dos santos, canonisava e venerava por martyres aos que n'ellas acabavam a vida.

(1.^a oitava da Paschoa — cidade de Belem).

Tres Cartas

I

AO PRINCIPE D. THEODOSIO

Senhor

Meu principe e meu senhor da minha alma. Pelos avisos que vão a Sua Majestade, intenderá Vossa Alteza com que coração escrevo esta e muito mais com que raiva e com que impaciencia, vendo-me preso e atado para não poder em tal occasião ir-me deitar aos pés de Vossa Alteza e achar-me a seu lado em todo o perigo. Mas eu romperei as cadeias, quanto mais depressa me fôr possível, e partirei voando, se não a fazer

companhia nos trabalhos do principio, ao menos a ter parte nas glorias do fim, que estes são os passos por onde se hão-de encaminhar os successos e felicidades d'este fatal anno, ou seja a guerra só em terra ou só no mar ou juntamente em ambas as partes, porque o meu roteiro não especifica o genero nem as particularidades d'ella, empregado todo em referir, admirar e celebrar as victorias. Ah! Senhor! que falta póde ser que faça a Vossa Alteza, n'esta occasião, este fidelissimo criado e quão poucos considero a Vossa Alteza com a resolução e valor e experiencia que é necessaria para saberem aconselhar a Vossa Alteza o que mais lhe convem em tão apertados casos.

Mas já que na presença não posso, aconselhe a Vossa Alteza a minha alma que toda mando a Vossa Alteza n'este papel e com toda ella lhe digo que, tanto que chegar esta nova, Vossa Alteza logo, sem esperar outro preceito, se ponha de curto o mais bizarro que poder ser e se saia a cavallo por Lisboa, sem mais apparato nem companhia que a que voluntariamente seguir a Vossa Alteza, mostrando-se no semblante muito alegre e muito desassustado e chegando a vêr e reconhecer com os olhos todas as partes em que se trabalhar, informando-se dos designios e mandando e ordenando o que melhor a Vossa Alteza parecer que sempre será o mais acertado, mandando repartir algum dinheiro entre os sol-

dados e trabalhadores e, se Vossa Alteza por sua mão o fizesse, levando para isso quantidade de dobrões, este seria o meu voto e que Vossa Alteza se humane, conhecendo os homens e chamando-os por seu nome e falando não só aos grandes e medianos senão ainda aos mais ordinarios, porque d'esta maneira se conquistam e se conformam os corações dos vassallos, os quaes se Vossa Alteza tiver da sua parte, nenhum poder de fóra será bastante a entrar em Portugal, sendo pelo contrario muito facil ainda qualquer outra maior empreza a quem tivesse o dominio dos corações. Sua Majestade tem n'esta parte uma vantagem muito conhecida, que é estar de posse e poder dar, quando Castella só pôde prometter. Como ha poucos Antonios Vieiras, ha tambem poucos que amem só por amar e Sua Majestade não deve esperar finezas, senão contentar-se muito de que se queiram vender aquelles que lhe fôr neccessario comprar. A pólvora, as balas e os canhões são comprados e bem se vê o impeto com que servem e o estrago que fazem nos inimigos e mais natural é em muitos homens o interesse que n'estes instrumentos a mesma natureza. Os que menos satisfeitos estiverem de Sua Majestade, esses chegue Vossa Alteza mais a si que importará pouco que no affecto se dividam as vontades, com tanto que no effeito Sua Majestade e Vossa Alteza as achem obedientes e unidas. Faça-se Vossa Alteza amar e,

n'esta só palavra, digo a Vossa Alteza mais do que podéra em largos discursos. Considere Vossa Alteza, Senhor, que esta é a primeira acção em que Vossa Alteza ha-de adquirir nome ou de mais ou de menos grande principe. A idade, o engenho, as obrigações, tudo está empenhando a Vossa Alteza a obrar conforme seu real sangue e mostrar ao mundo que é Vossa Alteza herdeiro de seus famosissimos Primogenitores, não no sceptro mas muito mais no valor.

Toda a Europa, cujos ouvidos estão cheios de louvores de Vossa Alteza, está com os olhos n'esta occasião que é a primeira em que Vossa Alteza sae a representar no theatro do mundo e na qual o nome que Vossa Alteza ganhar com as suas acções será o porque será avaliado e estimado para sempre. Não aconselho a Vossa Alteza temeridades, mas tenha Portugal e o mundo conceito de Vossa Alteza, que antes despreza os perigos do que os reconhece. O que tocar a segurança da pessoa de Vossa Alteza deixe Vossa Alteza sempre ao amor e zelo dos seus vassallos, mas não acceitando n'este conselho que de muito longe possa tocar ao decóro. A vida está só na mão de Deus e esta é a occasião em que servem as philosophias que tantas vezes onvi a Vossa Alteza do desprezo d'ellas. Da mesma creação a Vossa Alteza saía Achilles a ser terror de Troya e fama de Grecia; e esta mesma desconfiança (a qual inculco a Vossa Alteza) o fez mais Achil-

les. ¡Eia, meu Principe, despida-se Vossa Alteza dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos Portuguezes e ao mundo o que Vossa Alteza n'elles tem estudado! Armas, guerra, victorias, pôr bandeiras inimigas e corôas aos pés são de hoje por diante as obrigações de Vossa Alteza e estas minhas esperanças. Oh! como as estou já vendo não só desempenhadas mas gloriosamente excedidas. A graça do Espirito Santo, que é Espirito de fortaleza, assista sempre no coração de Vossa Alteza cuja muito alta e muito poderosa pessoa guarde Deus, como a Egreja e os vassallos de Vossa alteza havemos mister. Faço meu substituto ao Padre Ignacio Mascarenhas, a que peço ouça Vossa Alteza com grande confiança n'estas materias; porque fio muito do seu valor, resolução e conselho, que tenho bem experimentado. Perdõe Vossa Alteza este e os outros atrevimentos d'esta carta.

(Tomo I — carta v)

II

AO PADRE FRANCISCO DE MORAES, SEU GRANDE AMIGO
E CONDISCÍPULO DE CURSO

Emfim, amigo, pôde mais Deus que os homens, e prevaleceram os Decretos Divinos a todas as traças e disposições humanas. A primeira vez

vinha contra a vontade d'El-Rei, d'esta segunda vim até contra a minha, para que n'esta obra não houvesse vontade mais que a de Deus. Seja Elle bemdito que tanto caso faz de quem tão pouco vale e tanto ama a quem tão mal Lh'o merece. Ajudae-me amigo a Lhe dar infinitas graças e a pedir a Sua Divina Bondade m'a dê para que, ao menos n'este ultimo quartel da vida, Lhe não seja ingrato como fui tanto em toda. Ah! ;quem podéra desfazer o passado e tornar atraz o tempo e alcançar o impossivel, que o que foi não houvera sido! Mas já que isto não póde ser, Deus meu, ao menos seja o futuro emenda do passado e o que ha-de ser, satisfação do que foi. Estes são, amigo, hoje todos os meus cuidados, sem haver em mim outro gosto mais que chorar o que tive e conhecer quão falsamente se dá este nome dos que sobre tantos outros pezares ou hão-de ter na vida o do arrependimento, ou na eternidade o do castigo. Ditoso quem, por se condemnar ao primeiro, se livrar para sempre do segundo; e mais ditoso quem, tirando totalmente os olhos d'este mundo, os puzer só n'aquelle Summo e Infinito Bem que, por sua formosura e bondade, ainda que não tivéra justiça devêra ser amado. Amigo, não é o temor do Inferno o que me ha-de levar ao Céu: o amor de quem lá se deixa vêr e gozar, sim. Oh! ;que bem empregados mares e que bem padecidos Maranhões se por elles se chegar com mais segurança a

tanta felicidade! Só um defeito acho n'esta minha que é não a poder repartir comvosco; mas já que vivemos sem vós, vivamos com Deus, pois está em toda a parte; vejâmo-nos n'Elle e ouçamol-O a Elle, que melhor será que ouvirmo-nos. Se eu ouvira Suas inspirações, já não fôra tão grande peccador, mas se o menos mal é parte do bem, alguma consolação posso ter hoje, que n'outro tempo me faltava. E para que vós também a tenhaes, sabei, amigo, que a melhor vida é esta. Ando vestido d'um panno grosseiro, cá da terra, mais pardo que preto, como farinha de pau, durmo pouco, trabalho de pela manhã até á noite, gasto parte d'ella em me encomendar a Deus, não trato com minima creatura, não saio fóra senão a remedio de alguma alma.

Choro meus peccados, faço que outros chorem os seus e o tempo que sobeja d'estas occupaões levam-no os livros da Madre Thereza e outros de similhante leitura.

Finalmente, ainda que com grandes imperfeições, nenhuma cousa faço que não seja com Deus, por Deus e para Deus, e para estar na bema-venturança só me falta o vél-O, que seria maior gôsto mas não maior felicidade. Esta é a minha vida e estas as novas que vos posso dar de mim, esperando n'aquelle Senhor que está em todo o logar e na Sua graça, que não depende de logares, me possaes mandar as mesmas d'esse aonde estais. Amemos a Deus, amigo, e, para

amármos só a Elle, conheceremos que pouco merecem nosso coração todas as coisas do mundo. Todas acabam, nenhuma tem firmeza; n'esta vida ha morte, na outra Inferno e ainda é peor que um e outro o esquecimento de ambos. Ah! amigo, quem podéra trasladar-vos aqui o coração para que lesseis n'elle as mais puras e as mais importantes verdades, não só escriptas ou impressas, senão gravadas! Salvação, amigo, salvação, que tudo o mais é loucura: livre-vos Deus de todas e de vós mesmo e vos una muito comsigo e vos guarde como desejo e continuamente Lhe peço. Amen.

Maranhão, 26 de Maio de 1653. — Vosso amigo da alma, etc.

(Tomo II — carta II)

III

CARTA CIRCULAR

E' coisa tão natural o responder que até os penhascos duros respondem e para as vozes teem echos. Pelo contrario, é tão grande violencia não responder que aos que nascem mudos fez a natureza tambem surdos porque, se ouvissem e não podessem responder, rebentariam de dôr. Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi n'esta frota, de vossa excellencia, me tem posto,

devendo só eu esperar reciprocamente que a resposta do meu silencio fôsse tão muda como elle; mas quiz a benignidade de vossa excellencia que n'este excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem que para se conhecerem os amigos haviam os homens de morrer primeiro, e d'ahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo como morto, agora com o espaço d'um anno e meio, é força que fale como resuscitado.

O que só posso dizer a vossa excellencia é que ainda vivo, crendo, com fé muito firme; não será desagradavel a vossa excellencia esta certidão. Não posso comtudo calar que no mesmo dia seis de fevereiro em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha pouca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permite dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza.

Sendo porém tão singular, e não usada, esta indulgencia, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber d'aqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não póde falar.

E para que o despacho d'este forçado memorial não pareça genero de ingratitude da minha

parte, senão contracto util de ambas, e muito digno de acceitação, sirva-se vossa excellencia de considerar, que se me falta uma das mãos para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao Céu, e encommendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento; porque uma carta em cada frota é memoria de uma vez cada anno, e as da oração de todas as horas são lembranças de muitas vezes cada dia.

Estas offereço a vossa excellencia sem nome de deſpedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a vossa excellencia devo, e me ficam impressas no coração. Deus guarde a vossa excellencia.

(Tomo II — pag. 106)

Definições

A maior graça da natureza e o maior perigo da graça são os olhos. São duas luzes do corpo, são dois laços da alma. ¹



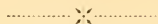
¡Notavel creatura são os olhos! Admiravel instrumento da natureza, prodigioso artificio da Pro-

videncia! Elles são a primeira origem da culpa, elles a primeira fonte da graça. São os olhos duas viboras mettidas em duas covas, em que a tentação poz o veneno, e a contrição a triaga. São duas settas, com que o demonio se arma para nos ferir e perder, e são dois escudos com que Deus, depois de feridos, nos repara para nos salvar. Todos os sentidos do homem teem um só officio: só os olhos teem dois. O ouvido ouve, o gosto gosta, o olfato cheira, o tacto apalpa, só os olhos teem dois officios: vêr e chorar.

Ninguem haverá (se tem intendimento) que não deseje saber, ¿porque ajuntou a natureza no mesmo instrumento, as lagrimas e a vista, e porque uniu na mesma potencia o officio de chorar e o de vêr? O vêr é a acção mais alegre, o chorar a mais triste. Sem vêr, como dizia Tobias, não ha gosto, porque o sabor de todos os gostos é o vêr; pelo contrario o chorar é o estillado da dôr, o sangue da alma, a tinta do coração, o fel da vida, o liquido do sentimento. ¿Porque ajuntou logo a natureza nos mesmos olhos dois effeitos tão contrarios, vêr e chorar? A razão e experiencia é esta. Ajuntou a natureza a vista e as lagrimas, porque as lagrimas são consequencia da vista; ajuntou a Providencia o chorar com o vêr, porque o vêr é a causa do chorar. ¿Sabeis porque choram os olhos? Porque vêem. Chorou David toda a vida e chorou tão continuamente que com as lagrimas sustentava a mesma vida:

Fuerunt mihi lacrimae meae panes. ¿E porque chorou tanto David? Porque viu: *Vidit mulierem.* Chorou Sichem, chorou Jacob, chorou Samsão, um principe, outro pastor, outro soldado: ¿e porque pagaram este tributo tão egual ás lagrimas os que tinham tão desigual fortuna? Porque viram. Sichem a Dina, Jacob a Rachel, Samsão a Dalila. Choraram os que com suas lagrimas acrescentaram as aguas do diluvio; ¿e porque choraram? Porque tendo o nome de filhos de Deus, viram as que se chamavam filhas dos homens. *Videntes filii Dei filias hominum.* ¿Mas para que são exemplos particulares em uma casa tão commum e tão universal de todos os olhos? ¿Todas as lagrimas que se choram, todas as que se teem chorado, todas as que se hão-de chorar até ao fim do mundo, onde tiveram seu principio? Em uma vista: *Vidit mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum.* Viu Eva o pomo vedado e assim como aquella vista foi a origem do peccado original, assim foi o principio de todas as lagrimas que choramos, os que tambem então começamos a ser mortaes. Digam-me agora os theologos, ¿se os homens se conservavam na justiça original em que fôram creados os primeiros paes, havia de haver lagrimas no mundo? Nem lagrimas, nem uma só lagrima. Nem haviamos de entrar n'este mundo chorando, nem haviamos de chorar enquanto n'elle vivessemos, nem haviamos de ser chorados, quando d'elle partissemos. Aquella vista foi a

que converteu o paraíso de deleites em valle de lagrimas, por aquella vista chorámos todos... ²



É a luz mais benigna que o sol; porque o sol não só alumia, mas abrasa: a luz alumia e não offende. ¿Quereis vêr a differença da luz, ao sol? Olhae para o mesmo sol e para a mesma luz, de quem ella nasce, a aurora. A aurora é o riso do céo, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia das aves, a vida e alento do mundo. Começa a saír e a crescer o sol, eis o gesto agradavel do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada. O céo accende-se; os campos seccam-se; as flôres murcham-se; as aves emmudecem; os animaes buscam as covas; os homens as sombras. E se Deus não cortára a carreira ao sol com a interposição da noite, fervêra e abrazára-se a terra, arderam as plantas, seccaram-se os rios, sumiram-se as fontes, e fôram verdadeiros e não fabulosos os incendios de Phaetonte.

.....

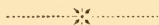
Pelo contrario, a luz em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim creada para companhia e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são, em toda a organização do corpo humano, a parte mais humana, mais delicada e mais mimosa. ³



¿Que coisa é a formosura senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr e, antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça d'aquella exterior e apparente superficie, de tal sorte que, se os olhos podessem penetrar o interior d'ella, o não poderiam vêr sem horror? Ouvi ao mesmo compositor da arte, que ensinou como se havia de amar esta enganadora: *Forma bonum fragile est, quantumque adcedit ad annos, fit minor*: A formosura, diz elle, é um bem fragil e, quanto mais se vae chegando aos annos, tanto mais vae diminuindo e desfazendo-se em si e fazendo-se menor. — Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helena, aquella famosa e formosa grega, filha de Tyndaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troia. Durou a guerra dez annos; e, ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a formosura de Helena, flôr emfim da terra e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helena tão outra, que, vendo-se ao espelho, pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corriam as lagrimas; e, não achando a causa porque duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho e a si perguntava por ella!

Flet quoque, ut in speculo rugas conspexit aniles,
Tyndaris, et secum, cur si bis rapta, requirit.

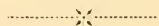
As formosuras mortaes no primeiro dia agradam, no segundo enfastiam; são livros que uma vez lidos, não tem mais que lêr. ⁴



O oceano é aquelle pego vastissimo e immenso que elle só é todo o elemento da agua, e, estendendo infinitos braços, está recebendo, como nas pontas dos dedos, o tributo de todos os rios do universo. ⁵



E' a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento, sorve reinos e monarchias inteiras. E' a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que, ou se não padeça; ou se não tema; nem bem, que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não tem segura a immunnidade, o religioso não tem segura a sua cella; je até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro! ⁶



Dizem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguem se admira senão das cousas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da sciencia, porque admirados os homens das mesmas coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas d'ellas até as alcançar, e isto é o que se chama sciencia. ⁷



A mentira é filha primogenita do ocio. Quem trabalha, trata da sua vida, quem está ocioso trata das alheias. Quem trabalha, como cuida no que faz, fala verdade; porque diz as cousas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente; porque diz o que imagina. É a imaginação no ocioso como a serpente de Eva. Estava ociosa Eva no paraíso, entrou a serpente colleando-se mansamente sem pés, mas com cabeça, começou pela especulação e acabou pela mentira. Começou pela especulação: *Cur precepit vobis Deus*; e acabou pela mentira e duas mentiras: *Nequaquam moriemini: eritis sicut Dii*. Consentiu Eva na mentira peçonhenta; de Eva passou a Adão, de Adão ao genero humano. ⁸



Variamente pintaram os antigos a que elles chamaram a fortuna. Uns lhe pozeram na mão

o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme: uns a formaram de oiro, outros de vidro; e todos a fizeram cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas coisas erraram como gentios, em outras acertaram como experimentados e prudentes. Erraram no nome de fortuna, — que significa caso ou fado; — erraram na cegueira dos olhos; erraram nas insignias e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a distribuição de todas as coisas, significadas na cornucopia, pertence sómente á Providencia divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertaram, porém, os mesmos gentios na figura que lhe deram, de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda; e sobretudo em lh'os pôrem sobre uma roda, porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero, teve jámais firmeza os que a fingiram de vidro pela fragilidade, fingiram e encareceram pouco; porque, ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podiam segurar a inconstancia da roda. ⁹



¿Se o somno é imagem da morte, os sonhos de que serão imagem?... O somno é imagem da morte, os sonhos são imagem da vida. Cada um sonha como vive... Os sonhos são uma pintura muda em que a imaginação, a portas fechadas e às escuras, retrata a vida e a alma de cada um, com as côres das suas acções, dos seus propósitos e dos seus desejos.

.
O melancolico sonha coisas tristes e tragicas, o sanguineo sonha felicidades e festas, o colerico sonha guerras e batalhas e o fleugmatico creio que não sonha, porque não vive. ¹⁰



Quem mais ama mais madruga. O amor nasce nos olhos e quem o pintou com os olhos tapados devia de ser cego. Esse amor, quando muito, será o pintado, — o amor vivo e o verdadeiro sempre está com os olhos abertos, porque sempre vela. Quem tirou o véo ao amor, esse lhe descobriu a cara, porque o mostrou desvelado.

E' grande madrugador o amor porque quem tem cuidados não dorme. A philosophia d'este porquê não é menos que de Platão a quem cognominaram o divino: *Inquieta res est amor, parum diliges, si multam quiesces*. O amor é um espirito sempre inquieto e quem aquieta muito, signal é que ama pouco. ¿Vistes alguma hora quieta, ou

ardendo na cêra ou em outra materia menos branda, uma labareda de fogo? Jámais. Sempre está inquieta, sempre sem socegar, sempre tremendo e não de frio. E' porque o amor não sabe aquietar, por isso não póde dormir. Talvez adormecerão os sentidos, mas o amor sempre vela, porque sempre lhe faz sentinella o coração.

.....
 E como o maior despertador dos sentidos e dos cuidados é o amor cujas azas e as do desejo vôm mais que as do tempo, d'aqui vem que para quem espera pela manhã, as estrellas são vagarosas, os gallos mudos, as horas eternas, a noite não acaba de acabar e por isso, como dizia, quem mais ama mais madruga. ¹¹



O livro é um mudo que fala, um surdo que responde, um cego que guia, um morto que vive, e, não tendo acção em si mesmo, move os animos e causa grandes effeitos. ¹²



O vinho é aquelle cordeal simples, medicado pela natureza para alegrar o coração humano; mas não ha alegria ou causa de alegria tão contraria e alheia de toda a tristeza que não dê que penar ao coração. ¹³

Notavel é o artificio com que a natureza formou os nossos ouvidos. Cada ouvido é um caracol e de materia que tem sua dureza. E como as palavras entram passadas pelo ôco d'este parafuso, não é muito que, quando saem pela bôca, saiam torcidas. ¹⁴



Dizem que os que governam são espelhos da republica. Não é assim, senão ao contrario. A republica é o espelho dos que governam, porque assim como o espelho não tem acção propria e não é mais que una indifferença de vidro que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem diante, assim o povo ou republica sugeita, se se move ou não move, é pelo movimento ou socego de quem governa. ¹⁵



Para o desterro ser morte nenhuma coisa lhe falta, porque o desterrar-se é enterrar-se. E se ha alguma differença entre a morte e o desterro, não só é morte, senão morte e sepultura. E sendo assim, que para ser morto e sepultado não basta só a morte, para ser morto e sepultado basta só o desterro.

.....

O desterro é como a morte e a morte é como o desterro; e se algum excede a outro na mise-

ria, não é a morte ao desterro, senão o desterro á morte, porque o desterrar-se da patria é morrer, o viver no desterro é enterrar-se! ¹⁶



¿ Em que consiste a essencia do amigo fiel? O mesmo Espirito Santo o declarou logo: *Amicus fidelis medicamentum vitæ et immortalitatis*. O amigo fiel é o medicamento da vida e da immortalidade. Notae muito, muito: medicamento da vida e da immortalidade juntamente, porque se o medicamento e o remedio fôr só para a vida e esse mesmo remedio da vida fôr veneno da salvação e da immortalidade não será amigo fiel, senão infiel e traidor e verdadeiramente inimigo, o que o não impedir. Até Marco Tullio, sem fé da immortalidade, definiu assim a verdadeira amizade: *Est autem amicitia nihil aliud nisi omnium divinarum, humanarumque rerum cum benevolentia et charitate summa consensio*: a verdadeira amizade não é outra coisa senão uma summa união e commum consenso entre os amigos, com o qual benevola e amorosamente se conformam em todas as coisas, não só humanas mas divinas e primeiro nas divinas que nas humanas, — *divinarum, humanarumque rerum*! ¹⁷



A origem e o nome do papel foi tomado das cascas das arvores, que em latim se chamam *Papyrus*, porque aquellas cascas fôram o primeiro papel em que os homens escreviam ao principio; depois deram em curtir as pelles, e se facilitou mais a escriptura com o uso dos pergaminhos; ultimamente se inventou a praga do papel, de que hoje usamos. De maneira que, se bem advertimos, foi o papel desde seus principios, materia de escrever e invenção de esfolar. Com o primeiro papel esfolavam-se as arvores: com o segundo esfolavam-se os animaes: com o de hoje esfolam-se os homens. Oh! quanto papel se poderá encadernar com as pelles que o mesmo papel tem despido!

.....

O mais bem achado tributo que inventou a necessidade ou a cubiça é para mim o do papel sellado, mas faltou-lhe uma condição: o sello não o haviam de pagar as partes, senão os ministros. Se os ministros pagaram o sello, eu vos prometto que havia de correr menos o papel, e que haviam de voar mais os negocios. Mas ainda voariam mais, se não houvesse pennas nem papel. ¹⁸

¹ S. da 5.^a terça-feira da Q. — Roma.

² S. das lagrimas de S. Pedro. — Lisboa, 1669.

³ S. do Nascimento da Virgem Maria. — Maranhão, 1657.

- 4 S. de Santa Iria. — Santarem.
 - 5 S. de Santa Izabel. — Roma, 1674.
 - 6 S. nos annos da rainha D. Maria Francisca.
 - 7 S. da Ascensão de Christo, Senhor nosso. — Lisboa, egreja de S. Julião.
 - 8 S. da 5.^a dom. da Q. — Maranhão, 1654.
 - 9 S. de Santa Catharina. — Lisboa.
 - 10 Xavier dormindo. — *Prefação.*
 - 11 S. da Ressurreição.
 - 12 S. de Nossa Senhora da Penha. — Lisboa, 1652.
 - 13 S. da 2.^a dom. da Q.
 - 14 S. da 5.^a dom. da Q. — Maranhão, 1654.
 - 15 S. da Epiphania. — Cap. Real, 1662.
 - 16 S. de Nossa Senhora da Conceição. — Bahia, 1639.
 - 17 Xavier acordado. S. iv.
 - 18 S. da 6.^a sexta-feira da Q.
-

NOTAS

RAZÃO DO LIVRO. — OBSERVAÇÕES

Em 1867, o saudoso Padre Antonio Honorati, S. J., ao tempo director do Collegio de S. Luiz na provincia de S. Paulo, Brazil, teve a ideia de “tirar dos sermões de Vieira uns excertos e publical-os,, para uso dos seus alumnos.

Já havia dado começo ao trabalho quando suppoz aproveitar melhor o intento da divulgação da doutrina e linguagem vieirense, modificando-o em certo modo. A obra a que, por fim, metteu hombros, era mais ampla e de superior alcance. Ahi está a compilação notavel e paciente do *Chrysosthomo Portuguez*, a confirmal-o. Não obstante as deficiencias que a possam macular, é digna de ser consultada por todos os que se dedicam ao alto e melindroso ministerio do pul-pito.

Não temos conhecimento da primitiva empreza do P. Honorati; queremos, todavia, suppôr que, feitas minimas reservas, não estava longe do da presente obrinha, tanto na fôrma como nos fins.

Foi o pensamento da celebração do segundo centenario do transito de Vieira, recordado, vae para dois annos, nas columnas d'*A Gazeta* (extincto jornal catholico-legitimista de Lisboa) que nos incitou a trazer a lume este livrinho. Esforçámo-nos por que lhe formassem o conteudo trechos curtos em que a doutrina e o estylo casassem seus primores, provocando duplo assombro pela alta sciencia theologica, rigor philosophico, conhecimento basto do mundo e pela franqueza da expressão, sempre tersa e unica no amplo discurso de dois seculos. E' certo que a escolha se tornava difficil e por isso, de tão opulento guarda-joias como é a obra de Vieira, apenas colhemos ao acaso algumas das mais rutilantes, para engastal-as n'esta pequena custodia em que se guarda o genio do grande Padre.

Os reparos que poderia suggerir a selecção ficam de sobra diluidos desde que se pondere que a este trabalho presidiu a memoria do destino da offerenda.

No indicar os sermões apontámos simplesmente a respectiva data, quando a trazem, de preferencia aos volumes de qualquer edição. D'esta fôrma pôde o leitor examinar, se lhe aprouver, nas obras do Padre Vieira, o antecedente e o

subsequente dos trechos que apresentamos. Cumpre todavia observar que o bispo de Vizeu D. F. A. Lobo, na *memoria* ácerca do Padre Vieira, declara ter duvidas relativamente á authenticidade de algumas das referidas datas.

O HOMEM

Vieira é por vezes dominado de um forte pessimismo, quando nos seus sermões se occupa dos homens. Os grandes desgostos que o acabrunharam na pratica do mundo, as invejas rancorosas que o seu talento e a sua nobre independencia provocaram, um tal ou qual passageiro apêgo á gloria e uns certos justificaveis direitos á homenagem e consideração dos homens, que se esqueceram d'elle, tudo lhe aguçou essas phrases de uma aspereza que apesar de muito desculpavel em alguns ensejos por ser digna e evangelica, é, em outros, de um requinte que fere. Eliminamos do texto não só para não levantar censuras, mas tambem porque as achamos descabidas no plano do Livro.

Não resistimos, porém, á tentação de archivar, nas *notas*, dois trechos deveras interessantes sob este ponto de vista:

São peiores os homens que os corvos. O triste que foi á forca não o comem os corvos senão depois de exe-

cutado e morto, e o que anda em juizo, ainda não está executado e sentenciado e já está comido!

.
Se confiardes em homens, achareis, em lugar da verdade, a mentira; em vez da sinceridade, enganos; em paga de beneficios, ingratições; em correspondencia de merecimentos, invejas; em figura de virtude, a hypocrisia; com mascara de amizades, traições; com rosto de benevolencia, odios; com fingimentos de louvores, calumnias; com promessa de bons officios, maldades; com bandeira de paz, guerra; com capa de zelo, zelos; debaixo da voz de Jacob, roubos; debaixo dos abraços de Joab, punhaes; debaixo do beijo de Judas, vendas, aleivosias, paixões, falsos testemunhos, affrontas, espinhos, cravos, cruz e, até depois da morte, lançadas! Isto fazem os homens e isto acontece aos que se fiam d'elles.

O INFANTE D. DUARTE

Este principe era irmão de D. João iv e estava ao serviço do imperador da Allemanha, distinguindo-se por seus heroicos feitos militares. Vendo Castella as boas partes que n'elle concorriam, logo depois da restauração de Portugal, diligenciou, ou por temor ou por desforra, a sua morte. Sem embargo da primitiva negação a este pedido por parte do imperador, a venalidade tudo conseguiu. A ordem de prisão foi executada com a maior indignidade que se pôde imaginar. Defendeu-se a sua causa na Dieta de Ratisbonne, mas foi tudo baldado. Pouco depois prohibindo-se

lhe confessor, o remetteram a Milão. Encerrado ahi n'um castello, foi alvo de grandes tyrantias, não obstante as diligencias de seu irmão pelo livrar. Afinal, a 13 de agosto de 1648, morreu cheio de soffrimentos, aos 39 annos de idade e oito de captiveiro.

Do illustre escriptor sr. Ramos Coelho existe um importante trabalho sobre o infante D. Duarte.



INDICE

	Pag.
O Padre Antonio Vieira	IX

O LIVRO DE OIRO

Deus	1
O homem	10
A alma	16
A Virtude	24
A Fé	26
A Esperança	33
A Caridade	36
A Oração	46
A Pureza	52
A Humildade	55
A Obediencia	59
O Conselho	61
O Mundo	64
A Vida	68
O Tempo	73
A Tentação	76
O Peccado	81
A Vaidade	85
A Ambição	91
A Sensualidade e a cubiça	94

	Pag.
A Confissão	99
A Penitencia	103
A Eucharistia	107
A graça de Deus	115
A Morto	118
O Juizo	124
A Eternidade	127
O Inferno	129
O Céu	130
O Sacerdocio	137
O Pulpito	143

AGIOLOGIO

Santa Maria, Nossa Senhora	157
S. José	160
S. João Baptista	162
S. Pedro	163
S. João Evangelista	164
S. Lucas	165
S. Bartholomeu	166
Santo Estevam	167
S. Sebastião	169
Santo Agostinho	170
S. Francisco de Assis	172
Santo Ignacio de Loyola	173
Santo Antonio	177
S. Francisco Xavier	178
S. Gonçalo de Amarante	183
S. Roque	185
S. Pedro Nolasco	189
Santo Estanislau Kostka	191
Santa Catharina	192
Santa Thereza de Jesus	194

	Pag.
Santa Barbara	195
Santa Iria	196
A Rainha Santa Izabel	196

MOSAICO

RELIGIÃO, MORAL E PHILOSOPHIA

O Rosario	201
Respeitos e dinheiro	207
A vida e a fama	210
Amor e ignorancia	210
Amor e odio	212
A maledicencia	213
Estatuas de marmore e estatuas de murta	217
Abnegação de Principe	218
Jonathas e David	220
A paz	222
As cidades ás portas dos ministros	225
Vocações	227
Judith, patriota	229
O Favoritismo	230
O rico avarento	231
Morte do Infante D. Duarte	233
TRES DESCRIPÇÕES:	
Lisboa	241
A Asia	242
Potosi	244
TRES CARTAS:	
Ao Principe D. Theodosio	246
Ao Padre Francisco de Moraes, seu grande amigo e condiscipulo de curso	250
Carta circular	253
Definições	255
Notas	269

Corrigenda

Da precipitação com que foi typographado e revisto este livro, resultou grande numero de erratas, não ficando, além d'isso, a orthographia perfeitamente homogenea. A intelligencia do leitor benevolo supprirá todas as deficiencias.

Frequentes vezes apparecem ha-de, hão-de, etc., em lugar de ha de, hão de, etc., como preferiamos.

Corrigimos as principaes erratas:

Pagina	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	16	circunferencia	circumferencia
4	14	Deus	Deus,
22	1	Elle é	ella é
22	20	o que perder	o que se perde
27	17	destinado	obstinado
29	11	estando,	estando
38	15	Céo	céo
40	1	sem razões	semrazões
47	9	Céo	céo
58	12	rompa	rompe
58	13	e	a
76	15	os que hão fome	aos que hão fome
95	19	quando	quanto
101	10	<i>Medictatem,</i>	<i>Medictatem</i>
107	15	que faz	que fez
114	13	ha ter	ha de ter
121	12	nos	nós
131	18	padecermos	padecemos
132	5	Céo,	Céo
136	7	saphiras,	saphiras.
221	25	Que ¿	¿ Que
222	14	digo	digo,
228	1	Solomão.	Salomão.
257	24	conservavam	conservaram
262	24	firmeza	firmeza;
263	24	<i>si multam</i>	<i>si multum</i>
259	29	cur si bis	cur sit bis
260	3	tem	teem



BX Vieira, Antonio
890 O livro de oiro do padre
V45 Antonio Vieira

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 10 06 13 016 2